3 1761 07046211 4

Obras Completas

de

Luiz de Camões

3

OBRAS COMPLETAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

OBRAS COMPLETAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

NOVA EDIÇÃO

Canções — Sextinas — Odes — Redondilhas —
Auto de Filodemo —
Auto dos Amphitriões — Auto de El-Rei Seleuco — Cartas

VOLUME II

1912

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta — 44 a 54
LISBOA

PQ
9195
A1
1912
v.2

1912

OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO
MOVIDAS A ELECTRICIDADE
Da PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

Rua Augusta, 44, 46 e 48 — 1.º e 2.º andar
LISBOA

CANÇÕES

CANÇÃO I

Formosa e gentil dama, quando vejo
A testa d'ouro e neve, o lindo aspeito,
A bocca graciosa, o riso honesto,
O collo de crystal, o branco peito,
De meu não quero mais que meu desejo,
Nem mais de vós, que vêr tão lindo gesto.
Alli me manifesto
Por vosso a Deos e ao mundo; alli m'inflamo
Nas lagrimas que chóro;
E de mi, que vos amo,
Em vêr que soube amar-vos me namóro;
E fico por mi só perdido de arte,
Qu'hei ciumes de mi por vossa parte.
  Se por ventura vivo descontente
Por fraqueza d'esprito, padecendo
A doce pena que entender não sei,
Fujo de mi, e acolho-me correndo
A' vossa vista; e fico tão contente,
Que zombo dos tormentos que passei.
De quem me queixarei,
Se vós me dais a vida d'este geito
Nos males que padeço,
Senão de meu sogeito,
Que não cabe com bem de tanto preço?
Mas inda isto de mi cuidar não posso,
D'estar muito soberbo com ser vosso.
  Se por algum acêrto Amor vos erra
Por parte do desejo, commettendo

Algum nefando e torpe desatino;
E s'inda mais que vêr, emfim, pretendo;
Fraquezas são do corpo, qu'he de terra,
Mas não do pensamento, qu'he divino.
Se tão alto imagino
Que de vista me perco, ou pecco n'isto,
Desculpa-me o que vejo.
Porém como resisto
Contra um tão atrevido e vão desejo,
Faço-me forte em vossa vista pura,
Armando-me da vossa formosura.
Das delicadas sobrancelhas pretas
Os arcos com que fere Amor tomou,
E fez a linda corda dos cabellos:
E porque de vós tudo lhe quadrou,
Dos raios d'esses olhos fez as settas
Com que fere quem alça os seus a vêl-os.
Olhos que são tão bellos.
Dão armas de vantagem ao Amor,
Com que as almas destrue.
Porém se é grande a dor
Com a alteza do mal a restitue;
E as armas com que a mata são de sorte,
Que ainda lhe ficais devendo a morte.
Lagrimas e suspiros, pensamentos,
Quem d'elles se queixar, formosa dama,
Mimoso está do mal que por vós sente.
Qual bem maior deseja quem vos ama,
Que estar desabafando seus tormentos,
Chorando, imaginando docemente?
Quem vive descontente
Não ha de dar allívio a seu desgôsto,
Porque se lhe agradeça;
Mas com alegre rôsto
Soffra seus males, para que os mereça:

Que quem do mal se queixa, que padece,
O faz porqu'esta gloria não conhece.
De modo que se cae o pensamento
Em alguma fraqueza, de contente,
He porqu'este segredo não conheço.
Assi que com razões não tam sómente
Desculpo a o Amor de meu tormento,
Mas inda a culpa sua lh'agradeço.
Por esta fé mereço
A graça que esses olhos acompanha,
E o bem do doce riso.
Mas ah! que não se ganha
Com hum paraiso, outro paraiso.
E d'enleada assi minha esperança
Se satizfaz co'o bem que não alcança.
Se com razões escuso meu remedio,
Sabe, Canção, que só porque o não vejo,
Engano com palavras o desejo.

CANÇÃO II

A instabilidade da fortuna,
Os enganos suaves d'Amor cego,
(Suaves, se duraram longamente)
Direi, por dar á vida algum socêgo;
Que pois a grave pena m'importuna,
Importune meu canto a toda gente
E se o passado bem co'o mal presente
M'endurecer a voz no peito frio;
O grande desvario
Dará de minha pena sinal certo;
Que um erro em tantos erros é concêrto.

E pois n'esta verdade me confio,
(Se verdade se achar no mal que digo)
Saiba o mundo d'Amor o desengano,
Que já com a razão se fez amigo,
Só por não deixar culpa sem castigo.
Já Amor fez leis, sem ter commigo alguma;
Já se tornou de cego razoado,
Só por uzar commigo semrazões.
E se em alguma cousa o tenho errado,
Com siso grande dôr não vi nenhuma:
Nem elle deu sem erros affeições.
Mas, por usar de suas isenções,
Buscou fingidas causas de matar-me:
Que para derribar-me
A este abysmo infernal de meu tormento,
Nunca soberbo foi meu pensamento,
Nem pretendeu mais alto levantar-me
D'aquillo que elle quiz; e s'elle ordena
Qu'eu pague seu ousado atrevimento,
Saibam que o mesmo Amor, que me condena,
Me fez cahir na culpa e mais na pena.
Os olhos, que eu adoro, aquelle dia
Que desceram ao baixo pensamento,
N'alma os aposentei suavemente;
E pretendendo mais, como avarento,
O coração lhe dei por iguaria,
Que a meu mandado tinha obediente.
Mas, como lhes esteve alli presente,
E entenderam o fim do meu desejo,
Ou por outro despejo,
Que a lingua descobriu por desvario,
Morto de sêde estou posto em um rio,
Onde de meu servir o fructo vejo;
Mas logo se alça se a colhel-o venho,
E foge-me a agua se em beber porfio.

Assi que em fome e sêde me mantenho:
Não tem Tantalo a pena que eu sostenho.
  Despois que aquella, em quem minh'alma vive,
Quiz alcançar o baixo atrevimento,
Debaixo d'este engano a alcancei;
A nuvem do contino pensamento
M'a figurou nos braços, e assi tive
Sonhando, o que acordado desejei.
E porque a meu desejo me gabei
De conseguir um bem de tanto preço;
Além do que padeço,
Atado em uma roda estou penando,
Que em mil mudanças me anda rodeando;
Onde, se a algum bem subo, logo deço.
E assi ganho, e assi perco a confiança;
E assi de mi fugindo 'traz mim ando;
E assi me tem atado uma vingança,
Como Ixião, tão firme na mudança.
  Quando a vista suave e inhumana
Meu humano desejo, de atrevido,
Commetteu, sem saber o que fazia,
(Que da sua belleza foi nascido
O cego moço, que com setta insana
O peccado vingou d'esta ousadia)
Afóra este penar, que eu merecia,
Me deu outra maneira de tormento:
Que nunca o pensamento,
Voando sempre d'uma a outra parte,
D'estas entranhas tristes bem se farte,
Imaginando como o famulento,
Que come mais e a fome vae crescendo,
Porque de atormentar-me não se aparte
Assi que para a pena estou vivendo:
Sou outro novo Ticio, e não m'entendo.

De vontades alheias, qu'eu roubava,
E que enganosamente recolhia
Em meu fingido peito, me mantinha.
O engano de maneira lhes fingia,
Que despois que a meu mando as sobjugava,
Com amor as matava, qu'eu não tinha.
Porém logo o castigo que convinha
O vingativo Amor me fez sentir,
Fazendo-me subir
Ao monte da aspereza que em vós vejo,
Co'o pezado penedo do desejo,
Que do cume do bem me vae cahir:
Torno a subil-o ao desejado assento;
Torna a cahir-me: em vão, em fim pelejo.
Sisypho, não te espantes d'este alento,
Que ás costas o subi do soffrimento.
Dest'arte o summo bem se m'offerece
Ao faminto desejo, porque sinta
A perda de perdêl-o mais penosa.
Bem como o avaro, a quem o sonho pinta
O achado d'hum thesouro, onde enriquece,
E farta a sua sêde cobiçosa;
E acordando, com furia pressurosa
Vae o sítio cavar com que sonhava;
Mas tudo o que buscava
Lhe converte em carvão a desventura;
Alli sua cobiça mais se apura,
Por lhe faltar aquillo que esperava:
O Amor assi me faz perder o siso.
Porque aquelles que estão na noite escura
Não sentiriam tanto o triste abisso,
Se ignorassem o bem do paraisso:
Canção, não mais; que já não sei que diga:
Mas, porque a dôr me seja menos forte,
Diga o pregão a causa d'esta morte.

CANÇÃO III

Já a rôxa manhã clara
As portas do Oriente vinha abrindo;
Os montes descobrindo
A negra escuridão da luz avara.
O sol, que nunca pára,
Da sua alegre vista saudoso,
'Traz ella pressuroso
Nos cavallos cansados do trabalho,
Que respiram nas hervas fresco orvalho,
S'estende claro, alegre e luminoso.
Os passaros voando,
De raminho em raminho vão saltando;
E com suave e doce melodia
O claro dia estão manifestando.
A manhã bella, amena,
Seu rosto descobrindo, a espessura
Se cobre de verdura
Clara, suave, angelica, serena.
Oh deleitosa pena!
Oh effeito de Amor alto e potente!
Pois permitte e consente
Que, ou d'onde quer qu'eu ande, ou dond'esteja,
O seraphico gesto sempre veja,
Por quem de viver triste sou contente.
Mas tu, Aurora pura,
De tanto bem dá graças á ventura,
Pois as foi pôr em ti tão excellentes,
Que representes tanta formosura.
A luz suave e leda
A meus olhos me mostra por quem mouro,
Com os cabellos d'ouro,

Que nenhum ouro iguala, se os remeda.
Esta a luz he que arreda
A negra escuridão do sentimento
Ao doce pensamento;
Os orvalhos das flôres delicadas
São nos meus olhos lagrimas cansadas,
Que eu chóro co'o prazer de meu tormento;
Os passaros que cantam,
Meus espiritos são, que a voz levantam,
Manifestanda o gesto peregrino
Com tão divino som, que o mundo espantam.
Assi como acontece
A quem a cara vida está perdendo,
Que em quanto vae morrendo,
Alguma visão santa lhe apparece;
A mim em quem fallece
A vida, que sois vós, minha Senhora,
A est'alma, que'em vós mora
(Em quanto da prisão s'está apartando)
Vos estaes justamente apresentando
Em fórma de formosa e rôxa Aurora.
Oh ditosa partida!
Oh gloria soberana, alta e subida!
Se me não impedir o meu desejo;
Porque o que vejo, emfim, me torna a vida.
Porém a natureza,
Que n'esta pura vista se mantinha,
Me falta tão asinha,
Como o sol faltar sóe á redondeza.
Se houverdes que he fraqueza
Morrer em tão penoso e triste estado,
Amor será culpado,
Ou vôs, onde elle vive tão isento,
Que causastes tão largo apartamento,
Porque perdesse a vida co'o cuidado.

Que se viver não posso,
Homem formado só de carne e osso,
Esta vida que perco, Amor m'a deu;
Que não sou meu: se morro, o dano é vosso.
  Canção de cysne, feita em hora extrema,
Na dura pedra fria
Da memoria te deixo em companhia
Do letreiro da minha sepultura;
Que a sombra escura já me impede o dia.

CANÇÃO IV

Vão as serenas aguas
Do Mondego descendo,
E mansamente até o mar não param;
Por onde as minhas magoas
Pouco a pouco crescendo,
Para nunca acabar se começaram.
Alli se me mostraram
N'este logar ameno,
Em que inda agora mouro,
Testa de neve e d'ouro,
Riso brando e suave; olhar sereno,
Hum gesto delicado,
Que sempre n'alma m'estará pintado.
  N'esta florida terra,
Leda, fresca e serena,
Ledõ e contente para mi vivia;
Em paz com minha guerra,
Glorioso co'a pena
Que de tão bellos olhos procedia.
D'hum dia em outro dia,
O esperar m'enganava:

Tempo longo passei;
Com a vida folguei,
Só porque em bem tamanho s'empregava.
Mas que me presta já,
Que tão formosos olhos não os ha?
  Oh quem me alli dissera
Que de Amor tão profundo
O fim pudesse vêr eu algum'hora!
E quem cuidar pudera
Que houvesse ahi no mundo
Apartar-me eu de vós, minha Senhora!
Para que desde agora,
Já perdida a esperança,
Visse o vão pensamento
Desfeito em hum momento,
Sem me poder ficar mais que a lembrança;
Que sempre estará firme
Até no derradeiro despedir-me.
  Mas a mór alegria
Que d'aqui levar posso,
E com que defender-me triste espero,
E' que nunca sentia
No tempo que fui vosso,
Quererdes-me vós quanto eu vos quero.
Porque o tormento fero
De vosso apartamento,
Não vos dará tal pena
Como a que me condena;
Que mais sentirei vosso sentimento,
Que o que a minh'alma sente.
Morra eu, Senhora; e vós ficae contente.
  Tu, Canção, estarás
Agora acompanhando
Por estes campos estas claras aguas;
E por mi ficarás

Com chôro suspirando;
Porque, ao mundo dizendo tantas magoas,
Como huma larga historia
Minhas lagrimas fiquem por memoria.

CANÇÃO V

Se este meu pensamento,
Como é doce e suave,
D'alma pudesse vir gritando fóra;
Mostrando seu tormento
Cruel, aspero e grave,
Diante de vós só, minha Senhora;
Podera ser que agora
O vosso peito duro
Tornára manso e brando.
E então eu, que sempre ando
Passaro solitario, humilde e escuro,
Tornado hum cysne puro,
Brando e sonoro, por o ar voando,
Com canto manifesto
Pintára a minha pena e o vosso gesto.
  Pintára os olhos bellos
Que trazem nas meninas
O menino que os seus n'elles cegou:
Os dourados cabellos
Em tranças d'ouro finas,
A quem o sol os raios seus baixou
A testa que ordenou
Natura tão formosa;
O bem proporcionado
Nariz, lindo, afilado

Que cada parte têm da fresca rosa;
A bocca graciosa,
Que o querêl-a louvar he já 'scusado.
Emfim, he hum thesouro;
Perolas dentes, e palavras ouro.
  Vira-se claramente,
(Oh dama delicada!)
Que em vós s'esmerou mais a natureza.
Mas eu, de gente em gente,
Trouxera trasladada
Em meu tormento vossa gentileza;
E sómente a aspereza
De vossa condição,
Senhora, não dissera,
Porque se não soubera
Que em vós podia haver algum senão.
E se alguem, com razão,
— Porque morres? dissesse, respondera:
Morro, porque é tão bella,
Que inda não sou para morrer por ella.
  E quando, por ventura,
Dama, vos offendesse,
Escrevendo de vós o que não sento,
E vossa formosura
Tanto á terra descesse,
Que a alcançasse humano entendimento;
Seria o fundamento
De tudo o que eu cantasse,
Todo de puro amor;
Porque o vosso louvor
Em figura de magoas se mostrasse.
E aonde se julgasse
A causa por o effeito, a minha dôr
Diria alli sem medo:
Quem me sentir verá de quem procedo.

Logo então mostraria
Os olhos saudosos,
E o suspirar que traz a alma comsigo;
A fingida alegria;
Os passos vagarosos;
O fallar e esquecer-me do que digo;
Hum pelejar commigo,
E logo desculpar-me;
Hum recear ousando;
Andar meu bem buscando,
E de o poder achar acovardar-me;
E, emfim, averiguar-me
Que o fim de tudo quanto estou fallando,
São lagrimas e amores;
São vossas isenções e minhas dores.
Mas quem terá, Senhora,
Palavras com qu'iguale
Com vossa formosura a minha pena;
E em doce voz de fóra
Aquella gloria falle
Que dentro na minh'alma Amor ordena?
Não póde tão pequena
Fôrça d'engenho humano
Com carga tão pesada,
Se não fôr ajudada
D'hum piedoso olhar, d'hum doce engano,
Que fazendo-me o dano
Vão deleitoso e a dôr tão moderada,
Emfim se convertesse
No gosto dos louvores qu'escrevesse.
Canção, não digas mais; e se teus versos
A' pena vêm pequenos,
Não queirom de ti mais; que dirás menos.

CANÇÃO VI

Com força desusada
Aquenta o fogo eterno
Huma Ilha nas partes do Oriente,
D'extranhos habitada,
Aonde o duro inverno
Os campos reverdece alegremente.
A lusitana Gente
Por armas sanguinosas
Têm d'ella o senhorio.
Cercada está d'hum rio
De maritimas aguas saudosas.
Das hervas que aqui nascem,
Os gados juntamente e os olhos pascem.
  Aqui minha ventura
Quiz que huma grande parte
Da vida, que eu não tinha, se passasse;
Para que a sepultura
Nas mãos do fero Marte
De sangue e de lembranças matizasse.
Se Amor determinasse
Que a troco d'esta vida,
De mi qualquer memoria
Ficasse como historia,
Que d'huns formosos olhos fosse lida;
A vida e a alegria
Por tão doce memoria trocaria.
  Mas este fingimento,
Por minha dura sorte,
Com falsas esperanças me convida.
Não cuide o pensamento
Que póde achar na morte

O que não póde achar tão longa vida.
Está já tão perdida
A minha confiança,
Que de desesperado,
Em vêr meu triste estado,
Tambem da morte perco a esperança.
Mas oh! que se algum dia
Desesperar pudesse, viveria.
De quanto tenho visto
Já agora não me espanto,
Que até desesperar se me defende.
Outrem foi causa d'isto,
Pois eu nunca fui tanto
Que causasse este fogo que m'encende.
Se cuidam que m'offende
Temor d'esquecimento,
Oxalá meu perigo
Me fôra tão amigo,
Que algum temor deixára ao pensamento!
Quem viu tamanho enleio,
Quem houvesse ahi 'sperança sem receio?
Quem tem que perder possa,
Só póde recear;
Mas triste quem não póde já perder!
Senhora, a culpa he vossa,
Que para me matar
Bastára hum'hora só de vos não vêr.
Puzes-te-me em poder
De falsas esperanças:
E do que mais me espanto,
Que nunca vali tanto,
Que visse tanto bem, como esquivanças.
Valia tão pequena
Não pode merecer tão doce pena.

Houve-se Amor commigo
Tão brando, ou pouco irado,
Quanto agora em meus males se conhece.
Que não ha mór castigo
Para quem tem errado,
Que negar-lhe o castigo que merece.
Da sórte que acontece
Ao misero doente,
Da cura despedido,
Que o medico advertido
Tudo quando deseja lhe consente;
O Amor lhe consentia
Esperanças, desejos e ousadia.
E agora venho a dar
Conta do bem passado
A esta triste vida e longa ausencia.
Quem póde imaginar
Que houvesse em mi peccado
Digno d'huma tão grave penitencia?
Olhae que he consciencia
Por tão pequeno erro,
Senhora, tanta pena.
Não vêdes que he onzena?
Mas se tão longo e misero desterro
Vos dá contentamento,
Nunca m'acabe n'elle o meu tormento.
Rio formoso e claro,
E vós, oh arvoredos,
Que os justos vencedores coroaes,
E ao cultor avaro,
Continuamente ledos,
D'hum tronco só diversos fructos daes;
Assim nunca sintaes
Do tempo injuria alguma,
Qu'em vós achem abrigo

As magoas que aqui digo,
Em quanto der o sol virtude á lua;
Porque de gente em gente
Saibam que já não mata a vida ausente.
  Canção, n'este desterro viverás,
Voz nua e descoberta,
Até que o tempo em ecco te converta.

CANÇÃO VII

Manda-me Amor que cante docemente
O qu'elle já em minh'alma tem impresso,
Com presupposto de desabafar-me;
E porque com meu mal seja contente,
Diz que o ser de tão lindos olhos preso,
Cantal-o bastaria a contentar-me.
Este excellente modo de enganar-me
Tomára eu só d'Amor por interesse,
Se nãe s'arrependesse,
Com a pena o engenho escurecendo.
Porém a mais me atrevo,
Em virtude do gesto de que escrevo,
E se he mais o que canto que o que entendo,
Invoco o lindo aspeito,
Que póde mais que Amor, em meu defeito.
  Sem conhecer a Amor viver sohia,
Seu arco e seus enganos desprezando,
Quando vivendo d'elles me mantinha.
Hum Amor enganoso, que fingia,
Mil vontades alheias enganando,
Me fazia zombar de quem o tinha.
No Touro entrava Phebo, e Progne vinha;
O corno de Acheloo Flora entornava;

Quando o Amor soltava
Os fios d'ouro, as tranças encrespadas,
Ao doce vento esquivas;
Os olhos rutilando chammas vivas;
E as rosas entre a neve semeadas;
Co'o riso tão galante,
Que hum peito desfizera de diamante.
  Hum não sei que suave respirando,
Causava hum admiravel, novo espanto,
Que as cousas insensiveis o sentiam.
Alli as garrulas aves, levantando
Vozes não ordinarias em seu canto,
Como eu no meu desejo, s'encendiam.
As fontes crystallinas não corriam,
De inflammadas na vista linda e pura;
Florecia a verdura,
Que andando co'os divinos pés tocava;
Os ramos se baixavam,
Ou d'inveja das hervas que pisavam,
Ou porque tudo ant'ella se baixava.
Não houve cousa, emfim,
Que não pasmasse d'ella, e eu de mim.
  Porque quando vi dar entendimento
A's cousas que o não tinham, o temor
Me fez cuidar que effeito em mi faria.
Conheci-me não ter conhecimento:
Porém só n'isto o tive, porque Amor
M'o deixou para vêr o que podia.
Tanta vingança Amor de mi queria,
Que mudava a humana natureza
Nos montes, e a dureza
D'elles em mi por trôco traspassava.
Oh que gentil partido,
Trocar o sêr do monte sem sentido,
Por o qu'em hum juizo humano estava!

Olhae que doce engano!
Tirar commum proveito de meu dano.
Assi que indo perdendo o sentimento
A parte racional, m'entristecia
Vêl-a a um appetite submettida.
Mas dentro d'alma o fim do pensamento,
Por tão sublime causa, me dizia
Qu'era razão ser a razão vencida.
Assi que quando a via ser perdida,
A mesma perdição a restaurava:
E em mansa paz estava
Cada hum com seu contrario em hum sogeito.
Oh grão concêrto este!
Que será que não julgue por celeste
A causa d'onde vem tamanho effeito,
Que faz n'hum coração
Que venha o appetite a ser razão?
  Aqui senti d'Amor a mór firmeza,
Como foi vêr sentir o insensivel,
E o vêr a mi de mi proprio perder-me:
E, emfim, senti negar-se a natureza;
Por onde cri que tudo era possivel
Aos lindos olhos seus, senão querer me.
Despois que já senti desfallecer-me,
Em logar do sentido que perdia,
Não sei quem m'escrevia
Dentro n'alma co'as letras da memoria
O mais d'este processo,
Co'o claro gesto juntamente impresso,
Que foi a causa de tão longa historia.
Se bem a declarei,
Eu não a escrevo, d'alma a trasladei.
  Canção, se quem te lêr
Não crêr dos olhos lindos o que dizes,
Por o que a si s'esconde;

Os sentidos humanos (lhe respondê)
Não podem dos divinos ser juizes,
Senão hum pensamento
Que a falta suppra a fé do entendimento.

CANÇÃO VIII

Tomei a triste pena
Já de desesperado
De vos lembrar as muitas que padeço;
Vendo que me condena
A ficar eu culpado
O mal que me trataes, e o que mereço.
Confesso que conheço
Qu'em parte a causa dei
Ao mal em que me vejo,
Pois sempre o meu desejo
A tão largas promessas entreguei;
Mas não tive suspeita
Que seguisseis tençao tão imperfeita.
S'em vosso esquecimento
Tão condemnado estou,
Como os sinaes demostram, que mostraes;
N'este vivo tormento,
Lembranças mais não dou
Que as que d'esta razão tomar queiraes:
Olhae que me trataes
Assi de dia em dia
Com vossas esquivanças;
E as vossas esperanças,
De que vãmente já m'enriquecia,
Renovam a memoria;
Pois com a ter de vós só tenho gloria.

E s'isto conhecesseis
Ser verdade mais pura
Do que d'Arabia o ouro reluzente;
Inda que não quizesseis,
Essa condição dura
Em branda se mudára facilmente.
Eu, vendo-me innocente,
Senhora n'este caso,
Bem no arbitrio o puzera
De quem sentença dera,
Com que o que he justo se mostrasse raso;
Se, emfim, não receára
Que a vós por mi, e a mi por vós matára.
Em vós escrita vi
Vossa grande dureza,
E n'alma escrita está, que de vós vive:
Não que acabasse alli
Sua grande firmeza
O triste desengano qu'então tive;
Porque antes que me prive
A dôr de meu sentidos,
Ao penoso tormento
Acode o entendimento
Com dous fortes soldados guarnecidos
De rica pedraria,
Que ficam sendo minha luz e guia.
D'estes acompanhado
Estou pôsto sem medo
A tudo o que o fatal destino ordene:
Póde ser que cansado,
Ou seja tarde ou cedo,
Com pena de penar-me, me despene.
E quando me condene
(Que he o que mais espero)
Inda a penas maiores;

Perdidos os temores,
Por mais que venham, não direi, não quero.
Estou, emfim, tão forte,
Que não póde mudar-me a propria morte.
  Canção, se já não queres
Crêr tanta crueldade,
Lá vae onde verás minha verdade.

CANÇÃO IX

Junto d'hum sêcco, duro, esteril monte,
Inutil e despido, calvo e informe,
Da natureza em tudo aborrecido;
Onde nem ave vôa, ou fera dorme,
Nem corre claro rio, ou ferve fonte,
Nem verde ramo faz doce ruido;
Cujo nome, do vulgo introduzido,
He Feliz, por antiphrasi infelice;
O qual a natureza
Situou junto á parte,
Aonde hum braço d'alto mar reparte
A Abassia da Arabica aspereza,
Em que fundada já foi Berenice,
Ficando á parte, d'onde
O sol, que n'ella ferve, se lh'esconde:
  O cabo se descobre, com que a costa
Africana, que do Austro vem correndo,
Limite faz, Arómata chamado;
Arómata outro tempo; que volvendo
A roda, a rude lingua mal composta
Dos proprios outro nome lhe têm dado.
Aqui, no mar, que quer apressurado
Entrar por a garganta d'este braço,

Me trouxe hum tempo e teve
Minha fera ventura.
Aqui n'esta remota, áspera e dura
Parte do mundo, quiz que a vida breve
Tambem de si deixasse hum breve espaço;
Porque ficasse a vida
Por o mundo em pedaços repartida.
Aqui me achei gastando huns tristes dias,
Tristes, forçados, máos e solitarios,
De trabalho, de dôr, e d'ira cheios:
Não tendo tamsómente por contrarios
A vida, o sol ardente, as aguas frias,
Os áres grossos, férvidos e feios,
Mas os meus pensamentos, que são meios
Para enganar a propria natureza,
Tambem vi contra mi:
Trazendo-me á memoria
Alguma já passada e breve gloria,
Qu'eu já no mundo vi, quando vivi,
Por me dobrar dos males a aspereza,
Por mostrar-me que havia
No mundo muitas horas d'alegria.
Aqui stive eu com estes pensamentos
Gastando tempo e vida; os quaes tão alto
Me subiam nas azas, que cahia
(Oh vêde se seria leve o salto!)
De sonhados e vãos contentamentos
Em desesperação de vêr hum dia.
O imaginar aqui se convertia
Em improvisos choros e em suspiros,
Que rompiam os ares.
Aqui a alma captiva,
Chagada toda, estava em carne viva,
De dôres rodeada e de pezares,
Desamparada e descoberta aos tiros

Da soberba Fortuna,
Soberba, inexoravel e importuna.
  Não tinha parte d'onde se deitasse,
Nem esperança alguma, onde a cabeça
Hum pouco reclinasse, por descanso:
Tudo dôr lhe era e causa que padeça,
Mas que pereça não, porque passasse
O que quiz o destino nunca manso.
O qu'este irado mar gemendo amanso!
Estes ventos, da voz importunados,
Parece que se enfreiam:
Sómente o Céo severo,
As estrellas e o fado sempre fero,
Com meu perpétuo damno se recreiam;
Mostrando-se potentes e indignados
Contra hum corpo terreno,
Bicho da terra vil e tão pequeno.
  Se de tantos trabalhos só tirasse
Saber inda por certo que alguma hora
Lembrava a huns claros olhos que já vi;
E se esta triste voz, rompendo fora,
As orelhas angelicas tocasse
D'aquella em cuja vista ja vivi;
A qual, tornando hum pouco sôbre si,
Revolvendo na mente pressurosa
Os tempos ja passados
De meus doces errores,
De meus suaves males e furores
Por ella padecidos e buscados,
E (pôsto que ja tarde) piedosa,
Hum pouco lhe pezasse,
E lá entre si por dura se julgasse!
  Isto só que soubesse me seria
Descanso para a vida que me fica;
Com isto affagaria o soffrimento.

Ah senhora! Ah senhora! E que tão rica
Estaes, que cá tão longe d'alegria
Me sustentaes com doce fingimento!
Logo que vos figura o pensamento,
Foge todo o trabalho e toda a pena.
Só com vossas lembranças
Me acho seguro e forte
Contra o rosto feroz da fera morte;
E logo se me juntam esperanças
Com que, a fronte tornada mais serena,
Torna os tormentos graves
Em saudades brandas e suaves.
  Aqui com ellas fico perguntando
Aos ventos amorosos, que respiram
Da parte d'onde estaes, por vós Senhora;
A's aves qu'alli voão, se vos víram?
Que fazieis? qu'estaveis praticando?
Onde? como? com quem? que dia e que hora?
Alli a vida cansada se melhora,
Toma espiritos novos, com que vença
A fortuna e trabalho,
Só por tornar a vêr-vos,
So por ir a servir-vos e querer-vos.
Diz-me o tempo que a tudo dará talho:
Mas o desejo ardente, que detença
Nunca soffreu, sem tento
Me abre as chagas de novo ao soffrimento.
  Aqui vivo; e s'alguem te perguntasse,
Canção, porque não mouro;
Podes-lhe responder: que porque mouro.

CANÇÃO X

Vinde cá meu tão certo secretario
Dos queixumes que sempre ando fazendo,
Papel com quem a pena desaffogo.
As semrazões digamos, que vivendo
Me faz o inexoravel o contrário
Destino, surdo a lagrimas e a rôgo.
Lancemos água pouca em muito fogo,
Accenda-se com gritos hum tormento,
Que a todas as memorias seja extranho.
Digamos mal tamanho
A Deos, ao mundo, a gente e, emfim, ao vento,
A quem já muitas vezes o contei,
Tanto debalde como o conto agora.
Mas já que para errores fui nascido,
Vir este a ser hum d'elles não duvido.
E, pois já d'acertar estou tão fóra,
Não me culpem tambem se n'isto errei.
Se quer este refugio só terei,
Fallar e errar, sem culpa, livremente.
Triste quem de tão pouco está contente!
Já me desenganei que de queixar-me
Não se alcança remedio; mas quem pena,
Forçado lhe he gritar, se a dôr he grande.
Gritarei; mas é debil e pequena
A voz para poder desabafar-me;
Porque nem com gritar a dôr se abrande.
Quem me dará se quer que fóra mande
Lagrimas e suspiros infinitos,
Iguaes ao mal que dentro na alma mora?
Mas quem pôde algum'hora
Medir o mal com lagrimas, ou gritos?

Direi, emfim, aquilio que m'ensinam
A ira, a mágoa, e d'ellas a lembrança,
Que outra dôr he por si mais dura e firme.
Chegae, desesperados, para ouvir-me;
E fujam os que vivem d'esperança,
Ou aquelles que n'ella se imaginam;
Porque Amor e Fortuna determinam
De lhes deixar poder para entenderem
A' medida dos males que tiverem.
Quando vim da materna sepultura
De novo ao mundo, logo me fizeram
Estrellas infelices obrigado:
Com ter livre alvedrio, m'o não deram;
Qu'eu conheci mil vezes na ventura
O melhor, e o peor segui forçado.
E para que o tormento conformado
Me dessem com a idade, quando abrisse
Inda menino os olhos brandamente,
Mandam que diligente
Hum menino sem olhos me ferisse.
As lagrimas da infancia já manavam
Com huma saudade namorada;
O som dos gritos, que no berço dava,
Já como de suspiros me soava.
Co'a idade e fado estava concertado:
Porque quando por 'caso m'embalavam,
Se d'Amor tristes versos me cantavam,
Logo me adormecia a natureza;
Que tão conforme estava co'a tristeza!
Foi minh'ama huma fera; que o destino
Não quiz que mulher fosse a que tivesse
Tal nome para mi; nem a haveria.
Assi criado fui, porque bebesse
O veneno amoroso de menino,
Que na maior idade beberia,

E por costume não me mataria.
Logo então vi a image e semelhança
D'aquella humana fera tão formosa,
Suave e venenosa,
Que me criou aos peitos da esperança;
De quem eu vi despois o original,
Que de todos os grandes desatinos
Faz a culpa soberba e soberana.
Parece-me que tinha fórma humana,
Mas scintilava espiritos divinos.
Hum meneio, e presença tinha tal,
Na vista d'ella: a sombra co'a viveza
Excedia o poder da natureza.
Que genero tão novo de tormento
Teve Amor, sem que fosse não sómente
Provado em mi, mas todo executado?
Implacaveis durezas, que ao fervente
Desejo, que dá fôrça ao pensamento,
Tinham de seu proposito abalado,
E corrido de vêr-se e injuriado:
Aqui sombras phantasticas, trazidas
D'algumas temerarias esperanças;
Ás bemaventuranças
Tambem n'ellas pintadas e fingidas.
Mas a dôr do desprêzo recebido,
Que todo o phantasiar desatinava,
Estes enganos punha em desconcêrto.
Aqui o adivinhar, e o ter por certo
Qu'era verdade quanto adivinhava,
E logo o desdizer-me de corrido;
Dar ás cousas que via outro sentido;
E para tudo, emfim, buscar razões:
Mas eram muitas mais as semrazões.
Não sei como sabía estar roubando
Co'os raios as entranhas, que fugiam

Para ella por os olhos subtilmente!
Pouco a pouco invisiveis me sahiam;
Bem como do véo humido exhalando
Está o subtil humor o sol ardente.
O gesto puro, emfim, e transparente,
Para quem fica baixo e sem valia
Este nome de bello e de formoso;
O doce e piedoso
Mover d'olhos, que as almas suspendia,
Foram as hervas magicas, que o Céo
Me fez beber: as quaes por longos annos
N'outro se me tiveram transformado,
E tão contente de me vêr trocado,
Que as mágoas enganava co'os enganos;
E diante dos olhos punha o véo,
Que m'encobrisse o mal que assi cresceu:
Como quem com affagos se criava
D'aquella para quem crescido estava.
Pois quem póde pintar a vida ausente,
Com um descontentar-me quanto via,
E aquell'estar tão longe d'onde estava;
O fallar sem saber o que dizia;
Andar sem vêr por onde, e juntamente
Suspirar sem saber que suspirava?
Pois quando aquelle mal m'atormentava,
E aquella dôr, que das Tartareas ágoas
Sahiu ao mundo, e mais que todas doe,
Que tantas vezes sóe
Duras íras tornar em brandas mágoas?
Agora co'o furor da mágoa irado,
Querer, e não querer deixar de amar;
E mudar n'outra parte, por vingança
O desejo privado d'esperança,
Que tão mal se podia já mudar?
Agora a saudade do passado,

Tormento puro, doce e magoado,
Que converter fazia estes furores
Em magoadas lagrimas d'amores?
Que desculpas commigo só buscava,
Quando o suave Amor me não soffria
Culpa na cousa amada, e tão amada?
Eram, emfim, remedios que fingia
O medo do tormento, qu'ensinava
A vida a sustentar-se d'enganada.
N'isto huma parte d'ella foi passada;
Na qual se tive algum contentamento
Breve, imperfeito, tímido, indecente,
Não foi senão semente
D'hum cumprido, amarissimo tormento.
Este curso continu de tristeza,
Estes passos vãamente derramados,
Me foram apagando o ardente gôsto
Que tão de siso n'alma tinha pôsto,
D'aquelles pensamentos namorados
Com que criei a tenra natureza,
Que do longo costume da aspereza,
Contra quem fôrça humana não resiste,
Se converteu ao gôsto de ser triste.
D'est'arte a vida em outra fui trocando;
Eu não, mas o destino fero, irado;
Qu'eu, inda assi, por outra a não trocára.
Fez-me deixar o patrio ninho amado,
Passando o longo mar, que ameaçando
Tantas vezes m'esteve a vida cara.
Agora experimentando a furia rara
De Marte, que nos olhos quiz que logo
Visse e tocasse o acerbo fructo seu.
E n'este escudo meu
A pintura verão do infesto fogo.
Agora, peregrino, vago errante,

Vendo nações, linguagens e costumes,
Céos varios, qualidades differentes,
Só por seguir com passos diligentes
A ti, Fortuna injusta, que consummes
As idades, levando-lhes diante
Huma esperança em vista de diamante:
Mas quando das mãos cahe se conhece
Que he fragil vidro aquillo que apparece.
A piedade humana me faltava,
A gente amiga já contrária via,
No perigo primeiro; e no segundo,
Terra em que pôr os pés me fallecia,
Ar para respirar se me negava,
E faltava-me, emfim, o tempo e o mundo.
Que segredo tão arduo e tão profundo,
Nascer para viver, e para a vida
Faltar-me quanto o mundo tem para ella!
E não poder perdel-a,
Estando tantas vezes já perdida!
Emfim, não houve transe de fortuna,
Nem perigos, nem casos duvidosos,
Injustiças (d'aquelles que o confuso
Regimento do mundo, antigo abuso,
Faz sôbre os outros homens poderosos),
Qu'eu não passasse, atado á fiel coluna
Do soffrimento meu, que a importuna
Perseguição de males em pedaços
Mil vezes fez á fôrça de seus braços.
Não conto tantos males, como aquelle
Que despois da tormenta procellosa,
Os casos d'ella conta em porto ledo;
Qu'inda agora a fortuna fluctuosa
A tamanhas miserias me compelle,
Que de dar hum só passo tenho medo.
Já de mal que me venha não m'arredo,

Nem bem que me falleça já pretendo;
Que para mi não val astucia humana.
De fôrça soberana,
Da Providencia, emfim, divina pendo.
Isto que cuido e vejo, ás vezes tomo
Para consolação de tantos danos.
Mas a fraqueza humana quando lança
Os olhos no que corre, e não alcança
Senão memoria dos passados annos;
As águas qu'então bebo, e o pão que como,
Lagrimas tristes são, qu'eu nunca domo,
Senão com fabricar na phantasia
Phantasticas pinturas d'alegria.
Que se possivel fosse que tornasse
O tempo para traz, como a memoria
Por os vestigios da primeira idade;
E de novo tecendo a antigua historia
De meus doces errores, me levasse
Por as flôres que vi da mocidade;
E a lembrança da longa saudade
Então fosse maior contentamento,
Vendo a conversação leda e suave,
Onde huma e outra chave
Esteve de meu novo pensamento,
Os campos, as passadas, os sinaes,
A vista, a neve, a rosa, a formosura,
A graça, a mansidão, a cortezia,
A singela amizade, que desvia,
Toda a baixa tenção, terrena, impura,
Como a qual outra alguma não vi mais...
Ah vãs memorias! onde me levaes
O debil coração, qu'inda não posso
Domar bem este vão desejo vosso?
Não mais, Canção, não mais; qu'irei fallando,
Sem o sentir, mil annos; e se acaso

Te culparem de larga e de pezada;
Não póde ser (lhe dize) limitada
A ágoa do mar em tão pequeno vaso.
Nem eu delicadezas vou cantando
Co'o gôsto do louvor, mas explicando
Puras verdades já por mi passadas.
Oxalá foram fábulas sonhadas!

CANÇÃO XI

Nem rôxa flôr de Abril,
Pintor do campo ameno e da verdura,
Colhida entre outras mil,
Foi nunca assi agradavel á donzella
Cortez, alegre e bella,
De sua mãe cuidado e glória pura,
Como a mi foi a inculta formosura
Natural, que pudera
A Saturno render na sua Esphera.
Natural fonte agreste,
Não lavrada d'artifice excellente,
Mas por arte celeste
Derivada de rustico penedo,
Não fez já mais ledo
Cansado caçador por sésta ardente,
Quanto o cuidado a mi me fez contente
Do vêr tão descuidado,
Que faz sereno a Jupiter irado.
Fructa, que sem concêrto
Naturalmente em ramos se pendura,
Achada por acêrto;
A quem pintada a vê de sangue e leite,
Não lhe dará o deleite,

Qu'essa graça me dá sem compostura,
Ornamento da mesma formosura,
E o toucado sem arte,
Que tornára pastor ao bravo Marte.
A manhã graciosa,
Que derramando sahe d'entre os cabellos
A fiôr, o lirio, a rosa,
Sem ajuda d'ornato, ou d'artificio,
Não faz o beneficio,
Que faz a luz dos vossos olhos bellos
A quem os vê tão puros e singellos;
E esse innocente riso,
Por quem Apollo o Tejo torna Amphriso.
Outeiros coroados
Das árvores que fazem a espessura
Com os ramos copados
Alegre, que mão destra os não cultiva,
Graça tão excessiva
Não tem na sua natural verdura,
Quanta na d'esses olhos, clara e pura,
Deposita a esperança,
Com que Amor gôsto, a mãe tormento alcança.
Dos simples passarinhos
A musica sem arte concertada,
D'entre os verdes raminhos,
Tão suave não he, tão deleitosa
A quem na selva umbrosa
Com mente ouvindo-a está toda enlevada,
Quanto a mi essa falla doce agrada,
E o natural aviso,
Que roubam a Mercurio sceptro e siso.
De frescos rios ágoa,
Que clara entre arvoredos se deriva,
Cahindo d'alta fragoa,
Esmaltando de perolas no prado

O verde delicado,
Com brando som aos olhos fugitiva,
Não nos alegra quanto a graça esquiva
D'essa luz soberana,
Que faz cortez a rustica Diana.
A tal luz (ó Canção, que ousaste vêl-a!)
Vendo estás já prostrado
Saturno triste, Jupiter irado,
Bravo Marte, aureo Apollo, Venus bella,
E Mercurio, e Diana, e toda estrella.

CANÇÃO XII

Oh Pomar venturoso,
Onde co'a natureza
A subtil arte tem demanda incerta;
Qu'em sitio tão formoso
A maior subtileza
D'engenho em ti nos mostras descoberta!
Nenhum juizo acerta,
De cego e d'enlevado,
Se tem em ti mais parte
A natureza, ou arte;
Se terra ou céo de ti tém mais cuidado,
Pois em feliz terreno
Gozas d'hum ar mais puro e mais sereno.
De teu formoso pêzo
Se mostra o montè ledo,
E o caudaloso Zézere t'extranha,
Porque ólhas com desprêzo
Seu crystal puro e quedo,
Que com Pera os teus pés rodeia e banha.
Em ti pintura estranha,

A que Apelles cedêra,
Enigmas intrincados,
E myrtos animados
Vemos, que o proprio Escopas não fizera;
Em ti, co'a paz interna,
Tem o santo prazer morada eterna.
  Os jardins da famosa
Babel tão nomeados,
Por maravilha o mundo não levante,
Inda que com gloriosa
Voz, qu'estão pendurados
Do instavel ar, a fama antigua cante:
Nem haja quem s'espante
Dos famosos d'Alcino;
Nem as mais doutas pennas
Cantem os de Mecenas,
Cultor de todo o engenho peregrino;
Mas onde quer que vôe,
De ti só falle a Fama, e te pregôe.
  Que se era antiguamente
De pomos d'ouro bellos
O jardim das Hespéridas ornado;
E, a pezar da serpente
Que os guardou, só colhel-os
Pôde o famoso Alcides, d'esforçado;
Tu, mais avantajado,
Mostras a hum'alma casta
Seguir o que deseja,
Fugir da torpe inveja
(Pômos d'ouro que o tempo não contrasta):
Emfim, co'a caridade
Vencer o inferno, abrir a eternidade.
  Por tanto da ventura,
Para ti reservada,
Te deixe o céo gozar perpetuamente;

Porque sejas figura
Da gloria avantajada
D'elle mesmo, e qu'em ti se represente;
Porqu'em quanto sustente
O céo, o mar e a terra,
Seus feitos milagrosos,
Mysterios mais gloriosos,
Com que a morte das almas nos desterra,
Por onde em nossas almas
Com mais pompas triumpha e com mais palmas,

. . . . . .

Goza, pois, longamente
Teu venturoso fado,
Da mãe do teu autor bem possuido:
Qu'em ti, sempre contente
De seu sublime estado,
A alma dos seus alegra e o sentido.
Cada qual preferido
Nas grandes qualidades
Ao sabio Nestor seja,
Para que o mundo os veja
Exceder as longuissimas idades!
E com a longa vida
Seja sua memoria ennobrecida.
Canção, pois mais famosas
Por ti não podem ser
D'este monte as estancias deleitosas;
Bem póde succeder
Que aquelle que os teus numeros governa,
Por querêl-as cantar te faça eterna.

CANÇÃO XIII

Quem com sólido intento
Os segredos buscar da natureza,
Quanto d'Athenas préza,
Entregue ao mar irado, ao leve vento:
Em forjar meu tormento,
Nova Philosophia,
D'experiencias feita, Amor m'ensina.
Das Leis do antigo tempo bem declina;
Que Amor a natureza em mi varía;
D'onde escola de Sabios nunca viu
Em natural sogeito
Quanto Amor em meu peito descobriu.
As aves no ar sereno,
O gado de Proteo nas águas pasce;
Vive o homem e nasce
Neste mundo, qual mundo mais pequeno:
Eu tudo desordeno,
Em todos dividido;
A boca no ar, na terra o entendimento:
Dá-me esse Amor, dá-me esta o pensamento;
O coração no fogo he consummido:
Mas a água, que dos olhos sempre desce,
Tem effeito tão vário,
Qu'em hum humor contrário o fogo cresce.
Da vista Amor sohia
Abrir ao coração segura entrada:
Lei he ja profanada;
Que quando a luz d'huns olhos me fería,
Amando o que não via,
Qual d'escopeta o lume,
Primeiro o querer vi, que a causa visse.

Quem o desejo co'a esperança unisse,
Cego iria apoz cego e vil costume;
Qu'eu d'est'alma, das leis do mundo isenta,
Morta a esperança vejo,
Onde sempre o desejo se sustenta.
Em vão se considera
Que hum semelhante a outro busca e ama,
E que foge e desama
Todo mortal a morte esquiva e fera:
Sigo uma linda fera,
Qu'esconde em vista humana
Coração de diamante e peito d'aço,
De meu sangue faminta; e satisfaço
Com cruel morte e sêde deshumana.
Assi que, sendo em tudo differente,
Corro apoz minha sorte,
E se m'entrego á morte, estou contente.
Cahe em maior defeito
Quem cuida ser sciencia clara e certa,
Que a causa descoberta
Sempre produz a si conforme o effeito:
Rendeu-me hum lindo objeito.
Que, sendo neve pura,
Vivo me abraza, e o fogo interno aviva;
Qu'esta formosa fera fugitiva,
Com ser neve, do fogo s'assegura:
D'onde infiro por certo (e cesse a fama
Vã, mentirosa e leve)
Que não desfaz a neve ardente chamma.
Bem no effeito se sente
Cessar, cessando a causa d'onde pende;
Que o fogo mais se accende,
Estando á vista, d'onde mais ausente;
Mas n'alma vivamente
A trazem debuxada,

De noite Amor, de dia o pensamento:
E quando Apollo deixa o claro assento,
Por entre sombras vejo a Nympha amada.
Pois se sem luz Amor os olhos ceva,
Cego, se não concede
Qu'em nada a Amor impede a escura treva.
Erra quem atrevido
Pregôa ser maior que a parte o todo:
Amor me tem de modo,
Qu'estou n'hum'alma minha convertido:
D'esta gloria ha nascido
O temor de perdêl-a:
E, postoque o receio a muitos finge
Lá na imaginação Chimera e Sphinge
De mal futuro, que urde imiga estrella,
Vejo em mi, por incognito segredo,
Quando estou mais contente,
Que só do bem presente nasce o medo.
Tem-se por manifesto
Parecer-se ao sogeito o accidente;
Mas inda em mi se sente
O pensamento, a côr, o riso, o gesto;
E, tendo todo o resto
Da vida ja perdido
N'este tormento meu tão duro e esquivo,
A gostos morto estou, a penas vivo.
E sendo morto ja, vive o sentido,
Porque sinta que n'alma despedida
Póde em meu mal unir-se
O ficar e o partir-se, a morte e a vida.
D'estas razões, Canção, infiro e creio,
Que ou se mudou em tudo a fórma usada
Da natural firmeza,
Ou tenho a natureza em mi mudada.

CANÇÃO XIV

Qu'he isto? Sonho? ou vejo a Nympha pura,
Que sempre na alma vejo?
Ou me pinta o desejo
O bem qu'em vão cada hora me assegura?
Mal póde a noite escura,
Amando a sombra fria,
Mandar-me em sonho a luz formosa e bella,
Que se não torne em dia,
De seus luzentos raios inflammada.
Oh vista desejada
De graciosa Nympha e viva estrella!
Que ha tanto que por este mar navego
(Sem ver meu claro Polo) escuro e cego.
N'esses formosos olhos, d'enlevada,
Minh'alma se escondeu,
Quando ordenava o Céo
Que vivesse commigo desterrada.
Vós a mais certa estrada
De vêr a summa alteza,
Do effeito a causa abrís a est'alma minha.
Assi mortal belleza
Só d'ella nasce e n'ella se resume;
Assi celeste lume
Lá dos céos se deriva, e lá caminha.
Pois, como a Deos unir-me a vista possa,
Porque a negaes, meu sol, a est'alma vossa?
Se me quereis prender a parte a parte,
Cabello ondado e louro,
Tecei-me a rêde de ouro
Em que prendeu Vulcano a Cypria e Marte.
Des que com gentil arte

Vestís de flôres bellas
A terra em que tocaes co'a bella planta.
Quantas vezes com vel-as
Quiz n'huma d'essas flôres transformar-me
Porque, vendo pizar-me
D'esse candido pé que a neve espanta,
Póde ser que na flôr mudado fôra
Que deu a Juno irada a linda Flora.
Mas onde te acolheste (ó doce vida!
Mais leve e pressurosa,
Do que na selva umbrosa
Cerva d'aguda setta vai ferida?
Se para tal partida,
Meus olhos, vos abristes,
Cerrára-vos o somno eternamente,
Antes que ver-vos tristes,
Perdendo tão suave e doce engano!
Agora, com meu dano,
Vêdes, para mór magoa, claramente,
N'este bem fugitivo e somno leve,
Que mal não ha mais longo, que um bem breve.
Ditoso Endimião que a deosa cara,
Que a noite vai guiando,
Teve em braços sonhando!
Ah quem de sonho tal nunca acordára
Tu só, Aurora avara,
Quando os olhos feriste,
Me mataste cruel d'inveja pura.
Mas se d'esta alma triste
A negra escuridão vencer quizeste,
Sabe qu'em vão nasceste;
Que para desfazer-se a nevoa escura
De meus olhos importa estar presente
Outro sol, outra aurora, outro oriente.
Se a luz de meu planeta,

Não m'aviva, Canção branda e quieta,
Qual flôr de chuva em breve consummida,
Verás desfeita em lagrimas a vida.

CANÇÃO XV

Por meio d'humas serras mui fragosas,
Cercadas de sylvestres arvoredos,
Retumbando por asperos penedos,
Correm perennes águas deleitosas.
Na ribeira de Buina, assi chamada,
Celebrada,
Porqu'en prados
Esmaltados
Com frescnra
De verdura,
Assi se mostra amena, assi graciosa,
Qu'excede a qualquer outra mais formosa;
As correntes se vêm, que aceleradas,
As hervas regalando e as boninas,
Se vão a entrar nas águas neptuninas,
Por diversas ribeiras derivadas.
Com mil brancas conchinhas a aurea areia
Bem se arreia;
Voam aves;
Mil suaves
Passarinhos
Nos raminhos
Acordemente estão sempre cantando,
Com doce accento os ares abrandando.
O doce rouxinol n'hum ramo canta,
E d'outro o pintasirgo lhe responde;

A perdiz d'entre a mata, em que s'esconde,
O caçador sentindo se levanta:
Voando vai ligeira mais que o vento;
Outro assento
Vai buscando;
Porem quando
Vai fugindo;
Retinindo,
Traz ella mais veloz a setta corre,
De que ferida logo cahe e morre.
Aqui Progne d'hum ramo em outro ramo,
Co'o peito ensanguentado anda voando,
Cibato para o ninho indo buscando;
A leda codorniz vem ao reclamo
Do sagaz caçador, que a rede estende,
E pretende
Com engano
Fazer dano
A' coitada,
Qu'enganada
D'huns esparzidos grãos de louro trigo,
Nas mãos vai a cahir de seu imigo.
Aqui sôa a calhandra na parreira;
A rôla geme; palra o estorninho;
Sahe a candida pomba do seu ninho;
O tôrdo pousa em cima da oliveira:
Vão as doces abelhas susurrando,
E apanhando
O rocio
Fresco e frio
Por o prado
D'herva ornado,
Com que o aureo licôr fazem, que deu
A' humana gente a indústria d'Aristeo.
Aqui as uvas luzidas, penduradas

Das pampinosas vides, resplandecem;
As frondiferas arvores se offrecem
Com differentes fructos carregadas:
Os peixes n'água clara andam saltando,
Levantando
As pedrinhas,
E as conchinhas
Rubicundas,
Que as jucundas
Ondas comsigo trazem, crepitando
Por a praia alva com ruido brando.
Aqui por entre as serras se levantam
Animaes calidoneos, e os veados
Na fugida inda mal assegurados,
Porque do som dos proprios pés s'espantam.
Sahe o coelho, e lebre sae manhosa
Da frondosa
Breve mata,
D'onde a cata
Cão ligeiro;
Mas primeiro
Qu'ella ao contrario férvido s'entregue,
As vezes deixa em branco a quem a segue.
Luzem as brancas e purpúreas flores,
Com que o brando Favonio a terra esmalta;
O formoso Jacintho alli não falta,
Lembrado dos antiguos seus amores.
Inda na flôr se mostram esculpidos
Os gemidos:
Aqui Flora
Sempre móra;
E com rosas
Mais formosas,
Com lirios e boninas mil fragrantes,
Alegra os seus amores circumstantes.

Aqui Narciso em liquido crystal
Se namora de sua formosura :
N'elle as pendentes ramas da 'spessura
Debuxando-se estão ao natural.
Adonis, com que a linda Cytherêa
Se recrêa,
Bem florido,
Convertido
Na bonina,
Qu'Erycina
Por imagem deixou de qual sería
Aquelle por quem ella se perdia.
Logar alegre, fresco, acommodado
Para se deleitar qualquer amante,
A quem com sua ponta penetrante
O cego Amor tivesse derribado ;
E para memorar ao som das ágoas
Suas mágoas
Amorosas,
As cheirosas
Flôres vendo,
Escolhendo,
Para fazer preciosas mil capellas,
E dar por gram penhor a Nymphas bellas.
Eu d'ellas, por penhor de meus amores,
Huma capella á minha deosa dava :
Que lhe queria bem, bem lhe mostrava
O bem-mequeres entre tantas flôres :
Porém, como se fôra mal-me-queres,
Os podêres
Da crueldade
Na beldade
Bem mostrou :
Desprezou
A dadiva de flôres ; não por minha,
Mas porque muitas mais ella em si tinha.

CANÇÃO XVI

A vida já passei assaz contente,
Livre tinha a vontade e o pensamento,
Sem receios d'Amor, nem da ventura:
Mas isto foi hum bem d'hum só momento;
E á minha custa vejo claramente,
Que a vida não dá algum de muita dura.
No tempo em qu'eu vivia mais segura
D'Amor e seu cuidado,
Por me vêr n'hum estado
Em qu'eu cuidei que Amor não tinha parte;
Não sinto por qual arte
Me vejo entregue a elle de tal sorte,
Qu'em quanto tarda a morte,
A esperança do bem tenho perdida.
Ai quão devagar passa a triste vida!
  Quantas vezes eu triste aqui ouvia
O meu Felicio, e outros mil pastores,
Queixar-se em vão de minha crueldade!
E mais surda então eu a seus clamores,
Que áspide surda, ou surda penedia,
Julgava os seus amores por vaidade.
Agora em pago d'isto a liberdade,
A vontade e o desejo
De todo entregue vejo
A quem, inda que brade, não responde;
Pois vejo que s'esconde
Já debaixo da terra este qu'eu chamo,
Que he aquelle a quem amo,
Aquelle a quem agora estou rendida.
Ai quão devagar passa a triste vida!
  Que gloria, Amor cruel, com meu tormento,

Que louvor a teu nome accrescentaste?
Ou que te constrangeu a tal crueza,
Que com tal pressa esta alma sujeitaste
A hum mal, onde não basta o soffrimento?
Mas se, Amor, és cruel de natureza,
Bastava usar commigo da aspereza
Que usas com outras gente:
Mas tu como sómente
De vêr-me estar morrendo te contentas,
Quanto mais me atormentas,
Então desejas mais d'atormentar-me;
E não queres matar-me
Porque este mal de mi se não despida.
Ai quão devagar passa a triste vida!
Onde cousa acharei que alegre veja?
A quem chamarei já que me responda?
Quem me dará remedio á dôr presente?
Não ha bem, que de mi já não s'esconda;
Nem algum verei já, que a mi o seja,
Porqu'está quem o foi da vida ausente.
Eu alguma não vi tão descontente,
Que Amor tão mal tratasse,
Qu'inda não esperasse
A seus males remedio achar vivendo:
Eu só vivo soffrendo
Hum mal tão grave e tão desesperado,
Que tanto he mais pezado,
Quanto a vida com elle he mais comprida.
Ai quão devagar passa a triste vida!
Suaves ágoas, dura penedia,
Arvoredo sombrio, verde prado,
Donde eu já tive livre o pensamento;
Frescas flôres; e vós, meu manso gado,
Que já m'acompanhastes na alegria,
Não me deixeis agora no tormento.

Se do mal meu vos toca sentimento,
Dae-me par'elle ajuda,
Qu'eu tenho a lingua muda,
O alento me vae já desamparando.
Mas quando (ai triste !) quando
D'hum dia hum'hora me virá contente,
Qu'eu te veja presente,
Pastor meu, e comtigo est'alma unida ?
Ai quão devagar passa a triste vida !
Mas não sei se he sobrado atrevimento
Querer-se est'alma minha unir comtigo,
Pois d'ella foste já tão desprezado.
Amor me livrará d'este perigo ;
Que despois que lá vires meu tormento,
Creio que t'haverás por bem vingado.
E s'inda em ti durar o amor passado,
E aquella fé tão pura,
Eu estou bem segura
Que has lá de receber-me brandamente.
Aprenda em mi a gente
Quão cara huma isenção com Amor custa :
A pena dá bem justa
A hum'alma que lhe he pouco agradecida.
Ai quão devagar passa a triste vida !

CANÇÃO XVII

Crecendo vae meu mal d'hora em hora,
Creio, que quer fortuna que pereça
Segundo contra mim sua roda guia,
Pois, se a vida faltar, a pena creça
Que por muito que creça, cruel Senhora,
Por fim, fim hade ter sua porfia.

Que ganhas em perder me?
Que perdes em valer-me,
Se á custa de me olhares brandamente
Me podes ter contente?
E com me dares remedio, e bemfazeres
Não deixarás por isso ser quem eres?
  Se minha pena esquiva e meu tormento,
Te desse de alegria alguma parte,
Contente viveria assi penando,
Porque, como pertendo contentar-te,
Me estaria suavemente deleitando,
Mas, claramente estou de ti notando,
N'esses teus olhos bellos
Se acerto huma hora vel-os
Quão pouca conta tens com que padeço.
Ai que mui bem conheço,
Senhora, que por meu destino e sorte
Tens essa condição tão dura e forte.
  Um tigre, qualquer fera irracional,
Com sua asperidade tem amor,
E por elle vive em paz silvestremente:
As aves, a maior e a menor,
Todas com um instincto natural
Possuem amor e o tem naturalmente;
E tu, de perfeição tão excellente,
De tanta honestidade,
De tanta divindade,
De tanta galhardia e gentileza,
Somente tens crueza!
Creo que com razão a ti compete
O nome de cruel Anaxarete.
  Se cuidas, que servir-te não mereço
Por minha indinidade e tua valia,
Engana-te, Senhora, o pensamento;
Que, se tens gentileza e galhardia,

Eu tenho fiel amor, de tanto preço,
Que me iguala com teu merecimento.
Mas pouco presta ter tal fundamento,
Quem tem contrario o fado;
Amar-te, me he forçado;
Teu merecer altivo me faz força;
Mas quanto mais me esforça
A fé de meu amor e confiança,
Mais me desdenhas tu com esquivança.
Que vale tua gentileza e alegre vista?
Que vale que sejas tão formosa dama,
Se tudo tens em ti tão submergido?
A fresca flór, que cuberta a rama,
A quem o tempo gasta sem ser vista,
Nenhuma cousa presta haver nacido;
O ouro nada vale, se está escondido
Em sua propria mina,
E não se tira e afina;
Nem a pérola em sua concha fea
Escondida na areia;
Porque, sem a humana companhia
Nenhuma cousa tem sua valia.
Assim, sua graça summa sobrehumana,
Angelica figura grave e honesta,
O preço perde estando em ti escondida;
Pois, teu cabello d'ouro e branca testa,
Rostro bello, florída edade ufana,
Gastas sem companhia em deserta vida.
Ó ingrata, cruel desconhecida!
O campo que merece,
Ou que te agradece,
Gastares n'elle edade tão sublime?
Dás-lhe o que não estima,
Dás-lhe, com larga mão o que me negas,
Em fim, a luz lhe dás, a mim as trevas.

Olha, que com pressa o tempo vôa,
E como, com corrida pressurosa
Calladamente a fim tudo caminha;
Procura de gosar de tua pessoa;
Porque depois de seca a fresca rosa,
Sem preço e sem valia fica a espinha;
Confeço-te, que a graça que ella tinha,
Se o tempo quiz tirar-lh'a
O mesmo torna a dar-lh'a;
E se perde a sazão que a ennobrece,
Ao outro anno reverdece;
Mas, tua sazão fresca se se perde,
Não cuides que jamais se torna verde.
Se te fez natureza tão preclara,
Se te dotou de graça e perfeição,
Com ella não assanhes a ventura;
Olha que estás agora em tua sazão,
Não sejas para ti mesma avara;
Vê, que a fruta hade colher-se se he madura;
Se deixares murchar tua formosura,
Que agora mal despendes,
Depois, se te arrependes,
O tempo, como corre á redea solta,
Não torna mais a dar volta,
Nem nosso estado humano é tão felice
Que se renove assim como a Fenice.
Como posso esperar de ti piedade,
Se tu, com teu intento deshumano,
Comtigo mesmo usando estás crueza?
Claro está de meu mal o desengano;
Quem não terá para si liberdade
Mal poderá para outrem ter largueza.
Mas comtudo, essa roda de aspereza
Espero que desande
E alguma hora abrande;

Porque, por tempo as feras das montanhas
Abrandam suas sanhas,
E o feroz cavallo, altivo, ufano,
Por tempo se sobmette ao uso humano.
Se para atormentar-me estás contente,
Se para crueldade tens tal posse,
A esperança em mim vive segura;
Porque, por tempo a romãa se faz doce,
E se quebra o forte diamante,
A agua branda cava a pedra dura:
Quiçais permittirá minha ventura,
Que algum tempo veja
O bem que a alma deseja;
E no tempo brumal o céo espelhado
Não está sempre offuscado;
E ás vezes o mar manso tem tormenta,
Mas escassa-se o vento, a furia assenta.
Se de qualquer trabalho, pouco ou muito,
Senhora, galardão igual se espera,
E dar se a quem o merece se costuma,
De meu amor constante e fé sincera,
Bem posso com razão esperar fructo;
Se te offendo com isto em cousa alguma,
A vida pois se gaste e se consumma
Em tão gentil demanda,
Pois que amor o manda;
E se n'ella quizer fortuna ou fado,
Que seja de ti amado,
Não quero d'elle gloria mais cumprida
E quando não, morrer por ti he vida.
Canção, perdida vás, mas mais perdido
Está quem te offerece ao seco vento;
Pois, para sentir males tem sentido,
E para mais lhe falta o sentimento:
Sei, que queixas ao doente he concedido,

Queixar-se de seu mal, de seu tormento,
Por tanto deixa-te ir, e d'onde fôres
Publíca meu tormento e mal de amores.

CANÇÃO XVIII

Bem aventurado aquelle que ausente
Do rebolico, tráfego e tumulto,
Vê de longe as perdas e insultos,
Que faz o mundo vil da necia gente.
Aos cuidados têm posto freio
Mui alheio
Do perigo
Que comsigo
Traz a vida,
Que embebida
No peçonhento gosto da cubiça
O fogo com que arde assim atiça.
  Não se mantem no gosto dos favores,
Enlevado nas falsas esperanças,
Vis, lhe parecem, e baixas as privanças
Dos princepes, dos reis e dos senhores;
Por abundancia tem e por riqueza
A pobreza,
Que imiga
Da fadiga
Não consente
Descontente,
Por vêr o coração, que por viver
Sem cuidado e temor quiz pobre ser.
  Piza com peito forte e animoso
As ambições que os olhos d'alma cegam,

Despreza as vãs promessas que enlevam
Ao vão pensamento cuidadoso;
Este por máo e por perverso tive,
E assim vive,
Porque a vida
Consummida
Com cuidados
Escusados
E sugeita a desconcertos da ventura
Não é vida vital, mas morte pura.
Não tiram o doce somno as lembranças
Importunas do bem ou mal futuro;
Os varios successos vê seguro,
Livre de medo, isempto de mudanças;
E posto que a vida breve seja,
Não deseja
Estendel a;
Gosa d'ella
Que parece
Que enriquece;
Porque a vida occupada em buscar vida,
Acha-se mal gastada e não crescida.
Não anda entre amigos incubertos,
A perigos immensos avisado,
Mas co'animo constante e socegado,
Gosa dos corações leaes e certos;
Quando o bravo mar furioso
Bellicoso
Fogo accende,
E pretende
Com estranha
Ira e sanha
Roubar a cara paz, cá na terra,
Com socego está-se rindo da guerra.
Não ouve da trombeta temerosa

O rouco som que assombra o esforçado;
Não teme do cruel e vão soldado
A espada de sangue cubiçosa;
Nem o pelouro da espingarda saindo,
Retinindo
Pelo ár vôa
Ledo, e sôa;
Mas descendo,
Não se vendo,
Vae ferir entre muitos o coitado,
Que tal caso está bem descuidado.
E posto que o livre entendimento
Captiva a vista, e regra a lei que segue,
E a outra vontade a sua entregue,
Refreando o errado pensamento;
Comtudo, tem mais certa liberdade
A vontade
Que acceita
Ser sugeita,
Porque os danos
E enganos
Que procedem do proprio parecer,
Senhor de si a hum não deixa ser.
Ora da baxa terra alevanta
O experto pensamento ao céo formoso,
E da vida e de si mesmo queixoso,
Morre por possuir riqueza tanta;
Ora com doces ais o céo rompendo
E gemendo
Diz á morte:
Dura sorte!
Se vieras
E me deras
Hum golpe tão esquivo que morrera,
Por verdadeira vida te tivera.

CANÇÃO XIX

Porque a vossa belleza a si se vença,
Taes extremos mostrastes,
Que mais bella ficastes
Co'o passado rigor d'esta doença;
Assi depois, a discorada rosa
Se reverdece fica mais formosa;
Assim depois, do inverno e seus rigores,
Se mostra a primavera com mais flores;
Assim depois, que eclipse o sol padece,
Com mais formosos raios resplandece.
Já de vossa saude o sol se alegra,
E se negro vestia
Se veste de alegria,
E se mostra mais clara a noute negra,
Os campos secos floreceis, Senhora,
Sem flores já enferma a sua Flora;
Tambem os elementos se alegraram,
Que o vosso mal sentiram e choraram;
Alegre canta o passaro mais rudo,
Tudo se alegra, ou vós alegraes tudo.
Alegraes terra e céo com as luzes bellas
D'esses olhos formosos,
Que são tão milagrosos,
Que dão flores á terra, ao céo estrellas;
Ao Tejo, que ainda tem maior ventura
Daes o retrato d'essa formosura,
Que he de riquezas bem maior thesouro,
Que o levar as areias de fino ouro:
Pois tudo enriqueceis, Senhora, vêmos,
Que sois mais rica, e tendes mais extremos.
Festeja o mesmo amor vossa ventura

E a saude, de soberba n'ella,
Se mostra já mais bella,
E se enriquece em vossa formosura:
As graças, coroadas de mil flores,
Vos corôam por deosa dos amores,
E vos dão, o que vosso abril vos dera,
Que, tambem sois das Graças primavera:
Já que alegraes a tudo com saude,
Tudo se alegre, e ella não se mude.

SEXTINAS

SEXTINA I

Foge-me pouco a pouco a curta vida,
Se por caso he verdade qu'inda vivo;
Vae-se-me o breve tempo d'ante os olhos;
Chóro por o passado; e em quanto fallo,
Se me passam os dias passo a passo.
Vae-se-me, emfim, a idade, e fica a pena.

Que maneira tão áspera de pena!
Pois nunca hum'hora viu tão longa vida
Em que do mal mover se visse um passo.
Que mais me monta ser morto ou vivo?
Para que chóro, emfim? para que fallo,
Se lograr-me não pude de meus olhos?

Oh formosos, gentís e claros olhos,
Cuja ausencia me move a tanta pena,
Quanta se não comprende em quanto fallo!
Se no fim de tão longa e curta vida
De vós m'inflammasse inda o raio vivo,
Por bem teria todo o mal que passo.

Mas bem sei que primeiro o extremo passo
Me ha de vir a cerrar os tristes olhos,
Que Amor me mostre aquelles por quem vivo.
Testimunhas serão a tinta e penna,
Qu'escreveram de tão molesta vida
O menos que passei, e o mais que fallo.

Oh que não sei qu'escrevo, nem que fallo!
Pois se d'hum pensamento em outro passo,
Vejo tão triste genero de vida,

Que se lhe não valerem tanto os olhos,
Não posso imaginar qual seja a penna
Qu'esta pena traslade com que vivo.

N'alma tenho contino hum fogo vivo,
Que se não respirasse no que fallo,
Estaria já feita cinza a pena;
Mas sobre a maior dôr que soffro e passo,
O temperam com lagrimas os olhos:
Com que, se foge, não se acaba a vida.

Morrendo estou na vida e em morte vivo;
Vejo sem olhos, e sem lingua fallo;
E juntamente passo gloria e pena.

SEXTINA II

A culpa de meu mal só têm meus olhos,
Pois que deram a Amor entrada n'alma,
Para que perdesse eu a liberdade.
Mas quem póde fugir a uma brandura,
Que despois de vos pôr em tantos males,
Dá por bens o perder por ella a vida?

Assaz de pouco faz quem perde a vida
Por condição tão dura e brandos olhos;
Pois de tal qualidade são meus males,
Que o mais pequeno d'elles toca n'alma.
Não s'engane com mostras de brandura
Quem quizer conservar a liberdade.

Roubadora he de toda librdade
(E oxalá perdoasse á triste vida!)
Esta que o falso Amor chama brandura,
Ai meus, antes imigos, que meus olhos!

Que mal vos tinha feito esta vossa alma,
Para vós lhe fazerdes tantos males?

Cresçam de dia em dia embora os males;
Perca-se embora a antiga liberdade;
Transforme-se em amor esta triste alma;
Padeça embora esta innocente vida;
Que bem me pagam tudo estes meus olhos,
Quando de outros, se os vêm, vem a brandura.

Mas como n'elles póde haver brandura,
Se causadores são de tantos males?
Engano foi d'Amor, porque meus olhos
Dessem por bem perdida a liberdade.
Já não tenho que dar senão a vida,
Se a vida já não deu, quem já deu a alma,

Que póde já 'sperar quem a sua alma
Captiva eterna fez d'huma brandura
Que quando vos dá morte, diz qu'he vida?
Forçado me he gritar n'estes meus males,
Olhos meus: pois por vós a liberdade
Perdi, de vós me queixarei, meus olhos.

Chorae, meus olhos, sempre os damnos d'alma,
Pois daes a liberdade a tal brandura,
Que para dar mais males, dá mais vida.

SEXTINA III

O triste, oh tenebroso, oh cruel dia,
Amanhecido só para meu damno!
Pudeste-me apartar d'aquella vista
Por quem vivia com meu mal contente?
Ah se o supremo fôras d'esta vida,
Qu'em ti se começára a minha glória!

Mas como eu não nasci para ter glória,
Senão pena que cresça cada dia,
O Ceo m'está negando o fim da vida,
Porque não tenha fim com ella o damno :
Para que nunca possa ser contente,
Da vista me tirou aquella vista.

Suave, deleitosa, alegre vista,
D'onde pendia toda a minha glória,
Por quem na mór tristeza fui contente ;
Quando será que veja aquelle dia
Em que deixe de vêr tão grave damno,
E em que me deixe tão penosa vida ?

Como desejarei humana vida,
Ausente d'huma mais que humana vista,
Que tão glorioso me fazia o damno !
Vejo o meu damno sem a sua glória ;
A' minha noite falta já seu dia :
Triste tudo se vê, nada contente.

Pois sem ti já não posso ser contente,
Mal posso desejar sem ti a vida ;
Sem ti já vêr não posso claro dia,
Não posso sem te desejar vista ;
Na tua vista só se via a glória,
Não vêr a glória tua he vêr meu damno.

Não via maior glória que meu damno,
Quando do damno meu eras contente :
Agora me he tormento a maior glória,
Que póde prometter-me Amor na vida,
Pois tornar-te não póde á minha vista,
Que só na tua achava a luz do dia.

E pois de dia em dia cresce o damno,
Nem posso sem tal vista ser contente,
Só com perder a vida acharei glória.

SEXTINA IV

Sempre me queixarei d'esta crueza
Que Amor usou commigo quando o tempo,
A pezar de meu duro e triste fado,
A meus males queria dar remedio,
Em apartar de mi aquella vista,
Por quem me contentava a triste vida.

Levára-me, oxalá, traz ella a vida,
Para que não sentíra esta crueza
De me vêr apartado de tal vista!
E praza a Deos não veja o proprio tempo
Em mi, sem esperança de remedio,
A desesperação d'hum triste fado!

Porém já acabe o triste e duro fado!
Acabe o tempo já tão triste vida,
Qu'em sua morte só tem seu remedio.
O deixar-me viver he mór crueza,
Pois desespéro já d'em algum tempo
Tornar a vêr aquella doce vista.

Duro Amor! se pagava só tal vista
Todo o mal que por ti me fez meu fado,
Porque quizeste que a levasse o tempo?
E se o assi quizeste, porque a vida
Me deixas para vêr tanta crueza,
Quando em não vêl-a só vejo o remedio?

Tu só de minha dôr eras remedio,
Suave, deleitosa e bella vista.
Sem ti, que posso eu vêr senão crueza?
Sem ti, qual bem me póde dar o fado,
Se não he consentir que acabe a vida?
Mas elle d'ella me dilata o tempo.

Azas para voar vejo no tempo,
Que com voar a muitos foi remedio;
E só não vôa para a minha vida.
Para que a quero eu sem tua vista?
Para que quer tambem o triste fado
Que não acabe o tempo tal crueza?

Não poderão fazer crueza, ou tempo,
Fôrça de fado, ou falta de remedio,
Qu'essa vista m'esqueça em toda a vida.

SEXTINA V

Tão crua nympha, nem tão fugitiva
Com lindo pé pizou
A verde herva, nem colheu brancas flôres,
Soltando seus cabellos d'ouro fino
Ao vento que em doces nós os olhos ata,
Nem tão linda, discreta e tão formosa
Como esta minha inimiga.

Aquillo que em pessoa que hoje viva
No mundo nao se achou,
Quiz n'ella a natureza seus primores
Mostrando que se achasse de contino,
Castidade e belleza; huma me mata,
A outra de suave e deleitosa
Me faz doce fadiga.

Mas esta bella fera tão esquiva
Que o prazer me roubou,
Quiz-me pagar seus unicos louvores
Cantando eu n'um estylo d'ella indino;
Porque se de louvor tão alto trata
Não sei eu tão baxo verso e prosa
Que escreva, nem que diga.

Aquella luz que a do sol claro priva,
E a minha me cegou,
Aquelle mover d'olhos minhas dôres
Causando no olhar manso e divino,
O doce rir que esta alma desbarata,
Faz a sua pena desejosa
E de seu mal amiga.

Dos bellos olhos veiu a chamma viva,
Que n'alma se ateou
Com lenha de vossos desfavores,
Queimando dentro o coração mofino,
Cujo fim por mór damno se dilata
Com a esperança falsa e duvidosa
Que forçado é qne siga.

Minha ou vossa, vendo-se cativa
Que Deos livre creou,
Se a queixa d'esses olhos roubadores
Culpando ao claro raio peregrino;
Mas logo a luz suave que a resgata
De vossa linda vista graciosa
A faz que se desdiga.

Nenhuma que no mundo humana viva
Que o creador formou
Por milagre maior entre os maiores,
Formando um feito de tal feitor dino:
Deos não quer que sejaes, Senhora, ingrata,
Mas que ajudeis huma alma desditosa
Que em vos servir periga:
A soffrer esta pena rigorosa
Vosso valor me obriga.

ODES

ODE I

Á Lua

Detem um pouco, Musa, o largo pranto
Que Amor te abre do peito;
E vestida de rico e ledo manto,
Demos honra e respeito,
A'quella, cujo objeito
Todo o mundo allumia,
Trocando a noite escura em claro dia.

Ó Delia, que a pezar de nevoa grossa,
Co'os teus raios de prata
A noite escura fazes que não possa
Encontrar o que trata,
E o que n'alma retrata
Amor por teu divino
Rosto, por qu'endoudeço e desatino:

Tu, que de formosissimas estrellas
Corôas e rodeias
Tua candida fronte e faces bellas;
E os campos formoseias
Co'as rosas que semeias,
Co'as boninas que gera
O teu celeste humor na primavera:

Para ti guarda o sítio fresco d'Ilio
Suas sombras formosas;
Para ti o Erymantho e o lindo Pylio
As mais purpureas rosas;
E as drogas mais cheirosas

D'esse nosso Oriente
Guarda a felice Arabia mais contente.

De qual panthera ou tigre, ou leopardo
As asperas entranhas
Não temeram teu fero e agudo dardo,
Quando por as montanhas
Mais remotas e extranhas
Ligeira atravessavas,
Tão formosa, que a Amor d'amor matavas?

Pois, Delia, do teu céo vendo estás quantos
Furtos de puridades,
Suspiros, maguas, ais, musicas, prantos,
As conformes vontades,
Humas por saudades,
Outras por crus indicios
Fazem das proprias vidas sacrificios:

Já veiu Endymião por estes montes
O céo suspenso, olhando,
E teu nome, co'os olhos feitos fontes,
Em vão sempre chamando,
Pedindo (suspirando)
Mercês á tua beldade,
Sem que ache em ti hum'hora piedade.

Por ti feito pastor de branco gado
Nas selvas solitarias,
Só de seu pensamento acompanhado,
Conversa as alimarias,
De todo Amor contrárias,
Mas não, como ti, duras,
Onde lamenta e chora desventuras.

Das castas virgens sempre os altos gritos,
Clara Lucina, ouviste,
Renovando-lhe as forças e os espritos:
Mas os d'aquelle triste,

Já nunca consentiste
Ouvil-os hum momento,
Para ser menos grave o seu tormento.

Não fujas, não de mim! Ah não t'escondas
D'hum tão fiel amante!
Olha como suspiram estas ondas,
E como o velho Atlante
O seu collo arrogante
Move piedosamente,
Ouvindo a minha voz fraca e doente.

Triste de mi! Qu'alcanço por queixar-me,
Pois minhas queixas digo
A quem já ergueu a mão para matar-me
Como a cruel imigo?
Mas eu meu fado sigo,
Que a isto me destina,
E que isto só pretende e só m'ensina.

Oh quanto ha já que o céo me desengana!
Mas eu sempre porfio
Cada vez mais na minha teima insana.
Tendo livre alvedrio,
Não fujo o desvario;
Porque este em que me vejo
Engana co'a esperança o meu desejo.

Oh quanto melhor fôra que dormissem
Hum somno perennal
Estes meus olhos tristes, e não vissem
A causa de seu mal
Fugir, a hum tempo tal,
Mais que d'antes proterva,
Mais cruel que ursa, mas fugaz que cerva!

Ai de mi, que me abrazo em fogo vivo,
Com mil mortes ao lado;

E quando morro mais, então mais vivo,
Porque tem ordenado
Meu infelice fado,
Que quando me convida
A morte, para a morte tenha vida.

Secreta noite amiga, a quem obedeço,
Estas rosas (por quanto
Meus queixumes me ouviste) te offereço,
E este fresco amaranto,
Humido já do pranto,
E lagrimas da esposa
Do cioso Titão, branca e formosa.

ODE II

Tão suave, tão fresca e tão formosa,
Nunca no céo sahiu
A Aurora no principio do verão,
A's flores dando a graça costumada,
Como a formosa mansa fera, quando
Hum pensamento vivo m'inspirou,
Por quem me desconheço.

Bonina pudibunda, ou fresca rosa,
Nunca no campo abriu,
Quando os raios do sol no Touro estão,
De côres differentes esmaltada,
Como esta flôr, que os olhos inclinando,
O soffrimento triste costumou
A' pena que padeço.

Ligeira, bella Nympha, linda, irosa,
Não creio que seguiu
Satyro, cujo brando coração

D'amores commovesse fera irada,
Que assi fosse fugindo e despresando
Este tormento, d'onde Amor mostrou
Tão prospero começo.

Nunca, emfim, cousa bella e rigorosa
Natura produziu,
Que iguale aquella fórma e condição,
Que as dores em que vivo estima em nada.
Mas com tão doce gesto irado e brando,
O sentimento, e a vida me enlevou,
Que a pena lhe agradeço.

Bem cudei d'exaltar em verso, ou prosa,
Aquillo que a alma viu
Entre a doce dureza e mansidão,
Primores de belleza desusada;
Mas quando quiz voar ao céo cantando;
Entendimento e engenho me cegou
Luz de tão alto preço.

N'aquella alta pureza deleitosa
Que ao mundo s'encobriu;
E nos olhos angelicos, que são
Senhores d'esta vida destinada;
E n'aquelles cabellos, que soltando
Ao manso vento, a vida me enredou,
Me alegro e me entristeço.

Saudade e suspeita perigosa,
Que Amor constituiu
Por castigo d'aquelles que se vão;
Temores, penas d'alma despresada,
Fera esquivança, que me vae tirando
O mantimento que me sustentou,
A tudo me offereço.

Amor isento a huns olhos me entregou,
Nos quaes a Deos conheço.

ODE III

Se de meu pensamento
Tanta razão tivera d'alegrar-me,
Quanto de meu tormento
A tenho de queixar-me,
Puderas, triste lyra, consolar-me.

E minha voz cansada,
Que em outro tempo foi alegre e pura,
Não fôra assi tornada,
Com tanta desventura,
Tão rouca, tão pesada, nem tão dura.

A ser como sohia,
Pudera levantar vossos louvores;
Vós, minha Hierarchia,
Ouvíreis meus amores
Qu'exemplo são ao mundo já de dôres.
Alegres meus cuidados,
Contentes dias, horas e momentos,
Oh quanto bem lembrados
Sois de meus pensamentos,
Reinando agora em mi duros tormentos!

Ai gostos fugitivos!
Ai gloria ja acabada e consummida!
Ai males tão esquivos!
Qual me deixaes a vida!
Quão cheia de pezar! quão destruida!

Mas como não he morta
Ja esta vida? como tanto dura?
Como não abre a porta
A tanta desventura,
Qu'em vão com seu poder o tempo cura

Mas para padecêl-a
S'esforça o meu sogeito e convalece;
Que só para dizêl-a,
A fôrça me fallece,
E de todo me cansa e m'enfraquece.

Oh bem affortunado
Tu, que alcançaste com lyra toante,
Orphéo, ser escutado
Do féro Rhadamante,
E co'os teus olhos vêr a doce amante!

As infernaes figuras
Moveste com teu canto docemente;
As tres Furias escuras,
Implacaveis á gente,
Applacadas se viram de repente.

Ficou como pasmado
Todo o estygio reino co'o teu canto;
E quasi descansado
De seu eterno pranto.
Cessou de alçar Sisypho o grave canto.

A ordem se mudava
Das penas que regendo está Plutão;
Em descanso se achava
A roda de Ixião,
E em glória quantas penas alli são.

De todo já admirada
A Rainha infernal e commovida,
Te deu a desejada
Esposa, que perdida
De tantos dias já tivera a vida.

Pois minha desventura,
Como já não abranda hum'alma humana,
Qu'he contra mi mais dura,

E inda mais deshumana,
Que o furor de Callirrhoë profana?

Oh crua, esquiva e fera,
Duro peito, cruel e empedernido,
D'alguma tigre fera
Lá na Hircania nascido,
Ou d'entre as duras rochas produzido!

Mas que digo, coitado!
E de quem fio em vão minhas querellas?
Só vós, oh do salgado,
Humido Reino bellas
E claras Nymphas, condoei-vos d'ellas.

E d'ouro guarnecidas
Vossas louras cabeças levantando
Sobre as ondas erguidas,
As tranças gottejando,
Sahindo todas, vinde a vêr qual ando.

Sahi em companhia,
E cantando e colhendo as lindas flores;
Vereis minha agonia,
Ouvireis meus amores,
E sentireis meus prantos, meus clamores.

Vereis o mais perdido
E mais infeliz corpo qu'he gerado;
Qu'está ja convertido
Em chôro, e n'este estado
Sómente vive n'elle o seu cuidado.

ODE IV

Formosa fera humana,
Em cujo coração soberbo e rudo
A força soberana
Do vingativo Amor, que vence tudo,
As pontas amoladas
De quantas settas tinha tem quebradas:

Amada Circe minha,
Postoque minha não, comtudo amada;
A quem hum bem que tinha
Da doce liberdade desejada,
Pouco a pouco entreguei,
E se mais tenho, mais entregarei;

Pois natureza irosa
Da razão te deu partes tão contrárias,
Que sendo tão formosa,
Folgues de te queimar em flammas várias,
Sem arder em nenhuma
Mais qu'em quanto allumia o mundo a lua;

Pois triumphando vás
Com diversos despojos de perdidos,
Que tu privando estás
De razão, de juizo e de sentidos,
E quasi a todos dando
Aquelle bem que a todos vás negando;

Pois tanto te contenta
Vêr o nocturno moço, em ferro envolto,
Debaixo da tormenta
De Jupiter em agua e vento sôlto,
A' porta, que impedido
Lhe tem seu bem, de mágoa adormecido;

Porque não tens receio
Que tantas insolencias e esquivanças
A deosa, que põe freio
A soberbas e doudas esperanças,
Castigue com rigor,
E contra ti se accenda o fero Amor ?

Olha a formosa Flora;
De despojos de mil suspiros rica,
Por o Capitão chora,
Que lá em Thessalia, emfim, vencido fica,
E foi sublime tanto,
Que altares lhe deu Roma e nome santo.

Olha em Lesbos aquella
No seu salteiro insigne conhecida;
Dos muitos que por ella
Se perderam, perdeu a cara vida
Na rocha que se infama
Com ser remedio extremo de quem ama.

Por o moço escolhído,
Onde mais se mostraram as tres Graças;
Que Venus escondido
Para si teve um tempo entre as alfaças,
Pagou co'a morte fria
A má vida que a muitos já daria.

E. vendo-se deixada
D'aquella por quem tantos já deixára,
Se foi desesperada,
Precipitar da infame rocha cara:
Que o mal de mal querida
Sabe que vida lhe he perder a vida.

Tomae-me, bravos mares;
Vós me tomae, pois outrem me deixou.
Disse: e dos altos ares
Pendendo com furor s'arremessou.

Acude tu, suave,
Acude, poderosa e divina ave.

Toma-a nas azas tuas,
Menino pio, illesa e sem perigo,
Antes que n'estas cruas
Aguas cahindo apague o fogo antigo.
He digno amor tamanho
De viver, e ser tido por estranho.

Não: qu'he razão que seja
Para as lobas isentas, que amor vendem,
Exemplo onde se veja
Que tambem ficam presas as que prendem.
Assi o deu por sentença
Némesis, que Amor quiz que tudo vença.

ODE V

Nunca manhã suave
Estendendo seus raios por o mundo,
Despois de noite grave,
Tempestuosa, negra, em mar profundo
Alegrou tanto náo, que já no fundo
Se viu em mares grossos,
Como a luz clara a mi dos olhos vossos.

Aquella formosura,
Que só no virar d'elles resplandece;
E com que a sombra escura
Clara se faz, e o campo reverdece;
Quando o meu pensamento se entristece,
Ella e sua viveza
Me desfazem a nuvem da tristeza.

O meu peito, onde estaes,
He para tanto bem pequeno vaso;
Quando acaso viraes
Os olhos, que de mi não fazem caso,
Todo, gentil Senhora, então me abraso
Na luz que me consumme,
Bem como a borboleta faz no lume.

Se mil almas tivera
Que a tão formosos olhos entregára,
Todas quantas pudera
Por as pestanas d'elles pendurára;
E, enlevadas na vista pura e clara,
(Postoque d'isso indinas)
Se andaram sempre vendo nas meninas.

E vós, que descuidada
Agora vivereis de taes querellas,
D'almas minhas cercada,
Não pudesseis tirar os olhos d'ellas;
Não póde ser que, vendo a vossa entr'ellas
A dôr que lhe mostrassem,
Tantas huma alma só não abrandassem.

Mas, pois o peito ardente
Huma só póde ter, formosa Dama,
Basta que esta sómente,
Como se fossem mil e mil, vos ama,
Para que a dôr de sua ardente flamma
Comvosco tanto possa,
Que não queiraes vêr cinza hum'alma vossa.

ODE VI

A D. Francisca de Aragão

Póde hum desejo immenso
Arder no peito tanto,
Que á branda e á viva alma o fogo intenso
Lhe gaste as nodoas do terreno manto;
E purifique em tanta alteza o esprito
Com olhos immortaes,
Que faz que leia mais do que vê 'scrito.

Que a flamma, que se accende
Alto, tanto allumia,
Que se o nobre desejo ao bem s'estende
Que nunca viu, o sente claro dia;
E lá vê do que busca o natural,
A graça, a viva côr,
N'outra especie melhor que a corporal.

Pois vós, ó claro exemplo
De viva formosura,
Que de tão longe cá noto e contemplo
N'alma, que este desejo sobe e apura;
Não creaes que não vejo aquella imagem
Que as gentes nunca vêm,
Se de humanos não tem muita vantagem.

Que se os olhos ausentes
Não vêm a compassada
Proporção, que das côres excellentes
De pureza e vergonha é variada;
Da qual a Poesia que cantou
Atéqui só pinturas
Com mortaes formosuras igualou;

Se não vêm os cabellos
Que o vulgo chama de ouro;
E se não vêm os claros olhos bellos,
De quem cantam que são de sol thesouro;
E se não vêm do rosto as excellencias,
A quem dirão que deve
Rosa, e crystal, e neve as apparencias;

Vêm logo a graça pura,
A luz alta e severa,
Que he raio da divina formosura,
Que n'alma imprime e fóra reverbera;
Assi como crystal do sol ferido,
Que por fóra derrama
A recebida flamma esclarecido.

E vêm a gravidade,
Com a viva alegria
Que misturada tem de qualidade,
Que huma da outra nunca se desvia;
Nem deixa de ser huma receada
Por leda e por suave,
Nem outra, por ser grave, muito amada.

E vêm do honesto siso
Os altos resplandores
Temperados co'o doce e ledo riso,
A cujo abrir abrem no campo as flôres;
As palavras discretas e suaves,
Das quaes o movimento
Fará deter o vento e as altas aves:

Dos olhos o virar
Que torna tudo raso,
Do qual não sabe o engenho divisar
Se foi por artificio, ou feito acaso;

Da presença os meneios e a postura,
O andar e o mover-se,
D'onde póde aprender-se formosura.

Aquelle não sei que,
Que aspira não sei como,
Qu'invisivel sahindo, a vista o vê,
Mas para o comprender não lhe acha tomo;
E que toda a toscana Poesia,
Que mais Phebo restaura,
Em Beatriz, nem Laura nunca via:

Em vós a nossa idade,
Senhora, o póde vêr,
S'engenho, se sciencia e habilidade,
Iguaes á vossa formosura der,
Qual a vi no meu longo apartamento,
Qual em ausencia a vejo.
Taes azas dá o desejo ao pensamento!

Pois se o desejo afina
Hum'alma accesa tanto,
Que por vós use as partes de divina;
Por vós levantarei não visto canto,
Que o Betis me ouça, e o Tibre me levante:
Que o nosso claro Tejo,
Envolto um pouco o vejo e dissonante.

O campo não o esmaltam
Flôres, mas só abrolhos
O fazem feio; e cuido que lhe faltam
Ouvidos para mi, para vós olhos.
Mas faça o que quizer o vil costume;
Que o sol, qu'em vós está,
Na escuridão dará mais claro lume.

ODE VII

A Dom Manuel de Portugal

A quem darão de Pindo as moradoras,
Tão doctas como bellas,
Florecentes capellas
De triumphante louro, ou myrto verde;
Da gloriosa palma, que não perde
A presumpção sublime,
Nem por força de pêzo algum se opprime?

A quem trarão nas faldas delicadas,
Rosas, a rôxa Cloris,
Conchas a branca Doris;
Estas, flôres do mar; da terra aquellas,
Argenteas, ruivas; brancas e amarellas,
Com danças e corêas
De formosas Nereidas e Napêas?

A quem farão os Hymnos, Odes, Cantos,
Em Thebas Amphion,
Em Lesbos Arion,
Senão a vós, por quem restituida
Se vê da Poesia já perdida
A honra e gloria igual,
Senhor Dom Manoel de Portugal?

Imitando os espritos já passados,
Gentis, altos, reaes,
Honra benigna daes
A meu tão baixo quão zeloso engenho.
Por Mecenas a vós celebro e tenho;
E sacro o nome vosso
Farei, se alguma cousa em verso posso.

O rudo Canto meu, que resuscita
As honras sepultadas,
As palmas já passadas
Dos bellicosos nossos Lusitanos
Para thesouro dos futuros annos,
Comvosco se defende
Da lei lethêa, á qual tudo se rende.

Na vossa arvore ornada d'honra e glória
Achou tronco excellente
A hera florecente
Para a minha atéqui de baixa estima:
N'elle, para trepar, s'encosta e arrima;
E n'ella subireis
Tão alto, quanto os ramos estendeis.

Sempre foram engenhos peregrinos
Da Fortuna invejados;
Que quanto levantados
Por um braço nas azas são da Fama,
Tanto por outro aquella, que os desama,
Co'o pêzo e gravidade
Os opprime da vil necessidade.

Mas altos corações dignos d'Imperio,
Que vencem a Fortuna,
Foram sempre coluna
Da sciencia gentil: Octaviano,
Scipião, Alexandre e Graciano,
Que vemos immortaes;
E vós, que o nosso seculo douraes.

Pois, logo, em quanto a cithara sonora
S'estimar por o mundo,
Com som docto e jucundo;

E em quanto produzir o Tejo e o Douro
Peitos de Marte e Phebo crespo e louro,
Tereis gloria immortal,
Senhor Dom Manoel de Portugal.

ODE VIII

A Dom Francisco Coutinho sobre o livro que compôz o doutor Orta, «De Simplicibus»

Aquelle unico exemplo
De fortaleza heroica e ousadia,
Que mereceu no templo
Da Fama eterna ter perpétuo dia;
O grão filho de Thetis, que dez annos
Flagello foi dos miseros Troianos;

Não menos ensinado
Foi nas hervas e Medica polícia,
Que destro e costumado
No soberbo exercicio da Milicia:
Assi que as mãos que a tantos morte deram,
Tambem a muitos vida dar puderam.

E não se desprezou
Aquelle fero e indómito mancebo
Das Artes qu'ensinou
Para o languido corpo o intonso Phebo;
Que se o temido Heitor matar podia,
Tambem chagas mortaes curar sabía.

Taes Artes aprendeu
Do semiviro Mestre e docto velho,
Onde tanto cresceu
Em virtude, e em sciencia e em conselho,
Que Télepho, por elle vulnerado,
Só d'elle pôde ser despois curado.

Pois, vós, ó excellente
E illustrissimo Conde, do céo dado
Para fazer presente
D'altos Heroes o seculo passado;
E em quem bem trasladada está a memoria
De vossos ascendentes, a honra e glória:

Postoque o pensamento
Occupado tenhaes na guerra infesta,
Ou co'o sanguinolento
Taprobano, ou Achem, que o mar molesta,
Ou co'o Cambaico, occulto imigo nosso,
Que qualquer d'elles teme o nome vosso:

Favorecei a antiga
Sciencia que já Achilles estimou;
Olhae que vos obriga
O vêr qu'em vosso tempo rebentou
O fructo d'aquell'Orta onde florecem
Plantas novas, que os doctos não conhecem.

Olhae qu'em vossos annos
Huma Orta produze várias hervas
Nos campos Indianos,
As quaes aquellas doctas e protervas,
Medêa e Circe, nunca conheceram,
Postoque a lei da Magica excederam.

E vêde carregado
D'annos e traz a vária experiencia
Hum velho, qu'ensinado
Das gangeticas Musas na sciencia
Podaliria subtil, e arte sylvestre,
Vence ao velho Chiron, d'Achilles mestre.

O qual está pedindo
Vosso favor e amparo ao grão volume,
Qu'impresso á luz sahindo,
Dará da Medicina um vivo lume;

E descobrir-nos-ha segredos certos,
A todos os Antiguos encobertos

Assi que não podeis
Negar a que vos pede benigna aura:
Que se muito valeis
Na sanguinosa guerra Turca e Maura,
Ajudae quem ajuda contra a morte;
E sereis semelhante ao Grego forte.

ODE IX

Da brevidade da vida

Fogem as neves frias
Dos altos montes quando reverdecem
As arvores sombrias;
As verdes hervas crecem,
E o prado ameno de mil côres tecem.

Zephyro brando espira;
Suas settas Amor afia agora;
Progne triste suspira,
E Philomela chora:
O céo da fresca terra se namora.

Já a linda Cytherêa
Vem, do côro das Nymphas rodeada;
A branca Pasitêa
Despida e delicada,
Com as duas irmãs acompanhada.

Em quanto as officinas
Dos Cyclopas Vulcano está queimando,
Vão colhendo boninas
As Nymphas, e cantando,

A terra co'o ligeiro pé tocando.
Desce do aspero monte
Diana, já cansada da espessura,
Buscando a clara fonte,
Onde por sorte dura
Perdeu Actêo a natural figura.

Assi se vae passando
A verde Primavera e o sêcco Estio;
O Outono vem entrando;
E logo o Inverno frio,
Que tambem passará por certo fio.

Ir-se-ha embranquecendo
Com a frigida neve o sêcco monte;
E Jupiter chovendo
Turbará a clara fonte:
Temerá o marinheiro a Orionte.

Porque, emfim, tudo passa;
Não sabe o tempo ter firmeza em nada;
E a nossa vida escassa
Foge tão apressada,
Que quando se começa he acabada.

Que se fez dos Troianos
Heitor temido, Enêas piedoso?
Consumiram-te os annos,
Ó Cresso tão famoso,
Sem te valer teu ouro precioso.

Todo o contentamento
Crias qu'estava em ter thesouro ufano!
Oh falso pensamento!
Que á custa de teu dano
Do sabio Solon crêste o desengano.

O bem que aqui se alcança,
Não dura por possante, nem por forte:
Que a bem-aventurança

Duravel, de outra sorte
Se ha de alcançar na vida para a morte.
  Porque, emfim, nada basta
Contra o terrivel fim da noite eterna;
Nem póde a deosa casta
Tornar á luz superna
  Hippolyto da escura sombra averna.
  Nem Theseo esforçado,
Ou com manha, ou com força valerosa,
Livrar póde o ousado
Perithoo da espantosa
Prisão lethêa escura e tenebrosa.

ODE X

Aquelle moço fero
Nas Pelethrónias covas doctrinado
Do Centauro severo:
Cujo peito esforçado
Com tutanos de tigres foi criado,
  N'agua fatal, menino,
O lava a mãe, presaga do futuro,
Para que ferro fino
Não passe o peito duro
Que de si mesmo a si se tem por muro.
  A carne lh'endurece,
Porque não seja d'armas offendida.
Cega! pois não conhece
Que póde haver ferida
N'alma, e que menos doe perder a vida.
  Que donde o braço irado
Dos Troianos passava arnez e escudo,
Alli se viu passado
D'aquelle ferro agudo
Do menino que em todos póde tudo.

Alli se viu captivo
Da captiva gentil que serve e adora;
Alli se viu que vivo
Em vivo fogo móra,
Porque de seu senhor a vê senhora.

Já toma a branda lyra
Na mão que a dura Pelias meneára;
Alli canta e suspira,
Não como lh'ensinára
O velho, mas o moço que o cegára.

Pois, logo, quem culpado
Será, se de pequeno offerecido
Foi todo a seu cuidado;
No berço instituido
A não poder deixar de ser ferido?

Quem logo fraco infante
D'outro mais poderoso foi sujeito,
E para cego amante
Desce o principio feito,
Com lagrimas banhando o tenro peito?

Se agora foi ferido
Da penetrante ponta e fôrça d'herva;
E se Amor he servido
Que sirva á linda serva,
Para quem minha estrella me reserva?

O gesto bem talhado;
O airoso meneio e a postura;
O rosto delicado,
Que na vista figura
Que se ensina por arte a formosura,

Como póde deixar
De render a quem tenha entendimento?
Que quem não penetrar
Hum doce gesto, attento,

Não lhe he nenhum louvor viver isento.

Aquelles, cujos peitos
Ornou d'altas sciencias o destino,
Se viram mais sujeitos
Ao cego e vão menino,
Arrebatados do furor divino.

O Rei famoso hebreio,
Que mais que todos soube, mais amou;
Tanto, que a deos alheio
Falso sacrificou,
Se muito soube e teve, muito errou.

E o grão Sabio que ensina,
Passeando, os segredos da Sophia,
Á baixa concubina
Do vil eunuco Hermia
Aras ergueu, que aos deoses só devia.

Aras ergue a quem ama
O Philosopho insigne namorado;
Doe-se a perpetua fama,
E grita que he culpado:
Da lesa divindade he accusado.

Já foge donde habita;
Já paga a culpa enorme com desterro.
Mas oh grande desdita!
Bem mostra tamanho êrro
Que doctos corações não são de ferro.

Antes na altiva mente,
No subtil sangue e engenho mais perfeito
Ha mais conveniente
E conforme sogeito,
Onde s'imprima o brando e doce affeito.

ODE XI

N'aquelle tempo brando
Em que se vê do mundo a formosura,
Que Thetis descansando
De seu trabalho está, formosa e pura,
Cansava Amor o peito
Do mancebo Peleo d'um duro affeito.

Com impeto forçoso
Lhe havia já fugido a bella Nympha,
Quando no tempo aquoso
Nóto irado revolve a clara lympha,
Serras no mar erguendo,
Que os cumes das da terra vão lambendo.

Esperava o mancebo,
Com a profunda dôr que n'alma sente,
Hum dia em que já Phebo
Começava a mostrar-se ao mundo ardente,
Soltando as tranças d'ouro,
Em que Clicie d'amor faz seu thesouro.

Era no mez que Apollo
Entre os irmãos celestes passa o tempo;
O vento enfreia Eólo,
Para que o deleitoso passatempo
Seja quieto e mudo;
Que a tudo Amor obriga, e vence tudo.

O luminoso dia
Os amorosos corpos despertava
A' cega idolatria,
Que ao peito mais contenta e mais aggrava;
Onde o cego menino
Faz que os humanos crêam que he divino:

Quando a formosa Nympha,
Com todo o ajuntamento venerando,
Na crystallina lympha
O corpo crystallino está lavando;
O qual nas aguas vendo,
N'elle, alegre de o vêr, s'está revendo:

O peito diamantino,
Em cuja branca teta Amor se cria;
O gesto peregrino,
Cuja presença torna a noite em dia;
A graciosa bocca
Que a Amor com seus amores mais provoca;

Os rubins graciosos;
As perolas que escondem vivas rosas
Dos jardins deleitosos,
Que o céo plantou em faces tão formosas:
O transparente collo,
Que ciumes a Daphne faz d'Appollo;

O subtil mantimento
Dos olhos, cuja vista a Amor cegou;
A Amor que, com tormento
Glorioso, nunca d'elles se apartou,
Pois elles de contino
Nas meninas o trazem por menino;

Os fios derramados
D'aquelle ouro que o peito mais cobiça,
D'onde Amor enredados
Os corações humanos traz e atiça,
E d'onde com desejo
Mais ardente começa a ser sobejo.

O mancebo Peleo,
Que de Neptuno estava aconselhado,
Vendo na terra o céo
Em tão bella figura trasladado,

Mudo hum pouco ficou,
Porque Amor logo a falla lhe tirou.

Emfim, querendo vêr
Quem tanto mal de longe lhe fazia,
A vista foi perder,
Porque de puro amor, Amor não via:
Viu-se assi cego e mudo
Por a força d'Amor que póde tudo.

Agora s'apparelha
Para a batalha; agora remettendo;
Agora s'aconselha;
Agora vae; agora está tremendo;
Quando já de Cupido
Com nova setta o peito viu ferido.

Remette o moço logo
Para onde estava a chamma sem socêgo;
E com o sobejo fogo
Quanto mais perto estava, então mais cego:
E cego, e com hum suspiro,
Na formosa donzella emprega o tiro.

Vingado assi Peleo,
Nasceu d'este amoroso ajuntamento
O forte Larisseo,
Destruição do Phrygio pensamento;
Que, por não ser ferido,
Foi nas aguas estygias submergido.

ODE XII

Já a calma nos deixou
Sem flôres as ribeiras deleitosas;
Ja de todo seccou
Candidos lirios, rubicundas rosas:

Fogem do grave ardor os passarinhos
Para o sombrio amparo de seus ninhos.

Meneia os altos freixos
A branda viração de quando em quando;
E d'entre varios seixos
O liquido crystal sae murmurando:
As gottas, que das alvas pedras saltam,
O prado, como perolas, esmaltam.

Da caça ja cansada
Busca a casta Titanica a espessura,
Onde á sombra inclinada
Logre o doce repouso da verdura,
E sobre o seu cabello ondado e louro
Deixe cahir o bosque o seu thesouro.

O céo desimpedido
Mostrava o lume eterno das estrellas,
E de flôres vestido
O campo, brancas, rôxas e amarellas,
Alegre o bosque tinha, alegre o monte,
O prado, o arvoredo, o rio, a fonte.

Porém como o menino,
Que a Jupiter por a aguia foi levado,
No cêrco crystallino
Fôr do amante de Clicie visitado;
O bosque chorará, chorará a fonte,
O rio, o arvoredo, o prado, o monte.

O mar, que agora brando
He das Nereidas candidas cortado,
Logo se irá mostrando
Todo em crepes escumas empolado:
O soberbo furor de negro vento
Fará por toda parte movimento.

Lei he da natureza
Mudar-se d'esta sorte o tempo leve:

Succeder á belleza
Da Primavera o fructo; a elle a neve;
E tornar outra vez por certo fio
Outono, Inverno, Primavera, Estio.

Tudo, emfim, faz mudança
Quanto o claro sol vê, quanto allumia;
Não se acha segurança
Em tudo quanto alegra o bello dia:
Mudam-se as condições, muda-se a idade,
A bonança, os estados e a vontade.

Sómente a minha imiga
A dura condição nunca mudou;
Para que o mundo diga
Que n'ella lei tão certa se quebrou:
Em não vêr-me ella só sempre está firme,
Ou por fugir d'Amor, ou por fugir-me.

Mas já soffrivel fôra
Qu'em matar-me ella só mostre firmeza,
Se não achára agora
Tambem em mi mudada a natureza;
Pois sempre o coração tenho turbado,
Sempre d'escuras nuvens rodeado

Sempre exprimento os fios
Qu'em contino receio Amor me manda;
Sempre os dous caudaes rios,
Qu'em meus olhos abriu que nos seus anda,
Correm, sem chegar nunca o Verão brando,
Que tamanha aspereza vá mudando.

O sol sereno e puro,
Que no formoso rosto resplandece,
Envolto em manto escuro
Do triste esquecimento, não parece;
Deixando em triste noite a triste vida
Que nunca de luz nova he soccorrida.

Porém seja o que fôr,
Mude-se por meu damno a natureza;
Perca a inconstancia Amor;
A Fortuna inconstante ache firmeza;
Tudo mudavel seja contra mi,
Mas eu firme estarei no que emprendi.

ODE XIII

(A um Amigo)

Fôra conveniente
Ser eu outro Petrarcha ou Garcilasso,
Ou ir ousadamente
Buscar em largo passo
O sagrado Helicon ou o Parnasso;
Ou que em mim inspirára,
Apollo sua graça peregrina,
Ou que até o céo buscára
A fonte Cabalina
E bebera a sua agua tão divina.

Ou ao menos pudera
Entre aquelles contar-me, que alcançado
Na luzitana esphera
Tem o louro sagrado
D'aquelle de quem o sol he governado;
Pera que ousadamente
De minha Musa vos dera essa parte,
A' vossa, que sómente
As nove Irmãs de Marte
Concederam perfeita esta sua arte.

A vós, por quem já cresce
O luzitano nome a tanta gloria
Que a seu pezar esquece

De Virgilio a memoria
Mantua, e de suas obras a alta Hesperia;

A vós, que enrouquecestes
A cithara sonora do Treicio
E que tomar pudestes
A Delphos o exercicio,
E tambem a Minerva o seu officio.

A vós, a cuja gloria
No mais antigo tempo e presente
O louro da victoria
Concede facilmente
Qualquer que de Thalia as obras sente;
A vós cuja alta fama
Vi entre os Goramatas conhecida,
A' luz que o sol derrama
Na terra enobrecida
Por vós, já tão de todo escurecida.

Aquella primeira aurora
Virá depois do sol um só momento,
Elle esqueça alguma hora,
Ou possa o esquecimento
Tolher-lhe seu continuo crescimento
Não he de confiado
Mostrar-vos minhas cousas, pois conheço
Que tendes alcançado
N'isto o mais alto preço
E quanto em mostral-as desmereço.

Mas he de desejoso
De vos obedecer, porque estou vendo
Que o nome tão honroso
Mais ganho obedecendo,
Que pecco em demonstrar quam pouco intendo.

REDONDILHAS

REDONDILHAS

Sôbolos rios que vão
Por Babylonia, me achei,
Onde sentado chorei
As lembranças de Sião,
E quanto n'ella passei.
Alli o rio corrente
De meus olhos foi manado;
E tudo bem comparado,
Babylonia ao mal presente,
Sião ao tempo passado.
Alli lembranças contentes
N'alma se representaram;
E minhas cousas ausentes
Se fizeram tão presentes,
Como se nunca passaram.
Alli, despois de acordado,
Co'o rosto banhado em agua,
D'este sonho imaginado,
Vi que todo o bem passado
Não he gosto, mas he magoa.
E vi que todos os danos
Se causavam das mudanças,
E as mudanças dos annos;
Onde vi quantos enganos
Faz o tempo ás esperanças.

Alli vi o maior bem
Quão pouco espaço que dura;
O mal quão depressa vem;
E quão triste estado tem
Quem se fia da ventura.
Vi aquillo que mais val
Que então se entende melhor,
Quando mais perdido fôr;
Vi ao bem succeder mal,
E ao mal muito peor.
E vi com muito trabalho
Comprar arrependimento;
Vi nenhum contentamento;
E vejo-me a mi, que espalho
Tristes palavras ao vento.
Bem são rios estas aguas
Com que banho este papel:
Bem parece ser cruel
Variedade de magoas,
E confusão de Babel.
Como homem, que por exemplo
Dos trances em que se achou,
Despois que a guerra deixou,
Pelas paredes do tempo
Suas armas pendurou:
Assi, despois que assentei
Que tudo o tempo gastava,
Da tristeza que tomei,
Nos salgueiros pendurei
Os orgãos com que cantava.
Aquelle instrumento ledo
Deixei da vida passada,
Dizendo: Musica amada,
Deixo-vos n'este arvoredo
A' memoria consagrada.

Frauta minha, que tangendo
Os montes fazieis vir
Para onde estaveis, correndo;
E as aguas, que hiam descendo,
Tornavam logo a subir;
Jámais vos não ouvirão
Os tigres, que se amansavam;
E as ovelhas, que pastavam.
Das hervas se fartarão,
Que por vos ouvir deixavam.
Já não fareis docemente
Em rosas tornar abrolhos
Na ribeira florecente;
Nem poreis freio á corrente,
E mais se fôr dos meus olhos.
Não movereis a espessura,
Nem podereis já trazer
A traz vós a fronte pura;
Pois não podestes mover
Desconcertos da ventura.
Ficareis offerecida
A' fama que sempre vela,
Frauta de mi tão querida;
Porque mudando se a vida,
Se mudam os gostos d'ella.
Acha a tenra mocidade
Prazeres accommodados;
E logo a maior idade
Já sente por pouquidade
Aquelles gostos passados.
Hum gosto, que hoje se alcança,
A' manhã já o não vejo:
Assi nos traz a mudança
D'esperança em esperança,
E de desejo em desejo.

Mas em vida tão escassa
Que esperança será forte?
Fraqueza de humana sorte,
Que quanto da vida passa
Está recitando a morte!
Mas deixar n'esta espessura
O canto da mocidade:
Não cuide a gente futura
Que será obra da idade
O que he fôrça da ventura.
Que idade, tempo, e espanto
De vêr quão ligeiro passe,
Nunca em mi poderam tanto,
Que postoque deixo o canto,
A causa d'elle deixasse.
Mas em tristezas e nojos,
Em gôsto e contentamento,
Por sol, por neve, por vento,
Tendré presente a los ojos
Por quien muero tan contento.
Orgãos e frauta deixava,
Despôjo meu tão querido,
No salgueiro que alli estava,
Que para trophéo ficava
De quem me tinha vencido.
Mas lembranças da affeição
Que alli captivo me tinha,
Me perguntaram então,
Que era da musica minha,
Que eu cantava em Sião?
Que foi d'aquelle cantar,
Das gentes tão celebrado?
Porque o deixava de usar,
Pois sempre ajuda a passar
Qualquer trabalho passado?

Canta o caminhante ledo
No caminho trabalhoso
Por entre o espêsso arvoredo;
E de noite o temeroso
Cantando refreia o medo.
Canta o preso docemente,
Os duros grilhões tocando;
Canta o segador contente;
E o trabalhador, cantando,
O trabalho menos sente.
Eu que estas cousas senti
N'alma de magoas tão cheia,
Como dirá, respondi,
Quem alheio está de si
Doce canto em terra alheia?
Como poderá cantar
Quem em chôro banha o peito?
Porque, se quem trabalhar
Canta por menos cansar,
Eu só descansos engeito.
Que não parece razão,
Nem seria cousa idonia,
Por abrandar a paixão
Que cantasse em Babylonia
As cantigas de Sião.
Que quando a muita graveza
De saudade quebrante
Esta vital fortaleza,
Antes morra de tristeza,
Que por abrandal-a cante.
Que se o fino pensamento
Só na tristeza consiste,
Não tenho medo ao tormento:
Que morrer de puro triste,
Que maior contentamento?

Nem na frauta cantarei
O que passo e passei já,
Nem menos o escreverei;
Porque a penna cansará,
E eu não descansarei.
Que se vida tão pequena
Se accrescenta em terra extranha;
E se Amor assi o ordena,
Razão he que canse a penna
De escrever pena tamanha.
Porém, se para assentar
O que sente o coração,
A penna já me cansar,
Não canse para voar
A memoria em Sião.
Terra bem-aventurada,
Se por algum movimento
D'alma me fores tirada,
Minha penna seja dada
A perpetuo esquecimento.
A pena d'este destêrro,
Que eu mais desejo esculpida
Em pedra ou em duro ferro,
Essa nunca seja ouvida,
Em castigo de meu êrro.
E se eu cantar quizer
Em Babylonia sujeito,
Hierusalem, sem te ver,
A voz, quando a mover,
Se me congele no peito;
A minha lingua se apegue
A's fauces, pois te perdi,
Se em quanto viver assi
Houver tempo, em que te negue,
Ou que me esqueça de ti.

Mas ó tu, terra de gloria,
Se eu nunca vi tua essencia,
Como me lembras na ausencia?
Não me lembras na memoria,
Senão na reminiscencia:
Que a alma he taboa rasa,
Que com a escrita doutrina
Celeste tanto imagina,
Que vôa da propria casa,
E sóbe á patria divina.
Não é logo a saudade
Das terras onde nasceu
A carne, mas é do céo,
D'aquella santa Cidade,
D'onde est'alma descendeu.
E aquella humana figura,
Que cá me póde alterar,
Não he quem se ha de buscar;
He raio da formosura,
Que só se deve d'amar.
Que os olhos, e a luz que ateia
O fogo que cá sujeita,
Não do sol, nem da candeia,
He sombra d'aquella ideia,
Que em Deos está mais perfeita.
E os que cá me captivaram,
São poderosos affeitos
Que os corações têm sujeitos;
Sophistas, que me ensinaram
Maos caminhos por direitos.
D'estes o mando tyranno
Me obriga com desatino
A cantar ao som do damno.
Cantares d'amor profano,
Por versos d'amor divino.

Mas eu lustrado, co'o santo
Raio, na terra, de dôr,
De confusões e de espanto
Como hei de cantar o canto,
Que só se deve ao Senhor ?
Tanto póde o beneficio
Da graça que dá saude,
Que ordena que a vida mude :
E o que eu tomei por vicio,
Me faz gráo para a virtude ;
E faz que este natural
Amor, que tanto se preza,
Suba da sombra ao real,
Da particular belleza
Para a belleza geral.
Fique logo pendurada
A frauta com que tangi,
Ó Hierusalem sagrada,
E tome a lyra dourada
Para só cantar de ti ;
Não captivo e ferrolhado
Na Babylonia infernal,
Mas dos vicios desatado,
E cá d'esta a ti levado,
Patria minha natural.
E se eu mais der a cerviz
A mundanos accidentes,
Duros, tyrannos e urgentes,
Risque-se quanto já fiz
Do grão livro dos viventes.
E, tomando já na mão
A lyra santa e capaz
D'outra mais alta invenção,
Calle-se esta confusão,
Cante-se a visão da paz.

Ouça-me o pastor e o rei,
Retumbe este accento santo,
Mova-se no mundo espanto;
Que do que já mal já cantei
A palinodia já canto.
A vós só me quero ir,
Senhor, e grão Capitão
Da alta torre de Sião.
A' qual não posso subir,
Se me vós não daes a mão.
No grão dia singular,
Que na lyra em douto som
Hierusalem celebrar,
Lembrae-vos de castigar
Os ruins filhos de Edom.
Aquelles que tintos vão
No pobre sangue innocente,
Soberbos co'o poder vão,
Arraza-los igualmente:
Conheçam que humanos são.
E aquelle poder tão duro
Dos affectos com que venho,
Que encendem alma e engenho;
Que já me entraram o muro
Do livre arbitrio que tenho;
Estes que tão furiosos
Gritando vem a escalar-me,
Maos espiritos damnosos,
Que querem como forçosos
Do alicerce derribar-me;
Derribae-os, fiquem sós,
De forças fracos, imbelles;
Porque não podemos nós,
Nem com elles ir a vós,
Nem sem vós tirar-nos d'elles.

Não basta minha fraqueza
Para me dar defensão,
Se vós, santo Capitão,
N'esta minha Fortaleza
Não puzerdes guarnição.
E tu, ó carne, que encantas,
Filha de Babel tão feia,
Toda de miseria cheia,
Que mil vezes te levantas
Contra quem te senhoreia;
Beato só póde ser
Quem co'a ajuda celeste
Contra ti prevalecer,
E te vier a fazer
O mal que lhe tu fizeste;
Quem com disciplina crua
Se fere mais que huma vez;
Cuja alma, de vicios nua,
Faz nodas na carne sua,
Que já a carne n'alma fez.
E beato quem tomar
Seus pensamentos recentes,
E em nascendo os affogar,
Por não virem a parar
Em vicios graves e urgentes:
Quem com elles logo der
Na pedra do furor santo,
E batendo os desfizer
Na Pedra, que veiu a ser
Emfim cabeça do canto:
Quem logo, quando imagina
Nos vicios da carne má,
Os pensamentos declina
A'quella Carne divina,
Que na Cruz esteve já.

Quem do vil contentamento
Cá d'este mundo visibil,
Quanto ao homem fôr possibil,
Passar logo entendimento
Para o mundo intelligibil;
Alli achará alegria
Em tudo perfeita, e cheia
De tão suave harmonia,
Que nem por pouca recreia,
Nem por sobeja enfastia.
Alli verá tão profundo
Mysterio na summa Alteza,
Que, vencida a natureza,
Os móres faustos do mundo
Julgue por maior baixeza.
O' tu divino aposento,
Minha patria singular,
Se só com te imaginar,
Tanto sóbe o entendimento,
Que fará se em ti se achar?
Ditoso quem se partir
Para ti, terra excellente,
Tão justo e tão penitente,
Que despois de a ti subir,
Lá descanse eternamente!

Carta a huma dama

Querendo escrever hum dia
O mal, que tanto estimei,
Cuidando no que poria,
Vi Amor que me dizia:
Escreve, que eu notarei.

E como para se lêr
Não era historia pequena
A que de mi quiz fazer,
Das azas tirou a penna
Com que me fez escrever.
E, logo como a tirou,
Me disse: Aviva os espritos;
Que pois em teu favor sou,
Esta penna, que te dou,
Fará voar teus escritos.
E dando-me a padecer
Tudo o que quiz que puzesse,
Pude emfim d'elle dizer,
Que me deu com que escrevesse
O que me deu a escrever.
Eu que este engano entendi,
Disse-lhe: Que escreverei?
Respondeu, dizendo assi:
Altos effeitos de mi,
E d'aquella a quem te dei.
E já que te manifesto
Todas minhas estranhezas,
Escreve, pois que te prezas,
Milagres d'hum claro gesto,
E de quem o viu tristezas.
Ah Senhora, em quem se apura
A fé de meu pensamento!
Escutae e estae a tento,
Que com vossa formosura
Iguala Amor meu tormento.
E, postoque tão remota
Estejaes de me escutar
Por me não remediar,
Ouvi, que pois Amor nota,
Milagres se hão de notar.

Nota

Escrevem varios Authores,
Que junto da clara fonte
Do Ganges, os moradores
Vivem do cheiro das flores
Que nascem n'aquelle monte:

Se os sentidos pódem dar
Mantimento ao viver,
Não he logo d'espantar,
Se estes vivem de cheirar,
Que viva eu só de vos vêr.

Huma árvore se conhece,
Qne na geral alegria
Ella tanto se entristece,
Que, como he noite, florece,
E perde as flôres de dia:

Eu, que em vêr-vos sinto o preço
Que em vossa vista consiste,
Em a vendo me entristeço,
Porque sei que não mereço
A gloria de vêr-me triste.

Hum Rei de grande poder
Com veneno foi criado,
Porque, sendo costumado,
Não lhe pudesse empecer,
Se despois lhe fosse dado:

Eu, que criei de pequena
A vista a quanto padece,
D'esta sorte me acontece,
Que não me faz mal a pena,
Senão quando me fallece.

Quem da doença Real
De longe enfermo se sente,
Por segredo natural
Fica são vendo sómente
Hum volatil animal:
Do mal, que Amor em mi cria,
Quando aquella Phenix vejo,
São de todo ficaria;
Mas fica-me hydropesia,
Que quanto mais, mais desejo.
Da vibora he verdadeiro,
Se a consorte vae buscar,
Que em se querendo juntar,
Deixa a peçonha primeiro,
Porque lhe impede o gerar:
Assi quando me apresento
A' vossa vista inhumana,
A peçonha do tormento
Deixo á parte, porque dana
Tamanho contentamento.
Querendo Amor sustentar-se,
Fez huma vontade esquiva
D'huma estatua namorar-se:
Despois, que manifestar-se,
Converteu-a em mulher viva:
De quem me irei eu queixando,
Ou quem direi que me engana,
Se vou seguindo e buscando
Huma imagem, que de humana
Em pedra se vae tornando?
D'huma fonte se sabia,
Da qual certo se provava
Que quem sobre ella jurava,
Se falsidade dizia,
Dos olhos logo cegava:

Vós, que minha liberdade,
Senhora, tyrannisaes,
Injustamente mandaes,
Quando vos fallo verdade,
Que vos não possa vêr mais.
Da palma se escreve e canta
Ser tão dura e tão forçosa,
Que pezo não a quebranta,
Mas antes, de presunçosa,
Com elle mais se levanta:
Co'o pezo do mal que daes,
A constancia que em mi vejo,
Não sómente m'a dobraes,
Mas dobra-se meu desejo,
Com que então vos quero mais.
Se alguem os olhos quizer
A's andorinhas quebrar,
Logo a mãe, sem se deter,
Huma herva lhe vae buscar
Que lhes faz outros nascer:
Eu que os olhos tenho attento
Nos vossos, que estrellas são,
Cegam-se os do entendimento,
Mas nascem-me os da razão
De folgar com meu tormento.
Lá para onde o sol sae,
Descobrimos, navegando,
Hum novo rio admirando,
Que o lenho que n'elle cae,
Em pedra se vae tornando:
Não se espantem d'isto as gentes;
Mais razão será que espante
Hum coração tão possante,
Que com lagrimas ardentes
Se converte em diamante,

Póde hum mudo nadador
Na linha e cana influir
Tão venenoso vigor,
Que faz mais não se bulir
O braço do pescador:
Se começam de beber
D'este veneno excellente
Meus olhos, sem se deter,
Não se sabem mais mover
A nada que se apresente.
Isto são claros sinaes
Do muito que em mi podeis:
Nem podeis desejar mais;
Que se vêr-vos desejaes,
Em mi claro vos vereis.
E quereis vêr a que fim
Em mi tanto bem se pôz?
Porque quiz Amor assim,
Que por vos vêrdes a vós,
Tambem me visseis a mim.
Dos males que me ordenaes,
Que inda tenho por pequenos,
Sabeis, se m'os escutaes,
Que já não sei dizer mais,
Nem vós podeis saber menos.
Mas já que a tanto tormento
Não se acha quem resista,
Eu, Senhora, me contento
De terdes meu soffrimento
Por alvo de vossa vista.
Quantos contrarios consente
Amor, por mais padecer!
Que aquella vista excellente,
Que me faz viver contente,
Me faça tão triste ser!

Mas dou este entendimento
Ao mal, que tanto me offende,
Como na vela se entende
Que se se apaga co'o vento,
Co'o mesmo vento se accende.
Exprimentou-se alguma hora
D'ave, que chamam Camão,
Que se da casa, onde mora,
Vê adultera senhora,
Morre de pura paixão.
A dôr he tão sem medida,
Que remedio lhe não val;
Mas oh ditoso animal,
Que póde perder a vida,
Quando vê tamanho mal!
Nos gostos de vos querer
Estava agora enlevado,
Se não fôra salteado,
Das lembranças de temer
Ser por outrem desamado.
Estas suspeitas tão frias,
Com que o pensamento sonha,
São assi como as harpias,
Que as mais doces iguarias
Vão converter em peçonha.
Faz me este mal infinito
Não poder já mais dizer
Por não vir a corromper
Os gostos que tenho escrito,
Co'os males que heide escrever.
Não quero que se apregôe
Mal tanto para encobrir,
Porque em quanto aqui se ouvir
Nenhuma outra cousa sôe,
Que a gloria de vos servir.

A mesma

Dama d'estranho primor,
Se vos for
Pesada minha firmeza,
Olhae não me deis tristeza,
Porque a converto em amor.

E se cuidaes
De me matar, quando usaes
De esquivança,
Irei tomar por vingança
Amar-vos cada vez mais.

Porém vosso pensamento,
Como isento,
Seguirá sua tenção,
Crendo que em tanta affeição
Não haja accrescentamento.

Não creaes
Que d'esta arte vos façaes
Invencibil:
Que Amor sôbre o impossibil
Amostra que póde mais.

Mas já da tenção que sigo,
Me desdigo;
Que se ha tanto poder n'elle,
Tambem vós podeis mais que elle
N'este mal que usais commigo.

Mas se fôr
O vosso poder maior
Entre nós,
Quem poderá mais que vós,
Se vós podeis mais que Amor?

Despois que, Dama, vos vi,
Entendi,
Que perdêra Amor seu preço;
Pois o favor que lhe eu peço,
Vos pede elle para si.
Nem duvido
Que não póde, de sentido,
Resistir;
Pois em vez de vos ferir,
Ficou de vos vêr ferido.
Mas pois vossa vista he tal
Em meu mal,
Que posso de vós querer?
Que mal poderei valer,
Onde o mesmo Amor não val.
Se attentar,
Nenhum bem posso esperar;
E oxalá
Que vos alembrasse já,
Sequer para me matar.
Mas nem com isto creaes
Que façaes
Meus serviços mais pequenos;
Porque eu, quando espero menos,
Sabei que então quero mais.
Nada espero;
Mas de mi crede este fero,
Que em ser vosso,
Vos quero tudo o que posso,
E não posso quanto quero.
Só por esta phantasia
Merecia
De meus males algum fruito;
E não era certo muito
Para o muito que queria.

De maneira,
Que não he, na derradeira,
Grande espanto,
Que quem, Dama, vos quer tanto,
Que outro tanto de vós queira.

A humas suspeitas

Suspeitas, que me quereis ?
Que eu vos quero dar logar
Que de certas me mateis,
Se a causa, de que nasceis,
Vos quizesseis confessar.
Que de não lhe achar desculpa,
A grande magoa passada
Me têm a alma tão cansada,
Que se me confessa a culpa,
Tel-a-hei por desculpada.
Ora vêde que perigos
Têm cercado o coração,
Que no meio da oppressão
A seus proprios inimigos
Vae pedir a defensão !
Que, suspeitas, eu bem sei,
Como se claro vos visse,
Que he certo o que já cuidei ;
Que nunca mal suspeitei,
Que certo me não sahisse.
Mas queria esta certeza
D'aquella que me atormenta ;
Porque em tamanha estreiteza
Vêr que d'isso se contenta,
He descanso da tristeza.

Porque se esta só verdade
Me confessa limpa e nua
De cautela e falsidade,
Não póde a minha vontade
Desconforme ser da sua.
Por segredo namorado
He certo estar conhecido
Que o mal de ser engeitado
Mais atormenta sabido
Mil vezes, que suspeitado.
Mas eu só, em quem se ordena
Novo modelo de querella,
De medo da dôr pequena,
Venho a achar na maior pena
O refrigerio para ella.
Já nas iras me inflammei,
Nas vinganças, nos furores,
Que já donde imaginei;
E já mais donde jurei
De arrancar d'alma os amores.
Já determinei mudar-me
Para outra parte com ira;
Despois vim a concertar-me
Que era bom certificar-me
No que mostrava a mentira.
Mas despois já de cansadas
As furias do imaginar,
Vinha emfim a rebentar
Em lagrimas magoadas,
E bem para magoar.
E deixando-se vencer
Os meus fingidos enganos
De tão claros desenganos,
Não posso menos fazer,
Que contentar-me co'os danos.

E pedir que me tirassem
Este mal de suspeitar
Que me vejo atormentar,
Indaque me confessassem
Quanto me póde matar.
Olhae bem se me trazeis,
Senhora, pôsto no fim;
Pois n'este estado a que vim,
Para que vós confesseis,
Se dão os tratos a mim.
Mas para que tudo possa
Amor, que tudo encaminha,
Tal justiça lhe convinha;
Porque da culpa, que he vossa,
Venha a ser a morte minha.
Justiça tão mal olhada
Olhae com que côr se doura,
Que quero, ao fim da jornada,
Que vós sejaes confessada,
Para que eu seja o que moura!
Pois confessae-vos jágora,
Indaque tenho temor
Que nem n'esta ultima hora
Me ha de perdoar Amor
Vossos peccados, Senhora.
E assi vou desesperado,
Porque estes são os costumes
D'amor que he mal empregado;
Do qual vou já condemnado
Ao inferno de ciumes.

Outra a huma senhora, a quem deram para uma filha sua um pedaço de sitim amarello, de quem se tinha suspeita

Se derivaes da verdade
Esta palavra *Sitim*,
Achareis sem falsidade,
Que apoz o *si* têm o *tim*,
Que tine em toda a cidade.

Bem vejo que me entendeis;
Mas porque não falle em vão,
Sabei que a esta Nação
Tanto que o *si* concedeis.
O *tim* logo está na mão.

E quem da fama se arreda,
Que tudo vae descobrir,
Deve sempre de fugir
De sitins, porque da seda
Seu natural he fugir.

Mas pano fino e delgado,
Qual a caxa e outros assi,
Dura, aquenta, e he callado,
Amoroso, e dá de si
Mais que *sitim*, nem brocado.

Mas estes, que sêdas são
Com quem se enganam mil damas,
Mais vos tomam, do que dão;
Promettem, mas não darão,
Senão nodoas para as famas.

E se não me quereis crêr,
Ou tomaes outro caminho,
Por exemplo o podeis ver,
Quando lá virdes arder
A casa d'algum visinho.

Oh feminina simpreza,
Donde estão culpas a pares,
Que por hum Dom de nobreza,
Deixam dões da natureza,
Mais altos e singulares!
Hum Dom, que anda enxertado
No nome, e nas obras não,
Fallo como exprimentado;
Que *sitim* d'esta feição
Eu tenho muito cortado.
Dizem-me que era amarello;
E quem assi o quiz dar,
Só para me Deos vingar,
Se vem á mão amare-lo,
O que eu não posso cuidar.
Porque quem sabe viver
Por estas artes manhosas,
(Isto bem póde não ser)
Dá a meninas formosas,
Sómente polas fazer,
Quem vos isto diz, Senhora,
Serviu nas vossas armadas
Muito, mas anda já fóra;
E póde ser que inda agora
Traz abertas as fréchadas.
E, postoque desfavores
O tiram de servidor,
Quer-vos ventura melhor;
Que dos antigos amores
Inda lhe fica este amor.

A huma senhora que estava rezando por humas contas

Peço-vos que me digaes
As orações que rezastes,
Se são polos que matastes,
Se por vós que assi mataes?
Se são por vós, são perdidas;
Que qual será a oração,
Que seja satisfação,
Senhora, de tantas vidas?
Que se vêdes quanto vem
A só vida vos pedir,
Como vos ha Deos de ouvir,
Se vós não ouvis ninguem?
Não podeis ser perdoada
Com mãos a matar tão promtas,
Que se n'huma trazeis contas,
Na outra trazeis espada.
Se dizeis que encommendando
Os que matastes audaes;
Se rezaes por quem mataes,
Para que mataes rezando?
Que se na força do orar
Levantaes as mãos aos céos,
Não as ergueis para Deos,
Ergueil-as para matar.
E quando os olhos cerraes,
Toda enlevada na fé,
Cerram-se os de quem vos vê,
Para nunca verem mais.
Pois se assi forem tratados
Os que vos vêm quando oraes,
Essas horas que rezaes,
São as horas dos finados.

Pois logo, se sois servida
Que tantos mortos não sejam,
Não rezeis onde vos vejam,
Ou vêde para dar vida.
Ou se quereis escusar
Estes males que causastes,
Resuscitae quem matastes,
Não tereis por quem rezar.

Convite que Luiz de Camões fez na India a certos fidalgos cujos nomes aqui vão:

A primeira iguaria foi posta a Vasco de Ataide, e dizia:

Se não quereis padecer
Huma ou duas horas tristes,
Sabeis que haveis de fazer?
Volveros por dó venistes,
Que aqui não ha que comer.
E, postoque aqui leiaes
Trovinha que vos enleia,
Corrido não estejaes;
Porque por mais que corraes,
Não heis de alcançar a ceia.

A segunda a D. Francisco d'Almeida

Heliogabalo zombava
Das pessoas convidadas;
E de sorte as enganava.
Que as iguarias que dava,
Vinham nos pratos pintadas.

Não temaes tal travessura,
Pois já não póde ser nova;
Porque a cêa está segura
De vos não vir em pintura;
Mas ha de vir toda em trova.

A terceira a Heitor da Silveira

Cêa não a papareis:
Comtudo, porque não minta.
Para beber achareis,
Não Caparica, mas tinta,
E mil cousas que papeis.
E vós torceís o focinho
Com esta amphibologia?
Pois sabei que a Poesia
Vos dá aqui tinta por vinho,
E papeis por iguaria.

A quarta a João Lopes Leitão, a quem o Author fez huns versos, que vão adiante, sobre huma peça de cacha, que deu a huma Dama

Porque os que vos convidaram
Vosso estomago não danem,
Por justa causa ordenaram,
Se trovas vos enganaram,
Que trovas vos desenganem.
Vós tereis isto por tacha,
Converter tude em trovar;
Pois se me virdes zombar,
Não cudeis, Senhor, que he cacha,
Que aqui não ha que cachar.

Responde João Lopes

Pezar ora não de são,
Eu juro pélo céo bento,
Se de comer não me dão
Que eu não sou camaleão,
Que me hei de manter do vento,

Responde o Author

Senhor, não vos agasteis,
Porque Deos vos proverá;
E se mais saber quereis,
Nas costas d'este lereis
As iguarias que ha.

Virando o papel, dizia assi:

Tendes nem migalha assada;
Cousa nenhuma de môlho;
E nada feito em empada;
E vento de tigelada;
Picar no dente em remôlho:
De fumo tendes taçalhos;
Ave da pena que sente
Quem da fome anda doente;
Bocejar de vinho e d'alhos;
Manjar em branco excellente.

A derradeira a Francisco de Mello

D'hum homem, que teve o scetro
Da vêa maravilhosa,
Não foi cousa duvidosa,
Que se lhe tornava em metro
O que hia a dizer em prosa.

De mi vos quero affirmar
Que faça cousas mais novas,
De quanto podeis cuidar;
E esta cêa, que he manjar,
Vos faça na boca em trovas.

A João Lopes Leitão, sobre huma peça de cacha que elle mandou a huma Dama, na India, que se lhe fazia donzella, o qual João Lopes é o que elle convidou no Banquete atraz

MOTE

Se vossa Dama vos dá
Tudo quanto vós quizestes,
Dizei-me: P'ra que lhe déstes
O que vos ella fez já?

VOLTA

Sendo os restos envidados,
E vós de cachas mil contos
Sabeis com quão poucos pontos,
Que lh'os achastes quebrados;
Se o que teem, isso vos dá,
Vós mui bem lh'o merecestes,
Porque se a cacha lhe déstes
Tinha-vo-la feita já.

A Dona Francisca de Aragão, mandando-lhe esta regra, que lhe glosasse

Mas porém a que cuidados?

Tanto maiores tormentos
Foram sempre os que soffri,
D'aquillo que cabe em mi,
Que não sei que pensamentos
São os para que nasci.
Quando vejo este meu peito
A perigos arriscados
Inclinado, bem suspeito
Que a cuidados sou sujeito,
Mas porém, a que cuidados?

Ao mesmo

Que vindes em mi buscar,
Cuidadas, que sou captivo?
Eu não tenho que vos dar:
Se vindes a me matar,
Já ha muito que não vivo:
Se vindes, porque me dais
Tormentos desesperados,
Eu, que sempre soffri mais,
Não digo que não venhais;
Mas porém a que, cuidados?

Ao mesmo

Se as penas que Amor me deu,
Vêm por tão suaves meios,
Não ha que temer receios;
Que val hum cuidado meu
Por mil descansos alheios.

Ter n'huns olhos tão formosos
Os sentidos enlevados,
Bem sei qu'em baixos estados
São cuidados perigosos;
Mas porém a que, cuidados?

Carta que Luiz de Camões mandou a D. Francisco de Aragão com a glosa acima

Deixei-me enterrar no esquecimento de v. m. crendo me seria assi mais seguro: mas agora que he servida de me tornar a resuscitar, por me mostrar seus poderes, lembro-lhe que huma vida trabalhosa he menos de agradecer, que huma morte descançada. Mas se esta vida, que agora de novo me dá, fôr para m'a tornar a tomar, servindo-se d'ella, não me fica mais que desejar, que poder acertar com este mote de v. m., ao qual dei tres entendimentos, segundo as palavras d'elle podéram soffrer: se forem bons, he mote de v. m.: se máos, são as glosas minhas.

Mote que lhe mandou o vice-rei da India para fazer umas voltas

Muito sou meu inimigo,
Pois que não tiro de mi
Cuidados com que nasci,
Que põe a vida em perigo.
Oxalá que fôra assi!

VOLTA

Viver eu, sendo mortal,
De cuidados rodeado,
Parece meu natural;
Que a peçonha não faz mal
A quem foi n'ella criado.

Tanto sou meu inimigo,
Cuidados com que nasci,
Porém a vida em perigo.
Oxalá que fôra assi!
  Tanto vim a accrescentâr
Cuidados, que nunca amansam
Em quanto a vida durar,
Que canso já de cuidar
Como cuidados não cansam.
S'estes cuidados, que digo,
Déssem fim a mi e a si,
Fariam pazes commigo;
Que pôr a vida em perigo,
O bom fôra para mi.

Redondilhas mandadas ao viso-rei, com o Mote atraz

  Conde, cujo illustre peito
Merece nome de rei,
Do qual muito certo sei
Que lhe fica sendo estreito
O cargo de Viso-Rei;
Servirdes-vos d'occupar-me
Tanto contra meu planeta,
Não foi senão azas dar-me,
Com as quaes vou a queimar-me,
Como o faz a borboleta.
  E s'eu a penna tomar,
Que tão mal cortada tenho,
Será para celebrar
Vosso valor singular
Dino de mais alto engenho.

Que se o meu vos celebrasse.
Necessario me seria
Que os olhos d'aguia tomasse,
Só para que não cegasse
No sol de vossa valia.
  Vossos feitos sublimados
Nas armas, dignos de gloria,
São no mundo tão soados,
Qu'em vós de vossos passados
Se resuscita a memoria.
Pois aquelle animo estranho,
Prompto para todo effeito,
Espanta todo o conceito:
Como coração tamanho
Vos póde caber no peito?
  A clemencia que asserena
Coração tão singular,
S'eu n'isso pozesse a penna,
Seria encerrar o mar
Em cova muito pequena.
Bem basta, Senhor, que agora
Vos sirvaes de me occupar;
Que assi fareis aparar
A penna, com que algum'hora
Vos vereis ao céo voar.
  Assi vos irei louvando,
Vós a mi do chão erguendo,
Ambos o mundo espantando;
Vós com a espada cortando,
Eu com a penna escrevendo.

MOTE ALHEIO

Campos bem-aventurados
Tornae-vos agora tristes;
Que os dias em que me vistes,
Alegres já são passados.

GLOSA

Campos cheios de prazer,
Vós que estaes reverdecendo,
Já me alegrei com vos vêr;
Agora venho a temer
Que entristeçaes em me vendo.
E poís a vista alegraes
Dos olhos desesperados,
Não quero que me vejaes,
Para que sempre sejaes,
Campos bem-aventurados.
Porém se por accidente
Vos pezar de meu tormento,
Sabereis que Amor consente
Que tudo me descontente,
Senão descontentamento.
Por isso vós, arvoredos,
Que já nos meus olhos vistes
Mais alegria, que medos,
Se m'os quereis fazer ledos,
Tornae-vos agora tristes.
Já me vistes ledo ser,
Mas despois que o falso Amor
Tão triste me fez viver,
Ledos folgo de vos vêr
Porque me dobreis a dôr.

E se este gosto sobejo
De minha dôr me sentistes,
Julgae quanto mais desejo
As horas que vos não vejo,
Que os dias em que me vistes.
O tempo, que he desigual,
De seccos, verdes vos tem;
Porque em vosso natural
Se muda o mal para o bem,
Mas o meu para mór mal.
Se perguntaes, verdes prados,
Pelos tempos differentes
Que de Amor me foram dados,
Tristes, aqui são presentes,
Alegres, já são passados.

MOTE ALHEIO

Trabalhos descansariam,
Se para vós trabalhasse;
Tempos tristes passariam.
Se alguma hora voe lembrasse.

GLOSA

Nunca o prazer se conhece,
Senão despois da tormenta:
Tão pouco o bem permanece,
Que se o descanso florece,
Logo o trabalho arrebenta.
Sempre os bens se lograriam,
Mas os males tudo atalham;
Porém já que assi porfiam,
Onde descansos trabalham,
Trabalhos descansariam.

Qualquer trabalho me fôra
Por vós grão contentamento:
Nada sentíra, Senhora,
Se vira d'isto algum'hora
Em vós hum conhecimento.
Por mal que o mal me tratasse,
Tudo por bem tomaria;
Posto que o corpo cansasse,
A alma descansaria,
Se para vós trabalhasse.
Quem vossas cruezas já
Soffreu, a tudo se poz;
Costumado ficará;
E muito melhor será,
Se trabalhar para vós:
Tristezas esqueceriam,
Postoque mal me trataram;
Annos não me lembrariam,
Que como est'outros passaram,
Tempos tristes passariam.
Se fosse galardoado
Este trabalho tão duro,
Não vivêra magoado;
Mas não o foi o passado,
Como o será o futuro?
De cansar não cansaria,
Se quizereis, que cansasse;
Cavar, morrer, fal-o-hia;
Tudo, emfim, esqueceria,
Se algum'hora vos lembrasse.

MOTE ALHEIO

Triste vida se me ordena,
Pois quer vossa condição
Que os males, que dais por pena,
Me fiquem por galardão.

GLOSA

Despois de sempre soffrer,
Senhora, vossas cruezas,
A pezar de meu querer,
Me quereis satisfazer
Meus serviços com tristezas.
Mas, pois em balde resiste
Quem vossa vista condena,
Prestes estou para a pena;
Que de galardão tão triste
Triste vida se me ordena.

De contente do mal meu
A tão grande extremo vim,
Que consinto em minha fim:
Assi que vós e mais eu,
Ambos sômos contra mim.
Mas que soffra meu tormento,
Sem querer mais galardão,
Não he fóra de razão
Que queira meu soffrimento,
Pois quer vossa condição.

O mal que vós dais por bem,
Esse, Senhora, he mortal;
Que o mal, que dais como mal,
Em muito menos se tem,
Por costume natural,

Mas porém n'esta victoria,
Que commigo he bem pequena,
A maior dôr me condena
A pena, que dais por gloria,
Que os males, que dais por pena.
Que mór bem me possa vir
Que servir-vos, não o sei,
Pois que mais quero eu pedir,
Se quanto mais vos servir,
Tanto mais vos deverei?
Se vossos merecimentos
De tão alta estima são,
Assaz de favor me dão
Em querer que meus tormentos
Me fiquem por galardão.

MOTE ALHEIO

Já não posso ser contente,
Tenho a esperança perdida;
Ando perdido entre a gente,
Nem morro, nem tenho vida.

GLOSA

Despois que meu cruel Fado
Destruiu huma esperança,
Em que me vi levantado,
No mal fiquei sem mudança,
E do bem desesperado.
O coração, que isto sente,
A' sua dôr não resiste,
Porque vê mui claramente
Que pois nasci para triste,
Já não posso ser contente.

Por isso, contentamento,
Fugi de quem vos despreza:
Já fiz outros fundamentos,
Já fiz senhora a tristeza
De todos meus pensamentos.
O menos que lh'entreguei
Foi esta cansada vida:
Cuido que n'isto acertei,
Porque de quanto esperei
Tenho a esperança perdida.

Acabar de me perder
Fôra já muito melhor;
Tivera fim esta dor,
Que não podendo mór ser,
Cada vez a sinto mór.
De vós desejo esconder-me,
E de mi principalmente,
Onde ninguem possa ver-me;
Que pois me ganho em perder-me,
Ando perdido entre a gente.

Gostos de mudanças cheios,
Não me busqueis, não vos quero:
Tenho-vos por tão alheios,
Que do bem que não espero,
Inda me ficam receios.
Em pena tão sem medida,
Em tormento tão esquivo
Que morra, ninguem duvida;
Mas eu se morro ou se vivo,
Nem morro, nem tenho vida.

A uma dama que se chamava Anna

MOTE

A morte, pois que sou vosso,
Não a quero; mas se vem,
Ha de ser todo meu bem.

GLOSA

Amor, qu'em meu pensamento
Com tanta fé se fundou,
Me tem dado hum regimento,
Que quando vir meu tormento
Me salve com cujo sou.
E com esta defensão,
Com que tudo vencer posso,
Diz a causa ao coração:
Não tem em mi jurdição
A morte, pois que sou vosso.

Por exprimentar hum dia
Amor se me achava forte
N'esta fé, como dizia,
Me convidou com a morte,
Só por vêr se a temeria.
E como ella seja a cousa
Onde está todo meu bem,
Respondi-lhe, como quem
Quer dizer mais e não ousa:
Não a quero, mas se vem...

Não disse mais, porque então
Entendeu quanto me toca;
E se tinha dito o não,
Muitas vezes diz a bocca,
O que nega o coração.

Toda a cousa defendida
Em mais estima se tem:
Por isso he cousa sabida,
Que perder por vós a vida
Ha de ser todo meu bem.

Á mesma dama

Vejo-a n'alma pintada,
Quando me pede o desejo
O natural que não vejo.

GLOSA

Se só de vêr puramente
Me transformei no que vi,
De vista tão excellente
Mal poderei ser ausente,
Em quanto o não fôr de mi.
Porque a alma namorada
A traz tão bem debuxada,
E a memoria tão vôa,
Que se a não vejo em pessoa,
Vejo-a n'alma pintada.
O desejo, que se entende
Ao menos se concede,
Sobre vós pede e pretende,
Como o doente que pede
O que mais se lhe defende.
Eu, que em ausencia vos vejo,
Tenho piedade e pejo
De me vêr tão pobre estar,
Que então não tenho que dar,
Quando me pede o desejo.

Como áquelle que cegou,
He cousa vista e notoria,
Que a natureza ordenou
Que se lhe dobre em memoria
O que em vista lhe faltou:
Assi a mi, que não vejo
Co'os olhos o que desejo,
Na memoria e na firmeza
Me concede a natureza
O natural que não vejo.

MOTE ALHEIO

Sem vós, e com meu cuidado,
Olhae com quem, e sem quem.

GLOSA

Vendo Amor que com vos vêr
Mais levemente soffria
Os males que me fazia,
Não me pôde isto soffrer;
Conjurou-se com meu Fado;
Hum novo mal me ordenou:
Ambos me levam forçado,
Não sei onde, pois que vou
Sem vós, e com meu cuidado.
Não sei qual he mais estranho
D'estes dous males que sigo,
Se não vos vêr, se commigo
Levar imigo tamanho.
O que fica e o que vem,
Hum me mata, outro desejo:
Com tal mal, e sem tal bem,
Em taes extremos me vejo:
Olhae com quem, e sem quem!

Ao mesmo

Amor, cuja providencia
Foi sempre que não errasse,
Porque n'alma vos levasse,
Respeitando o mal da ausencia,
Quiz que em vós me transformasse.
E vendo-me ir maltratado
Eu e meu cuidado sós,
Proveu n'isso de attentado,
Por não me ausentar de vós,
Sem vós, e com meu cuidado.

Mas est'alma, que eu trazia,
Porque vós n'ella moraes,
Deixa-me cego, e sem guia;
Que ha por melhor companhia
Ficar onde vós ficaes.
Assi me vou de meu bem,
Onde quer a forte estrella,
Sem alma, que em si vos tem,
Co'o mal de viver sem ella:
Olhae com quem, e sem quem!

MOTE ALHEIO

Sem ventura, he por demais.

GLOSA

Todo o trabalho bom
Promette gostoso fruito;
Mas os trabalhos, que vem,
Para quem dita não tem
Valem pouco, e custam muito.

Rompe toda a pedra dura,
Faz os homens immortaes
O trabalho quando atura;
Mas querer achar ventura,
Sem ventura, he por demais.

MOTE ALHEIO

Minh'alma, lembrae-vos d'ella

GLOSA

Pois o vêr-vos tenho em mais
Que mil vidas que me deis,
Assi como a que me daes,
Meu bem, já que m'o negaes,
Meus olhos, não m'o negueis.
E se a tal estado vim
Guiado de minha estrella,
Quando houverdes dó de mim,
Minha vida, dae-lhe a fim,
Minh'alma, lembrae-vos d'ella.

MOTE ALHEIO

Tudo póde huma affeição.

GLOSA

Tem tal jurdição Amor
N'alma d'onde se aposenta,
E de que se faz senhor,
Que a liberta e isenta
De todo humano temor.

E com mui justa razão,
Como senhor soberano,
Que Amor não consente dano.
E pois me soffre tenção,
Gritarei por desengano:
Tudo póde huma affeição.

TROVA DE BOSCÃO

Justa fué mi perdicion;
De mis males soy contento;
Ya no espero galardon
Pues vuestro merecimiento
Satisfizo mi pasion.

GLOSA

Despues que Amor me formó
Todo de amor, cual me veo,
En las leyes, que me dió,
El mirar me consintió,
Y defendióme el deseo.
Mas el alma, como injusta,
En viendo tal perfeccion,
Dió al deseo ocasion:
Y pues quebré ley tan justa,
Justa fué mi perdicion.
Mostrándoseme el Amor
Mas benigno que cruel,
Sobre tirano traidor,
De zelos de mi dolor,
Quiso tomar parte en él.

Yo que tan dulce tormento
No quiero dallo, aunque peco,
Resisto, y no lo consiento;
Mas si me lo toma á trueco
De mis males, soy contento.
Señora, ved lo que ordena
Este Amor tan falso nuestro!
Por pagar á costa agena,
Manda que de un mirar vuestro
Haga el premio de mi pena.
Mas vos, para que veais
Tan engañosa intencion,
Aunque muerto me sintais,
No mireis, que si mirais,
Ya no espero galardon.
Pues que premio (me direis)
Esperas que será bueno?
Sabed, sino lo sabeis,
Que es ló mas de lo que peno
Lo menos que mereceis.
Quien hace al mal tan ufano,
Y tan libre al sentimiento?
El deseo? No, que es vano.
El amor? No, que es tirano.
Pues? Vuestro merecimiento?
No pudiendo Amor robarme
De mis tan caros despojos,
Aunque fué por mas honrarme,
Vos sola para matarme
Le prestastes vuestros ojos.
Mataranme ambos á dos;
Mas á vos con mas razon
Debe el la satisfaccion;
Que á mi por él, y por vos,
Satisfizo mi pasion.

A huma Dama, que lhe mandou pedir algumas Obras suas

Senhora, se eu alcançasse
No tempo que lêr quereis,
Que a dita dos meus papeis
Pola minha se trocasse;
E por vêr
Tudo o que posso escrever
Em mais breve relação,
Indo eu onde elles vão,
Por mi só quizesseis lêr;
Despois de vêr hum cuidado
Tão contente de seu mal,
Verieis o natural
Do que aqui vêdes pintado;
Que o perfeito
Amor, de que sou sujeito,
Vereis aspero e cruel,
Aqui com tinta e papel,
Em mi com sangue no peito.
Que hum contínuo imaginar
N'aquillo que Amor ordena,
He pena, que emfim por penna
Se não póde declarar:
Que se eu levo
Dentro n'alma quanto devo
De trasladar em papeis,
Vêde que melhor lereis,
Se a mi, se aquillo que escrevo?

A huma Dama com quem queria andar de amores

MOTE

Menina formosa e crua,
Bem sei eu
Quem deixará de ser seu,
Se vós quizereis ser sua.

VOLTAS

Menina mais que na idade,
Se para me querer bem
Vos não vejo ter vontade,
He porque outrem vol-a tem;
Tem vol-a, e faz-vol-a crua.
Porém eu
Já tomára não ser meu,
Se vós não foreis tão sua.
Nos olhos, e na feição
Vos vi, quando vos olhava,
Tanta graça, que vos dava
De graça este coração:
Não o quizestes de crua,
Por seu meu:
Se outrem vos dera o seu,
Póde ser foreis mais sua.
Menina, tende maneira,
Que ainda não venha a ser,
Pois não quereis quem vos quer,
Que queiraes quem vos não queira.
Olhae não me sejaes crua,
Que pois eu
Quero ser vosso, e não meu,
Sêde vós minha, e não sua.

A huma Dama que estava doente

MOTE

Da doença, em que ora ardeis,
Eu fôra vossa mézinha
Só com vós serdes a minha.

VOLTAS

He muito para notar
Cura tão bem acertada,
Que podereis ser curada
Sómente com me curar.
Se quereis, Dama, trocar,
Ambos temos a mézinha,
Eu a vossa, e vós a minha.
Olhae, que não quer Amor,
(Porque fiquemos iguaes)
Pois meu ardor não curaes,
Que se cure vosso ardor.
Eu cá sinto vossa dôr;
E se vós sentis a minha,
Dae e tomae a mézinha.

A outra Dama que estava tambem doente

OUTRO

Deu, Senhora, por sentença
Amor, que fosseis doente,
Para fazerdes á gente
Doce e formosa a doença,

VOLTAS

Não sabendo Amor curar,
Foi a doença fazer
Formosa para se vêr,
Doce para se passar.

Então vendo a differença
Que ha de vós a toda a gente,
Mandou, que fosseis doente,
Para gloria da doença.
E digo-vos de verdade,
Que a saude anda invejosa,
Por vêr estar tão formosa
Em vós essa enfermidade.
Não façaes logo detença,
Senhora, em estar doente,
Porque adoecerá a gente,
Com desejos da doença.
Que eu por ter, formosa Dama,
A doença que em vós vejo,
Vos confesso, que desejo
De cahir comvosco em cama.
Se consentis, que me vença
D'este mal, não houve gente
Da saude tão contente,
Como eu serei da doença.

Estancias a outra Dama doente

Olhae que dura sentença
Foi amor dar contra mi!
Que porque em vós me perdi,
Em vós me busque a doença.
Claro está,
Que em vós só me achará;
Que em mi, se me vem buscar,
Não poderá mais achar,
Que a fórma do que foi já.

Que se em vós Amor se pôz,
Senhora, he forçado assi,
Que o mal, que me busca a mi,
Que vos faça mal a vós.
Sem mentir,
Amor me quiz destruir
Por modo nunca cuidado.
Pois ha de ser já forçado
Pezar-vos de vos servir.
Mas sois tão desconhecida,
E são meus males de sorte,
Que vos ameaça a morte.
Porque me negaes a vida
Se por boa
Tal justiça se apregôa;
Quando d'esta sorte fôr,
Havei vós perdão de Amor,
Que a parte já vos perdôa.
Mas o que mais temo, emfim,
He que n'esta differença,
Que se não torne a doença,
Se me não tornaes a mim.
De verdade,
Que já vossa humanidade
De que se queixe não tem;
Pois para as almas tambem
Fez Amor enfermidade.

A huma Dama vestida de dó

MOTE

De atormentado e perdido
Já vos não peço, senão
Que tenhaes no coração
O que tendes no vestido.

VOLTA

Se de dó vestida andaes
Por quem já vida não tem,
Porque não o haveis de quem
Vós tantas vezes mataes?
Que brado sem ser ouvido,
E, nunca vejo senão
Cruezas no coração,
E grande dó no vestido.

A Dona Guiomar de Blasfé, queimando-se com huma véla no rosto

MOTE

Amor, que todos offende,
Teve, Senhora, por gosto,
Que sentisse o vosso rosto
O que nas almas accende.

VOLTA

Aquelle rosto que traz
O mundo todo abrazado,
Se foi da flamma tocado,
Foi porque sinta o que faz.

Bem sei que Amor se vos rende;
Porém o seu presupposto
Foi sentir o vosso rosto
O que nas almas accende.

A huma mulher, que foi açoutada por hum homem, que chamavam João Coresma, na India

MOTE

Não estejaes aggravada,
Senão se fôr de vós mesma;
Porque a mulher, que he errada,
Com razão pela Quaresma
Deve ser disciplinada.

VOLTAS

Quererdes profano amor
Em Quaresma, he consciencia:
Açoutes e penitencia
Vos está muito melhor.
Não fiqueis d'isto affrontada,
Pois a culpa é vossa mesma;
Que mulher, que he tão malvada,
He bem que pela Quaresma
Seja bem disciplinada.
Se a penitencia vos val,
Mui bem açoutada estaes;
Pois por Quaresma pagaes
Vossos vicios do carnal.
Não torneis a ser errada,
Nem condemneis a vós mesma,
Pois estaes já emendada;
E não sereis por Quaresma
Outra vez disciplinada.

Esparsa a hum fidalgo, na India, que lhe tardava com huma camisa galante, que lhe prometteu

Quem no mundo quizer ser
Havido por singular,
Para mais se engrandecer,
Ha de trazer sempre o dar
Nas ancas do prometter.
E já que vossa mercê,
Largueza tem por divisa,
Como o mundo todo vê,
Ha mister que tanto dê,
Que venha a dar a camisa,

A huma Dama, que lhe chamou diabo, por nome Foãa dos Anjos

MOTE

Senhora, pois me chamaes
Tão sem razão tão máo nome,
Inda o diabo vos tome.

VOLTAS

Quem quer que viu ou que leu,
Terá por novo e moderno,
Ter quem vive no inferno
O pensamento no céo.
Mas se a vós vos pareceu,
Que me estava bem tal nome,
Esse diabo vos tome.
Perdido mais que ninguem
Confesso, Senhora, ser;
Mas o diabo não quer
Aos Anjos tamanho bem.

Pois logo não me convem,
Ou se me convem tal nome,
Será para que vos tome.
  Se vos benzeis com cautella,
Como de Anjo, e não de luz,
Mal póde fugir da Cruz,
Quem vós tendes posto n'ella.
Mas já que foi minha estrella
Ser diabo, e ter tal nome,
Guardae-vos, que vos não tome.
  Já que chegaes tanto ao cabo,
Com as mãos postas aos céos
Vou sempre pedindo a Deos,
Que vos leve este diabo.
Eu, Senhora, não me gabo;
Mas pois que me daes tal nome,
Tomo-o, para que vos tome.

MOTE

Catharina bem promette;
Ora má! como ella mente!

VOLTAS

  Catharina he mais formosa
Para mi, que a luz do dia;
Mas mais formosa seria,
Se não fosse mentirosa.
Hoje a vejo piedosa,
Ámanhã tão differente,
Que sempre cuido que mente.
  Prometteu-me hontem de vir,
Nunca mais appareceu;
Creio que não prometteu,
Senão só por me mentir.

Faz-me, emfim, chorar e rir;
Rio, quando me promette,
Mas chóro quando me mente.
Jurou-me aquella cadella
De vir, pela alma que tinha;
Enganou-me; tinha a minha,
Deu-lhe pouco de perdel-a.
A vida gasto apoz ella,
Porque m'a dá, se promette,
Mas tira-m'a, quando mente.
Má, mentirosa, malvada,
Dizei, porque me mentis?
Prometteis, e então fugis!
Pois sem tornar, tudo he nada.
Não sois bem aconselhada;
Que quem promette, se mente,
O que perde não o sente.
Tudo vos consentiria
Quanto quizesseis fazer,
Se este vosso prometter
Fosse por me ter hum dia.
Todo então me desfaria
Com gôsto, e vós de contente,
Zombaricis de quem mente.
Mas pois folgaes de mentir,
Promettendo de me ver,
Eu vos deixo o prometter,
Deixae-me vós o servir:
Haveis então de sentir
Quanto a minha vida sente
O servir a quem lhe mente.
Catharina me mentiu
Muitas vezes, sem ter lei,
E todas lhe perdoei
Por uma só que cumpriu.

Se como me consentiu
Fallar-lhe, o mais me consente,
Nunca mais direi que mente.

Labyrintho do Auctor, queixando-se do mundo

Corre sem véla e sem leme
O tempo desordenado,
D'hum grande vento levado:
O que perigo não teme,
He de pouco exprimentado.
As redeas trazem na mão
Os que redeas não tiveram:
Vendo quanto mal fizeram
A cobiça e ambição,
Disfarçados se acolhêram.
A náo, que se vae perder,
Destrue mil esperanças:
Vejo o máo que vem a ter;
Vejo perigos correr
Quem não cuida que ha mudanças.
Os que nunca em sella andaram,
Na sella póstos se vêm:
De fazer mal não deixaram;
De demonio hábito tem
Os que o justo profanaram.
Que poderá vir a ser
O mal nunca refreado?
Anda, por certo, enganado
Aquelle que quer valer,
Levando o caminho errado.

He para os bons confusão,
Vêr que os máos prevaleceram ;
Que, posto se detiveram
Com esta simulação,
Sempre castigos tiveram :
Não porque governe o leme
Em mar envolto e turbado,
Que tem seu rumo mudado,
Se perece grita e geme
Em tempo desordenado.
Terem justo galardão,
E dôr dos que mereceram,
Sempre castigos tiveram
Sem nenhuma redempção,
Postoque se detiveram.
Na tormenta, se vier,
Desespere na bonança,
Quem manhas não sabe ter :
Sem que lhe valha gemer,
Verá falsar a balança.
Os que nunca trabalharam,
Tendo o que lhe não convem,
Se ao innocente enganaram,
Perderão o eterno bem,
Se do mal não se apartaram.

A hum seu amigo, que não podia encontrar

MOTE

Qual culpa terá de nós
N'este mal que todo he meu?
Quando vindes não vou eu,
Quando vou não vindes vós.

VOLTA

Reinando Amor em dous peitos,
Tece tantas falsidades,
Que de conformes vontades
Faz desconformes effeitos.
Igualmente vive em nós;
Mas por desconcêrto seu
Vos leva, se venho eu,
Me leva, se vindes vós.

MOTE SEU

Descalça vae pela neve;
Assi faz quem amor serve.

VOLTAS

Os privilegios que os reis
Não pódem dar, póde Amor,
Que faz qualquer amador
Livre das humanas leis.
Mortes e guerras crueis,
Ferro, frio, fogo e neve,
Tudo soffre quem o serve.

Moça formosa despreza
Todo o frio e toda a dôr.
Olhae quanto póde Amor
Mais que a propria natureza:
Medo, nem delicadeza
Lhe impede que passe a neve;
Assi faz quem Amor serve.
Por mais trabalhos que leve,
A tudo se offereceria;
Passa pela neve fria,
Mais alva que a propria neve;
Com todo frio se atreve.
Vêde em que fogo ferve
O triste, que a Amor serve.

OUTRO ALHEIO

A dôr que a minha alma sente,
Não na sabe toda a gente.

VOLTAS

Que estranho caso de Amor!
Que desejado tormento!
Que venho a ser avarento
Das dôres de minha dôr!
Por me não tratar peor,
Se se sabe, ou se se sente,
Não na digo a toda a gente.
Minha dôr e causa d'ella
De ninguem ouso fiar;
Que seria aventurar
A perder-me ou a perdel-a.

E pois só com padecel-a,
A minha alma está contente,
Não quero que o saiba a gente.
  Ande no peito escondida,
Dentro n'alma sepultada;
De mi só seja chorada,
De ninguem seja sentida.
Ou me mate ou me dê vida,
Ou viva triste ou contente,
Não m'a saiba toda a gente.

OUTRO SEU

D'alma, e de quanto tiver,
Quero que me despojeis,
Com tanto que me deeixeis
Os olhos para vos vêr.

VOLTA

  Cousa este corpo não tem,
Que já não tenhaes rendida:
Despois de tirar-lhe a vida,
Tirae-lhe a morte tambem.
Se mais tenho que perder,
Mais quero que me leveis,
Com tanto que me deixeis
Os olhos para vos vêr.

MOTE ALHEIO

Amores de huma casada,
Que eu vi pelo meu mal.

VOLTAS

N'huma casada fui pôr
Os olhos, de si senhores:
Cuidei que fossem amores,
Elles fizeram-se amor,
Faz-se o desejo maior
Donde o remedio não val,
Em perigo de meu mal.
Não me pareceu que Amor
Pudesse tanto commigo,
Que d'onde entra por amigo,
Se levante por senhor.
Leva-me de dôr em dôr,
E de final em final,
Cada vez para mór mal.

OUTRO SEU

Enforquei minha esperança;
Mas Amor foi tão madraço,
Que lhe cortou o baraço.

VOLTA

Foi a esperança julgada
Por sentença da Ventura,
Que pois me teve á pendura,
Que fosse dependurada:

Vem Cupido com a espada,
Corta-lhe cerce o baraço.
Cupido, foste madraço.

OUTRO SEU

Puz o coração nos olhos,
E os olhos puz no chão,
Por vingar o coração.

VOLTA

O coração invejoso
Como dos olhos andava,
Sempre remoques me dava
Que não era o meu mimoso:
Venho eu de piedoso
Do senhor meu coração,
E boto os olhos no chão.

OUTRO SEU

Puz meus olhos n'huma funda
E fiz um tiro com ella
A's grades d'huma janella.

VOLTA

Huma Dama, de malvada,
Tomou seus olhos na mão;
E tirou-me huma pedrada
Com elles ao coração.
Armei minha funda então,
E puz os meus olhos n'ella,
Trape, quebrei lhe a janella.

Endechas a uma cativa com quem andava de amores na India, chamada Barbora

Aquella cativa,
Que me tem captivo,
Porque n'ella vivo,
Já não quer que viva.
Eu nunca vi rosa
Em suaves mólhos,
Que para meus olhos
Fosse mais formosa.
Nem no campo flores,
Nem no céo estrellas,
Me parecem bellas,
Como os meus amores.
Rosto singular,
Olhos socegados,
Pretos e cansados,
Mas não de matar,
Huma graça viva,
Que n'elles lhe móra,
Para ser senhora
De quem he captiva.
Pretos os cabellos,
Onde o povo vão
Perde opinião,
Que os louros são bellos.
Pretidão de Amor,
Tão doce a figura,
Que a neve lhe jura
Que trocára a côr.
Leda mansidão,
Que o siso acompanha,
Bem parece estranha,
Mas barbara não.

Presença serena,
Que a tormenta amansa:
N'ella emfim descansa
Toda minha pena.
Esta he a captiva,
Que me tem captivo;
E pois n'ella vivo,
He fôrça que viva.

Chiste

MOTE

Quem ora soubesee
Onde o Amor nasce,
Que o semeasse!

VOLTAS

D'Amor e seus danos
Me fiz lavrador;
Semeava amor,
E colhia enganos;
Não vi, em meus annos,
Homem que apanhasse
O que semeasse.
Vi terra florida
De lindos abrolhos,
Lindos para os olhos,
Duros para a vida.
Mas a rez perdida,
Que tal herva pasce,
Em forte hora nasce.

Com quanto perdi,
Trabalhava em vão:
Se semeei grão,
Grande dôr colhi.
Amor nunca vi
Que muito durasse,
Que não magoasse.

ALHEIO

Se me levam aguas,
Nos olhos as levo.

VOLTAS

Se de saudade
Morrerei ou não,
Meus olhos dirão
De mi a verdade.
Por elles me atrevo
A lançar ás aguas,
Que mostrem as magoas
Que n'esta alma levo.
As aguas, que em vão
Me fazem chorar,
Se ellas são do mar,
Estas de amar são.
Por ellas relévo
Todas minhas mágoas;
Que se fôrça d'ágoas
Me leva, eu as levo.
Todas são salgadas;
Porém as choradas
Doces me parecem.

Correi, doces agoas,
Que se em vós m'enlévo,
Não doem as mágoas,
Que no peito levo.

ALHEIO

Menina dos olhos verdes,
Porque me não vêdes?

VOLTAS

Elles verdes são,
E têm por usança
Na côr esperança,
E nas obras não.
Vossa condição
Não he d'olhos verdes,
Porque me não vêdes.
Isenções a mólhos
Que elles dizem terdes,
Não são de olhos verdes,
Nem de verdes olhos.
Sirvo de giolhos,
E vós não me crêdes,
Porque me não vêdes.
Haviam de ser,
Porque possa vêl-os,
Que huns olhos tão bellos
Não se hão de esconder;
Mas fazeis-me crêr,
Que já não são verdes,
Porque me não vêdes.
Verdes não o são,
No que alcanço d'elles;

Verdes são aquelles
Que esperança dão;
Se na condição
Está serem verdes,
Porque me não vêdes?

ALHEIO

Trocae o cuidado,
Senhora, commigo;
Vereis o perigo,
Que he ser desamado.

VOLTAS

Se trocar desejo
O Amor entre nós,
He para que em vós
Vejaes o que vejo.
E sendo trocado
Este amor commigo,
Ser vos-ha castigo
Terdes meu cuidado.
Tendes o sentido
D'Amor livre e isento,
E cuidaes que he vento
Ser tão mal querido.
Não seja o cuidado
Tão vosso inimigo,
Que queira o perigo
De ser desamado.
Mas nunca foi tal
Este meu querer,
Que a quem tanto quer,
Queira tanto mal.

Seja eu maltratado,
E nunca o castigo
Vos mostre o perigo,
Que he ser desamado.

Á TENÇÃO DE MIRAGUARDA

Vêr, e mais guardar
De vêr outro dia,
Quem o acabaria?

VOLTAS

Da lindeza vossa,
Dama, quem a vê,
Impossivel he
Que guardar-se possa.
Se faz tanta móssa
Vêr-vos hum só dia,
Quem se guardaria?
Melhor deve ser
N'este aventurar
Vêr, e não guardar,
Que guardar e vêr.
Vêr e defender,
Muito bom seria,
Mas quem poderia?

ALHEIO

De pequena tomei amor,
Porque o não entendi:
Agora que o conheci,
Mata-me com desfavor.

VOLTAS

Vi o moço e pequenino,
E a mesma idade ensina
Que se incline huma menina
A's amostras de um menino:
Ouvi-lhe chamar Amor,
Pelo nome me venci;
Nunca tal engano vi,
Nem tamanho desamor.
Cresceu-me de dia em dia
Com a idade a affeição,
Porque amor de creação,
N'alma, e na vida se cria.
Creou-se em mi este Amor,
E senhoreou-se de mi:
Agora que o conheci,
Mata-me com desfavor.
As flôres me torna abrolhos,
A morte me determina
Quem eu trouxe de menina
Nas meninas dos meus olhos.
D'esta mágoa e d'esta dôr
Tenho sabido que emfim
Por amor me perco a mim
Por quem de mi perde amor.
Parece ser caso estranho
O que Amor em mi ordena,

Que em idade tão pequena
Haja tormento tamanho.
Sejam milagres de Amor,
Hei-os de soffrer assi,
Até que haja dó de mi
Quem entender esta dôr.

CANTIGA VELHA

Apartaram-se os meus olhos
De mi tão longe.
Falsos amores,
Falsos, máos, enganadores.

VOLTAS

Trataram-me com cautella,
Por me enganar mais asinha;
Dei-lhe pósse d'alma minha,
Foram-me fugir com ella.
Não ha vêl-os, nem ha vêl-a,
De mi tão longe.
Falsos amores,
Falsos, máos, enganadores!
Entreguei-lhe a liberdade,
E, emfim, da vida o melhor;
Foram-se; e do desamor
Fizeram necessidade.
Quem teve a sua vontade
De si tão longe?
Falsos amores,
E oxalá enganadores!
Não se pôz terra nem mar
Entre vós, que fora em vão,

Pôz-se vossa condição
Que tão doce ha de passar,
Por ella vos quiz levar
De mim tão longe,
Falsos amores
E oxalá enganadores.

OUTRA

Falso Cavalleiro, ingrato,
Enganaes-me;
Vós dizeis que eu vos mato,
E vós mataes-me.

VOLTAS

Costumadas artes são
Para enganar innocencias,
Piedosas apparencias
Sobre isento coração.
Eu vos amo, e vós ingrato
Magoaes-me,
Dizendo que eu vos mato,
E vós mataes-me.
Vêde agora qual de nós
Anda mais perto do fim,
Que a justiça faz-se em mim,
E o pregão diz que sois vós.
Quando mais verdade trato
Levantaes-me
Que vos desamo e vos mato,
E vós mataes-me.

PROPRIO

Se de meu mal me contento
He porque para vós vejo
Em todo o mundo desejo,
E em ninguem merecimento.

VOLTA

Para quem vos soube olhar
Tão impossivel foi ser
O poder-vos merecer,
Como o não vos desejar.
Pois logo a meu pensamento
Nenhum remedio lhe vejo,
Senão se der o desejo
Azas ao merecimento.

ALHEIO

Vós, Senhora, tudo tendes,
Senão que tendes os olhos verdes.

VOLTAS

Dotou em vós natureza
O summo da perfeição;
Que o que em vós he senão,
He em outras gentileza:
O verde não se despreza,
Que, agora que vós os tendes,
São bellos os olhos verdes.
Ouro e azul he a melhor
Côr, porque a gente se perde;
Mas a graça d'esse verde
Tira a graça a toda côr.

Fica agora sendo a flôr
A côr, que nos olhos tendes,
Porque são vossos e verdes.

ALHEIO

Para que me dan tormento,
Aprovechando tan poco?
Perdido, mas no tan loco,
Que descubra lo que siento.

VOLTAS

Tiempo perdido es aquel
Que se passa en darme afan,
Pues quanto más me lo dan,
Tanto menos siento dél.
Que descubra lo que siento?
No lo haré, que no es tan poco;
Que no puede ser tan loco
Quien tiene tal pensamiento.
Sepan que me manda Amor,
Que de tan dulce querella,
A nadie dé parte della,
Porque la sienta mayor.
Es tan dulce mi tormento,
Que aun se me antoja poco;
Y si es mucho, quedo loco
De gusto de lo que siento.

ALHEIO

De vuestros ojos centellas,
Que encienden pechos de hielo,
Suben por el aire al cielo,
Y en llegando son estrellas.

VOLTAS

Falsos loores os dan,
Que essas centellas tan raras
No son nel cielo mas claras
Que en los ojos donde estan.
Porque quando miro en ellas
Lo como alumbran al suelo,
No sé que seran nel cielo;
Mas sé que acá son estrellas.
Ni se puede presumir
Que al cielo suban, Señora;
Que la lumbre que en vós mora,
No tiene más que subir;
Mas pienso que dan querellas
Á Dios nel octavo cielo,
Porque son acá en el suelo
Dos tan hermosas estrellas.

ALHEIO

De dentro tengo mi mal,
Que de fuera no hay señal.

VOLTA

Mi nueva y dulce querella
Es invisible á la gente;
El alma sola la siente,

Que el cuerpo no es dino della.
Como la viva centella
Se encubre en el pedernal,
De dentra tengo mi mal.

ALHEIO

Amor loco, amor loco.
Yo por vós, y vós por otro.

VOLTAS

Dióme Amor tormentos dós,
Para que pene doblado;
Uno es verme desamado,
Otro es mancilla de vós.
Ved que ordena Amor en nós!
Porque vós haceisme loco,
Que seais loca por otro.
Tratais Amor de manera,
Que porque asi me trataes,
Quiere que, pues no me amaes,
Que ameis otro que no os quiera.
Mas con todo, si no os viera
De todo loca por otro,
Con mas razon fuera loco.
Y tan contrario viviendo,
Alfin, alfin, conformamos;
Pues ambos a dós buscamos
Lo que mas nos vá huyendo.
Voy tras vos siempre siguiendo,
Y vós huyendo por otro;
Andaes loca, y me haceis loco.

Chiste

MOTE

Irme quiero, madre,
Á aquella galera,
Con el marinero
Á ser marinera.

VOLTAS

Madre, si me fuere,
Do quiera que vó,
No lo quiero yo,
Que el Amor lo quiere.
Aquel niño fiero,
Hace que me muera
Por un marinero
A' ser marinera.
El que todo puede,
Madre, no podrá,
Pues el alma vá,
Que el cuerpo se quede.
Con él por que muero
Voy, porque no muera;
Que si es marinero,
Seré marinera.
Es tirana ley
Del niño Señor,
Que por um amor
Se deseche un Rey.
Pues d'esta manera
Quiero irme, quiero
Por un marinero
A' ser marinerá.

Decid, ondas, cuando
Vistes vos doncella,
Siendo tierna y bella,
Andar navegando?
Mas qué no se espera
Daquel niño fiero?
Vea yo quien quiero,
Sea marinera.

MOTE

Saudade minha,
Quando vos veria?

VOLTAS

Este tempo vão,
Esta vida escassa,
Para todos passa,
Só para mi não.
Os dias se vão
Sem vêr este dia,
Quando vos veria.
Vêde esta mudança
Se está bem perdida,
Em tão curta vida
Tão longa esperança.
Se este bem se alcança,
Tudo soffreria,
Quando vos veria.
Saudosa dor,
Eu bem vos entendo;
Mas não me defendo,
Porque offendo Amor.

Se fosseis maior,
Em maior valia
Vos estimaria.
  Minha saudade,
Caro penhor meu,
A quem direi eu
Tamanha verdade?
Na minha vontade
De noite e de dia
Sempre vos teria.

MOTE

Vida da minha alma,
Não vos posso ver:
Isto não he vida
Para se soffrer.

VOLTAS

  Quando vos eu via,
Esse bem lograva,
A vida estimava,
Pois então vivia;
Porque vos servia
Só para vos ver.
Já que vos não vejo
Para que he viver?
  Vivo sem razão,
Porque em minha dôr
Não a poz Amor,
Que inimigos são.

Mui grande traição
Me obriga a fazer
Que viva, Senhora,
Sem vos poder vêr.

ALHEIO

Todo es poco lo possible.

GLOSA

Ved que engaño señores
Nuestro juicio tan loco,
Que por mucho que se crea,
Todo el bien, que se desea,
Alcanzado, queda poco.
Un bien de cualquiera grado,
Si de haberse es imposible,
Queda mucho deseado;
Mas para mucho, alcanzado,
Todo es poco lo posible.

OUTRA

Posible es á mi cuidado
Poderme hacer satisfecho,
Si fuera posible al hado
Hacer no hecho lo hecho,
Y futuro lo pasado.
Si olvido pudiera haber,
Fuera remedio sufrible;
Mas ya que no puede ser,
Para contento me hacer,
Todo es poco lo posible.

ALHEIO

Vêde bem se nos meus dias
Os desgostos vi sobejos,
Pois tenho medo a desejos,
E quero mal a alegrias.

VOLTA

Se desejos fui já ter,
Serviram de atormentar-me;
Se algum bem póde alegrar-me,
Quiz-me antes entristecer.
Passei annos, passei dias
Em desgostos tão sobejos,
Que só por não ter desejos,
Perderei mil alegrias.

PROPRIO

Pois he mais vosso que meu,
Senhora, meu coração,
Eu vosso captivo sam,
Meus olhos, lembre-vos eu.

VOLTA

Lembre-vos minha tristeza,
Que jámais nunca me deixa;
Lembre-vos com quanta queixa
Se queixa minha firmeza:
Lembre-vos que não he meu
Este triste coração;
E pois ha tanta razão,
Meus olhos, lembre-vos eu.

OUTRO

Senhora, pois minha vida
Tendes em vosso poder;
Por serdes d'ella servida,
Não queiraes que destruida
Possa ser.

VOLTA

Isto não por me pezar
De morrer, se vós quizerdes;
Que melhor me he acabar
Mil vezes, que supportar
Os males que me fizerdes;
Mas só por serdes servida
De mi, em quanto viver,
Vos peço que minha vida
Não queiraes que destruida
Possa ser.

OUTRO

Pois damno me faz olhar-vos,
Não quero, por não perder-vos,
Que ninguem me veja vêr-vos.

VOLTAS

De vêr-vos a não vos vêr
Ha dous extremos mortaes,
E são elles em si taes,
Que hum por hum me faz morrer;
Mas antes quero escolher,
Que possa viver sem vêr-vos,
Minh'alma, por não perder-vos.

D'este tamanho perigo
Que remedio posso ter,
Se vivo só com vos vêr,
Se vos não vejo, perígo?
Mas quero acabar commigo,
Que ninguem me veja vêr-vos,
Senhora, por não perder-vos.

A tres Damas, que lhe diziam que o amavam

MOTE

Não sei se me engana Helena,
Se Maria, se Joanna;
Não sei qual d'ellas me engana.

VOLTAS

Huma diz que me quer bem,
Outra jura que m'o quer;
Mas em jura de mulher
Quem crerá, se ellas não crêm?
Não posso não crêr a Helena,
A Maria, nem Joanna;
Mas não sei qual mais me engana.
Huma faz-me juramentos
Que só meu amor estima,
A outra diz que se fina,
Joanna, que bebe os ventos.
Se cuido que mente Helena,
Tambem mentirá Joanna;
Mas quem mente não me engana.

A huma Dama mal empregada

MOTE

Menina, não sei dizer,
Vendo-vos tão acabada,
Quão triste estou por vos vêr
Formosa e mal empregada.

VOLTAS

Quem tão mal vos empregou,
Pouco de mi se dohia,
Pois não viu o quanto me hia
Em tirar-me o que tirou.
Obriga o primor que tem
Lindeza tão extremada,
Que digam quantos a vêm:
Formosa e mal empregada!
Tomastes da formosura
Quanto d'ella desejastes,
E com ella me guardastes
Para tão triste ventura.
Mataveis sendo solteira,
Mataes agora em casada;
Mataes de toda a maneira.
Formosa e mal empregada.

A huma Foãa Gonçalves

MOTE

Com vossos olhos, Gonçalves,
Senhora, captivo tendes
Este meu coração Mendes.

VOLTA

Eu sou boa testimunha,
Que Amor tem por cousa má,
Que olhos, que são homens já,
Se nomeiem sem alcunha;
Pois o coração apunha,
E diz, olhos, pois vós tendes,
Chamae-me coração Mendes.

OUTRO

De que me serve fugir
De morte, dôr e perigo,
Se me eu levo commigo?

VOLTAS

Tenho me persuadido,
Por razão conveniente,
Que não posso ser contente,
Pois que pude ser nascido.
Anda sempre tão unido
O meu tormento commigo,
Que eu mesmo sou meu perigo.
E se de mi me livrasse,
Nenhum gôsto me sería:
Quem, senão eu, não teria
Mal, que esse bem me tirasse?

Força he logo que assi passe,
Ou com desgôsto commigo,
Ou sem gôsto e sem perigo.

Disparates seus na India

Este mundo es el camino
Adó hay ducientos váos,
Ou por onde bons e máos,
Todos somos del merino.
Mas os máos são de teor,
Que desque mudam a côr,
Chamam logo a el-rei compadre;
E emfim, dejadlos, mi madre,
Que sempre tem hum sabor
De *quem torto nasce, tarde s'endireita.*
Deixae a hum que se abone;
Diz logo de muito sengo:
Villas y castillos tengo,
Todos á mi mandar sone.
Então eu, qu'estou de mólho,
Com a lagrima no ôlho,
Polo virar do envés,
Digo-lhe: *tu ex illis es,*
E por isso não te ólho;
Pois *honra e proveito não cabem n'hum saco.*
Vereis huns, que no seu seio
Cuidam que trazem París,
E querem com dous ceitís,
Fender anca pelo meio.
Vereis mancebindo de arte,
Com espada de talabarte:

Não ha mais Italiano.
A este direis: Meu mano,
Vós sois galante que farte;
Mas pan y vino anda el camino, que no mozo garrido.

Outros em cada theatro,
Por officio lhe ouvirês:
Que se matarán con tres,
Y lo mismo haran con cuatro.
Prezam-se de dar respostas,
Com palavras bem compostas;
Mas se lhe meteis a mão,
Na paz mostram coração,
Na guerra mostram as costas;
Porque *aqui torce a porca o rabo.*

Outros vejo por ahi,
A que se acha mal o fundo,
Que andam emendando o mundo,
E não se emendam a si.
Estes respondem a quem
D'elles não entende bem
El dolor que está secreto;
Mas porém quem fôr discreto,
Responder-lhe-ha muito bem:
Assi entrou o mundo, assi hade sahir.

Achareis rafeiro velho,
Que se quer vender por galgo:
Diz que o dinheiro he fidalgo,
Que o sangue todo he vermelho.
Se elle mais alto o dissera,
Este pelote puzera:
Que o seu ecco lhe responda;
Que *su padre era de Ronda,*
Y su madre de Antequera.
E quer *cobrir o céo co'huma joeira.*

Fraldas largas, grave aspeito,
Para Senador Romano.
Oh que grandissimo engano!
Que Mômo lhe abrisse o peito!
Consciencia, que sobeja,
Siso, com que o mundo reja,
Mansidão outro que si;
Mas que *lobo* está em ti,
Metido em pelle de oveja!
E sabem-n'o poucos.
Guardae-vos de huns meus Senhores,
Que ainda compram e vendem;
Huns, qu'he certo, que descendem
Da geração de pastores:
Mostram se-vos bons amigos;
Mas se vos vêm em perigos,
Escarravam-vos nas paredes;
Que de fóra dormiredes,
Irmão, que he tempo de figos;
Porque *de rabo de porco nunca bom virote.*
Que direis d'huns, que as entranhas
Lh'estão ardendo em cobiça,
E se tem mando, a justiça
Fazem de taes de aranhas?
Com suas hypocrisias,
Que são de vossas espias:
Para os pequenos huns Neros,
Para os grandes tudo feros.
Pois tu, parvo, não sabias,
Que lá vão leis, onde querem cruzados?
Mas tornando a huns enfadonhos,
Cujas cousas são notorias;
Huns, que contam mil historias
Mais desmanchadas que sonhos;
Huns mais parvos que zambôas,

Que estudam palavras boas,
A que ignorancia os atiça:
Estes paguem por justiça,
Quem têm morto mil pessoas,
Por vida de quanto quero.
  Adonde tienen las mentes
Huns secretos travadores,
Que fazem cartas d'amores,
De que ficam mui contentes?
Não querem sahir á praça;
Trazem trova por negaça;
E se lh'a gabaes, que he boa,
Diz que he de certa pessoa.
Ora que quereis que faça,
Senão ir-me por esse mundo?
  Ó tu, como me atarracas,
Escudeiro de Solia,
Com bocaes de fidalguia,
Trazido quasi com vacas;
Importuno a importunar,
Morto por desenterrar
Parentes, que cheiram já!
Voto a tal, que me fará
Hum d'estes nunca fallar
Mais com viva alma.
  Huns, que fallam muito, vi,
De que quizera fugir;
Huns que, emfim, sem se sentir,
Andam fallando entre si;
Porfiosos sem razão;
E desque tomam a mão,
Fallam sem necessidade;
E se algum'hora he verdade,
Deve ser na confissão;
Porque *quem não mente*... Já m'entendeis.

Oh vós, quem quer que me lêdes,
Que haveis de ser avisado,
Que dizeis ao namorado
Que caça vento com redes?
Jura por vida da Dama;
Falla comsigo na cama;
Passêa de noite e escarra;
Por falsete na guitarra
Põe sempre: Viva que ama...
Porque calça a seu proposito.
Mas deixemos, se quizerdes,
Por hum pouco as travessuras,
Porque entre quatro maduras
Leveis tambem cinco verdes.
Deitemos-nos mais ao mar,
E se algum se arrecear,
Passe tres ou quatro trovas.
E vós tomaes côres novas?
Mas não he para espantar;
Que, *quem porcos ha menos,*
Em cada mouta lhe roncam.
O' vós, que sois Secretarios
Das consciencias reaes,
E que entre os homens estaes
Por Senhores ordinarios;
Porque não pondes hum freio
Ao roubar, que vai sem meio,
Debaixo de bom governo?
Pois hum pedaço de interno
Por pouco dinheiro alheio
Se vende a Mouro e a Judeu.
Porque a mente, affeiçoada
Sempre á Real dignidade,
Vos faz julgar por bondade
A malicia desculpada.

Move a presença real
Huma affeição natural,
Que logo inclina ao Juiz
A seu favor: e não diz
Hum rifão muito geral,
Que *o Abbade d'onde canta, d'ahi janta?*
E vós bailaes a esse som:
Por isso, gentís pastores,
Vos chama a vós mercadores
Hum que só foi pastor bom.

A huma Dama, que jurava pelos seus olhos

Quando me quer enganar
A minha bella perjura,
Para mais me confirmar
O que quer certificar,
Polos seus olhos me jura.
Como meu contentamento
Todo se rege por elles,
Imagina o pensamento,
Que se faz aggravo a elles
Não crêr tão grão juramento.
Porém, como em casos taes
Ando já visto e corrente,
Sem outros certos sinais,
Quanto me ella jura mais,
Tanto mais cuido que mente.
Então vendo-lhe offender
Huns taes olhos como aquelles,
Deixo-me antes tudo crêr,
Só pola não constranger
A jurar falso por elles.

ALHEIO

Vós teneis mi corazon.

GLOSA

Mi corazon me han robado;
Y Amor viendo mis enojos,
Me dijo: Fuéte llevado
Por los mas hermosos ojos,
Que desque vivo he mirado.
Gracias sobrenaturales
Te lo tienen en prision,
Y si Amor tiene razon,
Señora, por las señales,
Vós teneis mi corazon.

MOTE

Coifa de beirame
Namorou Joanna

VOLTAS

Por cousa tão pouca
Andas namorado?
Amas o toucado,
E nem quem o touca?
Ando cega e louca
Por ti, meu Joanne,
Tu pelo beirame.
Amas o vestido?
És falso amador.
Tu não vês que Amor
Se pinta despido?

Cego e mui perdido
Andas por beirame,
E eu por ti, Joanne.
  Se alguem te vir,
Que dirá de ti?
Que deixas a mim
Por cousa tão vil!
Terá bem que rir,
Pois amas beirame,
E a mim não, Joanne.
  Quem ama assi
Pode ser amada,
Ando maltratada
De amores por ti;
Ama-me a mi,
E deixa o beirame
Que he razão Joanne.
  A todos encanta
Tua parvoice;
De tua doudice
Gonçalo s'espanta,
E zombando canta:
Coifa de beirame,
Namorou Joanne.
  Eu não sei que viste
N'este meu toucado,
Que tão namorado
D'elle te sentiste.
Não te veja triste;
Ama-me, Joanne,
E deixa o beirame.
  Joanne gemia,
Maria chorava.
E assi lamentava
O mal que sentia:

(Os olhos feria,
E não o beirame,
Que matou Joanne).
Não sei do que vem
Amares vestido;
Que o mesmo Cupido
Vestido não tem.
Sabes de que vem
Amares beirame?
Vem de ser Joanne.

MOTE ALHEIO

Ha hum bem, que chega e foge;
E chama-se este bem tal,
Ter bem para sentir mal.

VOLTA

Quem viveu sempre n'hum ser,
Inda que seja em pobreza,
Não viu o bem da riqueza,
Nem o mal de empobrecer:
Não ganhou para perder;
Mas ganhou com vida igual
Não ter bem, nem sentir mal.

A huma Dama, que lhe virou o rosto

MOTE

Olhos, não vos mereci
Que tenhaes tal condição,
Tão liberaes para o chão,
Tão irosos para mi.

VOLTA

Baixos e honestos andaes,
Por vos negardes a quem
Não quer mais que aquelle bem,
Que vós no chão espalhaes?
Se pouco vos mereci,
Não m'estimeis mais que o chão,
A quem vós o galardão
Daes, e m'o negaes a mi.

Sentenças do Auctor por fim do Livro

Vai o bem fugindo,
Cresce o mal co'os annos,
Vão-se descubrindo
Co'o tempo os enganos.
Amor e alegria
Menos tempo dura.
Triste de quem fia
Nos bens da ventura!
Bem sem fundamento
Tem certa a mudança,
Certo o sentimento
Na dôr da lembrança.

Quem vive contente,
Viva receoso:
Mal que se não sente,
He mais perigoso.

Quem males sentiu,
Saiba já temer;
E pelo que viu
Julgue o qu'ha de ser.

Alegre vivia,
Triste vivo agora;
Chora a alma de dia,
E de noite chora.

Confesso os enganos
De meu pensamento:
Bem de tantos annos
Foi-se n'hum momento.

Meus olhos, que vistes?
Pois vos atrevestes,
Chorae, olhos tristes,
O bem que perdestes.

A luz do sol pura
Só a vós se negue;
Seja noite escura,
Nunca a manhã chegue.

O campo floreça,
Murmurem as ágoas,
Tudo me entristeça,
Cresçam minhas mágoas.

Quizera mostrar
O mal que padeço;
Não lhe dá logar
Quem lhe deu começo.

Em tristes cuidados
Passo a triste vida;

Cuidados cansados,
Vida aborrecida.
  Nunca pude crêr
O que agora creio:
Cegou-me o prazer
Do mal que me veiu.
  Ah ventura minha,
Como me negaste!
Hum só bem que tinha,
Porque m'o roubaste?
  Triste fantasia
Quanta cousa guarda!
Quem já visse o dia,
Que tanto lhe tarda.
  N'esta vida cega
Nada permanece;
O que inda não chega,
Já desapparece.
  Qualquer esperança
Foge como o vento:
Tudo faz mudança,
Salvo meu tormento.
  Amor cego e triste
Quem o tem padece:
Mal quem lhe resiste!
Mal quem lhe obedece?
  No meu mal esquivo,
Sei como Amor trata:
E pois n'elle vivo,
Nenhum amor mata.

A huma Dama que lhe deu huma penna

Se n'alma e no pensamento
Por vosso me manifesto,
Não me peza do que sento;
Que se não soffrer tormento,
Faço offensa a vosso gesto.
E, pois quanto Amor ordena,
E quanto est'alma deseja,
Tudo á morte me condena,
Não quero senão que seja
Tudo pena, pena, pena.

A huma Dama que lhe chamou — Cara sem olhos

Sem olhos vi o mal claro,
Que dos olhos se seguiu:
Pois cara sem olhos viu
Olhos, que lhe custam caro.
D'olhos não faço menção,
Pois quereis que olhos não sejam;
Vendo-vos, olhos sobejam,
Não vos vendo, olhos não são.

PROPRIO

Venceu-me Amor, não o nego;
Tem mais fôrça, qu'eu assaz;
Que como he cego e rapaz,
Dá-me porrada de cego.

VOLTA

Só porque he rapaz ruim,
Dei-lhe um bofete zombando.
Diz-me: Ó máo, estaes-me dando,
Porque sois maior que mim?
Pois se eu vos descarrégo,
E em dizendo isto, chaz;
Torna-me outra; tá rapaz,
Que dás porrada de cego.

Ao desconcerto do mundo

Os bons vi sempre passar
No mundo graves tormentos;
E para mais m'espantar,
Os *máos* vi sempre nadar
Em mar de contentamentos.
Cuidando alcançar assi
O bem tão mal ordenado,
Fui máo; mas fui castigado.
Assi, que só para mi
Anda o mundo concertado.

A huma Dama, perguntando-lhe quem o matava

MOTE

Perguntaes-me, quem me mata?
Não quero responder nada,
Por vos não fazer culpada.

VOLTA

E se a penna não me atiça,
A dizer pena tão forte,
Quero-me entregar á morte,
Antes que a vós á justiça.
Porém se tendes cobiça
De vos vêrdes tão culpada,
Direi que não sinto nada.

MOTE

Esconjuro-te, Domingas.
Pois me dás tanto cuidado,
Que me digas se te vingas,
Viverei menos penado.

VOLTAS

Juravas-me, que outras cabras
Folgavas de apascentar;
Eu por não me magoar,
Fingia que eram palabras.
Agora d'arte te vingas
De algum meu doudo peccado,
Que inda que queiras, Domingas,
Não posso ser enganado.

Qualquer cousa busca o seu;
A fonte vae para o Tejo,
E tu para o teu desejo,
Por te vingares do meu.
De mi te esqueces, Domingas,
Como eu faço do meu gado:
Praza a Deos, que se te vingas,
Que morra desesperado.
Na phantasia te pinto,
Fallo-te, responde o monte,
Busco o rio, busco a fonte,
Endoudeço, e não o sinto:
Domingas no valle brado,
Responde o ecco Domingas;
E tu inda te não vingas
De me vêr doudo tornado!

ALHEIO

Se a alma vêr-se não póde
Onde pensamentos ferem,
Que farei para me crêrem?

VOLTAS

Se n'alma huma só ferida
Faz na vida mil sinaes,
Tanto se descobre mais,
Quanto he mais escondida.
Se esta dôr tão conhecida
Me não vem, porque não querem,
Que farei para m'a crêrem?
Se se pudesse bem vêr
Quanto callo, e quanto sento,
Depois de tanto tormento

Cuidaria alegre ser.
Mas se não me querem crêr
Olhos, que tão mal me ferem,
Que farei para me crêrem?

ALHEIO

Vosso bem querer, Senhora,
Vosso mal melhor me fôra.

VOLTAS

Já agora certo conheço
Ser melhor todo tormento,
Onde o arrependimento
Se compra por justo preço.
Enganou-me hum bom comêço;
Mas o fim me diz agora
Que o mal melhor me fôra.
Quando hum bem he tão damnoso,
Que sendo bem, dá cuidado,
O damno fica obrigado
A ser menos perigoso.
Mas se a mi por desditoso,
Co'o bem me foi mal, Senhora,
Co'o vosso mal bem me fôra.

ALHEIO

Se me d'esta terra fôr,
Eu vos levarei, amor.

VOLTAS

Se me fôr, e vos deixar,
(Ponho por caso, que possa)
Est'alma minha, que he vossa,
Comvosco me ha de ficar.
Assi que só por levar
A minha alma, se me for,
Vos levarei, meu amor.
Que mal póde maltratar-me,
Que comvosco seja mal?
Ou que bem póde ser tal,
Que sem vós possa alegrar-me?
O mal não póde enojar-me,
O bem me será maior,
Se vos levar, meu amor.

ALHEIO

Pequenos contentamentos;
Hi buscar quem contenteis,
Que a mi não me conheceis.

VOLTAS

Os gostos, que tantas dores
Fizeram já valer menos,
Não os acceita pequenos,
Quem nunca teve maiores:
Bem parecem vãos favores,
Pois tão tarde me quereis,
Que inda me não conheceis.

Offereceis-me alegria,
Tendo-me já cego e mouco:
He baixeza acceitar pouco,
Quem tanto vos merecia.
Ide-vos por outra via,
Pois o bem que me deveis,
Nunca m'o satisfareis.

AI HEIO

Perdigão perdeu a penna,
Não ha mal que lhe não venha.

VOLTAS

Perdigão, que o pensamento
Subiu a hum alto logar,
Perde a penna do voar,
Ganha a pena do tormento:
Não teem no ar, nem no vento,
Azas com que se sostenha:
Não ha mal que lhe não venha.
Quiz voar a huma alta torre,
Mas achou-se desasado;
E vendo-se despennado,
De puro penado morre.
Se a queixumes se soccorre,
Lança no fogo mais lenha:
Não ha mal que lhe não venha.

A humas Senhoras, que haviam ser terceiras para com huma Dama

Pois a tantas perdições,
Senhoras, quereis dar vida,
Ditosa seja a ferida,
Que tem taes cirurgiões!
Pois ventura
Me subiu a tanta altura,
Que me sejaes valedoras,
Ditosa seja a tristura,
Que se cura
Por vossos rogos, Senhoras!
Ser minha pena mortal,
Já que entendeis, que he assi,
Não quero fallar por mi,
Que por mi falla meu mal
Sois formosas,
Haveis de ser piedosas,
Por ser tudo d'huma côr;
Que pois Amor vos fez rosas
Milagrosas,
Fazei milagres de amor.
Pedi a quem vós sabeis,
Que saiba de meu trabalho,
Não pelo que eu n'isso valho,
Mas pelo que vós valeis.
Que o valer
De vosso alto merecer,
Com lh'o pedir de giolhos,
Fará que em meu padecer
Possa ver
O poder que têm seus olhos.

Vossa muita formosura
Com a sua tanto val,
Que me rio de meu mal,
Quando cuido em quem me cura.
A meus ais,
Peço-vos que lhe valhais,
Damas de Amor tão valídas,
Que nunca tal dôr sintais,
Que queirais,
Onde não sejais queridas.

MOTE

Se Helena apartar
Do campo seus olhos,
Nascerão abrolhos.

VOLTAS

A verdura amena,
Gados que pasceis,
Sabei que a deveis
Aos olhos de Helena.
Os ventos serena,
Faz flôres d'abrolhos
O ár de seus olhos.
Faz serras florídas,
Faz claras as fontes:
Se isto faz nos montes,
Que fará nas vidas?
Tral-as suspendidas,
Como hervas em mólhos,
Na luz de seus olhos.
Os corações prende
Com graça inhumana;
De cada pestana

Hum'alma lhe pende.
Amor se lhe rende,
E posto em giolhos,
Pasma nos seus olhos.

ALHEIO

Verdes são os campos
De côr de limão;
Assi são os olhos
Do meu coração.

VOLTAS

Campo, que te estendes
Com verdura bella;
Ovelhas, que n'ella
Vosso pasto tendes;
D'hervas vos mantendes
Que traz o verão;
E eu das lembranças
Do meu coração.
Gados, que pasceis
Com contentamento,
Vosso mantimento
Não n'o entendeis.
Isso que comeis,
Não são hervas, não;
São graça dos olhos
Do meu coração.

ALHEIO

Verdes são as hortas
Com rosas e flores:
Moças, que as regam,
Matam-me d'amores.

VOLTAS

Entre estes penedos
Que d'aqui parecem,
Verdes hervas crescem,
Altos arvoredos.
Vai d'estes rochedos
Agua, com que as flores
D'outras são regadas,
Que matam d'amores.
Com agua, que cae
D'aquella espessura,
Outra se mistura,
Que dos olhos sae;
Toda junta vae
Regar brancas flores,
Onde ha outros olhos,
Que matam de amores.
Celestes jardins,
As flôres estrellas:
Hortelôas d'ellas
São huns seraphins.
Rosas e jasmins
De diversas côres,
Anjos, que as regam,
Matam-me de amores.

———

ALHEIO

Menina formosa,
Dizei de quem vem
Serdes rigorosa
A quem vos quer bem?

VOLTAS

Não sei quem assella
Vossa formosura;
Que quem he tão dura
Não póde ser bella.
Vós sereis formosa;
Mas a razão tem
Que quem he irosa
Não parece bem.
A mostra he de bella,
As obras são cruas:
Pois qual d'estas duas
Ficará na sella?
Se ficar *irosa*,
Não vos está bem:
Fique antes *formosa*,
Que mais fôrça tem.
O Amor formoso
Se pinta e se chama:
Se he amor, ama,
Se ama, he piedoso.
Diz agora a grosa
Que este texto tem,
Que quem he formosa
Ha de querer bem.
Havei dó, menina,
D'essa formosura;
Que se a terra he dura,
Secca-se a bonina.

Sêde piedosa;
Não veja ninguem
Que por rigorosa
Percaes tanto bem.

ALHEIO

Tende-me mão n'elle,
Que hum real me deve

VOLTAS

C'hum real de amor,
Dous de confiança,
E tres de esperança,
Me foge o trédor.
Falso desamor
S'encerra n'aquelle
Que hum real me deve.
Pediu-mo emprestado,
Não lhe quiz penhor:
He máo pagador;
Tendo-m'o afferrado.
C'hum cordel atado,
Ao Tronco se leve;
Que hum real me deve.
Por esta travéssa
Se vai acolhendo:
Eil-o vai correndo,
Fugindo a grã pressa.
N'esta mão, e n'essa
O falso se atreve,
Que hum real me deve.

Comprou-me o amor,
Sem lhe fazer preço:
Eu não lhe mereço
Dar-me desfavor.
Dá-me tanta dor,
Que ando apoz elle
Pelo que me deve.
Eu de cá bradando,
Elle vae fugindo;
Elle sempre rindo,
Eu sempre chorando.
E de quando em quando
No amor se atreve,
Como que não deve.
A fallar verdade
Elle já pagou;
Mas ainda ficou
Devendo ametade.
Minha liberdade
He a que me deve:
Só n'ella se atreve.

CANTIGA ALHEIA

Na fonte está Leonor
Lavando a talha, e chorando
Ás amigas perguntando:
Vistes lá o meu amor?

VOLTAS

Posto o pensamento n'elle,
Porque a tudo o Amor a obriga,
Cantava, mas a cantiga
Eram suspiros por elle.

N'isto estava Leonor
O seu desejo enganando,
Ás amigas perguntando:
Vistes lá o meu amor?
O rosto sobre huma mão,
Os olhos no chão pregados,
Que de chorar já cansados,
Algum descanso lhe dão;
D'esta sorte Leonor
Suspende de quando em quando
Sua dôr; e em si tornando,
Mais pezada sente a dor.
Não deita dos olhos agoa,
Que não quer que a dôr se abrande
Amor, porque em mágoa grande
Sécca as lagrimas a mágoa.
Despois que de seu amor
Soube novas perguntando,
De improviso a vi chorando.
Olhae que extremos de dôr!

Estas trovas mandou o auctor da Cadeia, em que o tinha embargado por huma divida Miguel Roiz, Fios-seccos d'alcunha, ao Conde de Redondo D. Francisco Coutinho, viso-rei, que se embarcava para fóra, pedindo-lhe o fizesse desembargar

Que diabo ha tão damnado,
Que não tema a cutilada
Dos *fios seccos* da espada
Do fero Miguel armado?
Pois se tanto um golpe seu
Sôa na infernal cadeia;
Do que o demonio arreceia
Como não fugirei eu!

Com razão lhe fugiria,
Se contra elle, e contra tudo
Não tivesse hum forte escudo
Só em Vossa Senhoria.
Por tanto, Senhor, proveja,
Pois me tem ao rêmo atado,
Que antes que seja embarcado,
Eu desembargado seja.

Estas trovas mandou Heitor da Silveira ao mesmo conde, invernando em Gôa

Vossa Senhoria creia
Que não apura o engenho
Fome, se he como a que tenho,
Mas afraca e córta a veia.
E quem o contrario sente,
Está farto em toda a hora,
Como estou faminto agora:
Mas Martha, se está contente,
Dá-lhe pouco de quem chora.
E pois Vossa Senhoria
Em geral a tudo acode,
Acuda a mi, que só póde,
Dar-me no engenho valia.
Esperte esta Musa minha,
Que o tempo traz somnolenta;
Valha-lhe n'esta tormenta
Com essa doce mézinha,
Que só dá vida e contenta.
Acuda com provisão,
Não de papel, mas provida
De ouro e prata; que esta vida
Não sustentam papeis, não.

De feitor a thesoureiro
Ser-me-hia trabalho grande;
Vossa Senhoria mande
Algum remedio, primeiro,
Com que a morte o ferro abrande.

Ajuda de Luiz de Camões

Nos livros doutos se trata
Que o grande Achilles insano
Deu a morte a Heitor troiano;
Mas agora a fome mata
O nosso Heitor lusitano.
Só ella o póde acabar,
Se essa vossa condição
Liberal e singular
Não mete entre elles bastão,
Bastante para o fartar.

A huma senhora, que lhe chamou diabo

ESPARSA

Não posso chegar ao cabo
De tamanho desarranjo,
Que sendo vós, Senhora, Anjo,
Vos queira tanto o Diabo.
Dais manifesto sinal
De minha muita firmeza,
Que os diabos querem mal
Aos anjos por natureza.

CANTIGA

Vi chorar huns claros olhos,
Quando d'elles me partia.
Oh que mágoa! Oh que alegria!

VOLTAS

Polo meu apartamento
Se arrazaram todos d'ágoa.
Quem cuidou que em tanta mágoa
Achasse contentamento?
Julgue todo entendimento
Qual mais sentir se devia,
Se esta dôr, se esta alegria?

Quando mais perdido estive,
Então deu a est'alma minha
Na maior mágoa que tinha,
O maior gosto que tive.
Assi, se minha alma vive,
Foi porque me defendia
D'esta dôr esta alegria?

O bem, que Amor me não deu
No tempo que desejei,
Quando d'elle me apartei,
Me confessou, que era meu.
Agora que farei eu,
Se a fortuna me desvia
De lograr esta alegria?

Não sei se foi enganado,
Pois me tinha defendido
Das iras de mal querido,
No mal de ser apartado.

Agora peno dobrado,
Achando no fim do dia
O principio da alegria.

Al Rey

MOTE

Dó la mi ventura,
Que no veo alguna ?

VOLTAS

Sepa quien padece,
Que en la sepultura
Se esconde ventura
De quien la merece.
Allá me parece,
Que quiere fortuna
Que yo halle alguna.
Naciendo mesquino,
Dolor fué mi cama;
Tristeza fué el alma,
Cuidado el padrino.
Vestióse el destino
Negra vestidura,
Huyó la ventura.
No se halló tormento,
Que alli no se hallasse;
Ni bien, que pasase,
Sinó como viento.
Oh qué nacimento,
Que luego em la cuna
Me siguió fortuna!

Esta dicha mia,
Que siempre busqué,
Buscándola, hallé
Que no la hallaria :
Que quien nace en dia
D'estrella tan dura,
Nunca halla ventura.
No puso mi estrella
Mas ventura en min:
Ansí vive en fin
Quien nace sin ella.
No me quejo d'ella ;
Quéjome que atura
Vida tan escura.

VILLANCETE PASTORIL

Deos te salve, Vasco amigo.
Não me fallas? Como assi?
Bofé, Gil, não 'stava aqui.

VOLTAS

Pois onde te hão de fallar,
Se não 'stás onde appareces?
Se Magdalena conheces,
N'ella me pódes achar.
E como te hão de ir buscar.
Aonde fogem de ti?
Pois nem eu estou em mi.
Porque te não acharei
Em ti, como em Magdalena?
Porque me fui perder n'ella
O dia que me ganhei.

Quem tão bem falla, não sei
Como anda fóra de si.
Ella falla dentro em mi.
  Como estás aqui presente,
Se lá tens a alma e a vida?
Porque he d'hum'alma perdida
Apparecer sempre á gente,
Se és morto, bem se consente
Que todos fujam de ti.
Eu tambem fujo de mi.

OUTRO PASTORIL

Porque no miras, Giraldo,
Mi zampoña como suena?
Porque no me mira Elena.

VOLTAS

Vuelve acá, no estês pasmado,
Mira que gentil sonar!
Como te podrá mirar
Quien no puede ser mirado?
Y que bueno enamorado!
No dirás, si es mala, o buena?
No, que me hizo mudo Elena.
  Mira tan dulce armonia,
Déjate dessos enojos.
Tengo clavados los ojos
Con que mirar te podia.
Assí Dios te dé alegría:
No vés cuan dulce que suena?
No, porque no veo Elena.

OUTRO PASTORIL

Crescem, Camilla, os abrolhos
De chorares por Cincero:
Não he muito, que lhe quero,
Belisa, mais que meus olhos.

VOLTAS

Sempre os teus olhos estão,
Camilla, d'aguas banhados.
De se verem desarmados
Póde ser que chorarão.
Si, mas crescem os abrolhos,
E tu cegas por Cincero.
Se eu não vejo quem mais quero,
Para que quero mais olhos?
Se se foi ha mais d'hum mez,
Teus olhos não cansarão?
Não, que apoz elle se vão
Estas lagrimas que vês.
Fazem logo estes abrolhos
O mato espinhoso e fero.
Pois eu não vejo a Cincero,
Isso só verão meus olhos.
Chorando queres morrer?
Mais quero viver chorando.
Tu não vês que vás cegando?
Se cego, como hei de ver?
Põe na vista outros antolhos
Não posso, nem menos quero
Outra para outro Cincero,
Antes não quero ter olhos.

A huma mulher que se chamou Gracia de Moraes

MOTE

Olhos, em que estão mil flores,
E com tanta graça olhaes,
Que parece que os Amores
Moram onde vós moraes.

VOLTA

Vêem-se rosas e boninas,
Olhos, n'esse nosso ver;
Vêm-se mil almas arder
No fogo d'essas meninas.
E dil-o-hão minhas dores,
Meus suspiros e meus ais;
E dirão mais, que os amores
Moram onde vós morais.

MOTE

Vida de minha alma.

VOLTA

Dous tormentos vejo
Grandes por extremo:
Se vos vejo, temo,
E se não, desejo.
Quando me despejo,
E venho a escolher,
Temendo o desejo,
Desejo temer.

CANTIGA ALHEIA

Pastora da serra,
Da serra da Estrella,
Perco-me por ella.

VOLTAS

Nos seus olhos bellos
Tanto Amor se atreve,
Que abraza entre a neve
Quantos ousam vel-os.
Não sólta os cabellos
Aurora mais bella:
Perco-me por ella.
Não teve esta serra
No meio d'altura
Mais que a formosura,
Que n'ella se encerra.
Bem céo fica a terra,
Que tem tal estrella:
Perco-me por ella.
Sendo entre pastores
Causa de mil males,
Não se ouvem nos vales
Senão seus louvores.
Eu só por amores
Não sei fallar n'ella,
Sei morrer por ella.
D'alguns, que sentindo
Seu mal vão mostrando,
Se ri, não cuidando
Que inda paga rindo.
Eu triste, encobrindo
Só meus males d'ella,
Perco-me por ella.

Se flores deseja
Por ventura bellas,
Das que colhe d'ellas
Mil morrem de inveja.
Não ha quem não veja
Todo o melhor n'ella:
Perco-me por ella.
Se n'agua corrente
Seus olhos inclina,
Faz a luz divina
Parar a corrente.
Tal se vê, que sente
Por vêr-se a agua n'ella:
Perco-me por ella.

MOTE

Que veré que me contente?

GLOSA

Desque una vez yo miré,
Señora, vuestra beldad,
Jamas por mi voluntad
Los ojos de vos quité.
Pues sin vos placer no siente
Mi vida, ni lo desea,
Si no quereis que yo os vea,
Que veré que me contente?

MOTE

Quem se confia em huns olhos,
Nas meninas d'elles vê
Que meninas não têm fé.

VOLTAS

Quem põe suas confianças
Em meninas sem assento,
Offereça o soffrimento
A duzentos mil mudanças.
Mostram no ár esperanças;
Mas em seus olhos se vê
Como não tem n'alma fé.
Enganam ao parecer,
Porque no caso de amar,
São mulheres no matar,
E meninas no querer.
Quem em seus olhos se crer,
Cem mil graças n'elles vê;
Vêl-as sim, mas não ter fé.
Amostram-vos n'hum momento
Favores assi a mólhos;
Mas na mudança dos olhos
Se lhe muda o pensamento.
Em nada já têm assento,
E o que mais n'elles se vê
He formosura sem fé.

Louvando e deslouvando huma dama

CANTIGA VELHA

Sois formosa, e tudo tendes,
Senão que tendes os olhos verdes.

VOLTAS

Ninguem vos póde tirar
Serdes tão bem assombrada;
Mas heis-me de perdoar,
Que os olhos não valem nada.
Fostes mal aconselhada
Em querer que fossem verdes:
Trabalhae de os esconderdes.
A vossa testa he jardim,
Onde Amor se desenfada;
He tão branca e bem talhada,
Que parece de marfim.
Assi he; e quanto a mim,
Isso vos nasce de a terdes
Tão perto dos olhos verdes.
Os cabellos desatados
O mesmo sol escurecem;
Senão que por ser ondados,
Algum tanto desmerecem:
Mas á fé, que se parecem
A furto dos olhos verdes,
Não vos peze, não, de os terdes.
As pestanas têm mostrado
Ser raios, que abrazam vidas;
Se não foram tão compridas,
Tudo o mais era pintado:
Ellas me tinham levado

A alma, sem o vós saberdes,
Senão foram os olhos verdes.
  O mimo d'esse carão
Nem pôr-lhe os olhos consente:
O ser liso e transparente
Rouba todo o coração;
Inda assi achareis nação,
Que lhe não peze de os verdes;
Mas não seja co'os olhos verdes.
  Esse riso, que he compôsto
De quantas graças nasceram,
Senão que alguns me disseram,
Vos faz covinhas no rôsto.
Na vontade tenho posto
Dar-vos a alma, se quizerdes,
A trôco dos olhos verdes.
  Nunca se viu, nem se escreve
Bocca co'huma graça igual,
Se não fôra de coral,
E os dentes de côr de neve.
Dou-me eu a Deos, que me leve!
Soffrerei quanto tiverdes,
Não me tenhaes olhos verdes.
  Essa garganta merece
Outras palavras não minhas,
Senão que he feita em rosquinhas
D'alfenim, ao que parece.
Eu sei bem quem se offerece
A tomar tudo o que tendes,
E tambem os olhos verdes.
  Essas mãos são ferropeas:
Só o vêl as enfeitiça;
Senão que são alvas, cheias,
E têm a feição roliça;
Com que appellaes por justiça,

Para com ellas prenderdes
Quem vê vossos olhos verdes.
  A vossa galantaria
Matará a quem fallardes:
Tendes huns desdens e tardes,
Que eu logo vos roubaria.
Oh dou-me a Santa Maria!
Sou cujo de quanto tendes,
E tambem d'esses olhos verdes.

Ao mesmo

  Tudo tendes singular,
Com que os corações rendeis,
Senão que rindo, fazeis
Covinhas para enterrar:
E para resuscitar
Tem fôrça a graça que tendes;
Senão que tendes os olhos verdes.
  Tudo, Senhora, alcançaes,
Quanto o ser formosa alcança.
Senão que daes esperança
Co'os olhos com que mataes.
Se acaso os alevantaes,
He para as almas renderdes;
Senão que tendes os olhos verdes.

Á Dom Antonio, senhor de Cascaes, que tendo-lhe promettido seis gallinhas recheadas por huma Cópla que lhe fizera. lhe mandou por principio da paga meia gallinha recheada

Cinco gallinhas e meia
Deve o Senhor de Cascaes;
E a meia vinha cheia
De appetite para as mais.

A. B. C. feito em Mottes

A.

Amor, quizestes que fosse
O vosso nome da pia;
Para mór minha agonia.
Apelles, se fôra vivo
E a ver-vos alcançara,
Por vós, retratos tirara.
Achilles morreu no templo
Contemplando de giolhos,
Eu, quando vejo esses olhos.
Arthemisa sepultou
A seu irmão e marido;
Vós a mim e a meu sentido.

B.

Bem vejo que sois, Senhora,
Extremo de formosura,
Para minha sepultura.

C. C.

Cleopatra se matou
Vendo morto a seu amante;
E eu por vós em ser constante.
Cassandra disse de Troya,
Que havia ser destruida;
E eu por vós d'alma e da vida.

D. D.

Dido morreu por Eneas,
E vós mataes quem vos ama,
Julgae se sois cruel dama.

Djanira innocente
Da má morte causadora,
Vós da minha sabedora.

E.

Euridice foi a causa
De Orpheo hir ao inferno,
Vós de ser meu mal eterno.

F. F.

Fedra só de puro amor
Morreu por seu enteado;
Eu morro de desamado.
Febo vae escurecendo
Ante vossa claridade;
E eu sem ter liberdade.

G. G.

Galatea, sois, Senhora,
Da formosura estremo;
E eu perdido Polyphemo,
Genebra, que foi Rainha,
Se perdeu por Lançarote,
E vós por me dar a morte.

H. H.

Hercules, huma camisa
De chammas, o consumiu;
Minha alma des que vos viu.
Hebis e Dido morreram
Com o rigor da mudança;
Eu vendo vossa esquivança.

J. J.

Judith que o duro Holofernes
Degolou, se viva fôra,
Mate lhe dereis, Senhora.
Julio Cesar conquistou
O mundo com fortaleza;
Vós a mim com gentileza.
Julio Cesar se llvrou
Dos imigos com abrolhos,
Eu não posso d'esses olhos.
Jazia-se o Minotauro
Preso no seu labyrintho,
Mas eu mais preso me sinto.

L. L.

Leandro se afogou,
E foi sua causa Hero;
E a mim o que vos quero.
Leandro se afogou
No mar de sua bonança,
Eu no de vossa esperança.

M. M.

Minerva dizem que foi
E Pallas Deosas da guerra,
E vós, Senhora, da terra.
Medéa foi mui cruel,
Mas não chegou a metade
De vossa grã crueldade.

N. N.

Narciso o siso perdeu
  Em vendo a sua figura;
  Eu por vossa formosura.
Nymphas enganam mil Faunos
  Com seu ár e formosura;
  E a mim vossa figura.

O. O.

Os olhos choram o damno
  Que em vos verem sentiram,
  Mas eu pago o que elles viram.
Orpheo com a doce harpa
  Venceu o reino de Plutão,
  Vós a mim com perfeição.

P. P.

Páris a Helena roubou,
  Por quem Troia foi perdida;
  E vós a mim alma e vida.
Pyrrho matou Policena
  Perfeita em todos sinaes,
  E vós a mim me mataes.

Q. Q.

Quanto mais desejo vêr-vos,
  Menos vos vejo, Senhora:
  Não vos vêr melhor me fôra.
Querendo vêr a Diana,
  Acteon perdeu a vida,
  Que eu por vós trago perdida.

R. R.

Remedio nenhum não vejo,
Que remedeie meu mal;
Nem crueza á vossa igual.
Roma o mundo sujeita
Com armas, saber, temor;
Vós a mim só por amor.

S.

Sirena na mór fortuna
Com enganos vae cantando,
E vós sempre a mim matando.

T. T.

Thisbe morreu por Pyramo,
A ambos matou o amor;
A mim vosso desfavor.
Thisbe pelo seu amante
Morreu com amor sobejo,
Mas eu mais morto me vejo.

V. V.

Venus, que por mais formosa,
Lhe deu Páris a maçã,
Não foi quanto vós louçã.
Venus levou a maçã,
Por vós não serdes, Senhora,
Nascida n'aquella hora.

X. X.

Xpò vos acabe em graça,
E vos faça piedosa,
Tanto, quanto sois formosa.
Xantopea tornou atraz,
Por Aponio a invocar,
E vós não a meu chamar.

Estanças na medida antiga, que tem duas contrariedades, louvando e deslouvando huma dama

Sois huma Dama
Das feias do mundo
De toda a má fama
Sois cabo profundo
A vossa figura
Não he para ver
Em vosso poder
Não ha formosura
Fostes dotada
De toda a maldade,
Perfeita beldade
De vós he tirada
Sois muito acabada
De tacha e de glosa,
Pois quanto a formosa
Em vós não ha nada
De grão merecer,
Sois bem apartada,
Andaes alongada
Do bem parecer.
Bem claro mostraes
Em vós fealdade,
Não ha hi maldade,
Que não precedaes.
De fresco carão,
Vos vejo ausente,
Em vós he presente
A má condição.
Em ter perfeição
Mui alheia estaes,
Mui muito alcançaes
De pouca razão.

MOTE

Sem vós, e com meu cuidado

GLOSA

Querendo Amor esconder-vos
Em parte que vos não visse,
Co'o extremo de querer-vos,
Cegou-me os olhos com ver-vos,
Levou-vos, sem que vos visse.
Eu cego, mas atinado,
Quando vi que vos não via,
Do mesmo Amor indignado,
Já vêdes qual ficaria
Sem vós, e com meu cuidado.

MOTE

A alma, que está offrecida
A tudo, nada lhe é forte;
Assi passa o bem da vida,
Como passa o mal da morte.

VOLTA

De maneira me succede
O que temo, e o que desejo,
Que sempre o que temo, vejo,
Nunca o que a vontade pede.
Tenho tão offerecida
Alma e vida a toda a sorte,
Que isso me dera da morte,
Como já me dá da vida.

MOTE

Ferro, fogo, frio e calma,
Todo o mundo acabarão;
Mas nunca vos tirarão,
Alma minha, da minha alma,

VOLTA

Não vos guardei, quando vinha,
Em torre, força, ou engenho;
Que mais guardada vos tenho
Em vós, que sois alma minha.
Alli nem frio, nem calma,
Não podem ter jurdição;
Na vida sim, porém não
Em vós que tenho por alma.

MOTE

Esperei, já não espero
De mais vos servir, Senhora;
Pois me fazeis cada hora
Tanto mal, que desespéro.

VOLTA

Pois sei certo que folgaes,
Quando mais mal me fazeis,
E que nunca descançaes,
Senão quando me mostraes
Quão pouco bem me quereis;

Servir-vos mais não espero
Pois meu viver empeora
Com me fazerdes, Senhora,
Tanto mal, que desespéro.

MOTE

Descalça vae para a fonte
Leonor pela verdura;
Vai formosa, e não segura.

VOLTAS

Leva na cabeça o pote,
O testo nas mãos de prata,
Cinta de fina escarlata,
Saínho de chamalote:
Traz a vasquinha de cote,
Mais branca que a neve pura;
Vai formosa, e não segura.
Descobre a touca a garganta,
Cabellos de ouro entrançado,
Fita de côr de encarnado,
Tão linda que o mundo espanta:
Chove n'ella graça tanta,
Que dá graça á formosura:
Vai formosa, e não segura.

MOTE

Quem disser que a barca pende,
Dir-lhe-hei, mana, que mente.

VOLTAS

Se vos quereis embarcar,
E para isso estaes no caes,
Entrae logo: que tardaes?
Olhae que está preamar:
E se outrem, por vos fretar,
Vos disser que esta que pende,
Dir-lhe-hei, mana, que mente.
Esta barca he de carreira;
Tem seus apparelhos novos:
Não ha como ella outra em Povos
Boa de leme e veleira:
Mas, se por ser a primeira,
Vos disser alguem que pende,
Dir-lhe-hei, mana, que mente.

MOTE

Com razão queixar-me posso
De vós, que mal vos queixaes;
Pois, Senhora, vos sangraes,
Que seja n'hum corpo vosso.

VOLTAS

Eu para levar a palma,
Com que ser vosso mereça,
Quero que o corpo padeça
Por vós, que d'elle sois alma.

Vós do corpo vos queixaes,
Eu queixar-me de vós posso,
Porque, tendo hum corpo vosso,
Na minha alma vos sangraes.
E sem fazer differença
No que de mi possuis,
Pelo pouco que sentis,
Dais á minha'alma doença.
Porque dous aventuraes?
Oh não seja o damno nosso!
Sangre-se este corpo vosso,
Porque, minha alma, vivaes.
E ainda, se attentardes bem,
Seguis medicina errada,
Porque para ser sangrada
Hum'alma sangue não tem.
E pois que em mi sarar posso
Males, que á minha alma daes,
Se inda outra vez vos sangraes,
Seja n'este corpo vosso.

MOTE

Retrato, vós não sois meu;
Retrataram-vos mui mal;
Que a serdes meu natural,
Foreis mofino como eu.

GLOSA

Indaqu'em vós a arte vença
O que o natural tem dado,
Não fostes bem retratado;
Que ha em vós mais differença,
Que no vivo do pintado.

Se o logar se considera
Do alto estado, que vos deu
A sorte, que eu mais quizera;
Se he que eu sou quem d'antes era,
Retrato, vós não sois meu.
Vós na vossa gloria posto,
Eu na minha sepultura,
  Vós com bens, eu com desgosto;
Parecei-vos ao meu rosto,
E não já á minha ventura.
E pois n'ella e vós erraram
O que em mi he principal,
Muito em ambos se enganaram.
Se por mi vos retrataram,
Retrataram-vos mui mal.
  Mas se esse rosto fingido
Quizeram representar,
E houveram por bom partido
Dar-vos a alma do sentido
Para a gloria do logar;
Víreis, posto n'essa alteza,
Que vos não ha cousa igual;
E que nem a maior mal
Podeis vir, nem mór baixeza,
Que a serdes meu natural.
  Por isso não confesseis
Serdes meu, que he desatino,
Com que o logar perdereis·
Se conservar-vos quereis,
Blazonae que sois divino.
Que se n'esta occasião
Conhecessem que ereis meu,
Por meu vos deram de mão,
. . . . . .
Foreis mofino, como eu.

MOTE

Foi-se gastando a esperança,
Fui entendendo os enganos;
Do mal ficaram-me os danos,
E do bem só a lembrança.

GLOSA

Nunca em prazeres passados
Tive firmeza segura,
Antes tão arrebatados,
Que inda não erão chegados,
Quando m'os levou ventura.
E como quem desconfia
Ter em tal sorte mudança,
No meio d'esta porfia,
De quanto bem pretendia
Foi-se gastando a esperança.
Não tive por desatino
A occasião de perdel-a;
Mas foi culpa do desatino,
Que a ninguem, como mais dino,
Amor pudéra sustel-a.
Dei-lhe tudo o que era seu,
Não receando taes danos
Deste, a quem alma lhe deu:
Quando já não era meu,
Fui entendendo os enganos.
Fiquei d'este mal sobejo
A quem a causa compete
Dizer-lhe tudo o que vejo,
Que Amor acceita o desejo,
Mas mente no que promette.
Que se a mi me obrigou

A dar-me bens soberanos,
Foi engano que ordenou;
Que do bem tudo levou,
Do mal ficaram-me os danos.
E se dôr tão desigual
Soffro em mi com padecel-os,
Quero de novo soffrel-os;
Que por a causa ser tal,
Não determino offendel-os.
Dobre-se o mal, falte a vida,
Cresça a fé, falte a esperança,
Pois foi mal agradecida;
Fique a dôr n'alma imprimida,
E do bem só a lembrança.

MOTE

Ojos, herido me habeis,
Acabad ya de matar-me;
Mas muerto volved á mirarme,
Porque me resusciteis.

VOLTAS

Pues me distes tal herida,
Con gana de darme muerte,
El morir me es dulce suerte,
Pues con morir me dais vida.
Ojos, qué os deteneis?
Acabad ya de matarme;
Mas muerto volved á mirarme,
Porque me resusciteis.
La llaga cierto ya es mia,
Aunque, ojos, vós no querrais;
Mas si la muerte me dais,

El morir me es alegría.
Y así digo que acabeis,
O ojos, ya de matarme;
Mas muerto volved á mirarme,
Porque me resusciteis.

Carta a huma Senhora

Senhora, quando imagino
O divino
Vosso gesto, claro e bello,
De alguma hora merecel-o
Me conheço por indino,
Que se sento
Ser altivo o pensamento
Que m'inclinou,
Vejo que amor vos destina
Para mór merecimento.
Porque he vosso lindo aspeito
Tão perfeito
Que na mais pequena parte,
Não póde, por nenhuma arte,
Comprehender o humano peito;
Nem m'espanta,
Porque se tivestes tanta
Formosura,
Vossa suprema ventura
Mais alta vos levanta.
Porém se meus pensamentos
Nos tormentos
Quizerdes experimentar,
Bem os podeis comparar
Com vossos merecimentos,
Que se ordena

Amor em parte pequena
Opinião,
Crede que meu coração
He incapaz de grande pena.
E se cuidaes por ventura
Que a natura
Contém outro regimento,
Sabei que meu pensamento
Em vosso gesto se apura;
Nem m'engano
Que mudei o ser de humano
Como pude
Em divino, por virtude,
De gesto tão soberano.
Assim que, feito immortal,
Ou mortal,
Outro nome tomarei
De ser vosso pois mudei
O costume natural.
Tambem vós,
Pelo bem que em vós se pôz,
Sereis digna
De serdes de vós divina;
Mas eu divino por vós.
Em fim, que d'esta maneira,
A fé inteira
Que no peito amor me cria,
Vereis crescer cada dia.
Porque sempre mais vos queira
A fineza
De hum amor que n'esta empreza
Me acompanha,
Ficará sendo tamanha
Como vossa gentileza.

MOTE

Afuera consejos vanos
Que despertaes mi dolor;
No me toquen vuestras manos,
Que los consejos d'amor,
Los que matan, son los sanos.

GLOSA

Foi-me a fortuna entregar
A huma dama interesseira,
Que em vez de premio me dar
Por huma fé verdadeira,
Procura de me roubar.
Diz que rompe qualquer muro,
E escusa cem mil danos,
Eu que temo seus enganos,
Quando de fero segundo,
Afuera consejos vanos.
Grandemente me persegue,
E me pede que lhe dê,
Não me vale razão que allegue
Nem maneira com que chegue
A achar valor n'esta fé;
E porque ella m'entendesse,
Lhe disse: Meu lindo amor,
Por vosso disfavor
Não me pidaes interesse,
Que despertaes mi dolor.
Em mostras d'essa fé pura,
Vos farei, se vós gostaes,
Lindas trovas que leiaes,
De vossa linda figura
Com que tanto me mataes;

Mas se pertendeis roubar-me
Com affagos, com enganos,
E depois desenganar-me,
Pois não he cousa que me arme,
No me toquen vuestras manos.
Se dizeis que quem quer bem
Hade gastar sem ter freio,
Eu, Senhora, bem o creio;
Mas praticae-o com quem
Tiver o seu cofre cheio.
Se me dizeis que se sôa
Que quem dá tem mais favor,
Deixae-me antes minha dôr,
Pois nada mais me magôa,
Que los consejos d'amor.
Entre as regras dos amores,
Tomae esta singular
Que vos hade aproveitar,
Chamae-nos enganadores
E deixae-vos enganar;
Lograe-vos de vossa idade
No florido d'esses annos,
Por que de nossos enganos,
Se me crêdes em verdade,
Los que matan son los sanos.

MOTE

Guardae-me esses olhos bellos.

GLOSA

De laços de ouro tão bellos,
Pertende amor fazer molhos,
Por prender quem ousa vêl-os,

E pois elle quer cabellos,
Para mim só quero os olhos;
Pois elle he vosso captivo,
Por alcançal-os e tel-os,
Guardae para elle os cabellos,
Para mim que de olhos vivo,
Guardae-me esses olhos bellos.

OUTRA

Dois extremos tendes mana,
Em vosso gesto divino,
Qualquer d'elles peregrino,
Olhos de luz soberana,
Cabellos d'ouro mais fino.
Quem cabellos para si
Pertender, deixae-lhe avel-os;
Mas se eu não quero cabellos,
E olhos quero para mim,
Guardae me esses olhos bellos.

MOTE

S'espero, sei que m'engano,
Mas não sei desesperar.

GLOSA

O meu pensamento altivo
Me tem posto em tal extremo,
Que quando esperando vivo,
O bem esperado temo,
Muito mais que o mal esquivo.
Que para crescer meu dano

No gosto da confiança,
Ordena o amor tyrano
Que na mais firme esperança.
S'espero, sei que m'engano.
D'este novo sentimento,
Chega tanto a nova dôr,
Que se enlea o pensamento;
Vêr que no mór bem de amor
Se descobre o mór tormento;
Folgára de m'enganar,
Mas não he cousa possivel,
Pois para sempre penar,
Sei que espero o impossivel,
Mas não sei desesperar.

A huma Senhora rezando

MOTE

Peço-vos que me digaes
Se as orações que rezastes,
Se foram por quem matastes,
Se por vós, que assim mataes,

GLOSA

Com o espirito puro e vivo,
A vista toda turbada,
Nos céos vos vi enlevada
Com gesto contemplativo
No amor divino inflammada,
E por quanto, extremos taes,
Me causarão grande espanto,

Seria ora com zêlo santo,
Peço-vos que me digaes?
Porque pondo-me a notar
Os effeitos da visão,
Medindo-os com a razão,
Hei vindo, em fim, a assentar
Que estaveis em oração;
Mas como de tantas vidas,
E corações que roubastes,
Vossas mãos são comprehendidas,
Mal podem ser recebidas
As orações que rezastes.
Que posto que Deos aceita
Hum coração humilhado,
A contricção do peccado
Ha de ser dôr tão perfeita,
Que lhe peze do passado;
Porém se no que mostrastes,
De tanto mal vos doestes,
Póde ser que empregastes
Bem as preces que dissestes,
Se foram por quem matastes.
E para ser mais aceito
O preço da salvação,
He de divino direito
Que façaes satisfação
Dos danos que tendes feito.
Por tanto restitui
A vida que me tiraes,
E então não duvideis mais,
Se rezastes só por mim,
Se por vós que assim mataes.

MOTE

Ora cuidar me assegura,
Ora me matam cuidados.

GLOSA

Foi ser e vontade minha
De todos tão desviada,
Que me não affirmo em nada,
Pois tenho o mal que tinha,
O bem que tinha m'enfada.
Isto he força da ventura,
Se não m'engana o que cuido,
Que taes extremos mistura,
Que ora o meu proprio descuido.
Ora cuidar me assegura.
Diversas cousas me pede
O meu desejo inquieto,
Humas nego, outras prometto;
Mas comtudo me succede
Perder-me no que cometo.
Como será dos meus fados
A tenção favorecida,
Se para males dobrados
Dão-me ora cuidados da vida,
Ora me matam cuidados.

MOTE

O' meus altos pensamentos,
Quão altos que vos pozestes,
E quão grande queda déstes!

VOLTA

Como de mim vos não vinha
Serdes firme n'hum estado,
Pois o viver enganado,
Era o maior bem que tinha,
Castello d'esta alma minha,
Quão alto que vos pozestes,
E quão grande quéda déstes.
Sabia que ereis de vento,
Como quem vos viu fazer;
Ind'assim vos queria ter,
Como ereis sem fundamento:
Quem vos desfez n'hum momento?
Ai quão alto vos pozestes,
E quão grande quéda déstes!

MOTE

Esperanças mal tomadas,
Agora vos deixarei
Tão mal como vos tomei.

VOLTA

Fostes tomadas em vão
De mim sem fundamento,
E vós ereis todas de vento,

E eu d'elle vivia então;
Se vos tomei sem razão,
Com ella vos deixarei
Tão mal como vos tomei.
  Assim vos queria ter
Sem razão e mal tomadas,
Sabendo, quando deixadas,
Quanto havieis de doer;
Mas nem isto póde ser,
Que por meu mal vos tomei
E por vós me deixarei.
  Quereis que faça mudança!
De vós outro bem não entendo,
Isto só se ganha em vos vendo,
Isto só de vós se alcança;
Mas esta van esperança,
Senhora, se eu a tomei
Por vós, como a deixarei?

MOTE

Como quer que tendes vida,
A minha alma tão de vosso,
Não digaes, mana, não posso.

VOLTA

  Para haver-vos de entregar-me,
Bastava sómente huma hora,
E sobrava esta d'agora
Para poder descançar-me.
Se a vida póde faltar-me,
Inda que eu não de ser vosso,
Não digaes, mana, não posso.

MOTE

Em tudo vejo mudanças,
Senão onde as vêr quizera,
Passa a vida em esperanças,
Nunca chega a que se espera.

VOLTA

E posto que chegue o bem,
O que duvido de ser,
Que gosto se póde ter
No que firmeza não tem?
Vida cheia de mudanças
Tudo em ti cança e altera,
Porque dás mil esperanças,
E não dás o que s'espera.
O mal he que te conheço
Já por falsa e sem firmeza,
E com ter esta certeza
Inda te não aborreço.
De tuas vãas esperanças
Vêr-me já livre quizera,
Por me rir das mudanças
Do que espera e desespera.

MOTE

Ay de mim, mas de vós ay,
Que eu morrendo,
Bem intendo
Que a vós n'isso mais vae.

VOLTA

A vida, por vós perdida,
Bem me póde ser gloriosa,
Mal póde ser não penosa,
A vós perdida esta vida.
Se me mataes attentae,
Que morrendo
Bem intendo
Que a vós mais n'isso vae.
Com vossos olhos serenos
Não divisaes
Querer vos sirva de mais,
Ter huma vida de menos.
Matae meus olhos, matae,
Que eu morrendo
Bem intendo
Que a vós mais n'isso vos vae.

MOTE

Lume d'esta vida
Seja-me esse lume
Lá que se presume
Sem o vêr perdida.

VOLTA

Concedei luz tal
Se quem vós cegastes,
Toda me tirastes
Essa só me val:
Razão he querida
Lá vir do alto cume
Sorte de tal lume
Alma tão perdida.
Desatando hide
Esta treva escura
Aurora onde pura
Toda luz reside:
Ay que atada a vida
Lá com esse lume
Deixa o seu queixume
Estima-se por perdida.

MOTE

Que vistes meus olhos?
Meus olhos que vistes,
Que vos vejo tristes?

VOLTA

Vejo-vos chorosos,
De amor agravados,
Tanto namorados
Quanto mais queixosos;
Ora meus mimosos
Dizei-me, que vistes,
Que vos vejo tristes?
Dizei-me, meus olhos,
Quem vos agravou,
Quem vos trespassou
Com duros abrolhos?
Por certo que em molhos
Nunca vi, se ahi vistes,
Lagrimas tão tristes.
Se choraes de amor
Suas esperanças,
Ditosas lembranças,
Mais ditosa dôr;
Mas se he desfavor,
Dizei-me, que vistes,
E não sereis tristes.
Porém se de enganos
Viveis enganados,
Não queiraes cuidados
De que vem taes danos,
Deixae passar annos
Com o bem que vistes,
E não sereis tristes.

MOTE

Ay de mi,
Que muero despoes que os vi,
Ay de vós,
Que cuenta dareis a Dios.

VOLTA

En dos maneras se muestra
La piena que por vos siento,
Es la una, mi tormento,
La otra, la culpa vuestra,
Que se vi,
En perderme no perdi;
Pero vos,
Que cuenta dareis a Dios?
Porque se vuestra codicia
En mi dano es de tal arte,
Aun que perdone la parte,
Queda el caso a la justicia.
Yo de aqui
Tomaré la culpa en mi;
Pero Dios,
Tomara la pena en vos.

MOTE

Lagrimas dirão por mim,
Senhora, n'esta despedida,
Em que termos vae a vida.

VOLTA

A tanto chega esta dôr,
Que desconfio da lingoa,
Quem póde supprir tal mingoa,
Se não lagrimas de Amor;
Ellas vos dirão melhor,
Senhora, n'esta partida
Que vae a vida sem vida.
A força da saudade,
Quando a lingoa desvaria,
A quem em lagrimas fia
As que lhe pede a vontade,
Que chore n'esta partida,
Irão dando fim á vida.
Não tem que vêr a tenção
Com palavras amorosas,
As lagrimas saudosas,
Lingoas dos amores são;
Ellas por mim fallarão
Quando a pena da partida
Me tirar a falla e a vida.
Palavras podem mentir,
Mostrar dôr grande ou pequena,
Mas lagrimas que dão pena,
Ninguem as sabe fingir;
Pelo que, quando partir,
Qual fôr a dôr da partida,
Tal será n'ellas sentida.

MOTE

Prazeres, que me quereis?
Se vêdes que vos não quero:
Já nenhum de vós espero,
Nenhum de mi espereis.

VOLTA

Vindes para vos tornar,
Sois leves de natureza,
Melhor he minha tristeza
Que não sabe deixar.
D'isto não vos espanteis,
Que pois me quer, eu a quero;
Não me engana no que espero,
Como vós sempre fazeis.
Lembre-vos quanto enleastes
Quando fugir vós quizestes,
O muito que promettestes,
O pouco que me deixastes.
O que agora promettestes
He tambem engano mero,
O que podeis, não o quero,
O que quero, não podeis.
De vossos contentamentos
Tenho já experiencia,
Que de bens tem apparencia;
E na verdade são ventos.
Tempo he que me deixeis,
Já que nada de vós quero,
Não tenhaes isto por fero,
Buscae outrem que enganeis.

MOTE

Por uns olhos que fugiram,
O lume dos meus perdi;
Porque nem elles me viram,
Nem eu tambem mais os vi.

VOLTA

Não lhes pude defender
Que taes olhos não seguissem,
Riram-se muito de vêr
Outros olhos que tal vissem.
Eu não sei o que sentiram,
Mas sei que tal dôr senti,
Quando vi que não viram
Que nunca mais prazer vi.
Com sua luz me cegaram,
Como o sol tem por costume,
Fiquei com olhos sem lume,
Para chorar me ficaram.
Assi, desde que não viram
Aquelles que acaso vi,
Sempre d'isso me servi,
Nunca mais com elles vi.

MOTE

No monte de amor andei,
Por ter de monteiro fama,
Sem tomar gamo nem gama.

VOLTA

Achei-me tão elevado
N'este monte a montear,
Que d'onde cuidei caçar
Eu mesmo fiquei caçado.
Caçador desesperado,
Sahi de huma e outra rama
Sem tomar gamo nem gama.
Levava por meus monteiros,
N'esta caça de tormentos,
Os meus ais, que como vento
Hiam diante ligeiros.
Huns tão tristes companheiros
Levei, como quem ama,
Por descobrir esta gama.
A roupa de montear
Que n'este dia levava,
Era o mal que me pesava,
A corneta o suspirar.
Já não podia cessar
Como touro quando brama,
Só por buscar esta gama.
Os cães eram meus tormentos,
Cheios de muita agonia,
O furão, minha porfia,
As redes, meus pensamentos.

Nem me valeu tomar ventos,
Nem penetrar pela rama
Para descobrir tal gama.

MOTE

Tal estoi despues que os vi,
Que de mi proprio cuidado
Estoi tan enamorado
Como Narciso de si,

VOLTA

Una sola deferencia
Hallo n'este amor altivo,
Que el murio com preferencia,
Mas yo con la vuestra vivo.
En el punto que yo os vi
Se realço mi cuidado,
De modo que enamorado
Por vos me quedê de mi.
Nacieron de un amor dos,
Cupido fue el tercero
Que haze que bien me quiero
Solo por que os quero a vós.
Los extremos que en vos vi,
Me han traido a tal estado
Que me vêo enamorado
De amor de vos e de mi.

MOTE

De vós quererdes meu mal
Me vem podel-o soffrer.

GLOSA

De tantas penas cercado,
Goso de hum bem que já tive,
Que o que me he menos pesado
He ponderar que ainda vive
Hum amor tão mal pagado.
A causa d'este tomento,
Sem vós, me fôra mortal;
D'aqui vem que em dano tal
Só tenho o contentamento
De vós quererdes meu mal.
De vós quererdes meu mal
Vem o querer esta vida,
Porque a dôr de tal ferida,
Posto que em si he mortal,
Fica assim menos sentida.
Eu tenho a dôr d'esta pena,
Que me vós fazeis querer,
E posto que me condena
De vêr que se me ordena,
Me vem podel-a soffrer.

MOTE

No meu peito o meu desejo
Da razão se fez tyrano,
Vejo n'elle certo dano,
Incerto remedio vejo.

VOLTA

Para de todo defender-me,
Este mal por passar tinha,
Ir eu contra a razão minha
Que morre por defender-me.
Da parte de meu desejo
Me passo para meu dano,
Vejo que n'isto me engano,
Mas nenhum remedio vejo.

MOTE

Nasce estrella d'alva,
A manhã se vem,
Despertae, minha alma,
Não durmaes, meu bem.

VOLTAS

Meu filho e meu Deos,
Rei e peregrino,
Tão grande nos céos,
Na terra menino.
Pois sois pequenino

Não temaes a alguem;
Despertae minha alma,
Não durmaes meu bem.
  Pestanas divinas
E debaxo estrellas,
Não cubraes meninas
Tão lindas, tão bellas;
Abri as janellas,
Porque tal luz dêem;
Despertae minha alma,
Não durmaes meu bem.
  Vós tendes, Senhor,
O mundo na palma,
Vós sois movedor
Do frio e da calma;
Mas pois vos encalma
O sol que já vem,
Despertae minha alma,
Não durmaes meu bem.
  Ovelha que errou,
Buscaes bom pastor,
Mas quem vos deixou
Is buscar, Senhor;
Pois de tal amor
Tal caminho vem,
Despertae minha alma,
Não durmaes meu bem.
  Nas calmas estranhas
De area torrada,
Das minhas entranhas
Vos farei ramada;
Pois por esta estrada
Seguir nos convem,
Despertae minha alma,
Não durmaes meu bem.

Ribeiras sombrias
Não ha n'esta terra,
Não ha fontes frias
Que baxem da serra;
Pois quem vos desterra
Espera tambem,
Despertae minha alma,
Não durmaes meu bem.

Carta escripta d'Africa a hum amigo

Por usar costume antigo,
Saude mandar quizera,
E mandára se tivera,
Mas amor d'ella he imigo;
Pois me deu, em logar d'ella,
Saudade em que ando,
Saudades sem mil mando,
E não ficando sem ella.
Se isto não fiz des que vim,
Não me queiraes condenar,
Que não tive inda logar
Para tornar sobre mim.
Perdão merece esta culpa,
Que além de ser pequena,
La causa que me condena.
Me serve de desculpa.
Mandar-vos novas quizera
D'esta terra e mais de mim,
Se novas houvera aqui
Boas que mandar podéra;
Mas quem tal enfadamento
Qual vae contar pretende,

Não o sente, ou não entende
Onde chega seu tormento.
  Comtudo, o que passa cá,
Contarei como souber,
Se algum nojo vos der,
A tenção me salvará;
Se fallar desconcertado
Deveis-me de perdoar,
Que no estoi para llorar
Si no para ser llorado.
  Melhor fôra ter calladas
As novas que ha n'esta terra,
Pois aonde vim buscar guerra
Sómente achei badaladas.
Assim estou tão infadado
Que digo em dias tão raros,
Que diera por no allaros
La gloria de os aver allado.
  Porque he tal o desconcerto
Que caminho já não leva,
Nem menos ha quem se atreva
A dar hum conselho certo:
A tudo ha conselho cá,
Quem escapa e não fere
Triste del, triste que muere
Si al paraizo no va
  A gente he peor em dobro,
As vergonhas são perdidas,
Fallam das alheias vidas
E põem as suas em cobro;
Poucos hão medo á vergonha,
E a mui poucos se hade ouvir:
Mais vale morrer com honra,
Que deshonrado bivir.

Não ha conversação como d'antes
Porque ha mister cem mil tentos
Com moradores praguentos
E fronteiros mais galantes:
Toda a terra anda ao revez,
Tanto que já começa
Los pies sobre la cabeça,
La cabeça sobre los pies.
N'este desconcerto tal,
Se quereis saber qual ando,
Passo a vida suspirando
Pela causa do meu mal.
Assim me traz meu tormento
Pelo vêr tão perigoso
De mi remedio dudoso,
Mas no de mi perdimento.
Porque de males rodeado,
E sem remedio me vejo,
E juntamente o desejo
Me acaba e o cuidado;
E tão mal me vae tratando
Este mal, segundo vejo,
Si no muere este desejo,
Moriré yo deseando.
O mór mal que cá padeço,
He vêr quanto sem razão
Outros olhos lograrão
O que eu por amor mereço:
Isto tanto me entristece
Que depois que estou aqui
Plazer no sabe de mi,
Cuidado no me falece.
Nenhum remedio a meus danos
Vejo por alguma via,
Senão vendo aquelle dia

Que hade ser fim de dous annos;
Mas tem meu mal tal graveza,
Que depois de me lá vêr
Já não llegará el prazer
A do llegó la tristeza.
Dar-vcs esta carta tal,
Não he fóra de razão,
Pois eu sei que em vossa mão
Está meu bem e meu mal;
Y pues sé que muerto soi
Si de tu mano me dexas,
A quien contaré mis quexas
Si a ti nó?
Dae-me o favor sem pejo,
Pois o daes a cousa vossa,
Não queiraes vós que não possa
Servir-vos como desejo;
Ao menos eu sou perdido
Não me deis o desengano,
Que ja não es en mi mano
El querer no ser querido.
Com isto, e o mais que callo,
Julgae qual minha vida anda,
Saudade de huma banda
D'outra tendo ao badallo;
Quando me contemplo tal
Chegando a tão tristes dias,
Las tristes lagrimas mias
En piedra hazen señal.
Podera eu viver contente,
Como saber que estava tal
A que he causa de meu mal,
Por me não ter lá presente;
Mas por quão mal lhe merece
Meu amor tão maltratar-me

Quando mas pienso alegrar-me,
Maior pacion me recrece.
Viver sempre arreceoso,
Que bem póde ter commigo
Onde está certo o perigo
He o remedio duvidoso;
Assim eu de ter perdida
Esperança de contente,
Ando perdido entre a gente,
Não morro nem tenho vida.
  Não he viver á vontade,
Vestir e andar como quero
D'onde do bem desespero
E me mata a saudade;
Se isto não vos desengana
Já ouvireis vós dizer
El hombre queremos ver,
Que los panos son de lana.
  Da guerra novas mais certas
Brevemente são contadas,
No verão portas fechadas,
No inverno pouco abertas;
Qualquer Mouro desmandado
Nos comete sem n'hum pejo,
E aquelle postigo vejo
Que sempre esteve fechado.
  Isto não he praguejar,
Mas toda a culpa he da fome,
Porque gente que não come
Mal poderá pelejar;
Assim estão muitos no dia
Com os olhos na tramontana,
Mirando la mar d'España
Como mengoava e crecia.

Tudo são queixas em vão,
E tudo são vãos clamores,
Capitão dos moradores,
Elles contra o Capitão;
Emfim tal vae tudo aqui
Que brada grande e pequeno:
Tiempo bueno, tiempo bueno
Quien se te llevó daqui.
O mesmo digo eu tambem,
Porque o mal que eu lá passava
Com vêr a quem m'o causava
Se me convertia em bem;
E por isso perdoae-me
Se eu brado noute e dia
Naves da la tierra mia
Venid ora e llevadme.
Gabaes esta vida cá
E desgabaes-me Lisboa,
Eu dera esta vida boa
A troco d'ess'outra má;
Quem de estar lá se queixar
Meu desejo lhe responde:
Mas he de nós Conde
Que manzilla ni pezar.
Porém em quanto não vejo
O dia das alabanças,
Lembre-vos que as esperanças
Puz em vós de meu desejo;
Entretanto meu tormento
Soffrerei sem me queixar,
Pues que sufrir e callar
Conviene a mi pensamento.

Carta escripta d'Africa em resposta á de hum amigo

Mandaste-me pedir novas,
E pois heide obedecer,
Quero que seja em trovas
Por vos dar em que entender ;
E que esta arte de trovar
Se vá desacostumando
A quem anda como eu ando,
Tudo se hade perdoar.

Leixando todo o embaraço
Desde o dia que cá vim,
Vos darei conta de mim
E da vida que cá faço ;
E julga o que cá sento
Do que lá sentiria,
S'algu'hora ou algum dia
Tive este tal pensamento.

Acho-me mui enganado
D'hum engano que trazia,
Não cuidei que n'hum cuidado
Tantos cuidados havia ;
Cuidei que vida mudada
Mudasse tambem ventura ;
Mas a má sempre he segura,
E da boa não sei nada.

E pois que já comecei,
Dar-vos-hei conta comprida
De como passo a vida
N'esta vida que tomei :
Vou-me ao longo da praia
Sem outros ricos petrechos :
Una adarga ate pechos
Y en la mano una azagaia.

Faço no meu pensamento
Mais torres que as de Almeirim,
Mas emfim leva-as o vento,
Porque são ventos em fim;
Vou-me traz isto em que ando
Quando a tormenta mais arde,
Suspirando a menudo,
Hablando de tarde en tarde.
Fujo da conversação,
Anoja-me companhia
E trago os olhos no chão,
E mui alta a fantezia;
Des que vou alongando,
Que me não podem ouvir,
Las bozes que iva dando,
Al cielo quieren subir.
Vejo desfeitos em vão
Todolos meus contentamentos
Porém os meus pensamentos
Não cansam, nem cansarão;
S'alma, mais que a vida,
Mais que a vida hade durar,
Maldita seas ventura,
Que assi me hazes andar.
Cuido no que he já passado
E no que está por passar,
Porém nunca o meu cuidado
Se muda d'hum só logar:
Quando em mim torno cuidando
Que de mi mesmo me velo,
Los ojos puestos nel cielo
Jurando iva hechando.
Vejo o mar embravecer,
Vejo que depois melhora,
Mil cousas vejo cada ora,

Huma só não posso vêr;
Assim vou passando o dia
N'esta saudade tamanha,
Mirando la mar d'España
Como mengoava e crecia.
  Quem disser que a saudade
He vida para gabar,
Se o disser de verdade,
Dil-o-ha para me enojar.
Vida que a alma entristece
Em que toda a dôr consiste,
El dia que hade ser triste,
Para mim solo amañece.
  Crêde-me quanto mais fallo,
Pois vos fallo como amigo,
E crêde que o que callo
He muito mais que o que digo.
Ando com alma cansada,
Suspirando cada hora
Por el tu amor sen ti ora
Passé yo la mar salada.
  Andando só, como digo,
Apartado da manada,
Fazendo contas commigo
Qu'emfim não fundem nada,
Querendo buscar atalho
Para vir ao que desejo,
Vi venir pendon bremejo
Con tresientos de caballo.
  Vinham d'esporas douradas
E vestidos de alegria,
Com adargas e braçados
La flor de la Berberia,
Com gritos e altas vozes
Vinham a redeas tendidas,

Ricas aljubas vestidas
En cima sus albernozes.
  Gentes de muitas maneiras
E diversas nações
Corriam a estas tranqueiras,
Como a ganhar perdões;
Mas porque vos não engane
Cousas que outros vos escrevam,
Los bordones que ellos llevan,
Lanças vos pareceranne.
  Tudo anda de levanto,
Era o campo todo cheo,
Em tudo punham espanto,
De nada tinham receo;
Com grandes vozes e festas
Vinham bradando de lá:
Cavalleros de Alcalá
No os allabareis daquesta.
  Comigo mesmo fallando,
Como s'a outrem fallasse
Dizia quem me lembrasse
Do em que andava cuidando;
E porque tamanho dote
Não se alcança por cuidar,
A las armas Mouriscote,
S'in ellas quereis entrar.
  Contar feitos esquecidos,
He muito contra minh'arte,
Houve mortos e feridos,
Houve mal de parte a parte,
Houve homem que dizia,
Na força do mór recêo,
D'onde estás que no te veo,
Qu'es de ti esperança mia.

Pois fallo em tão fraca guerra,
Sinal he de vosso amigo,
Visto como estaes em terra,
Que ha outras de mór perigo;
E pois por vós mais fizera
Quem faz isto que aqui vêdes,
Y que nuevas me traedes
Del mi amor que alla era?
Quizera-vos dizer mais,
E pois vos não digo tudo,
Farei conta que sou mudo
E entendei-me por sinaes;
Que se fosse tão ousado,
Qu'inda mais que isto dissesse,
A que muerte condenado
Pudo ser que grave fuesse.

Carta a huma Senhora

Amor que viu minha dôr
Ser maior que a paciencia,
Prometteu-me, por favor,
Huma carta de adherencia
Para vosso desfavor.
Eu que ainda não sabia
Quanto tinha de divino,
Julgava por desatino
Que carta de tal valia,
Notasse hum cego menino.
Elle vendo-me ficar
Commigo quasi suspenso,
Por mais me desenganar
Começou-me de notar
Na memoria por extenso.

E diz, por vêr se o nego,
Via boa se assim fôr;
E eu tornei-lhe por louvor:
Os conceitos são de cego,
E as palavras são de amor.
Logo escrever se mandou,
E não sendo a pena boa,
Para as azas se virou
E huma grande arrancou,
D'aquellas com que mais vôa.
E diz me: toma esta pena,
Que por minha a todos ganha,
Que parece cousa estranha
Que baste cousa pequena
A contar cousa tamanha.
E por ser mais igual
A materia ao pensamento,
Tudo he de hum natural;
Molha a pena de teu mal
Na tinta do meu tormento.
O pensamento ligeiro,
Como portador tão fiel,
Sendo em tudo verdadeiro,
Te dê agora o papel,
Te sirva de mensageiro.
E eu, apparelhado assi,
Como amor me aparelhou,
Dés que nada me fallece;
D'esta maneira escrevi
O que o moço cego notou:
Senhora, que não quereis,
Depois que tudo quizestes,
E a morte me trazeis,
Negando-me o que podeis,
Sabendo quanto podestes.

Esperae, estae attento,
Que para contar minha dôr
Me dá a tinta o tormento,
A pena me dá o amor,
O papel o pensamento.
Democrito tirae
A vista tanto estimada,
Que sem ella procurae
Furtar o corpo á sillada,
Que do desejo esperae.
Se primeiro que vos vira,
Minha dôr adivinhára,
Meus, certo, olhos tirára
Que inda que pena sentíra,
Menos pena lhe ficára.
Mas ai, Senhora, que n'isto,
Não acerto, nem póde ser,
Porque para meu querer
Antes cego por ter-vos visto,
Que cego por vos não vêr.
Quanto mais que os cegos taes,
Se ante vós estivessem,
Como os que vos vêem cegaes;
Os cegos vista tivessem
Para nunca vêrem mais.
Porque, depois que vos vi,
Quando vós vêr me quizestes;
Nunca mais me vi a mim,
Nem vi quando me perdestes,
Sentindo que me perdi.
Tanto enlevei o cuidado
Na luz com que me cegastes,
Que de cego e enlevado
Não vi quando me roubastes,
Mas vi que fôra roubado.

O pensamento por quanto
Vos quiz ter por sua estrella,
Como quem mais s'acautela
Se descuidou d'alma tanto,
Por vos dar cuidado d'ella.
Mas a alma que na gloria
Se viu de vossa prisão,
Deu recado ao coração,
Que rendido, ou com victoria,
Se rendesse em vossa mão.
Os olhos que cada dia
Os vossos lhe eram defezos,
Como que mais não queria
Hiam sempre vêr os presos,
Por vêr a quem prendia.
Gosavam da vista pura,
Viam huma alma no céo;
O' que céo! mas pouco dura
A gloria, pois a tolheu,
Ou vós, ou minha ventura.
Ventura, não, que he cousa dura
Negar ella o que podeis;
Vós sim, pois que bem sabeis
Quão pouco póde a ventura
Onde vós tanto pódeis.
E se, Senhora, quereis
Ser remedio do que espero,
Sou contente que me deis
Não mais que quanto podeis,
Para ficar com quanto quero.
Se de bem tão sublimado,
Por indigno me tiverdes,
Tende comvosco assentado
Que pois tenho meu cuidado,
Que terei quanto me derdes.

E pois que o pensamento
Foi capaz de imaginar-vos
Pela gloria do tormento,
Quiz o merecer comprar-vos
Com vosso merecimento.
Assim que de merecer
Não me falta cantidade,
Nem me falta o poder ser;
Mas para tudo poder,
Falta-me vossa vontade.
E pois que podeis por vós,
O que não posso por mim,
Porque não quereis o fim,
Sem desfazeres em vós,
Vir a fazer tanto em mim.
E pois o tempo vos dá
Licença porque me deis,
Não negueis o que podeis,
Que depois o negará,
E vós m'o concedereis.
E pois tanto bem me déstes,
Senhora, não m'o tireis;
Porque mais pena tereis
Em saber que já podestes,
Que vêr que já não podeis.
Em fim porque nunca seja
Chegado a tão dura sorte,
Ou consenti que vos veja,
Ou não me negueis a morte,
Que a vida sem vós deseja.

OUTRA

Carta minha tão ditosa,
Pois que chegarás a vêr
O que eu não; dou te a entender
De minha vida penosa,
O que lhe pódes dizer.
Quero que vás instruida
Para poder fallar lá:
Pede bem, dar-me-has vida,
Que em seres bem respondida
Todo o meu remedio está.
Humildade e reverencia,
Convem n'esta parte teres,
Basta-te humilde a mim vêres,
Para tu, que és dependencia
Minha, humilde tambem seres.
Já que me vás remedíar,
Se necessario me fôr,
Chora lá por alcançar,
Fica á conta do chorar,
E em conto de minha dôr.
Senhora, dirás chorando,
Sou cá mandado de quem
Não quer mais que só o bem
D'estar sempre contemplando
No que de vós junto tem.
Não fôra nunca atrevido
A cometter tal empreza,
Dizendo, d'ella esquecido:
Baste-me a mim ser perdido
Por uma tão grande belleza.
Mas amor que viu estar
Tão engolfado na pena,

Disse: assi has de penar
Sem quereres applicar
Sequer remedio de pena.
  Põe-te logo a escrever
Para aquella que te cança,
Sem te faltar que dizer,
Eu prometto de te ser
Em tudo inteira lembrança.
  Pois elle vendo de amor
Hum tão grande offerecimento,
Faz de mim embaixador
Com a pena de sua dôr
Escrevendo seu tormento.
  Dizendo: Senhora minha,
Lá onde quer que ora estaes
Como podeis ser mezinha
D'esta vida tão mesquinha,
Com um só sim que digaes.
  Hum sim digo de contente,
Que por vós feneça amando,
De modo que saiba a gente
Que me daes vida penando
N'hum vagaroso accidente.
  Quem souber que por vós mouro,
Que melhor sorte quero eu?
Quem teve mór bem por seu,
Que quero eu mór thesouro,
Que morrer pelo bem meu.
  Macias, o namorado,
Teve que era gloria
Na morte ter estampado
Até ser ser alanceado,
O nome de sua senhora.
  Só quero que de em diante
Se saiba que sois servida,

De quem por vós perca a vida,
Que não houve nunca amante
Que a dê por melhor perdida.
Que he tão grande o bem de amar-vos,
Supposto que muito peno,
Que inda cuido que he pagar-vos
Pouco, e que sacrificar-vos
A vida, he premio pequeno.
Assi que para esperar,
Senhora, de vós favor,
Não me acho merecedor;
Que em fim se vem a pagar
Meu amor c'o mesmo amor.
Hum só que de vós proceda
Mereço, pois me perdi,
E he que nunca succeda,
Qu'algum outro se conceda
O que se nega a mim.

OUTRA

Pois que, Senhora, folgaes
Que minha alma vos não veja;
Peço-vos que me digaes
A razão que vós achaes
Em não querer que vosso seja.
Bem que a razão vejo clara,
Que alguem vos enganou,
Porque eu certo julgava
Que o fio não quebrára
Pelo logar que cobrou.

Mas pois foi a vosso grado,
E d'isso tomaes prazer,
Eu estou apparelhado
A cumprir vosso mandado
Já mais nunca vos vêr.
E por ser obediente,
Com o que tenho me componho,
Digo que sou mui contente;
. . . . . .
Seja passada por sonho,
E se, Senhora, cuidaes
Que d'isto paixão me vem,
Certo que vos enganaes
N'isso ganho eu mais
Dez mil vezes que ninguem.

Intendimento a este verso

Olvidé y avorescy.

Ha de se entender assi
Que desque os di mi cuidado
A quantas uve mirado
Olvidé y avorescy.

A humas Senhoras
que jogando perto de huma janella lhes cahiram tres páus e deram na cabeça de Camões

Para evitar dias máus
Da vida triste que passo,
Mandem-me dar um baraço,
Que já cá tenho tres páus.

AUTO DE FILODEMO

AUTO DE FILODEMO

INTERLOCUTORES

FILODEMO. — VILARDO, seu moço. — DIONYSA. — SOLINA, sua moça. — VENADORO. — MONTEIRO — DURIANO, amigo de Filodemo. — Hum PASTOR. — Hum BOBO, filho do Pastor. — FLORIMENA, pastora. — DOM LUSIDARDO, pae de Venadoro. — DOLOROSO, amigo de Vilardo. — Tres PASTORES.

ARGUMENTO

Hum fidalgo portuguez, que acaso andava nos reinos de Dinamarca, como por largos amores e maiores serviços tivesse alcançado o amor de huma filha d'El-Rei, foi-lhe necessario fugir com ella em huma galé, por quanto havia dias que a tinha prenhe. E de feito, sendo chegados á costa de Hespanha, onde elle era senhor de grande patrimonio, armou-se-lhe grande tormenta, que sem nenhum remedio, dando a galé á costa, se perderam todos miseravelmente, senão a Princeza, que em huma taboa foi á praia: a qual, como chegasse o tempo de seu parto, junto de huma fonte pariu duas crianças, macho e femia; e não tardou muito que hum pastor castelhano, que n'aquellas partes morava, ouvindo os tenros gritos dos meninos, lhe acudiu a tempo que a mãe já tinha expirado. Crescidas, emfim, as crianças debaixo da humanidade e criação d'aquelle pastor, o macho que Filodemo se chamou á vontade de quem os ba-

ptizára, levado da natural inclinação, deixando o campo, se foi para a cidade, aonde por musico e discreto, valeu muito em casa de D. Lusidardo, irmão de seu pae, a quem muitos annos serviu sem saber o parentesco que entre ambos havia. E como de seu pae não tivesse herdado nada mais que os altos espiritos, namorou-se de Dionysa, filha de seu senhor e tio, que incitada ao que por suas obras e boas partes merecia, ou porque ellas nada engeitam, lhe não queria mal. Aconteceu mais, que Venadoro, filho de D. Lusidardo, mancebo fraguciro, e muito dado ao exercicio da caça, andando hum dia no campo após hum cervo, se perdeu dos seus; e indo dar em huma fonte, onde estava Florimena, irmã de Filodemo (que assim lhe pozeram o nome) enchendo huma talha de agua, se perdeu de amores por ellá, que se não soube dar a conselho, nem partir-se donde ella estava, até que seu pae o não foi buscar. O qual informado pelo pastor que a criára (que era homem sabio na Arte magica) de como a achára e como a criára, não teve por mal de casar a Filodemo com Dionysa sua filha, e a Venadoro seu filho, com Florimena sua sobrinha, irmã de Filodemo pastor; e tambem pela muita renda que tinha e de seu pae ficára, de que elles eram verdadeiros herdeiros. Das mais particularidades da comedia, fará menção o Auto, que he o seguinte.

ACTO PRIMEIRO

SCENA I

FILODEMO *e* VILARDO

FILODEMO: Moço Vilardo?
VILARDO: Ei-lo vae.
FILODEMO: Fallae eira má fallae,
E sahi cá para a sala.
O villão como se cala!
VILARDO: Pois, senhor, sahi a meu pae,
Que quando dorme não fala.
FILODEMO: Trazei cá huma cadeira:
Ouvis, villão?
VILARDO: Senhor, sim.
(Se m'ella não traz a mim,
Vejo-lh'eu ruim maneira).
FILODEMO: Acabae, villão ruim.
Que moço para servir
Quem tem as tristezas minhas!
Quem pudesse assi dormir!
VILARDO: Senhor, n'estas manhãzinhas
Não ha hi senão cahir:
Por demais he trabalhar
Que este somno se me ausente.
FILODEMO: Porque?
VILARDO: Porque ha d'assentar
Que se não fôr com pão quente,
Não ha de desafferrar.

FILODEMO: Ora, hi pelo que vos mando,
Villão feito de fermento.

(Sáe Vilardo)

Triste do que vive amando
Sem ter outro mantimento,
Que estar só phantasiando!
Só huma cousa me desculpa
D'este cuidado que sigo,
Ser de tamanho perigo,
Que cuido que a mesma culpa
Me fica sendo castigo.

(Vem o moço; e assenta-se na cadeira Filodemo, e diz ávante:)

Ora quero praticar
Só comigo hum pouco aqui;
Que despois que me perdi,
Desejo de me tomar
Estreita conta de mi.
Vae para fóra, Vilardo.
Torna cá: vae-me saber
Se se quer já lá erguer
O senhor Dom Lusidardo,
E vem-mo logo dizer.

(Vae-se o moço)

Ora bem, minha ousadia,
Sem azas, pouco segura,
Quem vos deu tanta valia,
Que subaes a phantasia
Onde não sóbe a ventura?
Por ventura eu não nasci
No mato, sem mais valer

Que o gado ao pasto trazer ?
Pois d'onde me veiu a mi
Saber-me tão bem perder ?
Eu, nascido entre pastores,
Fui trazido dos curraes,
E d'entre meus naturaes
Para casa dos senhores,
D'onde vim a valer mais.
E agora logo tão cedo
Quiz mostrar a condição
De rustico e de villão !
Dando-me ventura o dedo,
Lhe quero tomar a mão !
Mas oh ! que isto não he assi,
Nem são villãos meus cuidados,
Como eu d'elles entendi ;
Mas antes, de sublimados,
Os não posso crêr de mi.
Porque como hei eu de crêr
Que me faça minha estrella
Tão alta pena soffrer,
Que sómente pola ter
Mereço a gloria d'ella ?
Senão se amor, d'attentado,
Porque me não queixe d'elle,
Tem por ventura ordenado
Que mereça o meu cuidado,
Só por ter cuidado n'elle.

SCENA II

VILARDO *e* FILODEMO

VILARDO: O senhor Dom Lusidardo
Dorme com todo o convento;
E elle com o pensamento
Quer estar fazendo alardo
De castellinhos de vento!
Pois tão cedo se vestiu,
Com seu damno se conforme,
Pezar de quem me pariu;
Que ainda o sol não sahiu:
Se vem á mão, tambem dorme.
Elle quer se levantar
Assi pela manhãzinha!
Pois quero-o desenganar:
Nem por muito madrugar
Amanhece mais asinha.

FILODEMO: Traze-me a viola cá.

VILARDO: (Voto a tal que me vou rindo.)
Senhor, tambem dormirá.

FILODEMO: Traze-a, moço.

VILARDO: Si, virá,
Se não estiver dormindo.

FILODEMO: Ora, hi polo que vos mando:
Não gracejeis.

VILARDO: Eis-me vou:
Pois, pezar de São Fernando!
Por ventura sou eu grou?
Sempre hei d'estar vigiando? *(Sáe.)*

FILODEMO: Ah senhora, que podeis
Ser remedio do que peno,
Quão mal ora cuidareis

Que viveis e que cabeis
N'hum coração tão pequeno!
Se vos fosse apresentado
Este tormento em que vivo,
Crereis que foi ousado
Este vosso, de criado
Tornar-se vosso captivo!

SCENA III

FILODEMO *e* VILARDO

VILARDO: Ora eu creio, se he verdade
Que estou de todo acordado,
Que meu amo he namorado;
E a mi dá-me na vontade
Que anda hum pouco abalado.
E se tal he, eu daria
Por conhecer a donzella
A ração d'hoje este dia;
Porque a desenganaria,
Sómente por ter dó d'ella.
Havia-lhe perguntar:
Senhora, de que comeis?
Se comeis d'ouvir cantar,
De fallar bem, de trovar,
Em boa hora casareis.
Porém se vós comeis pão,
Tende, senhora, resguardo:
Que eis aqui está Vilardo,
Que he como hum camaleão,
Por isso, búz, fazei fardo.
E se vós sois das gamenhas,

E houverdes de attentar
Por mais que por manducar,
Mi cama son duras peñas,
Mi dormir siempre es velar.
A viola, senhor, vem
Sem primas, nem derradeiras:
Mas sabe o que lhe convem?
Se quer, senhor, tanger bem,
Ha de haver mister terceiras.
E se estas cantigas vossas
Não forem para escutar,
E quizerdes espirar;
Ha mister cordas mais grossas,
Porque não possam quebrar.

FILODEMO: Vae para fóra.

VILARDO: Já venho.

FILODEMO: Que eu só d'esta phantasia
Me sostenho e me mantenho.

VILARDO: Quamanha vista que tenho,
Que vejo a estrella do dia! *(Sáe)*

SCENA IV

FILODEMO *(cantando)*

Adó sube el pensamiento,
Seria una gloria inmensa
Si allá fuese quien lo piensa.

(Falla)

Qual espirito divino
Me fará a mi sabedor
D'este meu mal, se he amor,
Se por dita desatino?

Se he amor, diga me qual
Póde ser seu fundamento,
Ou qual he seu natural,
Ou porque empregou tão mal
Hum tão alto pensamento.
Se he doudice, como em tudo
A vida me abraza e queima,
Ou quem viu n'hum peito rudo
Desatino tão sisudo,
Que toma tão doce teima?
Ah senhora Dionysa,
Onde a natureza humana
Se mostrou tão soberana!
O que vós valeis me avisa,
Mas o que eu peno me engana.

SCENA V

SOLINA E FILODEMO

SOLINA: Tomado estaes vós agora,
Senhor, co'o furto nas mãos.
FILODEMO: Solina, minha senhora,
Quantos pensamentos vãos
Me ouvireis lançar fóra!
SOLINA: Oh senhor, quão bem que sôa
O tanger de quando em quando!
Bem sei eu huma pessoa,
Que ha já huma hora, e boa,
Que vos está escutando.
FILODEMO: Por vida nossa, zombaes?
Quem he? quereis-m'o dizer?

SOLINA: Não o haveis vós de saber,
Bofé, se me não peitaes.
FILODEMO: Dar-vos-hei quanto tiver,
Para taes tempos como estes.
Quem tivera voz dos céos,
Para escutar me quizestes!
SOLINA: Assi pareça eu a Deus,
Como lhe vós parecestes.
FILODEMO: A senhora Dionysa
Quer-se ja alevantar?
SOLINA: Assi me veja eu casar,
Como despida em camisa
Se ergueu por vos escutar.
FILODEMO: Em camisa levantada!
Tão ditosa he minha estrella?
Ou m'o dizeis refalsada?
SOLINA: Pois bem me defendeu ella
Que vos não dissesse nada.
FILODEMO: Se pena de tantos annos
Merecer algum favor,
Para cura de meus damnos
Fartae-me d'esses enganos,
Que não quero mais de amor.
SOLINA: Agora quero eu fallar
N'este caso com mais tento;
Quero agora perguntar:
E de siso his vós tomar
Hum tão alto pensamento?
Certo he minha maravilha,
Se vós isto não sentis
Bem: vós como não cahis
Que Dionysa que he filha
Do senhor a quem servis?
Como? Vós não attentaes
Os grandes, de que he pedida!

Peço-vos que me digaes
Qual he o fim que esperaes
N'este caso, em vossa vida.
Que razão boa, ou que côr
Podeis dar a esta affeição!
Dizei-me vossa tenção.

FILODEMO. Onde vistes vós amor
Que se guie por razão?
Se quereis saber de mi
Que fim, ou de que theor
O pretendo em minha dor;
S'eu n'este amor quero fim,
Sem fim me atormente amor.
Mas vós com gloria fingida
Pretendeis de m'enganar,
Por assi mal me tratar:
Assi que me daes a vida
Sómente por me matar.

SOLINA: Eu digo-vos a verdade.

FILODEMO: Da verdade fujo eu,
Forque se o amor me deu
Pena de tal qualidade,
Assaz me custa do meu.

SOLINA: Fólgo muito de saber
Que sois amante tão fino.

FILODEMO: Pois mais vos quero dizer,
Que ás vezes no imaginar
Não ouso de me estender.
Na hora que imaginei
Na causa de meu tormento,
Tamanha gloria levei,
Que por onças desejei
De lograr o pensamento.

SOLINA: Se me vós a mi jurardes
De me terdes em segredo

Huma cousa... mas hei medo
De logo tudo contardes.

FILODEMO: A quem?

SOLINA: Áquelle enxovedo.

FILODEMO: Qual?

SOLINA: Aquelle máo pezar,
Que ante hontem comvosco hia.
Quem se fosse em vós fiar!
O que vos disse o outro dia,
Tudo lhe fostes contar.

FILODEMO: Que lhe contei?

SOLINA: Já lhe esquece?

FILODEMO: Por certo que estou remoto.

SOLINA: Hi, que sois hum cesto roto.

FILODEMO: Esse homem tudo merece.

SOLINA: Vós sois muito seu devoto.

FILODEMO: Senhora, não hajaes medo:
Contae-me isso, e far-me-hei mudo.

SOLINA: Senhor, o homem sisudo,
Se em taes cousas tem segredo,
Saiba que alcançará tudo.
A senhora Dionysa
Crêde que mal vos não quer:
Não vos posso mais dizer.
Isto tende por balisa
Com que vos saibaes reger.
Que em mulheres, se attentaes,
O querer está visibil;
E se bem vos governaes,
Não desespereis do mais,
Porque, emfim, tudo he possibil.

FILODEMO: Senhora, póde isso ser?

SOLINA: Si, que tudo o mundo tem:
Olhae não o saiba alguem.

FILODEMO: E que maneira hei de ter
Para crêr tamanho bem?
SOLINA: Vós, senhor, o sabereis;
E já que vos descobri
Tamanho segredo aqui,
Huma mercê me fareis
Em que me vae muito a mi.
FILODEMO: Senhora, a tudo me obrigo
Quanto fôr em minha mão.
SOLINA: Pois dizei a vosso amigo
Que não gaste tempo em vão,
Nem queira amores commigo.
Porque eu tenho parentes,
Que me podem bem casar;
E mais que não quero andar
Agora em bocca de gentes
A quem s'elle vai gabar.
FILODEMO: Senhora, mal conheceis
O que vos quer Duriano:
Sabei-o, se o não sabeis,
Que em sua alma sente o dano
Do pouco que lhe quereis;
E que outra cousa não quer,
Que ter-vos sempre servida.
SOLINA: Pola sua negra vida,
Isso havia eu bem mister.
FILODEMO: Vós sois desagradecida!
SOLINA: Si, que tudo são enganos
Em tudo quanto fallaes.
FILODEMO: Não quero que me crêaes:
Crêde o tempo; que ha dous annos
Que vos serve, e inda mais.
SOLINA: Senhor, bem sei que me engano;
Mas a vós, como a irmão,
Descubro este coração:

Sabei que a Duriano
Tenho sobeja affeição.
Olhae que lhe não digaes
Isto que vos aqui digo.

FILODEMO: Senhora, mal me trataes:
Inda que sou seu amigo,
Sabei que vosso sou mais.

SOLINA: E já que vos confessei
Aquestas fraquezas minhas,
Que ha tanto que de mi sei:
Fazei vós nas cousas minhas
O que eu nas vossas farei.

FILODEMO' Vós enxergareis, senhora,
O que eu por vós sei fazer.

SOLINA: Como me deixo esquecer!
Aqui estivera agora
Fallando té anoitecer.
Vou-me; e olhae quanto val
O que passou entre nós.

FILODEMO: E porque vos ides vós?

SOLINA: Porque parece já mal
Estar aqui ambos sós.
E mais vou vestir agora
A quem vos dá tão má vida.
Ficae vos, senhor, embora.

FILODEMO: N'essa ide vós, senhora,
Que já vos tenho entendida.

SCENA VI

FILODEMO *(só)*

Ora se póde isto ser
Do que esta moça me avisa,
Que a senhora Dionysa,
Por me ouvir, se fosse erguer
Da sua cama em camisa!
E diz que mal me não quer.
Não queria maior gloria;
Mas o que mais posso crêr,
Que nem para lhe esquecer
Lhe passo pela memoria.
Mas ter Solina tambem
Em Duriano o intento,
He levar-me a lenha o vento;
Porque se ella lhe quer bem,
Para bem vae meu tormento.
Mas foi-se este homem perder
N'este tempo, de maneira,
Por huma mulher solteira,
Que não me atrevo a fazer
Que hum pequeno bem lhe queira.
Porém far-lhe hei hum partido,
Porque ella não se querelle:
Que se mostre seu perdido,
Inda que seja fingido,
Como lhe outrem faz a elle.
E já que me satisfaz,
E tanto n'isto se alcança,
Dê-lhe fingida esperança:
Do mal que outrem faz,
Tomará n'ella vingança.

SCENA VII

VILARDO *(só)*

Ora boa está a cilada
De meu amo com sua ama,
Que se levantou da cama
Por ouvil o! Está tomada:
Assi a tome má trama.
E mais crêde que quem canta,
Ainda descantará;
E quem do leito, onde está,
Por ouvil-o se levanta,
Mór desatino fará.
Quem havia de cuidar,
Que dama formosa e bella
Saltasse o demonio n'ella,
Para a fazer namorar
De quem não he igual d'ella?
Que me dizeis a Solina?
Como se faz *Celestina*,
Que por não lhe haver inveja
Tambem para si deseja
O que o desejo lhe ensina!
Crêde que se me alvoróço,
Que a hei de tomar por dama;
E não será grão destrôço,
Pois o amo quer a ama,
Que a moça queira o moço.
Vou-me; que vêjo lá vir
Venadoro, apercebido
Para a caça se partir:
E voto a tal, que he partido
Para vêr e para ouvir.

Que he razão justa e rasa
Que seu folgar se desconte
Em quem arde como brasa;
Que se vae caçar ao monte,
Fique outrem caçando em casa.

SCENA VIII

VENADORO *(só)*

Aprovada antiguamente
Foi, e muito de louvar
A occupação do caçar,
E da mais antigua gente
Havida por singular.
He o mais contrário officio
Que tem a ociosidade,
Mãe de todo o bruto vicio:
Por este limpo exercicio
Se reserva a castidade.
Este dos grandes senhores
Foi sempre muito estimado;
E he grande parte do estado
Ter monteiros, caçadores,
Como officio que he prezado.
Pois logo porque razão
A meu pae ha de pezar
De me vêr ir a caçar?
E tão boa occupação
Que mal me póde causar?

SCENA IX

VENADORO *e o* MONTEIRO

MONTEIRO: Senhor, venho alvoroçado,
E mais com muita razão.
VENADORO: Como assi?
MONTEIRO: Que me he chegado
O mais extremado cão,
Que nunca caçou veado.
Vejamos que me ha de dar.
VENADORO: Dar-vos-hei quanto tiver;
Mas ha-se de exprimentar,
Para se poder julgar
As manhas que póde ter.
MONTEIRO: Póde assentar que este cão,
Que tem das manhas a chave.
Bem feito? Em admiração.
Pois em ligeiro? He huma ave.
Em commetter? Hum leão.
Com porcos? Maravilhoso.
Com veados? Extremado.
Sobeja-lhe o ser manhoso.
VENADORO: Pois eu ando desejoso
De irmos matar hum veado.
MONTEIRO: Pois, senhor, como não vae?
VENADORO: Vamos, e vós mui ligeiro
O necessario ordenae:
Que eu quero chegar primeiro
Pedir licença a meu pae.

ACTO SEGUNDO

SCENA I

DURIANO

DURIANO: Pois não creio eu em Sam Pisco de páo, se hei de pôr pé em ramo verde, té lhe dar trezentos açoutes. Despois de ter gastado perto de trezentos cruzados com ella, porque logo lhe não mandei o setim para as mangas, fez de mim mangas ao demo. Não desejo eu de saber senão qual he o galante que me succedeu; que se vol-o eu colho a barlavento, eu lhe farei botar ao mar quantas esperanças lhe a fortuna tem cortado á minha. Ora tenho assentado, que amor d'estas anda com o dinheiro, como a maré com a lua: bolsa cheia, amor em águas vivas; mas se vasa, vereis espraiar este engano, e deixar em sêcco quantos gostos andavam como o peixe na agua.

SCENA II

FILODEMO *e* DURIANO

FILODEMO: O' lá! cá sois vós? Pois agora hia eu bater essas moutas, para vêr se me sahieis de alguma; porque quem vos quizer achar, he necessario que vos tire como huma alma.

DURIANO: Oh maravilhosa pessoa! Vós he certo que vos

prezaes de mais certo em casa, que pinheiro em porta de taverna; e trazeis, se vem á mão, os pensamentos com os focinhos quebrados de cahirem onde vós sabeis. Pois sabeis, senhor Filodemo, quaes são os que me matam? Huns muito bem almofaçados, que com dois ceitís fendem a anca pelo meio, e se prezam de brandos na conversação, e de fallarem pouco e sempre comsigo, dizendo que não darão meía hora de triste pelo thesouro de Veneza; e gabam mais Garcilasso que Boscão; e ambos lhe sahem das mãos virgens; e tudo isto por vos meterem em consciencia que se não achou para mais o Grão-Capitão Gonçalo Fernandes. Ora pois desengano-vos, que a mór rapazía do mundo farão altos espiritos: e eu não trocarei duas pescoçadas da minha &, depois de ter feito a tosquia a hum frasco, e fallar-me por tu e fingir-se-me bebada, porque o não pareça, por quantos Sonetos estão escriptos pelos troncos das árvores do Vale Luso, nem por quantas madamas Lauras vós idolatraes.

FILODEMO: Tá, tá! não vades ávante, que vos perdeis.

DURIANO: Apósto que adivinho o que quereis dizer?

FILODEMO: Que?

DURIANO: Que se me não acudieis com o batel, que me hia meus passos contados a hereje de amor.

FILODEMO: Oh que certeza tamanha, o muito peccador não se conhecer por esse!

DURIANO: Mas oh que certeza maior, de muito enganado, esperar em sua opinião! Mas tornando a nosso proposito, que he o para que me buscaes? que se he cousa de vossa saude, tudo farei.

FILODEMO: Como templará el destemplado? Quem poderá dar o que não tem, senhor Duriano? Eu quero-vos deixar comer tudo: não póde ser que a natureza não faça em vós o que a razão não póde: o caso he este; dir-vol-o-hei; porém he necessario que primeiro vos alimpeis como marmelo, e que ajunteis para hum canto da casa todos

esses máos pensamentos; porque segundo andaes mal avinhado, damnarcis tudo aquillo que agora lançarem em vós. Já vos dei conta da pouca que tenho com toda a outra cousa que não he servir a senhora Dionysa: e postoque a desigualdade dos estados o não consinta, eu não pretendo d'ella mais que o não pretender d'ella nada, porque o que lhe quero, comsigo mesmo se paga; que este meu amor he como a ave Phenix, que de si só nasce, e não de outro nenhum interesse.

Duriano: Bem praticado está isso; mas dias ha que eu não creio em sonhos.

Filodemo: Porque?

Duriano: Eu vol-o direi: porque todos vós-outros os que amaes pela passiva, dizeis que o amor fino como melão, não ha de querer mais de sua dama que amál-a; e virá logo o vosso Petrarcha, e o vosso Pietro Bembo, atoado a trezentos Platões, mais çafado que as luvas de hum pagem d'arte, mostrando razões verisimeis e apparentes, para não quererdes mais de vossa dama que vêl-a; e ao mais até fallar com ella. Pois inda achareis outros esquadrinhadores de amor, mais especulativos, que defenderão a justa por não emprenhar o desejo; e eu (faço-vos voto solemne) se qualquer d'estes lhe entregassem sua dama tosada e apparelhada entre dous pratos, eu fico que não ficasse pedra sôbre pedra: e eu já de mi vos sei confessar que os meus amores hão de ser pela activa, e que ella ha de ser a paciente, e eu agente, porque esta he a verdade. Mas, com tudo, vá v. m. co'a a historia por diante.

Filodemo: Vou, porque vos confesso que n'este caso ha muita dúvida entre os Doctores: assi que vos conto, que estando esta noite com a viola na mão, bem trinta ou quarenta legoas pelo sertão dentro de hum pensamento, senão quando me tomou á traição Solina; e entre muitas palavras que tivemos, me descobriu que a senhora Dionysa se levan-

tára da cama por me ouvir, e que estivera pela greta da porta espreitando quasi hora e meia.

Duriano: Cobres e tostões, sinal de terra: pois ainda vos não fazia tanto ávante.

Filodemo: Finalmente, veiu-me a descobrir, que me não queria mal, que foi para mi o maior bem do mundo; que eu estava ja concertado com minha pena a soffrer por sua causa, e não tenho agora sojeito para tamanho bem.

Duriano: Grande parte da saude he para o doente trabalhar por ser são. Se vos deixardes manquecer na estrebaria com essas finezas de namorado, nunca chegareis onde chegou Rui de Sande. Por isso boas esperanças ao leme; que eu vos faço bom que ás duas enxadadas acheis agua. E que mais passastes?

Filodemo: A maior graça do mundo: veiu me a descobrir que era perdida por vós; e me quiz dar a entender que faria por mi tudo o que lhe vos merecesseis.

Duriano: Santa Maria! Quantos dias ha que nos olhos lhe vejo marejar esse amor! porque o fechar de janellas que essa mulher me faz, e outro enojos que dizer poderia, *no son sino corredores del amor*, e a cilada em que ella quer que eu caia.

Filodemo: Nem eu não quero que lh'o queiraes, mas que lhe façaes crêr que lh'o quereis.

Duriano: Não... quanté d'essa maneira me offereço a romper meia duzia de serviços alinhavados ás panderetas, que bastem assentar-me em soldo pelo mais fiel amante que nunca calçou esporas; e se isto não bastar, *salgan las palabras mas sangrientas del corazon*, entoadas de feição, que digam que sou hum Mancias, e peor ainda.

Filodemo: Ora daes-me a vida. Vamos vêr se por ventura apparece, porque Venadoro, irmão da senhora Dionysa, he fóra á caça; e sem elle fica a casa despejada; e o senhor Dom Lusidardo anda no pomar; que todo o seu passa-tempo he enxertar e dispôr, e outros exercicios de

agricultura, naturaes a velhos: e pois o tempo nos vem á medida do desejo, vamo-nos lá; e se puderdes fallar, fazeí de vós mil manjares, porque lhe façaes crêr que sois mais esperdiçado de amor que hum *Braz Quadrado.*

DURIANO: Ora vamos, que agora estou de vez, e cuido de hoje fazer mil maravilhas, com que vosso feito venha á luz.

SCENA III

DIONYSA *e* SOLINA

DIONYSA: Solina, mana.
SOLINA: Senhora.
DIONYSA: Trazei-me cá a almofada;
Que a casa está despejada,
E esta varanda cá fóra
Está melhor assombrada.
Trazei a vossa tambem
Para estarmos cá lavrando;
Em quanto meu pae não vem,
Estaremos praticando,
Sem nos estorvar ninguem.
SOLINA: Este he o mesmo logar
Onde estava o bem logrado,
Tal que de muito enlevado
Se esquecia do cantar
Por se enlevar no cuidado.
DIONYSA: Vós, mana, sois mui ruim!
Logo lhe fostes contar
Que me ergui polo escutar.
SOLINA: Eu o disse?
DIONYSA: Eu não o ouvi?
Como m'o quereis negar?

SOLINA: E por isso que releva?
Que se perde n'isso agora?
DIONYSA: Que se perde! Assi, senhor,
Folgareis vós que se atreva
A contal-o lá por fóra?
Que se lhe meta em cabeça
Alguma parvoa tenção?
Que faça, se vem á mão,
Alguma cousa que pareça?
SOLINA: Senhora, não tem razão.
DIONYSA: Eu sei mui bem attentar
Do que se ha de ter receio,
E do que he para estimar.
SOLINA: Não he o demo tão feio
Como alguem o quer pintar;
E não se espera isso d'elle,
Que não he ora tão moço.
E vossa mercê asselle
Que qualquer segredo n'elle
He como huma pedra em poço.
DIONYSA: E eu que segredo quero
Co'hum criado de meu pae?
SOLINA: E vós, mana, fazeis fero?
Ao diante vos espero,
Se adiante o caso vae.
DIONYSA: O madraço! quem o vir
Fallar de siso co'ella...
Então vós, gentil donzella,
Folgaes muito de o ouvir?
SOLINA: Si, porque me falla n'ella;
E eu como ouço fallar
N'ella, como quem não sente,
Fólgo de o escutar,
Só para lhe vir contar
O que d'ella diz a gente;

Qu'eu não quero nada d'elle.
E mais, porque está fallando?
Não m'esteve ella rogando
Que fosse fallar com elle?

DIONYSA: Disse-vol-o assi zombando.
Vós logo tomaes em grosso
Tudo quanto me escutaes.
Parvo! que vêl-o não posso.

SOLINA: Ella alli, e o cão co'o osso!
Inda isto ha de vir a mais.
Pois que tal odio lhe tem,
Fallemos, senhora, em al;
Mas eu digo que ninguem
Merece por querer bem
Que a quem lh'o quer, queira mal.

DIONYSA: Deixae-o vós doudejar.
Se meu pae, ou meu irmão,
O vierem a aventar,
Não ha elle de folgar.

SOLINA: Deos meterá n'isso a mão.

DIONYSA: Ora hi polas almofadas,
Que quero hum pouco lavrar,
Por ter em que me occupar;
Qu'em cousas tão mal olhadas
Não se ha o tempo de gastar.

SOLINA: Que cousa, somos mulheres!
Como somos perigosas!
E mais estas tão viçossa
Qu'estão á *bocca que queres?*
E adoecem de mimosas!
Se eu não caminho agora
A seu desejo e vontade;
Como faz esta senhora,
Fazem-se logo n'essa hora
Na volta da honestidade.

Quem a víra o outro dia
Hum poucochinho agastada,
Dar no chão com a almofada,
E enlevar a phantasia,
Toda n'outra transformada!
Outro dia lhe ouvirão
Lançar suspiros a mólhos,
E com a imaginação
Cahir-lhe a agulha da mão,
E as lagrimas dos olhos.
Ouvir-lhe-heis á derradeira
A ventura maldizer,
Porque a foi fazer mulher.
Então diz que quer ser freira
E não se sabe entender.
Então gaba-o de discreto,
De musico e bem disposto,
De bom corpo e de bom rosto,
Quanté então eu vos prometto,
Que não tem d'elle desgôsto.
Despois, se vem a attentar,
Diz que he muito mal feito
Amar homem d'este geito;
E que não póde alcançar
Pôr seu desejo em effeito.
Logo se faz tão senhora,
Logo lhe ameaça a vida,
Logo se mostra n'essa hora
Muito segura de fóra,
E de dentro está sentida.
Bofé, segundo vou vendo,
Se esta postema vier,
Como eu suspeito, a crescer,
Muito ha que d'ella entendo
O fim que póde vir ter.

SCENA IV

DURIANO *e* FILODEMO

DURIANO: Ora deixae a ir, que á vinda lhe fallaremos; entretanto cuidarei o como hei de fazer; que não ha mór trabalho para huma pessoa que fingir-se.

FILODEMO: Dar-lhe-heis esta carta; e fazei muito com ella que a dê á senhora Dionysa, que me vae n'isso muito.

DURIANO: Por mulher de tão bom engenho a tendes?

FILODEMO: E porque me perguntaes isso?

DURIANO: Porque ainda hontem entrou pelo A, B, C, e já quereis que leia carta mandadeira: fal-a-heis cedo escrever materia junta.

FILODEMO: Não lhe digaes que vos disse nada, porque cuidará que por isso lhe fallaes; mas fingi que de puro amor a andaes buscando a tempos que façam á vossa tenção.

DURIANO: Deixae-me vós a mi com o caso, que eu sei melhor as pancadas a estes vintes, que vós; e eu vol-a farei hoje vir a nós sem gafas; e vós entretanto acolhei-vos a sagrado, porque eil-a lá vem.

FILODEMO: Olhae lá: fazei que a não vêdes, e fingi que fallaes comvosco; que faz o nosso caso.

DURIANO: Dizeis bem. *Yo sigo tristeza, remedio de tristes: la terrible pena mia no la espero remediar.* Pois não devia assi de ser, pelos santos Evangelhos! mas muitos dias ha que eu sei que o amor e os cangrejos andam ás vessas. Ora, emfim, *las tristezas no me espanten, porque suelen aflojar cuando mas duelen.*

SCENA V

SOLINA *e* DURIANO

(SOLINA, *com a almofada*)

Aqui anda passeando
Duriano, e só comsigo
Pensamentos praticando:
D'aqui posso estar notando
Com quem sonha, se he commigo

DURIANO: Ah quão longe estará agora
Minha Senhora Solina
De saber que estou bem fóra
De ter outra por senhora,
Segundo o amor determina!
Porém se determinasse
Minha bem-aventurança
Que de meu mal lhe pezasse,
Até que n'ella tomasse
Do que lhe quero vingança!...

SOLINA: (Commigo sonha por certo.
Ora quero-me mostrar,
Assi como por acêrto:
Chegar-me-hei mais ao perto,
Por vêr se me quer fallar.)
Sempre esta casa hade estar
Acompanhada de gente,
Que não possa homem passar

DURIANO: A' traição vindes tomar
Quem já feridas não sente?

SOLINA: Logo me a mi parecia
Que era elle o que passeava.

DURIANO: E eu mal adivinhava
Que me viesse este dia,

Que ha tantos que desejava.
Se huns olhos por vos servir,
Com o amor que vos conquista,
Se atreveram a subir
Os muros da vossa vista,
Que culpa tem quem vos vir?
E se esta minha affeição,
Que vos serve de giolhos,
Não fez erro na tenção,
Tomae vingança nos olhos,
E deixae o coração.

SOLINA: Ora agora me vem riso.
Assi que vós sois, senhor,
De siso meu servidor?

DURIANO: De siso não, porque o siso
Me tem tirado o amor.
Porque o amor, se attentaes,
N'hum tão verdadeiro amante
Não deixa siso bastante;
Senão se siso chamaes
A doudice tão galante.

SOLINA: Como Deos está nos ceos,
Que se é verdade o que temo,
Que fez isto Filodemo.

DURIANO: Mas fel-o o demo; que Deos
Não faz mal tanto em extremo.

SOLINA: Bom. Vós, Senhor Duriano,
Porque zombareis de mim?

DURIANO: Eu zombo?

SOLINA: Eu não m'engano.

DURIANO: S'eu zombo, inda em meu dano
Vejaes vós mui cedo a fim.
Mas vós, senhora Solina,
Porque me querereis mal?

SOLINA: Sou mofina.

DURIANO: Oh! real.
Assi que minha mofina
He minha imiga mortal.
Dias ha que eu imagino
Qu'em vos amar e servir
Não ha amador mais fino;
Mas sinto que de mofino
Me fino sem o sentir.

SOLINA: Bem derivaes: quanté assi
A' pôpa o dito vos veiu.

DURIANO: Vir-me-ha de vós, porque creio
Que vós fallaes dentro em mi,
Como esprito em corpo alheio.
E assi que em estas piós
A cahir, senhora, vim;
Bem parecerá entre nós,
Pois vós andaes dentro em mim,
Que ande eu tambem dentro em vós.

SOLINA: He bem: que fallar he esse?

DURIANO: Dentro na vossa alma, digo,
Lá andasse, e lá morresse!
E se isto mal vos parece,
Dae-me a morte por castigo.

SOLINA: Ah máo! Como sois malvado!

DURIANO: Mas vós como sois malvada,
Que de hum pouco mais de nada
Fazeis hum homem armado,
Como quem 'stá sempre armada!
Dizei-me, Solina, mana...

SOLINA: Que he isso? Tirae lá a mão:
Oh! vós sois máo cortezão.

DURIANO: O que vos quero me engana,
Mas o que desejo não.
Não ha aqui senão paredes,
As quaes não fallam, nem vem.

SOLINA: Está isso muito bem.
Bem: e vós, senhor, não vêdes
Que poderá vir alguem?
DURIANO: Que vos custam dous abraços?
SOLINA: Não quero tantos despejos.
DURIANO: Pois que farão meus desejos,
Que querem ter-vos nos braços,
E dar-vos trezentos beijos?
SOLINA: Olhae que pouca vergonha!
Hi-vos d'hi, bocca de praga.
DURIANO: Eu não sei certo a que ponha
Mostrardes-me a triaga,
E virdes-me a dar peçonha.
SOLINA: Ora ide rir á feira,
E não sejaes d'essa laia.
DURIANO: Se vêdes minha canseira,
Porque lhe não daes *maneira*?
SOLINA: Que maneira?
DURIANO: A da saia.
SOLINA: Por minha alma, hei-de-vos dar
Meia duzia de porradas.
DURIANO: Oh que gostosas pancadas!
Mui bem vos podeis vingar,
Qu'em mim são bem empregadas.
SOLINA: Ao diabo, que o eu dou.
Como me doeu a mão!
DURIANO: Mostrae cá, minha affeição,
Que essa dôr me magoou
Dentro no meu coração.
SOLINA: Ora hi-vos embora asinha.
DURIANO: Por amor de mi, senhora.
Não fareis huma cousinha?
SOLINA: Digo que vades embora.
Que cousa?
DURIANO: Esta cartinha.

SOLINA: Que carta?
DURIANO: De Filodemo
A Dionysa vossa ama.
SOLINA: Dizei, que tome outra dama,
E dê os amores ao demo.
DURIANO: Não andemos pola rama.
Senhora, (aqui para nós)
Que sentis d'ella com elle?
SOLINA: Grandes alforges sois vós!
Pois hi-lhe dizer que appelle.
DURIANO: Fallae, que aqui estamos sós.
SOLINA: Qualquer honesta se abala,
Como sabe que he querida.
Ella he por elle perdida:
Nunca n'outra cousa falla.
DURIANO: Ora vou-lhe dar a vida.
SOLINA: E eu não lhe disse já
Quanta affeição lhe ella tem?
DURIANO: Não se fia de ninguem,
Nem crê que para elle ha
No mundo tamanho bem.
SOLINA: Dir-vos-hia de mim lá
O que lhe eu disse zombando?
DURIANO: Não disse, por Sam Fernando!
SOLINA: Ora ide-vos.
DURIANO: Que me vá!
E mandaes que torne? Quando?
SOLINA: Quando eu cá vir logar,
Vol-o mandarei dizer.
DURIANO: Se o quizerdes buscar,
Não vos deve de faltar,
Se não faltar o querer.
SOLINA: Não falta.
DURIANO: Dae-me hum abraço
Em sinal do que quereis.

SOLINA: Tá, que o não levareis.
DURIANO: De quantos serviços faço
Nenhum pagar me quereis?
SOLINA: Pagar-vos-hão alguma hora,
Que isso a mi tambem me toca;
Mas agora hi-vos embora.
DURIANO: Essas mãos beijo, senhora,
Em quanto não posso a bocca.

SCENA VI

SOLINA *(que traz a almofada)* E DIONYSA

SOLINA: Já vossa mercê dirá
Que estive muito tardando.
DIONYSA: Bem vos detivestes lá.
Bofé que estava cuidando
Em não sei que.
SOLINA: Que será?
Aqui sômos. (Quanté agora
Está ella transportada.)
DIONYSA: Que rosnaes vós lá, senhora?
SOLINA: Digo que tardei lá fóra
Em buscar esta almofada.
Que estava ella agora só
Comsigo phantasiando?
DIONYSA: Bofé que estava cuidando
Que he muito para haver dó
Da mulher que vive amando.
Que hum homem póde passar
A vida mais occupado;
Com passear, com caçar,

Com correr, com cavalgar,
Fórra parte do cuidado.
Mas a coitada
Da mulher sempre encerrada,
Que não tem contentamento,
Não tem desenfadamento,
Mais que agulha e almofada ?
Então isto vem parir
Os grandes erros da gente :
Foram mil vezes cahir
Princezas d'alta semente.
Lembra-me que ouvi contar
De tantas affeiçoadas
Em baixo e pobre logar,
Que as que agora vão errar
Podem ficar desculpadas.

SOLINA : Senhora, a muita affeição
Nas Princezas d'alto estado
Não he muita admiração ;
Que no sangue delicado
Faz amor mais impressão.
Mas deixando isto á parte,
Se me ella quizer peitar,
Prometto de lhe mostrar
Huma cousa muito d'arte,
Que lá dentro fui achar.

DIONYSA : Que cousa ?

SOLINA : Cousa de esprito.

DIONYSA : Algum panno de lavores ?

SOLINA : Inda ella não deu no fito ?
Cartinha sem sobre-escripto,
Que parece ser de amores.

DIONYSA : Essa he a boa ventura ?

SOLINA : Bofé que m'o pareceu.

DIONYSA : E essa d'onde nasceu ?

SOLINA: No meu cesto da costura:
Não sei quem m'a alli meteu.
DIONYSA: Mostrae-m'a; não hajaes medo,
Mana Eu que vos descobri...
SOLINA: E se ella vem para mi,
Logo quer vêr meu segredo?
Não a veja: vá-se d'hi.
Eil-a-hi.
DIONYSA: Cuja será?
SOLINA: Não sei certo cuja he.
DIONYSA: Si; sabeis.
SOLINA: Não sei, bofé.
DIONYSA: Ora a carta m'o dirá.
SOLINA: Pois leia vossa mercê.

(Abre Dionysa a Carta e lê-a)

— Se para merecer minha pena me não falta mais que viver contente d'ella, já logo m'a podeis consentir; pois que de nenhuma outra cousa vivo triste, senão por não ser para tão doce tristeza. Se tendes por offensa commetter tamanha ousadia, por maior a devieis ter, se a não commettesse; que amor acostumado he fazer os extremos á medida das affeições, e as affeições á medida da causa d'ellas. Pois logo, nem o meu amor póde ser pouco, nem fazer menos: se este não bastar para consentirdes em meu pensamento, baste para me dardes o que pelo ter mereço; e senão muitas graças ao Amor, que me soube dar hum cuidado, que com tel-o se paga o trabalho de soffrel-o.

SOLINA: Quanta parvoice diz!
DIONYSA: Ora muito boa está!
Como vós, mana, sois má!
Não sejaes vós tão biliz;

Que bem vos entendo já.
Cuja he?

SOLINA: E eu que sei?

DIONYSA: Pois quem o sabe?

SOLINA: O démo.

DIONYSA: Certo que he de quem temo;
Que os ditos que n'ella achei
São todos de Filodemo.
Este homem, que atrevimento
He este que foi tomar?
Qual será seu fundamento?
Que mil vezes me faz dar
Mil voltas ao pensamento.
Não entendo d'elle nada.
Mas inda que isto he assi,
D'isso que d'elle entendi,
Me sinto tão alterada,
Que me arreceio de mi.
Eu inda agora não creio
Que he verdade este amor;
Mas praza a Deos, se assi for,
Que inda este meu arreceio
Se não converta em temor.

SOLINA: Já vós, já sêdes,
Peixes nas redes.
Senhora, quem mais confia,
Mais asinha a cahir vem:
Natural he o querer bem;
Que o amor n'alma se cria,
Sem o sentir quem o tem.
Filodemo, no que ouvi,
Tem-lhe sobeja affeição;
E posto que o creia assi,
Ou eu sonhei, ou ouvi,
Que era d'alta geração.

Logo na phisionomia.
Nas manhas, artes e geito,
Mostra mui grande respeito:
Nem tão alta phantasia
Não se põe em baixo peito.

DIONYSA: Tudo isso cuido, e vi
Mil vezes miudamente;
Mas estas mostras assi
São desculpas para mi,
E não para toda a gente.

SOLINA: O seu moço vejo vir
A nós, seu passo contado;
Este he muito para ouvir,
Que diz que me quer servir
De amores esperdiçado.

SCENA VII

VILARDO, SOLINA *e* DIONYSA

VILARDO: Senhora, o senhor seu pae,
Mesmo de vossa mercê,
Já lá para casa vae:
Por isso, senhora, andae,
Que elle me mandou n'um pé;
E diz que fosse jantar
Vossa mercê mesmamente.

SOLINA: E já veiu do pomar?

DIONYSA: Oh quem pudéra escusar
De comer, nem de vêr gente!
(Nenhuma côr de verdade
Tenho do que me elle manda.)

VILARDO: Se elle sem vontade anda,
Eu lhe emprestarei vontade,
Empreste-me ella a vianda.
SOLINA: Vá, senhora, por não dar
Mais em que cuidar á gente.
DIONYSA: Irei, mas não por jantar;
Que quem vive descontente
Mantem-se de imaginar.
VILARDO: Pois tambem cá minhas dores
Me não deixam comer pão;
Nem come minha affeição
Senão sopadas d'amores,
E mil postas de paixão.
Das lagrimas caldo faço,
Do coração escudella;
Esses olhos são panella
Que coze bofes e baço,
Com toda a mais cabedella.

SCENA VIII

O MONTEIRO, HUM PASTOR *e* HUM BOBO

MONTEIRO: Perdeu-se por esta brenha
Venadoro, meu senhor,
Sem que novas d'elle tenha:
Queira Deos que inda não venha
D'esta perda outra maior.
Contra esta parte d'aqui
Des pós hum cervo correu,
Logo desappareceu;
Como da vista o perdi,

O gosto se me perdeu.
Eu, e os mais caçadores,
Corremos montes e covas;
Fallámos com lavradores
D'este valle, e com pastores,
Sem acharmos d'elle novas.
Quero vêr n'estes casaes
Que cobre aquelle arvoredo,
Se acharei pastores Mais,
Que me dem alguns sinaes
Que me possam tornar ledo.

(Chama)

Ó dos casaes, ó de lá:
Ah pastores, não fallaes?

PASTOR: Quien sois, ó lo que buscaes?
MONTEIRO: Ouvis? Chegae para cá.
PASTOR: Dicid vos lo que mandaes.
BOBO: No vayaes adó os llamó,
Padre, sin saber quien es.
PASTOR: Porque?
BOBO: Porque este es
Aquel ladron que hurtó
El asno del portugues.
Y se vais adó estan,
Os juro al cuerpo sagrado
De san Pisco y San Juan,
Que tambien os hurtarán,
Que sois asno mas honrado.
PASTOR: Déjame ir, que me llamó
BOBO: No, por vida de mi madre;
Que si allá vaes, muerto só,
Y d'este vez quedo yo,
Sin asno, triste! y sin padre.

MONTEIRO: Vinde, que vol-o encommendo,
E em vossas mãos me ponho.
BOBO: No vais, que dijo *en comiendo*,
Encomiendoos al demonio!

(Ao Monteiro)

Y esso es lo que andais haciendo?
PASTOR: Déjame ir adó está,
Que no es cosa que me espante.
BOBO: No quereis sino ir allá?
Pues echadle pan delante,
Puede ser amansará.
PASTOR: Dios os guarde! Que cosa es
Esa porque voceaes?
MONTEIRO: Dar-me-heis novas, ou sinaes
D'hum Fidalgo portugues,
Se passou por onde andaes?
BOBO: Yo só Hidalgo portugues:
Que manda su Señoria?
PASTOR: Cállate: oh que nescio es!
BOBO: Padre, no me dejarés
Ser lo que quisiere un dia?
Ah Santo Dios verdadero!
No seré lo que otros son?
Digo ahora que no quiero
Ser Alonsico, el vaquero.
PASTOR: Cállate ya, bobarron.
BOBO: Ya me callo: ahora un poco
He de ser lo que yo quisiere.
PASTOR: Señor, diga lo que quiere,
Porque este mochacho es loco,
Y muero porque no muere.
MONTEIRO: Digo, que se por ventura
Sabeis o que ando buscando:
Hum Fidalgo, que caçando

Se perdeu n'esta espessura
Após hum cervo andando.
Tenho esta parte corrida,
Sem d'elle poder saber:
Trago a alegria perdida;
E se de todo a perder,
Perca-se tambem a vida.
Porque só polo buscar
Tenho trabalhos assás.

BOBO: (Yo no puedo callar mas.)

PASTOR: (Como no puedes callar?
Quítate allá para tras.)
Cuanto por aquesta tierra,
No siento nueva ninguna.

MONTEIRO: Oh trabalhosa fortuna!

PASTOR: Mas detras d'aquesta sierra
Hallareis, por dicha, alguna;
Que unas choças de vaqueros
Portugueses allí estan;
Y ahí muchas veces van
Cazadores cavalleros:
Puede ser que lo sabran.

MONTEIRO: Quero-me ir lá saber.
Ficae-vos a Deos, pastor.

PASTOR: Dios os livre de dolor.

BOBO: Y á nos dé siempre comer
Pan y sopas, qu'es mejor.
Mirad lo que os notifico:
En aquel valle, acullá,
Anda paciendo un burrico,
Hidalgo, manso, y bonico;
Puede ser que ese será.

PASTOR: Calla, y acaba de andar.

BOBO: Ya ando.

PASTOR: Quieres callar?
Bobo, que tan poco sabe!
BOBO: No diceis que ande y acabe?
Ando, y no quiero acabar.

ACTO TERCEIRO

SCENA I

FLORIMENA, pastora *(com hum pote, que vae á fonte)*

FLORIMENA: Por este formoso prado
Tudo quanto a vista alcança
Tão alegre está tornado,
Que a qualquer desesperado
Póde dar certa esperança.
O monte, e sua aspereza,
De flôres se veste ledo;
Reverdece o arvoredo.
Sómente em minha tristeza
Está sempre o tempo quedo.
Junto d'esta fonte pura,
Segundo a muitos ouvi,
D'altos parentes nasci:
Foi como quiz a ventura,
Mas não como eu mereci.
O dia que fui nascida,
Minha mãe do parto forte
Foi sem cura fallecida;
E o dia que me deu a vida
Lhe dei eu a ella a morte.
Do mesmo parto nasceu
Meu irmão, que entre os cabritos
Commigo tambem viveu;

Mas, assi como cresceu,
Cresceram n'elle os espritos.
Foi-se buscar a cidade;
Teve juizo e saber;
Eu fiquei, como mulher,
E não tive faculdade
Para poder mais valer.
A hum pastor obedeço
Por pae, que d'outro não sei:
E, pola mãe que matei,
A huma cabra conheço,
De cujo leite mamei.
Mas porém, ja que este monte
Me obriga e meu nascimento,
Quero, pois quer meu tormento,
Encher a talha na fonte
Que co'os olhos accrescento.

(Finge que enche a talha)

SCENA II

VENADORO *e* FLORIMENA

VENADORO: Pois que me vim alongar
Dos caminhos e da gente,
Fortuna, que o consente,
Se devia contentar
De me ter tão descontente.
Porém, segundo adivinho,
Por tão espêsso arvoredo,
Por tão áspero rochedo,
Quanto mais busco o caminho,

Tanto mais d'elle me arredo.
O cavallo, como amigo,
Ja cansado me trazia:
Mas deixou-me todavia;
Que mal pudera commigo
Quem comsigo não podia.
Quero-me aqui assentar
A' sombra, n'esta hervinha,
Porque canso já de andar;
Mas inda a fortuna minha
Não cansa de me cansar.
Junto d'esta fonte pura
Não sei quem cuido que está;
Mas no coração me dá
Que aqui me guarda a ventura
Alguma ventura má.
Ou ganhado, ou bem perdido,
Faça, emfim, o que quizer,
Que eu o fim d'isto hei de vêr;
Que já venho apercebido
A tudo quanto vier.
Oh que formosa serrana
A' vista se me offerece!
Deosa dos montes parece;
E se he certo que he humana,
O monte não a merece.
Pastora tão delicada,
De gesto tão singular,
Parece-me que em logar
De perguntar pola estrada,
Por mim lhe hei de perguntar.
Atéqui sempre zombei
De qualquer outra pessoa
Que affeiçoada topei;
Mas agora zombarei

De quem se não affeiçôa.
Serrana, cuja pintura
Tanto a alma me moveu,
Dizei-me: Por qual ventura
Andareis n'esta espessura,
Merecendo estar no céo?

FLORIMENA: Tamanho inconveniente
Andar na serra parece?
Pois a ventura da gente
Sempre he muito differente
Do que, ao parecer, merece.

VENADORO: Tal resposta he manifesto
Não se parecer co'as cabras,
Pois não vos parece honesto
Saberdes matar co'o gesto,
Senão inda com palabras?
No mato tudo he rudeza.
Ha tal gesto e discrição?
Não o creio.

FLORIMENA: Porque não?
Não supprirá natureza
Onde falta criação?

VENADORO: Já logo n'isso, senhora,
Dizeis, se não sinto mal,
Que do vosso natural
Não era serdes pastora.

FLORIMENA: Digo, mas pouco me val.

VENADORO: Pois quem vos pôde trazer
A' conversação do monte?

FLORIMENA: Perguntae-o a essa fonte;
Que as cousas duras de crêr,
Hum as faça, outro as conte.

VENADORO: Esta fonte, que está aqui,
Que sabe do que dizeis?

FLORIMENA: Senhor, mais não pergunteis,
Porque outra cousa de mi
Sabei que não sabereis.
De vós agora sabei,
O que não tendes sabido:
Se quereis agoa, bebei;
Se andaes por dita perdido,
Eu vos encaminharei.

VENADORO: Senhora, eu não vos pedia
Que ninguem m'encaminhasse;
Que o caminho que eu queria,
Se o eu agora achasse,
Mais perdido me acharia.
Não quero passar d'aqui;
E não vos pareça espanto
Que em vos vendo me rendi;
Porque quando me perdi,
Não cuidei de ganhar tanto.

FLORIMENA: Senhor, quem na serra mora
Tambem entende a verdade
Dos enganos da cidade:
Vá-se embora, ou fique embora,
Qual fôr mais sua vontade.

VENADORO: Oh lindissima donzella,
A quem a ventura ordena
Que me guie como estrella!
Quereis-me deixar a pena,
E levar-me a causa d'ella?
E já que vos conjurastes
Vós e Amor para matar-me,
Oh não deixeis d'escutar-me!
Pois a vida me tirastes,
Não me tireis o queixar-me!
Qu'eu, em sangue e em nobreza
O claro céo me extremou;

E a Fortuna me dotou
De grandes bens e riqueza,
Que sempre a muitos negou.
Andando caçando aqui,
Após hum cervo ferido,
Permittiu meu fado assi,
Que andando dos meus perdido,
Me venha perder a mi.
E porqu'inda mais passasse
Do que tinha por passar,
Buscando quem m'ensinasse,
Por que via me tornasse,
Acho quem me faz ficar.
Que vingança permittiu
A fortuna n'hum perdido!
Oh que tyranno partido,
Que quem o cervo feriu,
Vá como cervo ferido!
Ambos feridos n'hum monte,
Eu a elle, outrem a mi:
Huma differença ha aqui,
Qu'elle vae sarar á fonte,
E eu n'ella me feri.
E pois que tão transformado
Me tem vossa formosura,
Hum de nós troque o estado,
Ou vós para o povoado,
Ou eu para a espessura.

FLORIMENA: Dos arminhos he certeza,
Se lhe a cova alguem sujar,
Morar fóra, antes d'entrar:
D'estimar muito a limpeza
Pola vida a vae trocar:
Tambem quem na serra mora
Tanto estima a honestidade

Que antes toma ser pastora,
Que perder a honestidade
A trôco de ser senhora.
Se mais quereis, esta fonte
Vos descubra o mais de mim:
O que ella viu ella o conte;
Porque eu vou-me para a monte,
Porque ha já muito que vim.

SCENA III

VENADORO *(só)*

VENADORO: O' linda minha inimiga,
Gentil pastora, esperae!
Pois que tanto amor me obriga,
Consenti-me que vos siga;
Vá o corpo onde a alma vae.
E pois por vós me perdi,
E n'este estado Amor pôs
Os olhos com que vos vi,
Pois os deixaste sem mi,
Oh não os deixeis sem vós!
Porque a Fortuna me disse
Que nas serras, onde andaes,
Em estes extremos taes,
Não era bem que vos visse
Para não ver de vós mais.
E pois se Amor se quiz ver
Da livre vida vingado,
Em que eu sohia viver;
Faça em mi o que quizer,
Que aqui vou ao jugo atado.

SCENA IV

DOM LUSIDARDO, *o* MONTEIRO *e* FILODEMO

LUSIDARDO: Oh santo Deos verdadeiro,
A quem o mundo obedece!
Meu filho não apparece.
E que me dizeis, Monteiro?
MONTEIRO: Digo-lhe que m'entristece.
Qu'eu corri por esses montes,
Bem quinze leguas ou mais,
E busquei polos casaes,
Por serras, montes e fontes,
Sem vêr novas, nem sinaes.
Toda a gente que levou,
Buscando-o, muito cansada
Pelo mato anda espalhada;
Mas ainda ninguem tornou,
Que soubesse d'elle nada.
LUSIDARDO: Oh fortuna nunca igual!
Quem me fará sabedor
De meu filho e meu amor?
Que se he muito grande o mal,
Muito mór he o temor.
Quem tolhe que não achasse
Algum leão temeroso
N'algum monte cavernoso,
Que sua fome fartasse
Em seu corpo tão formoso?
Quem ha que saiba, ou que visse,
Que das montanhas erguidas
Algum monstro não sahisse,
E com seu sangue tingisse
As hervas n'ellas nascidas?

Oh filho! vae-me a lembrar
Quantas vezes os mandava
Que deixasseis o caçar!
Não cuidei de adivinhar
O que Fortuna ordenava.
Eu irei, filho, buscar-vos
Por esses montes, por hi,
Que morte que quiz matar-vos,
Quero que me mate a mi.
Onde fostes fenecido,
Seja tambem vosso pae;
Ser-me-ha acontecido,
Como a virote que vae
Buscar outro que he perdido.
Vós só haveis de ficar,
Filodemo, encarregado
Para esta casa guardar;
Que de vosso bom cuidado
Tudo se póde fiar.
Ide-vos a fazer prestes,
Mandae cavallos sellar;
Pois achal-o não pudestes,
Ir-me-heis buscar o logar
Onde da vista o perdestes.

SCENA V

O Bobo *(com o vestido de Venadoro, a quem dera o seu)*

(Canta)

Los mochachos del Opispo
No comen cosa mimosa,
Ni zanca d'araña, ni cosa mimosa.

(Falla)

De su sayo colorado
Tan lozano me vestió,
Que yo ya no soy yo,
Ya por otro estoy trocado;
Que este sayo me trocó.
Oh qué asno portugues,
Que loco por Florimena,
Deseó zamarra agena,
Y dame por enterés
Una zamarra tan buena!
Como yo vi la bobilla
Andar con él en questiones,
Y parársele amarilla,
Díjele: Florimenilla,
Andaes en dongolondrones?
Él me dijo: Matalote,
No tengaes dello desmayo.
Y en esto, como un rayo,
Tomóme mi capirote,
Y dióme su capisayo.
Capirote, en buena fé,
Si vos, cuando en mi entrastes,
Capisayo vos tornastes,

Que yo por eso cantaré,
Pues ansí me mejorastes.

(Canta)

Lyrio, lyrio, lyrio loco,
Cón qué? Con capirotada.
Por hablar con la golosa
De amores, mirad la cosa!
Zamarilla tan hermosa
Que me ha dado tan honrada,
Con qué? Con capirotada.

(Falla)

Yo entonces respondí:
Señor, dame pan y queso,
Mas despues que lo entendí,
Dijé á ella: Dale un beso,
Que él me dió zamarra á mí.
Ahora me mirarán
Cuantos á la iglesia fueren;
Y aquellos que no me quieren,
Ahora me rogarán.
Sabeis porque no querré?
Porque estoy ahidalgado;
Y cuando fuere rogado,
Cantando responderé,
Que ya estoy otro tornado.

(Canta e baila)

Soropicote, picote, mozás,
Ahora quiero amores con vosotras.

SCENA VI

O Pastor *e o* Bobo

Pastor: Hijo Alonsillo.
Bobo: Hijo Alonsillo.
Pastor: No me quieres escuchar!
Bobo: Pues déjame suspirar.
Pastor: Escúchame ahora, asnillo,
Lo que te quiero mandar.
Véte al valle de las rosas,
Y di á Anton del Lugar
Que si puede acá llegar,
Porque tengo muchas cosas
Que importan para le hablar.
Porque es aqui llegado
A' este valle un hombre honrado,
Mancebo de casta buena,
Que amores de Florimena
Le traen loco y penado.
Dice que quiere casar
Con ella, que su tormento
No le deja reposar;
Y que venga festejar
Tan dichoso casamiento.
Bobo: Dicid, padre, tambien vos,
No quereis casar comigo?
Casemos ambos adós.
Pastor: Vé, y haz lo que te digo.
Bobo: Responde, padre, por Dios.
Pastor: Vé luego, e vuelve apresado.
Anda. No quieres andar?

BOBO: Pues que me habeis empujado,
Juro á mí de desandar
Todo quanto tengo andado.
PASTOR: Trabajoso es este insano!
Nunca hace lo que quereis.
BOBO: Ora no os apasioneis,
Mi padrecico lozano:
Que burlaba, no lo veis?
PASTOR: Véte dahi.
BOBO: Héme aqui.
PASTOR: Vé donde te dije.
BOBO: Ya vengo.
Oh que padrasto que tengo,
Que asi me manda por ahi.
Siendo camino tan luengo!

ACTO QUARTO

SCENA I

DIONYSA *e* SOLINA

DIONYSA: Oh Solina, minha amiga,
Que todo este coração
Tenho posto em vossa mão;
Amor me manda que diga,
Vergonha me diz que não.
Que farei?
Como me descobrirei?
Porque a tamanho tormento
Mais remedio lhe não sei,
Que entregal-o ao soffrimento.
Meu pae muito entristecido
Se vae pela serra erguida,
Já da vida aborrecido,
Buscando o filho perdido,
Tendo a filha cá perdida!
Sem cuidar,
Foi a casa encommendar
A quem destruir lh'a quer:
Olhae que gentil saber,
Que vae commigo deixar
Quem me não deixa viver.

SOLINA: Senhora, em tanto desgôsto
Não posso meter a mão;

Mas como diz o rifão:
Mais val vergonha no rosto,
Que mágoa no coração.
E bofé, se eu tanto amasse,
E visse tempo e sazão,
Sem seu pae, sem seu irmão,
Que a nuvem triste tirasse
De cima do coração.

DIONYSA: Ah mana! que tenho medo,
Que s'eu em tal consentisse
Que logo o mundo o sentisse,
Porque nunca houve segredo,
Que, emfim, se não descobrisse.

SOLINA: Se eu tantas dobras tivesse
Como quantas houve erradas,
Sem que o mundo o soubesse,
A' fé qu'eu enriquecesse,
E fosse das mais honradas.

DIONYSA: Sabeis que tenho em vontade?

SOLINA: Que podeis, senhora, ter?

DIONYSA: Fallar-lhe, só para ver
Se he por ventura verdade
O que dizeis que me quer.

SOLINA: Bofé, mana, dizeis bem,
E eu o mandarei chamar,
Como para lhe rogar
Que hum annel, que lá me tem,
Que mo mande concertar.

DIONYSA: Dizeis mui bem.

SOLINA: Vou-me lá
Chamar o seu moço á sala;
E s'este parvo vem cá,
Com elle hum pouco rirá,
Que sempre amores me falla.
Vilardo, moço?

SCENA II

VILARDO *e* SOLINA

VILARDO: Quem chama?
SOLINA: Vem cá, moço; eu te chamo.
Qu'he de teu amo?
VILARDO: Ah que dama!
Perguntaes-me por meu amo,
E não por hum que vos ama?
SOLINA: E quem he esse amador,
Que quer ter commigo passo?
Será elle algum madrasso?
VILARDO: Eu sou o mesmo, que o amor
Me quebra pelo espinhaço.
E mais vós sabei de mi,
Se eu a dizêl-o me atrevo,
Que desque esses olhos vi,
Que yo ni como, ni bebo,
Ni hago vida sin ti.
E mais para namorado
Não sou ora tão madraço.
SOLINA: Sois muito desmazelado.
VILARDO: Mas antes, de delicado
Caio pedaço a pedaço,
E mais eu soffrer não posso
Que me façaes tanto fero,
Qu'estou já pôsto no osso,
Porque sou vosso e revosso,
Por vida de quanto quero.
SOLINA: Feros está cheia a rua,
Ora estou bem aviada.
VILARDO: Cupido, por vida tua,
Que a não faças tão crua,

Pois que te não faço nada!
Amor, Amor, mas te pido,
Que quando se fôr deitar,
Que le digas al oido:
Deviei-vos de lembrar
N'este tempo de um perdido.

SOLINA: E tu já fazes coprinhas?
Ainda tu trovarás?

VILARDO: Quem, eu? Por estas barbinhas,
Que se vós virdes as minhas,
Que digaes que não são más.

SOLINA: Ora, pois me quereis bem,
Dizei-me huma.

VILARDO: Ei-la aqui;
E veja o saibo que tem;
Porque esta trovinha assi,
Saiba qu'he trova do assem:

(Trova)

Passarinhos, que voáes
N'esta manhã tão serena,
Sabei que só minha pena
Póde encher mil cabeçaes.

SOLINA: O rifão está salgado.
Essa penna te dou eu?

VILARDO: Vós e Amor, que de malvado,
Me têm melhor empennado,
Que nenhum virote seu.
Pois se me ouvíreis cantar!

SOLINA: E tu és tambem cantór?

VILARDO: Canto melhor que hum açôr.
Quereís que vos venha dar
Musiqueta de primor,

E que vos mande tanger
Muito melhor que ninguem ?

SOLINA: Já isso quizera vêr.

VILARDO: Querer-me-heis, se o eu fizer,
Algum pedaço de bem ?

SOLINA: Querer-te-hei trinta pedaços.

VILARDO: E esse querer dará fruito,
Que me tire d'estes laços ?

SOLINA: E que fruito ?

VILARDO: Dous abraços.

SOLINA: Esse fruito custa muito.

VILARDO: Esse he o amor que em vós ha ?
Pezar de minha mãe torta !

SOLINA: Ora hi, chamae logo lá
Vosso amo que venha cá,
Porque he cousa que importa.

VILARDO: Logo ?

SOLINA: Logo n'essas horas.

VILARDO: Não estarei aqui mais ?

SOLINA: Não. Ainda ahi estaes ?
Vós haveis mister esporas.

VILARDO: Irei, porque me mandaes.

SCENA III

O PASTOR *e* VENADORO *(com elle, feito Pastor)*

PASTOR: Mas de un mez es ya pasado
Que en esta sierra andaes ;
Y es caso mil mirado
Que andeis guardando ganado
Por una que tanto amaes.
Y si os determinaes

En querer casar con ella,
Juro á mí que nada erraes ;
Y si eso es para habella,
En vano cabras guadaes.
Ya me distes vuestra fé
(Sábenlo estas tierras todas) :
Yo con ella me engañé,
Que luego mandar llamé
Quien festejase las bodas.
Y agora dicis com pena,
Que es dura cosa casar :
Pues volveos n'ora buena,
Que no habeis de engañar
Con palabras Florimena.

VENADORO : Quem se ha de ter coração
Para tamanho temor ?
Que em mim pegando estão,
De huma parte a razão,
E d'outra parte o Amor.
Tambem vejo que perdel-a
Será minha perdição ;
Que bem me diz a affeição,
Que pouco faço por ella,
Pois não desfaço em quem são.

PASTOR : Dígoos, si por bajeza
Dicis que no os conviene,
Daros hé una certeza,
Que en sangre y en nobleza,
Tanto como vos la tiene.

VENADORO : Pastor, digo que d'aqui
Farei tudo o que quizerdes ;
E se mais quereis de mi,
Digo que vos dou o si
Para tudo o que fizerdes.

PASTOR : Dios os dé su bendicion ;

Y pues que casais con ella,
Yo os afirmo en conclusion,
Que aun de vos y mas della
Verná gran generacion.
Yo me voy por ella, hijo,
Tomadla así mal compuesta;
Verná quien haga la fiesta;
Que en placer y regocijo
Nos festeje esta floresta.

SCENA IV

VENADORO *(só)*

Ó ribeiras tão formosas,
Valles, campos pastorís,
Porque vos não revestís
De novas flôres e rosas,
Se minha gloria sentís?
Porque não seccaes, abrolhos?
E vós, agoa, que regando,
Os olhos his alegrando,
Correi, que tambem meus olhos
De alegres estão manando.
Ah pastora, em quem espero
Poder viver descançado!
Comtigo guardarei gado,
Que já eu sem ti não quero
Nenhuma alteza d'estado.
Diga o que quizer a gente,
Tudo terei n'huma palha,
Porque está claro e evidente
Que não ha honra que valha
Contra a vida descontente.

SCENA V

Tres PASTORES *bailando, e cantando de terreiro, diante do* PASTOR, *que traz* FLORIMENA

PASTOR: Pues el amor os obliga
A' que hagais tan buena liga,
Tomando á Dios por testigo,
Daqui os la entrego, amigo,
Por muger y por amiga.
VENADORO: Consentis n'isto, senhora ?
FLORIMENA: Senhor, em tudo consento.
VENADORO: Oh grande contentamento !
FLORIMENA: Saiba que nunca tégora
Lhe houve inveja ao tormento.
PASTOR: Asi lo dices, bobilla ?
Oh ! mala dolor os duela !
Pero no es maravilla
Quien consiente ansi la silla,
Consienta tambem la espuela.

SCENA VI

Tornam a bailar e cantar, e acabado, entra D. LUSIDARDO, *e o* MONTEIRO, *que andam em busca de* VENADORO

LUSIDARDO: Tres dias ha já que ando
Por esta larga espessura
A' Venadoro buscando ;
E o que d'elle vou achando
He como quer a ventura.
MONTEIRO: Senhor, cuido que lá vejo
Huns lavradores cantar.

LUSIDARDO: Hi diante perguntar.
MONTEIRO: Cumprido he seu desejo,
Se a vista não me enganar.
LUSIDARDO: Como assi?
MONTEIRO: Elle não vê
Aquelle pastor loução
Com huma moça pela mão?
Se Venadoro não he,
Nem eu o Monteiro são.
PASTOR: Quien veo allá asomar,
Que se viene á nuestras bodas?
BOBO: No los dejemos llegar,
Que nos vernan á roubar,
Juro á mí, las migas todas.
LUSIDARDO: Oh Venadoro, meu filho!
E's tu este?
VENADORO: Tal estou,
Que cuido que este não sou.
LUSIDARDO: Certo que me maravilho
De quem tanto te mudou.
Como estaes assi mudado
No rosto e mais no vestido!
VENADORO: Ando já n'outro trocado,
Tanto, que fiquei pasmado
De como fui conhecido.
E se vossa mercê vem
Para me levar d'aqui,
Mais ha de levar que a mi;
E ha de ser quem me tem
Todo transformado em si.
BOBO: Eso porque lo entendeis?
Por las migas por ventura?
Voto á tal no llevareis:
Por mas y por mas que andeis
No hareis tal travessura.

VENADORO: Esta formosa donzella
Em mi teve tal poder,
Que folguei de me perder ;
Pois, emfim, vim achar n'ella
O que não cuidei de ser.
Tanto em mi pôde este amor,
Que a tenho recebida ;
E se o êrro grave fôr
Aqui quero ser pastor :
Deixe-me ter esta vida.

LUSIDARDO: He certo tal casamento ?

VENADORO: Tenha-o por cousa segura.
Oh grande acontecimento !
D'esta arte sabe a ventura
Aguar hum contentamento !

PASTOR: Óigame, Señor, á mí,
Como hombre sabio, discreto,
Porque acaeció así,
Y lo que supo hasta aqui
Lo puede tener por cierto.
Muchos años son corridos
Que en esta fuente abierta,
En estos valles floridos
Hallé dos niños nascidos,
Y á su madre casi muerta.
Los niños chicos crié,
(Y desto cierto me arreo)
Y á la madre sepulté ;
Y despues um gran deseo
De saber esto tomé.
Como yo fuese enseñado
De chico á la mágica arte
Por mi padre, que es finado ;
Muy conoscido y nombrado
Soy por tal en toda parte.

Yo con yervas de la sierra,
Animales y otras cosas
Haré, si el arte no se yerra,
Que desciendan á la tierra
Las estrellas luminosas.
Soy, en fin, certificado
Que la madre de los dos
Fué Princeza de alto estado,
Y por un caso nombrado
La trajo á esta tierra Dios.
El macho, como creció,
Deseoso de otro bien,
A' la Corte se partió:
La embra es esta por quien
Vuestro hijo se perdió.
Y si mas quiere, Señor,
De mi arte, prestamente
Dello le haré sabedor;
Mas ha de ser de tenor
Que no lo sepa la gente.

LUSIDARDO: Mas vamos-nos, se quereis,
Que não soffro dilação,
A minha casa, e então
Lá d'isso me informareis,
Que caso he de admiração.
E vós, filho, não cuideis
Que a gloria de vos achar
Não he tanto de estimar,
Que em qualquer estado que esteis,
Não folgue de vos levar.

ACTO QUINTO

SCENA I

SOLINA, DIONYSA *e* FILODEMO

SOLINA: Eis Filodemo lá vem:
Asinha acudiu ao leme.
DIONYSA: Isso he de quem quer bem;
Mas não sei se o viu alguem,
Porque quem espera teme.
Agora me quizera eu
D'aqui cem mil leguas ver.
FILODEMO: Folgára eu assi de ser,
Porque este cuidado meu
Fôra mais de agradecer.
Que quando por accidente
A Fortuna desastrada
Vos apartasse da gente
N'hum deserto, onde sómente
Das feras fosseis guardada;
Lá por ferro, fogo e ágoa
Buscar minha morte iria;
A voz rouca, a lingua fria,
Tamanho mal, tanta mágoa
A's montanhas contaria.
Lá, muito contente e ufano
De mostrar amor tão puro,
Poderia ser que o dano,

Que não move hum peito humano,
Que movesse hum monte duro.

DIONYSA N'esse deserto apartado
De toda a conversação
Merecieis degradado
Por justiça, com pregão
Que dissesse: *Por ousado.*
E eu tambem merecia
Mettida a grave tormento,
Pois que, como não devia,
Vim a dar consentimento
A tão sobeja ousadia.

FILODEMO: Senhora, se me atrevi,
Fiz tudo o que Amor ordena;
E se pouco mereci,
Tudo o que perco por mi,
Mereço por minha pena.
E se Amor pôde vencer,
Levando de mi a palma,
Eu não lh'o pude tolher;
Que os homens não tem poder
Sobre os affectos da alma.
E ainda que pudera
Resistir contra o mal meu,
Saiba que o não fizera;
Que pouco valera eu,
Se contra vós me valera.
Não deve logo ter culpa
Quem se venceu d'armas taes:
Assi que n'isto, e no mais,
Tomo por minha desculpa
Vós mesma que me culpaes.
E se este atrevimento
Com tudo fôr de culpar,
Acabae de me matar;

Que aqui tenho hum soffrimento
Que tudo póde passar
E se esta penitencia,
Que faço em me perder,
Algum bem vos merecer,
Fique em vossa consciencia
O que me podeis dever.
Que dizeis a isto, Senhora?

DIONYSA: Eu que vos posso dizer?
Já não tenho em mi poder,
Segundo me sinto agora,
Para poder responder.
Respondei-lhe vós, Solina,
Pois que a vós me entreguei.

SOLINA: Bofé não responderei:
Veja ella o que determina.

DIONYSA: Não o vejo, nem o sei.

SOLINA: Pois eu tambem não sei nada.

DIONYSA: Porque?

SOLINA: Do que eu fizer,
Se despois se arrepender,
Dirá que eu fui a culpada.

DIONYSA: Eu só quero a culpa ter.

SOLINA: Senhora, por não errar,
Não quero que fique em mim:
Esta noite no jardim
Ambos podem praticar
Como isto venha a bom fim.
Lá poderão ajustar
Entre ambos o parecer;
Que eu não me hei n'isso de achar,
Que não quero temperar
O que outrem ha de comer.

DIONYSA: Vós vêdes a torvação,
Que lá n'essa casa vae?

SOLINA: Dá-me cá no coração
Que he vindo o senhor seu pae
Com o senhor seu irmão.
DIONYSA: Filodemo, hi-vos embora,
Fallae depois com Solina.
SOLINA: Vamo-nos tambem, senhora,
Receber seu pae lá fóra;
Não venha sentir a mina.

SCENA II

VILARDO *e* DOLOROSO *que vem dar hum descante a Solina com os musicos*

VILARDO. Assi te contava, Doloroso, d'estas em que sempre andam rugindo as sedas.

DOLOROSO: A'vante, que bem sei que o não dizeis polas sedas de Veneza.

VILARDO: Já sabeis que esta nossa Solina he tão Celestina, que não ha quem a traga a nós.

DOLOROSO: Logo parece moça brigosa, que por dá cá aquellas palhas, dará e tomará quatro espaldeiradas; e ao outro dia quem ha de cuidar que huma mulher de sua arte ha de querer bem a hum parvo como a ti? porque estas taes são como homens sisudos; se de noite se acham em algum arruido, onde possam fugir sem serem conhecidos, facilmente o fazem; e ao outro dia quem ha de cuidar que hum tão honrado havia de fugir? Outros dizem: Bem póde ser, porque noite escura he capa de Judeos e de envergonhados.

VILARDO: Mui gentil comparação he esta. Mas assi que te dizia, o outro dia assi zombando lhe prometti de lhe dar huma musica, e já chamei outros dous meus amigos, que logo hão de vir aqui ter comnosco.

DOLOROSO: Que tal he a musica que determinas de lhe dar? Não seja de siso; porque será a maior parvoice do mundo, porque não concerta com a parvoice que tu finges.

VILARDO: A musica não he senão das nossas; mas faço-te queixume, que nem com hum cão de busca pude achar humas nesperas por toda esta terra.

DOLOROSO: Nem as acharás senão alugadas; mas eu não sou de opinião que teus amores te custem dinheiro. Ora já lá apparecem os outros companheiros, e eu tambem ajudarei de telhinha ou de assovio; e vem-me isto á popa, porque d'aqui iremos á porta da minha padeirinha, porque ando com ella n'hum certo requerimento.

VILARDO: Vossas Mercês vem ao proprio: boa seja a vinda. As guitarras vem temperadas?

DOLOROSO: Tudo vem como cumpre: mandae vigiar a Justiça entretanto.

VILARDO: Ora sus: fazei como se temperasseis cabeça de pescada com um seu figado e bucho, e canada e meia, que nunca meu pae fez tamanho gasto na sua Missa nova.

(N'este passo se dá a musica com todos quatro, hum tange guitarra, outro pentem, outro telhinha, outro canta cantigas muito velhas, e no melhor diz Vilardo:)

Estae assi quedos, que eu sinto quem quer que he.

DOLOROSO: Justiça, pelo corpo de tal! Ora sus: aqui não ha outro valhacouto que nos valha, que pôr os pés ao caminho, e mostrar-lhe as ferraduras.

SCENA III

O Monteiro *(só)*

Monteiro: Como he gracioso este mundo, e como he galante! E quão gracioso seria quem o pudesse vêr de palanque com carta d'alforria ao pescoço, porque não podessem entender n'elle meirinhos, almotacés da limpeza, trabalhos, esperanças, temores, com toda a outra cabedella de enfadamentos! Ora notae bem de quantas côres teceu a Fortuna esta manta do Alentejo: perdeu se Venadoro na caça, eis a casa toda envolta como o rio: o pae enfadado, a irmã triste, a gente desgostosa; tudo, emfim, fóra do couce; e o galante aposentado nos matos com trajos mudados como camaleão, decepado dos pés e das mãos, por huma serranica do Alentejo; e veio acaso a sahir de maneira fóra da madre, que a recebeu por mulher; e rapa oleo e chrisma de quem he, e renega todas as lembranças de seu pae; pois tanto tomou ao pé da letra o que Deus disse: *Por esta deixarás teu pae e mãe.* E attentae isto por me fazer mercê: cuidareis que este caso era *solus peregrinus:* sabei que os não dá a fortuna senão aos pares, como quédas. Dionysa mais mimosa e mais guardada de seu pae que bicho de seda, moça sem fel como pombinha, que nos annos não tinha feito inda o enequim; mais formosa que huma manhã do S. João, mais mansa que o Rio Tejo, mais branda que hum soneto de Garcilasso, mais delicada que hum pucarinho de Natal; emfim, que por meia hora de sua conversação se poderá soffrer huma pipa com cobra e gallo e doninha, como a parricida, com tanto que dissesse o pregão o porque; porque vos não fieis em castanhas (não sei se diga, se o cale, que de magoado me trava pola manga a falla da garganta; mas, com tudo, não ha quem se tenha)

seu pae a achou esta noite no jardim com Filodemo, mais arrependida do tempo que perdêra, que do que alli perdia: eu, coitado de mi, que meta os dentes nos cabeçaes se desejar ave de penna.

SCENA IV

DURIANO *e o* MONTEIRO

DURIANO *(como cantando)*: Ti ri ri, ti ri rão.

MONTEIRO: Que he isso, senhor Duriano? Que descuidos são esses? Onde he cá a ida agora?

DURIANO: Vou assi como parvo, porque o melhor he não saber homem nada de si.

MONTEIRO: Que dizeis a vosso amigo Filodemo, que assi se soube aproveitar do tempo que ficou só em casa?

DURIANO: Eu que hei de dizer? Digo que descreio d'esta minha capa, se não he isso caso para sahir com elle a desafio.

MONTEIRO: Porque?

DURIANO: Porque não basta que lhe dê a Fortuna gostos tão medidos sobre o funil, que lhe põe nos braços Dionysa, a mais formosa dama que nunca espalhou cabellos ao vento, senão ainda para o assegurar em sua boa ventura, lhe vem a descobrir, que he filho de não sei quem, nem de quem não.

MONTEIRO: Esses são outros quinhentos. Cujo filho dizem que he? que eu ouvi já sobre isso não sei que fabulas.

DURIANO: Dir-vol-o-hei; pasmareis, que não he menos que Principe, e peor ainda. Nunca ouvistes dizer de hum irmão do senhor Dom Lusidardo que aggravado del Rei, se foi para os Reinos de Dinamarca?

MONTEIRO: Tudo isso ouvi ja.

Duriano: Pois esse galante, em satisfação de muitas mercês que El Rei de Dinamarca lhe fizera, meteu-se d'amores com huma sua filha, a mais moça; e como era bom justador, manso, discreto, galante, partes que a qualquer mulher abalam, desejou ella de vêr geração d'elle; senão quando, livre-nos Deus! se lhe começou de encurtar o vestido; e porque estes sirgos não se desistem em nove dias, senão em nove mezes, foi-lhe a elle então necessario acolher-se com ella, porque não colhessem a ella com elle: acolheu-se em huma galé; *e vêde la Princeza em huma galera nueva, con el marinero á ser marinera.* Finalmente, vindo navegando todo esse Oceano germanico, bancos de Frandes, mar de Inglaterra, e trazidos á costa de Hespanha, não os quiz a Ventura deixar gozar do repouso que n'ella buscavam: deu-lhe subitamente tamanha tormenta, que sem remedio deu a galé á costa, onde feita pedaços, morreram todos desastradamente, sem escapar mais que a Princeza com o que trazia na barriga, a quem parece que a Fortuna guardava para dar o descanso, que a seu pae e mãe negára. Sahiu finalmente a moça na praia, tal qual o temeroso naufragio deixaria huma Princeza mais delicada que hum arminho; e indo assi a pobre mulher pola terra estranha e despovoada, e sem quem a encaminhasse por onde, despois de ter perdido toda a esperança de ter algum remedio, deram-lhe as dôres de parto junto de huma fonte, aonde em breve espaço lançou duas crianças, macho e femia, como vizagras. E como a fraca compreição da delicada mulher não pudesse sustentar tantos e tão desacostumados trabalhos, facilmente deu a vida, que tanto havia que desejava de dar, deixando vivos aquelles dous retratos d'ella e de seu pae, que por causa de seus nascimentos a vida lhe tiráram, como acontece a viboras. E como as crianças fossem destinadas ao que vêdes, não faltou hum pastor que as criasse, que alli veiu ter, dando a mãe a alma a Deus: de maneira que, por não gastar mais palavras, o macho he

vosso amigo Filodemo, e a femia he a serrana Florimena, mulher que he já de Venadoro.

MONTEIRO: Estranhas cousas me contaes. Assi que logo de seu pae herdou Filodemo namorar a filha do senhor que serve: não haverá logo por mal o senhor Dom Lusidardo tomar por genro e nora, qnem acha por sobrinhos.

DURIANO: Sabei que chora de prazer com elles, que já diz que acha que Filodemo se parece natural com seu irmão e Florimena com sua mãe.

MONTEIRO: Dae-me a entender, como se creo tão de ligeiro o senhor Dom Lusidardo de quem isso contou,

DURIANO: No caso não ha dúvida, porque o pastor que hi achastes, lhe certificou todo o caso; e fez ao pastor muitas mercês, e mandou fazer muitas festas solemnes. Venadoro, casado com sua mulher e prima, e Filodemo, que o mesmo parentesco tem com a senhora Dionysa, estão fóra de crêr tamanho contentamente; cuido que zombam d'elle.

MONTEIRO: Ora deixa-me ir a vêr o rosto a esse velhaco de Filodemo; pois de meu matalote se me tornou senhor. Creio que vem o senhor Dom Lusidardo: dissimulemos.

SCENA V

DOM LUSIDARDO *com* VENADORO, *que traz* FLORIMENA *pela mão, e* FILODEMO *a* DIONYSA

LUSIDARDO: Quem não ficará pasmado
De vêr que por tal caminho
Tem a Ventura ordenado
Filodemo, meu criado,
Vir ser meu genro e sobrinho!
Quem não pasmará agora
De vêr a Ventura minha,

Que tem tornado n'huma hora
Florimena, huma pastora,
Ser minha nora e sobrinha!
Dem-se graças ao senhor,
Cujo segredo he profundo;
Pois que vêmos que quiz dar
A ventura e o amor
Por prazeres d'este mundo.

AUTO DOS AMPHITRIÕES

AUTO DOS AMPHITRIÕES

INTERLOCUTORES

AMPHITRIÃO. — ALCMENA, sua mulher. — CALLISTO. — FELISEO. — SOSEA, moço de Amphitrião. — BROMIA, sua criada. — BELFERRÃO, patrão. — AURELIO, primo de Alcmena. — Hum Moço de Aurelio. — JUPITER. — MERCURIO.

ACTO PRIMEIRO

SCENA I

Entra ALCMENA, *saudosa do marido, que he na guerra, e* BROMIA

ALCMENA: Ah senhor Amphitrião,
Onde está todo meu bem!
Pois meus olhos vos não vem,
Fallarei co'o coração,
Que dentro n'alma vos tem.
Ausentes duas vontades,
Qual corre móres perigos,
Qual soffre mais crueldades,
Se vós entre os inimigos,
Se eu entre as saudades?

Que a ventura, que vos traz
Tão longe de vossa terra,
Tantos desconcertos faz,
Que se vos levou á guerra,
Não me quiz deixar em paz.
Bromia, quem com vida ter,
Da vida já desespera,
Que lhe poderás dizer?

BROMIA: Que nunca se viu prazer,
Senão quando não se espera.
E por tanto não devia
De ter triste a phantasia;
Porque Vossa Mercê creia,
Que o prazer sempre salteia
Quem d'elle mais desconfia.
Eu tenho no coração,
Do senhor Amphitrião
Venha hoje alguma nova:
Não receba alteração.
Que a verdadeira affeição
Na longa ausencia se prova.

ALCMENA: Dizei logo a Feliseo
Que chegue muito apressado
Ao caes, e busque mêo
De saber se algum recado
Do porto Persico vêo:
E mais lhe haveis de dizer,
(Isto vos dou por officio)
D'alguma nova saber,
Em quanto eu vou fazer
Aos deuses o sacrificio.

SCENA II

BROMIA *(só)*

BROMIA: Saudades de minha ama,
Chorinhos e devoções,
Sacrificios e orações,
Me hão de lançar n'huma cama,
Certamente.
Nós mulheres de semente
Somos sedenho mui tosco:
Com qualquer vento que vente,
Queremos forçadamente
Que os deuses vivam comnosco.
Quero Feliseo chamar,
E dizer-lhe aonde ha de ir.
Mas elle como me vir,
Logo ha de querer rinchar,
De travesso.
Eu que de zombar não cesso,
Por ficar com elle em salvo,
Lanço-lhe hum e outro remêsso;
Aos seus furto lhe o alvo;
E então elle fica avesso.
Porque o melhor d'estas danças,
Com huns vindiços assi,
He trazel-os por aqui
Ó cheiro das esperanças,
Por viver.
Ha-os homem de trazer
Nos amores assi mornos,
Só para ter que fazer;
E despois ao remetter
Lançar-lhe a capa nos cornos.

Feliseo, se estaes á mão,
Chegae cá, vem como hum gamo:
Bem sei que não chamo em vão.

SCENA III

FELISEO *e* BROMIA

FELISEO: Chamaes-me? tambem vos chamo;
Porém eu ouço, e vós não:
Senhora, que me mataes,
Se vós já nunca me ouvis,
Ou me ouvis, e vos callaes,
Dizei: porque me chamaes
Se me vós a mim fugis?
BROMIA: Eu vos fujo?
FELISEO: Fugis, digo,
De dares a meus males cabo.
BROMIA: Sabei que d'esse perigo
Não fujo como de imigo,
Fujo como do diabo.
FELISEO: Dae ao demo essa tenção,
Usae antes de cortês,
Cahi vós n'esta razão.
BROMIA: Do p'rigo fogem os pés,
Do diabo o coração.
FELISEO: Dizeis-me que n'essa briga
Do meu coração fugis.
BROMIA: Ainda qu'eu isso diga...
FELISEO: Ah minha doce inimiga!
Bem sinto que me sentis.
Mas para que me chamaes?
BROMIA: Manda-vos minha senhora

Que chegueis d'aqui ao caes,
E algumas novas saibaes
De Amphitrião n'esta hora.

FELISEO: Quem as não sabe de si,
D'outrem como as saberá?

BROMIA: Não as sabeis vós de mi?

FELISEO: Má trama venha por ti,
Duna feiticeira má!
Porque não me ólhas direito,
Cadella, que assi me cortas?

BROMIA: Porque vos quero dar portas;
Que se eu olhar d'outro geito,
Trarei cem mil vidas mortas.

FELISEO: E pois para que me andaes
Enganando ha cem mil annos?

BROMIA: Dou-vos vida com enganos.

FELISEO: N'esses enganinhos taes
Acho crueis desenganos.

BROMIA: Quanto esses vos quero eu dar:
Vós cuidaes que estaes na sella?
Pois podei vos descer d'ella;
Que eu nunca vos pude olhar.

FELISEO: Jogaes comigo á panella?
Tendes-me ha tanto captivo,
E desenganaes-me agora?
Tudo isto he o que privo.
Assi que he isso, senhora,
Dochelo morto, dochelo vivo?
Se me vós desenganaes
No cabo de tantos annos,
Direi, se licença daes,
Daes-me a vida com enganos,
Desenganos, já chegaes.
Mas se isso havia de ser,
Dizei, má desconhecida,

Desterro de meu viver,
Que vos custava dizer
Amor, vai buscar tua vida?

BROMIA: Zombaes? Fallaes-me coprinhas?

FELISEO: Rir-vos-hei se vem á mão:
Copras não, mas isto são
Ansias y pasiones minhas
Dos bofes e coração.

BROMIA: Is-vos fazendo d'huns sengos...

FELISEO: Perdóneme Dios si peco.

BROMIA: N'esses dentinhos framengos
Conheço que sois hum pêco
De todos quatro avoengos.

FELISEO: Tudo vos levo em capelo,
Já que estaes tanto em agraço.
Porém, fallando singelo,
A furto d'esse mau zêlo,
Quereis-me dar hum abraço?

BROMIA: Ora digo que não posso
Usar comvosco de fero:
Tomai-o.

FELISEO: Já o não quero,
Porque esse abraço vosso,
Sabei que he engano mero.

BROMIA: Oh! vós sois d'uns sensabores...
Abraços pedis assim?
Se eu remango d'hum chapim...

FELISEO: Tudo isso são favores:
Zombae, vingae-vos de mim.

BROMIA: Vós de furioso touro
As garrochas não sentis.

FELISEO: Vêdes, com isso só mouro:
Quando cuido que sois ouro,
Acho-vos toda ceitis.

BROMIA: Emfim, sanha de villão

Vos fez perder hum bom dia.

FELISEO: Já agora o eu tomaria;
Quereis-m'o dar?

BROMIA: Ora não.
Cocei-vos eu todavia.

FELISEO: Pois, senhora, a quem vos ama
Sois tão desarrazoada,
Quero tomar outra dama;
Que não digam os d'Alfama
Que não tenho namorada.

BROMIA: Deixae-me.

FELISEO: Vós me deixaes.

BROMIA: Deixae-me.

FELISEO: Zombaes de mi?

BROMIA: Deixae-me. Pois me engeitaes,
Eu me ausentarei d'aqui
Onde me mais não vejaes.

FELISEO: Boa está a zombaria!

BROMIA: Não são essas minhas manhas.

FELISEO: Porém is-vos todavia?

BROMIA: Voyme á las tierras estrañas
Adó ventura me guia.

SCENA IV

FELISEO *(só)*

FELISEO: Phantasias de donzellas,
Não ha quem como eu as quebre;
Porque certo cuidam ellas,
Que com palavrinhas bellas
Nos vendem gato por lebre.

Esta tem lá para si
Que eu sou por ella finado;
E crê que zombam de mi;
E eu digo-lhe que si,
Sou por ella esperdiçado.
Preza-se d'humas seguras;
E eu não quero mais Frandes:
Dou-lhe trela ás travessuras,
Porque d'estas coçaduras
Se fazem as chagas grandes.
Que estas, que andam sempre á vela,
Estas vos digo eu que coço;
Porque de firmes na sella,
Crem que falsam a costella,
E ficam pelo pescoço.
Que quando estas damas taes
Me cacham, então recacho.
Mas d'isto agora nó mais.
Quero-me ir d'aqui ao caes
Vêr se algumas novas acho.

SCENA V

JUPITER e MERCURIO

JUPITER: Oh grande e alto destino!
Oh potencia tão profana!
Que a setta d'um menino
Faça que meu ser divino
Se perca por cousa humana!
Que me aproveitam os céos,
Onde minha essencia mora

Com tanto poder, se agora
A quem me adora por deos,
Sirvo eu como a senhora?
Oh quão estranha affeição!
Quem em baixa cousa vai pôr
A vontade e o coração,
Sabe tão pouco d'Amor,
Quão pouco Amor de razão.
Mas que remedio hei de ter
Contra mulher tão terribil,
Que se não póde vencer?

MERCURIO: Alto senhor, teu poder
O difficil faz possibil.

JUPITER: Tu não vês que esta mulher
Se preza de virtuosa?

MERCURIO: Senhor, tudo póde ser;
Que para quem muito quer,
Sempre a affeição he manhosa.
Seu marido está ausente
Na guerra, longe d'aqui;
Tu, que és Jupiter potente,
Tomarás sua fórma em ti;
Que o farás mui facilmente.
E eu me transformarei
Na de Sosea, criado seu;
E ao arraial me irei,
Onde logo saberei
Como se a batalha deu.
E assi poderás entrar,
Em lugar de seu marido;
E para que sejas crido,
Poderás tambem contar
Quanto eu lá tiver sabido.

JUPITER: Quem arde em tamanho fogo
Tira-lhe a virtude a côr

De subtil e sabedor;
E quem fóra está do jogo
Enxérga o lanço melhor.
Mas tu, que dos sabedores
Tanto ávante sempre estás,
Se deos és dos mercadores,
Sel-o-has dos amadores,
Pois tal remedio me dás.
Ponha se logo em effeito;
Que não soffre dilação
Quem o fogo tem no peito;
E tu vae logo direito
Aonde anda Amphitrião.

SCENA VI

FELISEO *e* CALLISTO

FELISEO: Adó bueno por aqui,
Tão longe do acostumado?
CALLISTO: Mais longe vou eu de mi,
D'ir perto de meu cuidado.
FELISEO: No andar vos conheci.
CALLISTO: E vós onde vos lançaes,
Com vossa contemplação?
FELISEO: Eu chego d'aqui ao caes
A saber de Amphitrião:
Não sei se vou por demais.
CALLISTO: Porque por demais dizeis?
FELISEO: Porque nada alli ha certo.
CALLISTO: Novas lá não as busqueis,
Que aqui as tendes mais perto.

FELISEO: Pois dae-m'as já, se as sabeis.
CALLISTO: Hum navio he já chegado
A' barra, que vem de lá;
Traz de Amphitrião recado,
Diz que o deixa embarcado
Para se vir para cá.
Tem vencido aquelle Rei;
E diz, segundo lhe ouvi,
Que esta noite será aqui.
FELISEO: Essas novas levarei
A Alcmena, que torne em si,
Porque ella tem maior guerra
Co'os temores de perdel-o,
Que elle co'o Rei d'essa terra.
CALLISTO: Onde amor lançar o sello,
Nenhuma cousa o desterra.
Porqu'inda que o pensamento
Vos fique, senhor, em calma,
Por morte ou apartamento;
Sempre vos lá ficam n'alma
As pégadas do tormento.
FELISEO: Isso he um segredo mero,
A que o Amor nos obriga:
Por isso em caso tão fero,
Senhor, nunca ninguem diga,
Já lh'o quiz, e não lh'o quero.
Eu quiz bem a huma mulher,
Que vós conhecestes bem,
E, com muito lhe querer,
Casou se.
CALLISTO: Oh! e com quem?
Que ainda o não nosso crer.
FELISEO: Com hum Mercador, que veiu
Agora do Egypto, rico.
CALLISTO: Isso traz agua no bico.

Esse homem he parvo, ou feio ?
FELISEO : Pois vêdes ? d'isso me pico.
E em pago d'esta traição,
Afóra outros mil descontos
Que traz comsigo a affeição
Sempre os signaes d'estes pontos
Trarei no meu coração.
CALLISTO : Vistel-a mais ?
FELISEO : Senhor, vi,
Na janellinha da grade ;
Passei, e disse-lhe assi :
Casada sem piedade,
Porque não a haveis de mi ?
CALLISTO : Que vos disse ?
FELISEO : Lá no centro
Lhe enxerguei pouca alegria :
E como quem lhe dohia,
Mettendo-se para dentro
Disse : Já pasó folia.
CALLISTO : Ah má sem conhecimento !
Quem lhe désse mil chofradas ?
FELISEO : Senhor, como são casadas,
Casam se co'o esquecimento
Das cousas que são passadas.
CALLISTO : Lembranças de vos deixar
Picar-vos-hão como tojos.
FELISEO : Senhor, haveis d'assentar
Que onde amor vos quer matar,
Siempre allá miran los ojos.
Hum motete lhe mandei
Hum dia, estando com febre,
Só da paixão que tomei.
CALLISTO : Pois vejamos quem tem lebre.
FELISEO : Senhor, eu vol-o direi.

Mote

Vós por outrem, e eu por vós;
Vós contente, e eu penado;
Vós casada, eu cansado.
Polos santos de minha dona!

CALLISTO: Senhor, vós só o fizestes:
FELISEO: Si, que ninguem me ajudou.
CALLISTO: Se vós só o compuzestes,
Crede, que extremos dissestes.
Nunca *Orlando* tal fallou.
Senhor, fizestes-lhe pé?
FELISEO: Senhor, si; e todo hum anno...
Vós zombaes, se não me engano?
CALLISTO: Não, mas dou-vos minha fé
Que nunca vi tão bom panno.
FELISEO: Ora olhe vossa mercê.

Volta

Olhae em quão fundos váos
Por vossa causa me affogo,
Que outro me ganha no jogo,
E eu triste pago os páos.
Olhos trávessos e máos,
Inda eu veja o meu cuidado
Por esse vosso trocado.

CALLISTO: Não mais, qu'isso me degola.
FELISEO: Senhor, eu haja perdido.
CALLISTO: Fizestes esse rifão
Em algum jogo de bola?
E foi-lhe elle ter á mão?

FELISEO: Digo-vos que o viu, e lh'o leu
Hum moçozinho d'escola.
CALLISTO: Está isso assi do céo.
Sabe ella jogar a bola?
FELISEO: Não.
CALLISTO: Pois não vos entendeu.
Ora eu já cheguei a ler
Petrarca, e crede de mi
Que nunca tal cousa vi.
Onde mora o bom saber,
Logo dá sinal de si.
Onde *casada* puzestes,
Dizei, porque não dissestes
La que yo vi por mi mal.
FELISEO: Renunciava o metal;
Que em rifõeszinhos como estes,
Ha-se-de pôr tal com tal.
Que a trova trigo-tremez
Ha de ser toda d'um panno;
Que parece muito ingrez
N'hum pelote portuguez
Todo hum quarto castelhano.
Ouvi outra tambem minha,
Que fiz a certa tenção,
Clara, leve, bonitinha,
De feição, que esta trovinha,
He trovinha de feição.
Como eu hum dia me visse
Morto, e a mão na candêa,
E ella não me acudisse;
Fiz-lhe esta, porque sentisse
Que dava os fios á têa.
E o proposito he
Andar eu hum dia só;
E para que houvesse dó

De mi e de minha fé,
Lamentei-lhe como Jó.

CALLISTO: Andastes, senhor, mui bem.

FELISEO: Ora, senhor, attentae,
E vêde o saibo que tem;
Se he para a vêr alguem.

CALLISTO: Ora dizei.

FELISEO: Eil-a vai.

Trova

Coração de carne crua,
Vêl-o teu amor aqui,
Que esmorecido por ti
Jaz no meio d'esta rua?

CALLISTO: Na rua, senhor, jazia?
E era em tempo de lama?

FELISEO: Senhor, quem falla a quem ama,
De si mesmo se não fia:
Haveis de mentir á dama.

CALLISTO: Volta d'isso?

FELISEO: Singular,
Senão que he muito sentida;
Far-vos-ha, senhor, chorar.

CALLISTO: Oh! diga, por sua vida!

FELISEO: Farei o que me mandar.

Volta

Porque não has d'elle mágoa,
Ó dura mais que ninguem,
Que anda o triste, que não tem
Quem lhe dê huma vez d'ágoa?

Não lhe negues teu querer,
Pois te não custa dinheiro;
Que, emfim, por derradeiro
A terra te ha de comer.

CALLISTO: Tal trova nunca se viu.
Agorentastel-a já?
FELISEO: Senhor, não; ainda está
Como a sua mãe pariu;
E não está muito má,
CALLISTO: He trova que tem por seis;
Não a posso mais gabar.
Mas, pois, tal cousa fazeis,
Senhor, não me ensinareis
D'onde vem tão bem trovar?
FELISEO: Não he a cousa tão pequena,
Como, senhor, a fizestes,
Essa que agora dissestes.
Mas porém vou dar a Alcmena
Estas novas que me déstes.
Despois, senhor, nos veremos;
Ficae ja roendo esse osso.
CALLISTO: O roer, senhor, he vosso.
FELISEO: Pois eu, por mais que zombemos,
Hei de ser vosso e revosso.
CALLISTO: Oh!... Escusae-vos d'extremos,
Qu'isso, senhor, me atarraca.
Mas nós nos encontraremos,
E sobre isso envidaremos
Dous reales mais de saca.

ACTO SEGUNDO

SCENA I

JUPITER *e* MERCURIO *transformados;* JUPITER *na fórma de* AMPHITRIÃO, MERCURIO *na de* SOSEA *escravo*

JUPITER: Mercurio, pois sou mudado
N'esta fórma natural,
Olha e nota com cuidado,
Se está em mi o pintado
Apparente co'o real.

MERCURIO: Quem tão proprio se transforma,
Tenho por opinião,
Que na tal transformação
Lhe prestou natura a forma,
Com que fez Amphitrião.

JUPITER: Pois tu no gesto e na côr
Estás Sosea escravo seu.

MERCURIO: Muito mais farás, senhor.

JUPITER: Não o faz senão o Amor,
Que n'isto póde mais que eu.

MERCURIO: Já, senhor, te fiz menção
Como deu Amphitrião
A El-Rei Terela a morte;
Que, na guerra igual, a sorte
Póde mais que o coração.
E despois de ser tomada

Toda a cidade, com gloria
D'Amphitrião bem ganhada,
Como em signal de victoria,
Esta copa lhe foi dada.
Por ella bebia El-Rei,
Em quanto a vida queria;
E eu, porque te cumpria,
A seu escravo a furtei,
Que n'huma caixa a trazia.
Esta poderás levar
A Alcmena, por lhe mostrar
Verdadeiro, o que he fingido;
E d'est'arte serás crido,
Sem mais outro ardil buscar.

JUPITER: Pois tudo tens ordenado
Por tão nova e subtil arte;
Como me vires entrado,
Irás dar este recado
A Phebo de minha parte:
Que faça mais devagar
Seu curso n'este hemispherio,
Que o que soe acostumar;
Que esta noite hei de ordenar
Hum caso de alto mysterio.
E á Esphera mais alta
Mandarás que fixa esteja,
Porque a noite maior seja:
Porque sempre o tempo falta,
Onde a alegria he sobeja.
E terás tamanho tento,
Que como isto se ordenar,
Venhas aqui vigiar,
Porque meu contentamento
Ninguem m'o possa estorvar.

MERCURIO: Seja feito sem debate
Tudo como te convem.
JUPITER: Pois não parece ninguem,
Como homem de casa bate,
E muda a falla tambem.

MERCURIO: *(batendo á porta)*

Ó de la casa, en buena hora,
Darmeham de cenar aqui?

BROMIA *(dentro)*

Sosea parece que ouvi:
Alviçaras, minha senhora,
Que na falla o conheci.

SCENA II

ALCMENA, BROMIA, JUPITER *e* MERCURIO

ALCMENA: Zombaes, Bromia, por ventura?
BROMIA: Senhora, não zombo, não.
ALCMENA: Vejo eu Amphitrião,
Ou a vista me affigura
O que está no coração?
JUPITER: Olhos, diante dos quaes
Desejei mais este dia,
Que nenhuma outra alegria,
Senhora, nunca creaes
Que lhe minta a phantasia,
ALCMENA: Oh presença mais querida
Que quantas formou Amor
Isto he verdade, senhor?

Acabe-se aqui a vida,
Por não vêr prazer maior.

JUPITER: Pois esta hora de vos ver
Alcançar, senhora, pude;
Para mais contente ser,
Conformem co'este prazer
Novàs de vossa saude.

ALCMENA: Vida foi pezada e crua
A saude que eu sostinha;
Que em quanto, senhor, a tinha,
Temer perigo na sua,
Me fez descuidar da minha.

MERCURIO: Y pues, mi señora Alcmena,
Pese al demonio malvado,
No dirá á un su criado,
Vengaes Sosea norabuena?

ALCMENA: Sejaes, Sosea, bem chegado.

BROMIA: Bem mal cri eu, que pudesse
Vêr-te, Sosea, hoje aqui.

MERCURIO: Pues tambien yo no creí
Que en mi vida te viese,
Segun las muertes que vi.

ALCMENA: Muito, senhor, folgarei
Com novas do vencimento.

JUPITER: De tudo quanto passei,
Por vos dar contentamento,
Em summa vos contarei.
Trago, senhora, a victoria
D'aquelle rei tão temido,
Com fama clara e notoria.
Porém maior foi a gloria
De me vêr de vós vencido.
Sem me terem resistencia,
Os grandes me obedeceram,
Como El-Rei morto tiveram:

Em sinal de obediencia
Esta copa me trouxeram.
El-Rei por ella bebia:
(Ella, e tudo o mais he nosso)
Por onde claro se via,
Que tudo me obedecia,
Pois tinha nome de vosso.

MERCURIO: Sí, mas luego de rondon
La fortuna dió la vuelta.

ALCMENA: Como?

MERCURIO: Fué gran perdicion,
Porque en aquella revuelta,
Me hurtaron mi jubon.
Pero bien me lo pagaron,
Cuando comigo riñeron;
Que aunque me despojaron,
Si uno de seda llevaron,
Otro de azotes me dieron.

ALCMENA: Senhor, não posso gostar
De gôsto, que he tão immenso,
Senão muito devagar:
Faça-me mercê de entrar,
E contar-m'o-ha por extenso.

SCENA III

MERCURIO *e* BROMIA

MERCURIO: Yo tambien te contaria,
Bromia, si quedas atrás,
Que una noche... enojartehas?

BROMIA: Que?

MERCURIO: Soñaba, que te tenia...

No me atrevo á decir mas.

BROMIA: Dize.

MERCURIO: Pardies, no diré.
Soñaba...

BROMIA: Bem: que sonhavas?

MERCURIO: Que cuando en la cama estavas
Que yo... enfin recordé.

BROMIA: Pois tudo isso receavas?

MERCURIO: Sabe Dios qué yo acá siento:
Sola una alma vive en dos,
La cual anda dentro en vos.

BROMIA: E que quer ella cá dentro?

MERCURIO: Tambien eso sabe Dios.

SCENA IV

BROMIA *(só)*

BROMIA: Bem se poderá enganar
Bromia, segundo ora estou,
Como Alcmena s'enganou;
Mas cumpre-me ir ordenar
O que meu Pae me mandou.
E porque seja guardada
Esta porta e vigiada
De toda a gente nascida,
Me será cousa forçada,
Ser tão depressa a tornada,
Quão prestes faço a partida.

SCENA V

SOSEA, *cantando*

Amphitrion esforzado
Bravo vá por la batalla,
Siete cabezas llevaba,
De las mejores que ha hallado.

(Falla)

Quien viene de tierra agena,
Y de la muerte escapó,
La razon le permittió
Que cante como sirena,
Como agora hago yo.
Y pues canto tan gentil,
Fuera llanto si muriera.
Quiero cantar como quiera,
Una y otra, y mas de mil,
Que digan d'esta manera:

(Canta)

Dongolondron, con dongolondrera,
Por el camino de Otera,
Rosas coge en la rosera,
Dongolondron, con dongolondrera.

(Falla)

Cuando yo vengo á pensar
Que uno matar-me quisiera,
No hago sino temblar,
Porque creo si muriera,
No pudiera mas cantar.

Porque estando á un rincon
De la casa adó quedé,
Senti muy grande ronron,
Y mirando, que miré ?
Vi que era um gran raton.
Empero yo nunca sigo,
Sino consejos muy sanos ;
Que en estes casos levianos,
Quien desprecia el enemigo,
Mil veces muere á sus manos.
Pero mi señor allí
Mató al Rey de los Glipazos :
Yo como muerto le vi,
Juro á mi fé, que le di
Mas de dos mil cuchillazos.
Y por me librar de afan,
Me voy siempre á cosa hecha
Probar mi mano derecha ;
Que aquel es buen capitan,
Que del tiempo se aprovecha.
Que quien ha de pelear,
Ha de buscar tiempo y hora.
Pero quiero caminar,
Que me muero por contar
Todo aquesto á mi señora.

SCENA VI

MERCURIO *e* SOSEA

MERCURIO : Mil vezes comigo vejo,
Para que meu Pae se affoute ;
Pois em tão pequeno ensejo
Lhe mandei talhar a noute

A' medida do desejo.
E pois que como possante,
A mi tudo se reporta,
Chego agora n'este instante
A estorvar que este bargante
Me não chegue a esta porta.

SOSEA: No sé que miedo, ó locura,
N'este pecho se me cria:
Por Dios que se me afigura,
Que ha mucho que es noche escura,
Sin que venga el claro dia.
Mas sabed, que pienso yo
Que el sol que no se acordó
De con el dia venir,
Que á noche cuando cenó
Algun buen vino bebió,
Que le hace tanto dormir.

MERCURIO: Já sentes comprida a noute,
Que eu assi mandei fazer?
Pois mais te quero dizer,
Que sentirás muito açoute,
Se cá quizeres vir ter.
Porém, pois este bargante
Tem medroso coração,
Quero-me fingir ladrão,
Ou phantasma, e por diante
Não irá, se vem á mão.
E com tudo se passar,
A falla quero mudar
Na sua de tal feição,
Que couces, e porfiar,
Lhe façam hoje assentar
Que sou Sosea, e elle não.

(Falla castelhano)

No veo pasar ninguno,
En quien yo me pueda hartar.

SOSEA : A' quien oigo aqui hablar ?
Mande Dios no sea alguno
Que me quiera aporrear.

MERCURIO : La carne de algun humano
Me seria muy sabrosa.

SOSEA : Oh qué voz tan temerosa !
Hombres comes, ó mi hermano ?
No es mejor otra cosa ?
Carne humana es muy mezquina.
Oh no comas deso, no !
Antes carne de gallina.
Pero se mas se avecina,
Qué mas gallina, que yo ?

MERCURIO : Una voz de hombre ahora
A' la oreja me voló.

SOSEA : Pésete quien me parió :
La voz traigo boladora ?
Ella quisiera ser yo.
Pues mi voz pudo volar
Do la pudieses oir ;
Por contigo no reñir,
Me debiera de prestar
Las alas para huir.

MERCURIO: Qué buscas cabe esa puerta,
Hombre ? Sé que eres ladron.

SOSEA : Ay que el alma tengo muerta !
Oh Júpiter me convierta
Las tripas en corazon !

MERCURIO : Quien eres ? quieres hablar ?

SOSEA : Soy quien mi voluntad quiere.

MERCURIO: Piensas que puedas burlar?
SOSEA: Y tú puédesme quitar
Que yo sea quien quisiere?
MERCURIO: Osas hablar tan osado,
Don vellaco bovarron?
Dí, quien eres?
SOSEA: Un criado
Del señor Amphitrion,
Por nombre Sosea llamado.
MERCURIO: Pienso que el seso perdiste.
Como te llamas, mal hombre?
SOSEA: Sosea soy, si no me oiste.
MERCURIO: Como? en persona tan triste
Osas d'ensuciar mi nombre?
Estos puños llevarás,
Pues tener mi nombre quieres.
Quiéresme dicir quien eres?
SOSEA: O señor, no me dés mas,
Que yo seré quien tú quisieres.
MERCURIO: Con tan nueva falsedad
Andaes por esta ciudad,
Delante de quien os mira?
Pues si sois Sosea, tomad.
SOSEA: Si me dás por la verdad,
Que me harás por la mentira?
MERCURIO: Y que verdad es la tuya?
Que te quiero dar castigo.
SOSEA: Si nó soy Sosea que digo,
Que Júpiter me destruya.
MERCURIO: Mirad el falso enemigo:
Tomad este bofeton,
Que yo soy Sosea, e no vos.
SOSEA: Tú Sosea?
MERCURIO: Sosea por Dios,
Escravo de Amphitrion.

SOSEA: De modo que tiene dos?
MERCURIO: No tendrá, aunque tú quieres;
Que á mi solo conoció.
SOSEA: Pues luego de quien soy yo?
MERCURIO: Si tú no sabes quien eres,
Quieres que yo lo sepa? No.
SOSEA: Enfin, has me de hacer crer
Que yo no soy quien ser solia?
MERCURIO: Quien solias tú de ser?
SOSEA: Tregoas me has de prometer.
Dirtelohé sin porfia.
MERCURIO: Prometo.
SOSEA: No me darás?
MERCURIO: No, si no fuere razon.
SOSEA: Pues, hermano, tu sabrás
Que mi amo Amphitrion...
MERCURIO: Tu amo? Pues llevarás.
Mi amo es, que tuyo no.
SOSEA: Ay que un brazo me quebró!
MERCURIO: Mas que luego te matase.
SOSEA: Ojalá Dios ordenase
Que tú ahora fueses yo,
Y yo que te desmembrase!
MERCURIO: Esa tu tema tan loca,
Puños te la han de quitar.
Díme, dí, vergüenza poca,
Qué hablas?
SOSEA: Qué puedo hablar,
Si me has quebrado la boca?
MERCURIO: Dí quien eres, sin fatiga.
SOSEA: Soy un hombre, en quien tu dás.
MERCURIO: Díme pues, qué nombre has.
SOSEA: Como quieres tú que diga,
Para qué no me dés más?
MERCURIO: No me has de hablar contrahecho.

SOSEA: Toda mi vida pasada
Sosea fuy, y con despecho
Ahora soy... qué? No nada;
Que tus manos me han deshecho.

MERCURIO: Cuyo eres, pues las sientes,
Dejando consejos vanos?
La verdad; que si me mientes,
Dás con la lengua en los dientes,
Y yo dóyte con las manos.

SOSEA: No conoces Amphitrion?

MERCURIO: Hombre sin seso te llamo.
Tan fuera estás de rason!
Piensas de mí, bovarron,
Que no conozco á mi amo?

SOSEA: En su casa conociste
Uno, que es Sosea llamado,
Hombre despreciado y triste?

MERCURIO: Desa suerte lo dijiste?
Yo soy triste y despreciado?
Pues sabe que te llegó
A' la muerte tu fortuna.

SOSEA: Pues logo si yo no soy yo,
Aunque nadie me mató;
Soy luego cosa ninguna.
Oh dioses, que desconcierto!
Yo por ventura soy muerto,
Ó murióme la razon?
Yo no soy de Amphitrion?
Él no me mandou del puerto?
Yo sé que no estoy loco.
De mi madré no nací?
No ando? No hablo aqui?

MERCURIO: Pues sosiega ahora un poco,
Que yo tambien diré de mí.
Yo no sé que yo soy yo?

Yo no te dí con mis manos?
Mi señor no me llevó
A' la guerra, adó mató
Aquel Rey de los thebanos?

SOSEA: Yo eso muy bien lo sé.
Empero tú qué hacias
Cuando la batalla vias?

MERCURIO: Escucha: yo lo diré,
Y cesaran tus porfías.
Cuando mi señor andaba
Peleando, y derramaba
La sangre de algun mezquino;
Con una bota de vino
Yo la mia acrescentaba.

SOSEA: (Dice lo que yo hacia)
Con todo, saber queria
Sola una cosa, si puedo:
Tu pecho entonces sentia?

MERCURIO: Del beber grande alegría,
Y del pelear gran miedo.

SOSEA: Y despues?

MERCURIO: Muy reposado
A' dormir me eché de grado,
Desde el sol hasta la luna.

SOSEA: (Todo lo tiene contado.
Enfin, tengo averiguado
Que yo no soy cosa ninguna)
Pues de todo en un instante
Me has echado de mí fuera,
Aconséjame si quiera,
Quien seré d'aqui adelante,
Pues no soy quien de antes era.

MERCURIO: Cuando yo no ser quisiere
Ese, que tú ser deseas,
Despues que ya Sosea no fuere,

Dartehé, si te pluguiere,
Licencia que todo seas.
Y acógete luego, amigo,
A' buscar tu nombre, digo,
Pues Dios vida te dejó;
Que el Sosea queda comigo.

SOSEA: Pues comtigo quedo yo,
Dios quede, hermano, contigo.
Ahora quiero ir allá
Adó mi señora está,
Contarle como es venido
Mi señor. Mas, oh perdido!
Si un otro yo tiene allá,
Todo lo terná sabido.

MERCURIO: Ah hombre...

SOSEA: Mi voz sonó.

MERCURIO: Aonde vuelves ahora?

SOSEA: Por Dios no sé onde vó,
Porque si yo no soy yo,
Ni Alcmena es mi señora.

MERCURIO: Adonde vas?

SOSEA: Con mensaje
Del señor Amphitrion
Para Alcmena.

MERCURIO: Adó, salvaje?
Pues quebraste la omenaje,
Ahi verás tu perdicion.
Yo doyte consejos sanos,
Y porfias otra vez?

SOSEA: Altos dioses soberanos!
Pues me no valen las manos,
Aqui me valgan los pies. *(Foge).*

MERCURIO: D'esta arte enseñan aqui
A hurtar el nombre ageno?

SCENA VII

SOSEA *(só)*

SOSEA: Ay Dios, como me acogí!
O' Jupiter alto y bueno,
Cuan cerca la muerte vi!
Quiérome ir á mi señor
Contarle cuanto hé pasado;
Y él me dirá de grado,
Si yo soy su servidor,
En que cosa me hé tornado.

ACTO TERCEIRO

SCENA I

JUPITER *e* ALCMENA

JUPITER: Toda a pessoa discreta
Terá, senhora, assentado,
Que hum bem muito desejado
Se ha de alcançar por dieta,
Para ser sempre estimado.
E quem alcançado tem
Tamanho contentamento;
Por conserval-o convem
Que tome por mantimento
A fome de tanto bem.
E por isso hei de tomar
Este tempo tão ditoso
Para a frota visitar;
E despois quando tornar,
Tornarei mais desejoso.
Que pois tão bom captiveiro
Me tem presa a liberdade,
Eu lhe prometto em verdade
Que torne ainda primeiro,
Que m'o peça a saudade.

ALCMENA: Ainda que se possa ir
Mais asinha do que creio,

Como hei-de eu consentir
Que se haja de partir
Na mesma noite que veio?

JUPITER: Forçada he minha tornada,
Mas muito cedo virei;
Porque desque foi chegada
A este porto a Armada,
Ainda a não visitei.

ALCMENA: Pois, senhor, tão pouco estaes
Com quem vistes inda agora?
Faça-se como mandaes.

JUPITER: Vós me vereis cá, senhora,
Primeiro do que cuidaes.

SCENA II

AMPHITRIÃO *e* SOSEA

AMPHITRIÃO: Emfim tu, que estás aqui,
Estavas já lá primeiro?

SOSEA: Señor, crea que es ansí.

AMPHITRIÃO: Eu nunca entendi de ti,
Qu'eras tambem chocarreiro.

SOSEA: Señor, yo que estoy presente.
No soy Sosea su criado?

AMPHITRIÃO: Creio que não certamente,
Porque Sosea era avisado,
E tu és mui differente.

SOSEA: Pues, señor, si en mí se vé
Que no soy quien de antes era,
Vuélvo-me.

AMPHITRIÃO: E para que?

SOSEA: Ver se á dicha me quedé
Durmiendo por la galera.
AMPHITRIÃO: Pois me queres fazer crer,
Huma doudice tão rasa,
Mais quero de ti saber:
Como não entraste em casa
D'Alcmena minha mulher?
SOSEA: Aunque Sosea quisiese,
La verdad no negará:
Aquel yo que allá está,
No quiso que á casa fuese
Estotro yo, que iba allá.
Y con furia tan crecida
A' mi se vino aquel hombre,
Que yo me puse en huida,
Y ansí le dejé mi nombre,
Por me dejar él la vida.
AMPHITRIÃO: Quem sería tão ousado,
Que tanto mal te fizesse?
SOSEA: Yo mismo Sosea llamado,
Que á casa era ya llegado,
Antes que de acá partiese.
AMPHITRIÃO: Tu chegaste antes de ti?
Este he gentil disparate.
SOSEA: Pues mas le digo d'aqui,
Que vengo huyendo de mi,
Porque yo mismo no me mate.
AMPHITRIÃO: Eram dous, ou era hum só,
Quem te fez assi fugir?
SOSEA: Pésete quien me parió:
Digo, que era un solo yo:
Mil veces lo hé de decir?
Puede ser que naceria
De aquel hombre otro alguno,
Como aquel de mí nacia;

Porque aunque fuese él uno,
Por mas de quatro tenia.
Él tenia mi aparencia,
Empero yo nunca vi
Tal fuerza, ni tal potencia:
Esta sola differencia
Le tengo hallado de mí.

AMPHITRIÃO: Pudeste d'elle saber
Cujo era?

SOSEA: Quien? aquel yo?
Tuyo, señor, dijo ser.

AMPHITRIÃO: Nunca eu tive mais que hum só,
E esse não quizera ter.

SOSEA: Pues, señor, si el bien doblado
Te le muestra agora Dios,
Debe ser de ti alabado;
Pues de uno solo criado
Te ha hecho agora dos.

AMPHITRIÃO: Antes para que conheças,
Que cousa he mau servidor,
Me pezará se assi for;
Que de tão ruins cabeças,
Quantas mais, tanto peor.
E já que são tão incertos
Teus ditos para se crer;
Muito melhor deve ser
Que deixe teus desconcertos,
E vá vêr minha mulher.

SCENA III

ALCMENA *(só)*

ALCMENA: Que fado, que nascimento
De gente humana nascida,
Que de escasso e avarento,
Nunca consentiu na vida
Perfeito contentamento!
Amphitrião, que mostrou
Hum prazer tão desejado
A quem tanto o desejou;
Na noite, que foi chegado,
N'essa mesma se tornou!
De se tornar tão asinha
Sinto tanto entristecer
O sentido e alma minha,
Que certo que me adivinha
Algum novo desprazer.
Me parece este que vem,
Se não estou enganada:
Se elle he, venha com bem,
Pois que com sua tornada
Tão transtornada me tem.

SCENA IV

AMPHITRIÃO, ALCMEA *e* SOSEA

AMPHITRIÃO: Com que palavras, senhora,
Poderei engrandecer
Tão sublimado prazer,
Como he vêr chegada a hora,

Em que vos pudesse ver?
Certo gran contentamento
Tive de meu vencimento;
Mas maior o hei de mim,
De me ver posto na fim
De tão longo apartamento.

ALCMENA: Já eu disse o que sentia
De vinda tão desejada.
Mas diga-me todavia:
Como não foi vêr a Armada,
Que me disse hoje este dia?

AMPHITRIÃO: D'ella venho eu inda agora
Desejoso de vos vêr,
Muito mais que de vencer.
Mas que me dizeis, senhora,
Que hoje me ouvistes dizer?

ALCMENA: Se não estava remota,
Certamente que lhe ouvi,
Quando hoje partiu d'aqui,
Que tornava a vêr a frota,
Porque era forçado assi.

AMPHITRIÃO: Sosea?

SOSEA: Señor, aqui estoy yo.

AMPHITRIÃO: Tu ouves tal desconcerto?

SOSEA: Grandes orejas ganó,
Pues estando en casa oyó
Quien estava allá nel puerto?

AMPHITRIÃO: Quando dizeis, que me ouvistes?

ALCMENA: Hoje quando vos partistes.

AMPHITRIÃO: D'onde?

ALCMENA: D'aqui, de me vêr.

AMPHITRIÃO: Nunca vi grande prazer,
Que não tenha os cabos tristes.
Quantos males de improviso
Que causam grandes mudanças!

Que mulher de tanto aviso,
Agora minhas lembranças
A teem fóra de juizo!

ALCMENA: Quereis-me fazer cuidar
O que poderia sonhar
O que pelos olhos vi?
Nunca vos eu mereci
Quererdes-me exprimentar.

AMPHITRIÃO: Postoque he para pasmar
Vêr hum caso tão estranho,
Todavia hei de attentar,
Se poderei concertar
Hum desconcerto tamanho.
Quando dizeis que vim cá?

ALCMENA: Esta noite que passou.

AMPHITRIÃO: Dae-me alguem que aqui se achou,
Que me visse.

ALCMENA: Esse que hi está,
Sosea que comvosco andou..

AMPHITRIÃO: Sosea, pódes-te lembrar,
Que hontem me vistes aqui?

SOSEA: Nunca yo supe de mí
Que me pudiese acordar
De aquello que nunca vi.

ALCMENA: Ora eu creo, e he assi,
Que ambos vindes conjurados,
Para zombardes de mi;
Mas eu darei hoje aqui
Signaes que sejam provados.

AMPHITRIÃO: Que signaes póde ahi haver
De mentira tão notoria,
Que nem foi, nem póde ser?

ALCMENA: D'onde vim eu a saber
Novas de vossa victoria?

AMPHITRIÃO: Que novas?
ALCMENA: Dir-vol-as-hei,
Assi como m'as contastes:
Que na batalha matastes
Aquelle soberbo rei,
E tudo desbaratastes;
Não fazendo resistencia
N'huma batalha tão crua,
Dando-vos obediencia,
Vos deram uma copa sua,
Lavrada por excellencia.
AMPHITRIÃO: Sosea he culpado só
N'estes acontecimentos.
SOSEA: Señor, son encantamientos,
Porque aquel hombre, que es yo,
Le contaria estos cuentos.
AMPHITRIÃO: Quem he esse, que vos deu
Taes novas, saber queria?
ALCMENA: Quem m'o pergunta.
AMPHITRIÃO: Quem? Eu?
Quereis-me fazer sandeu?
ALCMENA: Mas vós me fazeis sandía.
AMPHITRIÃO: Ora quero perguntar:
Que fiz sendo aqui chegado?
ALCMENA: Puzemo-nos a cear.
AMPHITRIÃO: E despois de ter ceado?
ALCMENA: Fomo-nos ambos deitar.
AMPHITRIÃO: Nunca queira Deos que possa
Achar-se na minha honra
Nenhuma falta nem mossa:
Seja isto doudice vossa,
Antes que minha deshonra.
SOSEA: Bien lo supe yo entender,
Que era esto encantaciones;
Y ahora me habrá de crer

Que dos Soseas puede haber,
Pues hay dos Amphitriones.

ALCMENA: Com me quererdes tentar
Tão torvada me fizestes,
Que me não pôde lembrar
Que vos mandasse mostrar
A copa que me hontem déstes.

AMPHITRIÃO: Eu? copa? Se isso ahi ha,
Que estou doudo cuidarei.

SOSEA: Señor, bien guardada está.

ALCMENA: Bromia?

BROMIA: *(de dentro)* Senhora.

ALCMENA: Dae cá
A copa que hontem vos dei.

SOSEA: Pues yo parí otro yo,
Y vós otro Amphitrion,
No es mucha admiracion,
Si la copa otra parió,
Ni aun fuera de razon.

SCENA V

AMPHITRIÃO, ALCMENA, SOSEA *e* BROMIA

BROMIA: Eis-aqui a copa vem,
Testimunho da verdade.

AMPHITRIÃO: Oh estranha novidade!

ALCMENA: Poder-me-ha dizer alguem
Que o que digo he falsidade?

AMPHITRIÃO: Sosea, quando hontem cá vinhas,
Poder-me-has negar, ladrão,
Que lhe déste as novas minhas,

E mais a copa que tinhas
Guardada na tua mão?

SOSEA: Señor, que no puede, no,
Vêr a mi Señora Alcmena:
Si aquel eso acá ordenó,
No lleve este yo la pena
Del mal que hizo el otro yo.

AMPHITRIÃO: Ora eu não sei entender
Tal caso, nem lhe acho fundo:
Com tudo venho a dizer,
Que ha tantos males no mundo,
Que tudo se póde crer.
Se vos trouxer quem vos diga
Como esta noite dormi
Na náo, crereis que he assi?

ALCMENA: Nenhuma cousa me obriga
A que não creia o que vi.

AMPHITRIÃO: Se o Patrão aqui vier,
Que he homem d'autoridade,
Crereis o que vos disser?

ALCMENA: Sim, que ninguem póde haver
Que me negue esta verdade.

AMPHITRIÃO. Eu estou em concrusão
D'hoje desembaraçar
Tão enleada questão:
A' náo me quero tornar
A trazer cá Belferrão.
Sosea, até minha tornada
Fica n'esta casa em vela;
Qu'eu armarei tal cilada
A quem m'a a mim tem armada,
Que venha hoje a cahir n'ella.

SCENA VI

ALCMENA *e* BROMIA

ALCMENA: Oh mulher triste e suspensa
Da mais alta confusão
Que nunca viu coração!
Em que mereces a offensa,
Que te faz Amphitrião?
Sempre de mi foi amado,
Tanto quanto em mi sente,
Co'o coração tão liado,
Que se de mi era ausente,
N'elle o via figurado.
E pois mulher, que cumprisse
Melhor que eu fidelidade,
Não a vi, nem quem me visse
Que dos limites sahisse
Hum pouco da honestidade.
Pois porque he tão maltratada
Innocencia tão singella?
Que a pena mais apertada,
He a culpa levantada
Ao coração livre d'ella.
Mas já que minh'alma está
Sem culpa do que padeço,
Seja o que fôr; que eu conheço
Que a verdade me porá
No que eu pola ter mereço.
Bromia?

BROMIA: Senhora.

ALCMENA: Hi mandar
A Feliseo, que vá
Meu primo Aurelio chamar;

Que lhe quero perguntar
Que conselho me dará.
E pois que Amphitrião
Vai buscar sómente quem
Lhe ajude a sua tenção,
Quero eu ter aqui tambem
Quem me defenda a razão.

ACTO QUARTO

SCENA I

JUPITER, ALCMENA *e* SOSEA

JUPITER. Grão desconcerto tem feito
Amphitrião com Alcmena!
Qualquer d'elles tem direito:
Eu sou o que venço o preito,
E ambos pagam a pena.
Quero-me ir lá desfazer
Tão trabalhosa demanda,
Por nos tornarmos a vêr;
Porque, emfim, quem muito quer
Com qualquer desculpa abranda.
E pois já que a affeição
Ha de mudar tão asinha,
Quero ir alcançar perdão
Da culpa, que sendo minha,
Parece d'Amphitrião.

ALCMENA: Parece que torna cá
Amphitrião, que já se hia:
Não sei a que tornará,
Senão se lhe peza já
Dos enganos que tecia.

JUPITER: Senhora, não haja horror
Que tantos males me faça,

Porque se o contrario for,
Pequeno será o amor,
Que manencória desfaça.
E pois com tanta alegria
De tantos perigos vim,
Pezar-me-ha se achar no fim,
Que huma leve zombaria
Vos possa aggravar de mim.

ALCMENA: Com palavras de deshonra
Não se ha de tratar quem ama;
Nem zombaria se chama,
Por experimentar a honra,
Pôr em tal perigo a fama.
Bem tive eu para mim,
Que era aquillo experiencia.

JUPITER: Errei no que commetti:
Bem me basta a penitencia
De quanto me arrependi.
E se fiz algum error,
Com que vosso amor se mude
De quem vol-o tem maior;
Não exprimentei virtude,
Mas exprimentei amor.
Que se com caso tão vário
Folguei de vos agastar,
Foi amor accrescentar;
Porque ás vezes hum contrário
Faz seu contrário avisar.
D'aqui vem, que a leve mágoa
Firmeza e affeições augmenta,
Como bem se vê na frágoa,
Onde o fogo se accrescenta,
Borrifando-o com pouca ágoa.
Se hum mal grande se alevanta
N'hum coração que maltrata,

A' affeição se desbarata;
Porque onde a ágoa he tanta
O fogo d'amor se mata.
E pois tive tal tenção,
Perdoae, senhora, a culpa
D'este vosso coração.

ALCMENA: Não se alcança assi perdão
D'erro que não tem desculpa.

JUPITER: Ora pois assi trataes
Quem em tanto risco pôz
O amor que vós negaes,
Eu me ausentarei de vós
Onde mais me não vejaes.
Que, pois desculpa não tem
Coração que tanto quer,
Vou-me; que não será bem
Que quem vós não podeis vêr,
Que possa mais vêr ninguem.
Se algum'hora meu cuidado
Vos der dôr, em que pequena;
Peço-vos, pois fui culpado,
Que vos não peze da pena
De quem vos foi tão pezado.
E despois que a desventura
Puzer este coração
Debaixo da sepultura,
As letras na pedra dura
Vossa dureza dirão.
Isto vos hei de dizer,
Que me ensinou minha dôr:
Se quizerdes leda ser,
Nunca experimenteis amor
Em quem vol-o não tiver.
Deixae-me ir; não me tenhaes.

ALCMENA: Amphitrião, não choreis!
Amphitrião!
JUPITER: Que quereis,
Ou para que nomeaes
Homem, que vêr não podeis?
ALCMENA: Amphitrião, se eu causei
Com manencória pequena
Cousa, com que o magoei;
Eu quero cahir na pena
D'essa culpa que lhe dei.
JUPITER: Sempre serei magoado
Se vossa má condição
Me não perdôa o passado.
ALCMÉNA: Perdôo e peço perdão
De lhe não ter perdoado.
SOSEA: No le perdone, señora,
Hasta que con devocion
Tambien me pida perdon;
Que bien se me acuerda ahora
Que me ha llamado ladron.
JUPITER: Sosea?
SOSEA: Señor.
JUPITER: Vae buscar
O piloto Belferrão;
Dir-lhe-has, se desembarcar,
Que me parece razão
Que venha hoje cá cear.
SOSEA: Sí, señor, voy á la hora.
JUPITER: De nenhuma qualidade
Cure de fazer demora.
E nós vamo-nos, senhora,
Confirmar nossa amizade.

SCENA II

MERCURIO *(só)*

MERCURIO: Grandes revoltas vão lá,
Grandes acontecimentos!
Cumpre-me que esteja cá,
Em quanto meu pae está
Em seus desenfadamentos.
Porque vi Amphitrião
Vir da náo mui apressado;
E tendo corrido e andado,
Não pôde achar Belferrão,
Que lhe era bem escusado.
Parece-me que virá
Vêr se lhe abre aqui alguem;
Mas, porém, se chega cá,
Já póde ser que se vá
Mais confuso do que vem.

SCENA III

MERCURIO *e* AMPHITRIÃO

AMPHITRIÃO: Quiz-nos nossa natureza
Com tal condição fazer,
Que já temos por certeza
Não haver grande prazer,
Sem mistura de tristeza.
Este decreto espantoso,
Que instituiu nossa sorte,

He tal e tão rigoroso,
Que ninguem antes da morte
Se póde chamar ditoso.
Com esta justa balança
O fado grande e profundo
Nos refreia a esperança,
Porque ninguem n'este mundo
Busque bem-aventurança.
Eu, que cuidei de viver
Sempre contente de mi
Com tamanho rei vencer,
Venho achar minha mulher
De todo fóra de si.
Mas d'outra parte, que digo?
Que se he verdade o que vi,
E o que ella diz he assi;
Virei a cuidar comigo
Qu'eu sou o fóra de mi.
Quero vêr se a acho já
Fóra de tão seccos nós.
Ó de casa?

MERCURIO: O de allá?
Quien sois?

AMPHITRIÃO: Abre.

MERCURIO: Santo Dios!
Pues no os conocen acá.

AMPHITRIÃO: Oh que gentil desvario!
Abri me ora se quizerdes.

MERCURIO: No haré, que en mi confio
Que de fuera dormiredes,
Que no comigo, amor mio.
(Que cancion para oir!)

AMPHITRIÃO: Ah Sosea! zombas de mi?
(Ora quero-me fingir
Que ainda o não conheci,

Por vêr se me quer abrir)
Ah senhor, não abrireis?

MERCURIO: Qué quereis, hombre, por Dios?

AMPHITRIÃO: Duas palavras de vós.

MERCURIO: Tengo dicho mas de seis,
E ahora me pedis dos?
De fuera podeis dormir,
Que entrar no podeis acá.

AMPHITRIÃO: Ora acabae, abri lá.

MERCURIO: Digo que no quiero abrir:
Dije dos palabras ya.

AMPHITRIÃO: Ora sus, bargante, abri.

MERCURIO: Si no te vuelves de aqui,
A' gran peligro te ofreces.

AMPHITRIÃO: Velhaco, não me conheces,
Ou estás fóra de ti?

MERCURIO: Bonito venis, amor.
Quien sois, que hablaes tan osado?

AMPHITRIÃO: Abre, que sou teu senhor.

MERCURIO: Vuélvase de esotro lado,
Y conocerlehé mejor.

AMPHITRIÃO: Sosea moço.

MERCURIO: Assi me llamo,
Huélgome que lo sepaes;
Empero digo que os vaes,
Que Amphitrion es mi amo;
Vos id buscar quien seaes.

AMPHITRIÃO: Pois quero saber de ti:
Eu quem sou?

MERCURIO: Y quien sois vós?
Como os llaman?

AMPHITRIÃO: Abri.

MERCURIO: A' vos os llaman Abri?
Pues, Abri, andad con Dios.

AMPHITRIÃO: Quem ha, que possa soffrer

Em sua honra tal destroço,
Que para me endoudecer
Me tem negado a mulher,
E agora me nega o moço?

MERCURIO: Mira el encantador
Como se lastima y llora,
Y fuese tomar ahora
La forma de mi señor,
Para engañar mi señora.
Pues esperad, y no os vaes,
Por un espacio pequeño;
Verná quien representaes,
Y él os hará que volvaes
El falso gesto á su dueño.

AMPHITRIÃO: Vae, velhaco, e chama cá
Esse falso feiticeiro;
Que se elle lá dentro está,
Esta espada julgará
Qual de nós he o verdadeiro.

SCENA IV

AMPHITRIÃO, SOSEA *e* BELFERRÃO

BELFERRÃO: Ora ninguem presumíra
Que tinhas tão pouco siso;
Pois vás achar d'improviso
Tão bem forjada mentira,
Que me fez cahir de riso.
Hum moço, que alevantou
Tal graça, nunca nasceu:
Porque vos jura que achou

Que ou elle em dous se perdeu,
Ou de hum dous se tornou.

SOSEA: Patron, que no burlo, no:
En uno son dos unidos,
Y en dos cuerpos repartidos;
Yo soy él, y él es yo,
De un padre y madre nacidos.

BELFERRÃO: Esse tu que lá estás,
Tão velhaco he coma ti?

SOSEA: Mas aun pienso que es mas:
Por delante y por detrás
Todo se parece á mí.
Y fue gran merced de Dios
Ayntar á mí mas uno,
Que peor fuera de nos,
Si Dios me hiciera ninguno,
Que no de uno hacer dos.

BELFERRÃO: Assi que, se te perdeste
Vieste a cobrar mais hum:
Mui gentil conta fizeste,
Pois que perdido soubeste
Que eras dous, sendo nenhum.

SOSEA: Pues teneis por abusion
Verdad tan clara, y tan rasa,
Aunque pone admiracion;
Quiera Dios, que allá en casa
No halleis otro Patron.

AMPHITRIÃO: O Patrão, que fui buscar,
Parece que vejo vir:
Não sei quem o foi chamar;
Mas que me ha de aproveitar
Se me não querem abrir?
Ah Belferrão!

BELFERRÃO: Ah Senhor!
Já sinto que fui culpado;

Porque quem he convidado,
Se tão vagaroso fôr,
Merece não ser chamado.

AMPHITRIÃO: A vós quem vos convidou?

BELFERRÃO: Sosea, por mandado seu.

AMPHITRIÃO: D'isso, Patrão, não sei eu;
Que Sosea já me negou,
E já se não dá por meu.
E se alguem vos foi dizer
Qu'eu vos chamo á minha mesa;
Mal vos dará de comer
Quem de todo lhe he defesa
A casa, e mais a mulher.

BELFERRÃO: Quem he esse tão ousado,
Que vos isso faz, senhor?

AMPHITRIÃO: Sosea, creio que enganado
Por algum encantador,
Que a honra me tem roubado.

BELFERRÃO: Se elle aqui commigo vem,
Isso como póde ser?

AMPHITRIÃO: Ah! que a íra que vou ter,
Tão cega a vista me tem,
Que m'o não deixava ver.
Porque razão, cavalleiro,
Não me abris quando vos mando?
Vós fazeis-vos chocarreiro?

SOSEA: Yo Señor? y como? y cuando?

AMPHITRIÃO: Quereis-lo saber primeiro?
Esperae, dir-se-vos-ha,
Mas será por outro son.

SOSEA: Ah Señor Amphitrion,
Porque matándome está,
Sin delito, y sin razão?

AMPHITRIÃO: Agora que vos eu dou

Me chamaes Amphitrião,
E para me abrirdes não.

BELFERRÃO: Este moço em que peccou?
Porque pena sem razão?
Não mais por amor de mi.

AMPHITRIÃO: Não, que não sou seu senhor;
Eu sou hum encantador.
Não o dizeis vós assi,
Ladrão, perro, enganador?

SOSEA: Porque fuy presto á llamar
Por su mandado al Patron,
Me quiere ahora matar?

AMPHITRIÃO: Quem vol-o mandou buscar?

SOSEA: Si no hay otro Amphitrion;
Vuestra merced sin dudar.

AMPHITRIÃO: Eu te mandei?

SOSEA: Si Señor,
Si otro no.

AMPHITRIÃO: Outro ha aqui,
Por quem tu zombes de mi?
Pois só d'esse encantador
Me quero vingar em ti.

SOSEA: Oh Júpiter, á quien bramo
Por su bondad que me vala!
Pues porque Sosea me llamo,
Yo mismo, e despues mi amo
Me dieron venida mala!

ACTO QUINTO

SCENA I

JUPITER, BELFERRÃO, SOSEA *e* AMPHITRIAO

JUPITER: Quem he o tão atrevido,
Que aqui ousa de fazer
Tão revoltoso arruido
Com meus moços, sem temer,
Que fui sempre tão temido?
Quem aqui faz união,
Toma mui grande despejo.

BELFERRÃO: Oh grande admiração!
Vejo eu outro Amphitrião,
Ou he sonho isto que vejo?

SOSEA: No miraes la encantacion,
Que aquel hizo á mi Señor?
El que sale, Belferron,
Es el cierto Amphitrion,
Que estotro es encantador.

JUPITER: Sosea?

SOSEA: Mi Señor, ya vó.

JUPITER: Patrão, só por vós espero,

SOSEA: No os lo dicia yo,
Que este era el verdadero,
Y esse que allá queda, no?

AMPHITRIÃO: Bargante, aonde te vás?
Fazes teu senhor sandeu?
Pois espera, o levarás.
JUPITER: Ó lá, tornae por detrás,
Não deis no moço, que he meu.
AMPHITRIÃO: Vosso?
JUPITER: Meu.
AMPHITRIÃO: Póde isto haver,
Que outrem minhas cousas tome?
Vós galante haveis de ser,
O que me tomaes o nome,
Casas, moços e mulher.
Eu vos farei conhecer
Com quem tendes esse trato.
JUPITER: Sosea?
SOSEA: Señor.
JUPITER: Vae dizer,
Que apparelhem de comer,
Em quanto este doudo mato.
BELFERRÃO: Oh Senhor, não seja assim,
Haja em vós concêrto algum!
E senão, pois aqui vim,
Farei que só tome em mim
Os golpes de cada hum.
JUPITER: Patrão, vossa boa estrella
Me fará deixar com vida
Quem me não merece tel-a.
AMPHITRIÃO: Não a tenho eu merecida,
Pois que vos deixo com ella.
BELFERRÃO: O homem que fôr sisudo,
N'huma tão grande questão
Ha de tomar por escudo
A justiça, e a razão;
Que estas armas vencem tudo.
E pois essa natureza

Muitos homens faz iguaes,
Dê qualquer de vós signaes
De quem he, para certeza
De fórma que ambos mostraes.

JUPITER: Sou contente de mostrar
Polos signaes que vos dou,
Que são estes sem faltar.

AMPHITRIÃO: Que signaes podeis vós dar,
Para que sejaes quem sou?

JUPITER: Estes, que logo vereis
Se são vãos, se de raiz.
Patrão, vós sêde juiz,
Que vós logo enxergareis
Qual mais verdade vos diz.

BELFERRÃO: Eu não sinto onde consista
A cura d'esta doença,
Que ha tão pouca differença,
Que aquelle em que ponho a vista
Por esse dou a sentença.
Mas, Senhor, vós que ordenastes
Que o juiz d'isto fosse eu,
Quando se a batalha deu,
Dizei, que m'encommendastes
Que ficasse a cargo meu?

JUPITER: Dei-vos cargo, qu'estivesse
Toda a Armada a bom recado,
E, se mal nos succedesse,
Que para os vivos houvesse
O refugio apparelhado.

BELFERRÃO: Ora vós quantos dobrões
Esse dia m'entregastes?

AMPHITRIÃO: Tres mil; e vós os contastes.

BELFERRÃO: Ambos sois Amphitriões
Pelos signaes que mostrastes.

JUPITER: Para ser mais conhecida
A tenção d'este sandeu,
Vêde est'outro signal meu,
Que he n'este braço a ferida
Que me el rei Terela deu.
BELFERRÃO: Mostrae vós, Senhor, tambem.
AMPHITRIÃO: Aqui o podeis olhar.
BELFERRÃO: Oh cousa para espantar!
Que ambos a ferida tem
D'hum tamanho, em hum logar!

SCENA II

JUPITER, AMPHITRIÃO *e* SOSEA

SOSEA: Dice mi Señora Alcmena
Que no se ha de así de estar
Con un bobo á razonar,
Que se le enfria la cena.
JUPITER: Belferrão, vamos cear.
AMPHITRIÃO. Belferrão, não me deixeis.
Como? tambem me negaes?
JUPITER: Andae, não vos detenhaes,
Vamos comer, se quereis,
Não ouçaes hum doudo mais.
AMPHITRIÃO: Ah máos! assi me ordenaes
Offensa tão mal olhada?
Eu farei, se me esperaes,
Com que todos conheçaes
Os fios da minha espada.

JUPITER: As portas prestes fechemos,
Não entre este doudo cá.
SOSEA: De fuera se dormirá:
Entre tanto que cenemos,
Puede pasear-se allá.

SCENA III

AMPHITRIÃO *(só)*

AMPHITRIÃO: Oh íra para não crer,
Em que minh'alma se abraza,
Que me faz endoudecer,
E não me ajuda a romper
As paredes d'esta casa!
E porque? Não tenho eu
Forças, que tudo destrua?
Pois que tanto a salvo seu,
Outrem acho que possua
A melhor parte do meu;
Eu irei hoje buscar
Quem me ajude a vir queimar
Toda esta casa sem pena,
D'onde veja arder Alcmena,
Com quem a vejo enganar.

SCENA IV

AURELIO e MOÇO

AURELIO: No hallo á mis males culpa,
Para que merezca pena
La causa que me condena.

MOÇO: Essa está gentil desculpa
Para hoje dar a Alcmena!
Tem-no mandado chamar,
E elle está tão descuidado!

AURELIO: Moço, queres-me matar?
Que desculpa posso eu dar
Melhor que este meu cuidado?

MOÇO: E não ha mais que fazer?
Com isso a bocca me tapa
Para mais nada dizer?

AURELIO: Ora dá-me cá essa capa,
E vamos vêr o que quer:
Não trates de mais razão,
Pois não ha quem te resista.
Que vejo? outra novação!

MOÇO: Que he?

AURELIO: Ou me mente a vista,
Ou eu vejo Amphitrião.

MOÇO: Eu ouvi a Feliseo,
Quando cá trouxe o recado,
Como elle era chegado,
E quiz-me dizer que veo
Do siso desconcertado.

AURELIO: Isso quero eu ir saber,
Pois que tal coisa se sôa.

SCENA V

AURELIO *e* AMPHITRIÃO

AURELIO: Senhor, póde-se dizer
Que a vinda seja mui boa?
AMPHITRIÃO: Essa não póde ella ser.
AURELIO: Porque não?
AMPHITRIÃO: Porque he roubada
Minha honra sem temor,
E minha casa tomada,
E vossa prima enganada
Por hum grande encantador.
AURELIO: Isso é certo?
AMPHITRIÃO: E manifesto:
E tudo tem já por seu
Adúltero e deshonesto:
Tem-me tomado o meu gesto,
E faz-lhe crêr que sou eu.
AURELIO: Contaes um caso d'espanto!
E pois não podeis entrar,
Defendei-me por em tanto,
Que eu hei de lá chegar
Para vêr quem póde tanto.

SCENA VI

AMPHITRIÃO *(só)*

AMPHITRIÃO: Se vêr deshonra tão clara
Me não tivera o sentido
Totalmente endoudecido,
Que gravemente chorára
Vêr tão grande amor perdido!
E quando vejo a verdade
Do nosso amor e amizade
Desfeita com tanta mágoa,
Enchem-se-me os olhos d'ágoa,
E a alma de saudade.
Assi que quiz minha estrella,
Para nunca ser contente,
Que agora, estando presente
Viva mais saudoso d'ella,
Que quando d'ella era ausente.
Esta porta vejo abrir
Com impeto demasiado,
Que poderei presumir,
Que vejo Aurelio sahir,
Como homem desatinado?

———

SCENA VII

AMPHITRIÃO, AURELIO, BELFERRÃO *e* SOSEA

AURELIO: Oh estranha novidade!
Oh cousa para não crer!

BELFERRÃO: Venho cego de verdade,
Que não puderam soffrer
Meus olhos a claridade.

SOSEA: Oh triste, que vengo ciego
Con rayos, y com visiones!
Y d'estas encantaciones,
Si nuestra casa arde en fuego,
Han se de arder mis colchones.

AURELIO: Vamos a Amphitrião
Contar-lhe cousas tamanhas.

AMPHITRIÃO: Que vai lá? que cousas vão?

AURELIO: Maravilhas tão estranhas,
Que me treme o coração.
Porque aquelle homem, que assi
Tantos enganos teceu,
Como era cousa do céo,
Tanto que eu appareci,
Logo desappareceu.
E em desapparecendo
Com ruido grande e horrendo,
Toda a casa allumiou;
E de arte nos inflamou,
Que nos vimos acolhendo
Do raio que nos cegou.
Estes acontecimentos
Não são de humana pessoa.

Vós ouvis a voz que soa?
Escutae, estae attentos;
Vejamos o que pregôa.

JUPITER *(de dentro)*

Amphitrião, que em teus dias
Vês tamanhas estranhezas,
Não te espantem phantasias,
Que ás vezes grandes tristezas
Parem grandes alegrias.
Jupiter sou manifesto
Nas obras de admiração,
Que por mi causadas são:
Quiz-me vestir em teu gesto,
Por honrar tua geração.
Tua mulher parirá
Hum filho de mi gerado,
Que Hercules se chamará,
O mais valente e esforçado,
Que no mundo se achará.
Com este, teus successores
Se honrarão de serem teus;
E dar-lhe-hão os escriptores,
Por doze trabalhos seus,
Doze milhões de louvores.
E d'essa illustre fadiga
Colherás mui rico fruito:
Emfim, a razão me obriga
Que tão pouco d'elle diga,
Porque o tempo dirá muito.

AUTO DE EL-REI SELEUCO

AUTO DE EL-REI SELEUCO

INTERLOCUTORES

DO PROLOGO

O Mordomo, ou Dono da Casa. — Martim Chinchorro. — Ambrosio, escudeiro. — Lançarote, moço.

DA COMEDIA

El-Rei Seleuco. — A Rainha Estratonica. — O Principe Antiocho. — Leocadia, pagem do principe Antiocho. — Frolalta, criada da rainha Estratonica. — Hum Porteiro da Cana. — Huma Moça da Camara. — Hum Physico, ou Medico. — Sancho, moço do Physico. — Alexandre da Fonseca, hum dos musicos.

PROLOGO

(Diz logo o Mordomo, *ou dono da casa:)*

Eis, senhores, o Autor, por me honrar n'esta festival noite, me quiz representar huma Farça; e diz, que por não se encontrar com outras já feitas, buscou huns novos fundamentos para a quem tiver hum juizo assi arrazoado satisfazer. E diz que quem se d'ella não contentar, querendo outros novos acontecimentos, que se vá aos soalheiros dos escudeiros da Castanheira, ou de Alhos Vedros e Barreiro,

ou converse na Rua Nova em casa do Boticario; e não lhe faltará que conte Porém diz o Autor que usou n'esta obra da maneira de Isopete. Ora quanto á obra, se não parecer bem a todos, o Autor diz que entende d'ella menos que todos os que lh'a puderem emendar. Todavia, isto he para praguentos: aos quaes diz que responde com hum dito de hum philosopho, que diz: *Vós outros estudantes para praguejar, e eu para desprezar praguentos.* Eu com tudo quero saber da Farça, em que ponto vai. Lançarote?

Moço: Senhor.

Mordomo: São já chegadas as figuras?

Moço: Chegadas são ellas quasi ao fim de sua vida.

Mordomo: Como assi?

Moço: Porque foi a gente tanta, que não ficou capa com friza, nem talão de çapato, que não sahisse fóra do couce. Ora vieram huns embuçadetes, e quizeram entrar por força; eil-o arrancamento na mão: deram huma pedrada na cabeça ao Anjo, e rasgaram uma meia calça ao Ermitão; e agora diz o Anjo que não ha de entrar, até lhe não darem huma cabeça nova, nem o Ermitão até lhe não pôrem huma estopada na calça. Este pantufo se perdeu alli; mande-o v. m. domingo apregoar nos pulpitos; que não quero nada do alheio.

Mordomo: Se elle fôra outra peça de mais valia, tu botáras a consciencia pela porta fóra, para o metteres em tua casa.

Moço: Oh! se o elle fôra, mais consciencia seria tornal o a seu dono, quem o havia mister para si.

Mordomo: Ora vem cá: vai d'aqui a casa de Martim Chinchorro, e dize-lhe que temos cá Auto com grande fogueira; que se venha sua mercê para cá, e que traga comsigo o Senhor Romão d'Alvarenga, para que sobre o Cantochão botemos nosso contra ponto de zombaria. Ouves, Lançarote? ir-lhe-has abrir a porta do quintal, porque mudemos o vinte aos que cuidam de entrar por força.

(Indo se o Moço *diz):*

Chichelo de Judeu, assi como foste pantufo, que te custava ser huma bolsa com hum par de reales, que são bons para escudeiro hypocrita; que são pouco, e valem muito?

MORDOMO: Moço, que estás fazendo que não vás?

Moço: Senhor, estou tardando, e porém estou cuidando que se agora fôra aquelle tempo, em que corriam as moedas dos sambarcos, sempre d'este tiraria para humas palmilhas. Mas já que assi he, diga me v. m. que farei d'este?

MORDOMO: Oh fideputa bargante! esperae, que est'outro vol-o dirá.

(Faz que lhe atira com outro pantufo; vae se o Moço, *e diz o* MORDOMO:)

Não ha mais máo conselho, que ter hum villão d'estes mimoso, porque logo passam o pé além da mão, e zombam assi da gravidade de seu amo. Mas tornando ao que importa; vossas mercês he necessario que se cheguem huns para os outros, para darem lugar aos outros senhores que hão de vir; que de outra maneira, se todo o corro se ha de gastar em palanques, será bom mandar fazer outro alvalade; e mais, que me hão de fazer mercê, que se hão de desembuçar, porque eu não sei quem me quer bem, nem quem me quer mal: este só desgosto tem hum Auto, que he como officio de alcaide; ou haveis deixar entrar a todos, ou vos hão de ter por villão ruim.

(Entra MARTIM CHICHOBRO, *fallando com o escudeiro* AMBROSIO, *e diz:)*

MARTIM: Entre v. m.

AMBROSIO: Dias ha, Senhor, que ando de quebras com cortezias; e por isso vou diante. Beijo as mãos a v. m. A

verdade he esta, passear em casa juncada, fogueira com castanhas, mesa posta com alcatifa e cartas; além d'isto Auto para esgaravatar os dentes: esta he a vida, de que se ha de fazer consciencia.

MORDOMO: Senhor, o descanso dizem lá, que se ha de ter em quanto homem puder, porque os trabalhos, sem os chamarem, de seu se vem por seu pé, que seu nome he.

MARTIM: Ora pois, Senhor, o Auto que tal dizem que he? Porque hum Auto enfadonho traz mais somno comsigo que huma prégação comprida.

MORDOMO: Senhor, por bom m'o venderam, e eu o tomei á cala de sua boa fama. E se tal he, eu acho que, por outra parte, não ha tal vida, como ouvir hum villão, que arranca a falla da garganta, mais sem sabor que huma perapão, e huma donzella, que vem podre de amor, fallando como Apostolo, mais piedosa que huma lamentação.

MARTIM: Para estes taes he grande peça rapaz travesso com mólho de junco, porque não andem mais ao coscorrão, mais roucos que huma cigarra, trazendo de si enfadamento.

MOÇO: Ó lá senhores; pedem as figuras alfinetes para toucarem hum escudeiro. Ora sus, ha hi quem dê mais? que ainda vos veja todas a mim ás rebatinhas: ora sus, venham de mano em mano, ou de mana em mana.

MORDOMO: Moço, falla bem ensinado.

MOÇO: Senhor, não faz ao caso, que os erros por amores tem privilegio de moedeiro.

AMBROSIO: O' rapaz, não me entendes? Pergunto-te se tardarão muito por entrar.

MOÇO: Parece-me, senhor, que antes que amanheça começarão.

AMBROSIO: Oh que salgado moço! Zombas de mi? Vem cá. D'onde és natural?

MOÇO: De onde quer que me acho.

AMBROSIO: Pergunto-te onde nasceste.

Moço: Nas mãos das parteiras.

Ambrosio: Em que terra?

Moço: Toda a terra he huma; e mais eu nasci em casa assobradada, varrida d'aquella hora, que não havia palmo de terra n'ella.

Martim: Bem varrido de vergonha que me tu pareces. Dize: Cujo filho és? He para vêr com que disparate respondes.

Moço: A fallar verdade, parece-me a mi, que eu sou filho de hum meu tio.

Martim: Vem cá. De teu tio! E isso como?

Moço: Como? Isto, senhor, he adivinhação, que vossas mercês não entendem. Meu pae era clerigo, e os clerigos sempre chamam aos filhos sobrinhos; e d'aqui me ficou a mi ser filho de meu tio.

Martim: Ora te digo que és gracioso, Senhor, d'onde houvestes este?

Mordomo: Aqui me veiu ás mãos sem piós nem nada; e eu por gracioso o tomei; e mais tem outra cousa, que huma trova fal-a tão bem como vós, ou como eu, ou como o *Chiado.*

Ambrosio: Não! quanté d'isso nós havemos-lhe de vêr fazer alguma cousa, em quanto se vestem as figuras. Ainda que, para que he mais Auto, que vêr-mos a este?

Mordomo: Vem cá, moço: dize aquella trova que fizeste á moça Briolanja, por amor de mi!

Moço: Senhor, si, direi; mas aquella trova não he senão para quem a entender.

Martim: Como! tão escura he ella?

Moço: Senhor, assi a fiz e a escrevi na memoria, porque eu não sei escrever senão com carvão; e porém diz assi:

Por amor de vós, Briolanja,
Ando eu morto,
Pezar de meu avô torto.

MARTIM: Oh como he galante! Que descuido tão gracioso! Mas vem cá: que culpa te tem teu avô nos desfavores que te tua dama dá?

MOÇO: Pois, senhor, se eu houve de pezar de alguem, não pezarei eu antes dos meus parentes, que dos alheios?

MORDOMO: Pois ouçam vossas mercês a volta; que he mais cheia de gavetas, que trombeta de Serenissimo de la Valla.

MOÇO: A volta, senhores, he mui funda; e parece-me, senhores, que nem de mergulho a entenderão. E por isso mandem assoar os engenhos, e metam mais huma sardinha no entendimento; e póde ser que com esta servilha lhe calçará melhor: e todavia palra assi:

Vossos olhos tão daninhos
Me trataram de feição,
Que não ha em meu coração
Em que atem dous reis de cominhos.
Meu bem anda sem focinhos
Por vós morto,
Pezar de meu avô torto.

MARTIM: Ora bem: que teem de vêr os cominhos com o teu coração?

MOÇO: Pois, senhores, coração, bofes, baço e toda a outra mais cabedella, não se pódem comer senão com cominhos: e mais, senhores, minha dama era tendeira; e este he o verdadeiro entendimento.

MARTIM: E aquella regra que diz: *Meu bem anda sem focinhos*, me dá tu a entender; que ella não dá nada de si.

MOÇO: Nunca vossas mercês ouviram dizer:

Meu bem e meu mal
Lutarão hum dia;
Meu bem era tal,
Que meu mal o vencia?

Pois d'esta luta foi tamanha a quéda que meu bem deu entre humas pedras, que quebrou os focinhos; e por ficarem tão esfarrapados, que lhe não podiam botar pedaço; por conselho dos Physicos lh'os cortaram por lhe n'elles não saltarem erpes; e d'aqui ficou: *Meu bem anda sem focinhos*, como diz o texto.

Ambrosio: Tu fazes já melhores argumentos, que moços de estudo por dia de S. Nicolau.

Martim: Senhor, aquillo tudo he bom engenho: este moço he natural para Logico.

Moço: Que, senhor? Natural para loja! Si, mas não tão fria como vossas mercês.

Mordomo: Parece-me, senhor, que entra a primeira figura. Moço, mete-te aqui por baixo d'esta mesa, e ouçamos este representador, que vem mais amarrotado dos encontros, que hum capuz rôxo de piloto que sahe em terra, e o tira da arca de cedro.

Martim: Senhor, elle parece que aprende a cirurgião.

Ambrosio: Mais parece ourinol capado, que anda de amores com a menina dos olhos verdes.

Mordomo: Emfim, parece figura de Auto em verdade.

(Entra o Representador)

He lei de direito, assaz verdadeira,
Julgar por si mesmos aquillo que vem;
Peloque, se cuidam que zombo de alguem,
Eu cuido que zombam da mesma maneira,

E assi a qualquer parece que está mais dobrado, sem neuhum conhecer seu proprio engano, por grande que seja. Ora, senhores, a mim me esquece o dito todo de ponto em claro: mas não sou de culpar, porque não ha mais que tres dias que m'o deram. Mas em breves palavras direi a vossas mercês a summa da obra: ella he toda de rir, do cabo até

á ponta. Entrarão logo primeiramente quinze donzellas que vão fugidas de casa de seus paes, e vão com cabazes apanhar azeitona; e traz ellas vem logo oito mundanos, metidos em hum covão, cantando: *Quem os amores tem em Cintra;* e despois de cantarem farão huma dança de espadas; cousa muito para vêr: entra mais El-Rei Dom Sancho, bailando os machatins, e entra logo Catharina Real com huns poucos de parvos n'huma joeira; e semeal-os-ha pela casa, de que nascerá muito mantimento ao riso. E n'isto fenecerá o Auto, com musica de chocalho e businas, que Cupido vem dar a huma alfeloeira a quem quer bem; e ir-se-hão vossas mercês cada hum para suas pousadas, ou consoarão cá comnosco d'isso que ahi houver. Ora pois ficareis *in vanum laboraverunt*, porque atégora zombei de vós, por me forrar de êrro da representação como quem diz, *digo-te, antes que m'o digas.*

Ambrosio: Ora vos digo, senhores, que se as figuras são todas taes, que acertaria em errar os ditos; aindaque me parece que este o não fez, senão a ser mais galante. Mas se assi he, ella he a melhor invenção que eu vi; porque jágora representações, todas he darem por praguentos; e são tão certas, que he melhor errál-as, que acertal-as.

Mordomo: Parece-me que entram as figuras de siso; vejamos se são tão galantes na practica, como nos vestidos.

Entra EL-REI SELEUCO *com a* RAINHA ESTRATONICA

REI: Senhora, desque a ventura
Me quiz dar-vos por mulher,
Me sinto emmeninecer;
Porque em vossa formosura
Perde a velhice seu sêr.
Hum homem velho, cansado,
Não tem força, nem vigor,
Para em si sentir amor:
Se não he que estou mudado
Com ser vosso n'outra côr.
Muito grande dita tem
A mulher que he formosa.

RAINHA: Senhor, grande: mas porém
Se a tal he virtuosa,
Quer-lhe a ventura mór bem.

REI: Si; mas porém nunca vêmos
A natureza esmerar
Adonde haja que taxar;
Que quando ella faz extremos,
Em tudo quer-se extremar.
Eu fallo como quem sente
Em vós esta calidade,
Pelo que vêjo presente;
E se me esta mostra mente,
Mente-me a mesma verdade.
Huma só tristeza tenho
Que não tem a meninice,
Que no mór contentamento
O trabalho da velhice
Me embaraça o sentimento.

RAINHA: Senhor, novidades taes
Far-me-hão crêr de verdade...

REI: Novidades lhe chamaes!
Folgo, senhora, que achaes
Na velhice novidades.

RAINHA: Senhor, dias ha que sento
Em o Principe Antiôcho
Certo descontentamento:
Dera alguma cousa a trôco
Por saber seu sentimento.
Vejo-lhe amarello o rosto,
Ou de triste, ou de doente:
Ou elle anda mal disposto,
Ou lá tem certo desgosto
Que o não deixa ser contente.
Mande, senhor, vossa Alteza
A chamal-o por alguem,
Saberemos que mal tem,
Se he doença de tristeza,
De que nasce, ou de que vem.

REI: Certo que eu me maravilho
Do que vos ouço dizer.
Que mal póde n'elle haver?
Ide dizer a meu filho
Que me venha logo vêr.

RAINHA: Se curar não se procura
Huma cousa d'estas taes,
Vem despois a crescer mais.
Quando já não se acha cura,
Toda a cura he por demais.

(Entra o principe ANTIOCHO, *com seu pagem por nome* LEOCADIO*)*

PRINCIPE: Leocadio, se és avisado,
E não te falta saber,
Saber-me-has dar a entender,

Quem ama desesperado,
Que fim espera de haver?

PAGEM: Senhor, não.
Mas porém porque razão
Lhe avem sabel-o, ou de que?

PRINCIPE: Pergunto-te a conclusão;
Não me perguntes porquê.
Porque he minha pena tal,
E de tão estranho sêr,
Que me hei de deixar morrer:
E por não cuidar no mal
O não ouso de dizer.
Que maneira de tormento
Tão estranho e evidente,
Que nem cuidar se consente!
Porque o mesmo pensamento
Ha medo do mal que sente.

PAGEM: Não entendo a vossa Alteza.

PRINCIPE: Assi importa á minha dôr.

PAGEM: E porque razão, senhor?

PRINCIPE: Para que seja tristeza
Castigo do meu temor.
Porque ordena
O amor, que me condena,
Que se haja de sentir,
E sem dizer nem ouvir.
Bem-aventurada a pena
Que se póde descobrir!
Oh caso grande e medonho!
Oh duro tormento fero!
Verdade he isto, que eu quero?
Não he verdade, mas sonho
De que acordar não espero.
Quero-me chegar a El-Rei
Meu pae, que já me está vendo.

Mas onde vou? Não me entendo.
Com que olhos eu olharei
Hum pae, a quem tanto offendo?
Que novo modo de antolhos!
Porque n'este atrevimento
Devera meu sentimento
Para elle não ter olhos,
Nem para ella pensamento.

(Chega aonde está El-Rei)

REI: Filho, como andaes assi?
Que tanto desgosto tomo
De vos vêr como vos vi!

PRINCIPE: Não sei eu tanto de mi,
Que possa saber o como.
Dias ha já, senhor, que ando
Mal disposto, sem saber
Este mal que possa ser;
Que se n'elle estou cuidando,
Quasi me vejo morrer.

REI: Pois, filho, será razão
Que meus Physicos vos vejam.

PRINCIPE: Os Physicos, senhor, não;
Que os males que em mi estão,
São curas que me sobejam.

RAINHA: Deite-se; que na verdade
Hum corpo, deitado e manso,
Descansa á sua vontade.

PRINCIPE: Senhora, esta enfermidade
Não se cura com descanso.

RAINHA: Todavia, bom será
Que lhe façam huma cama.

PRINCIPE: (Hum coxim abastará,

Que assi não descansará
O repouso de quem ama.)

REI: Vamos, filho, para dentro,
Em quanto a cama se faz:
Repousae como capaz;
Que a mi me dá cá no centro
A pena que assi vos traz.

(Vão-se, e vem huma MOÇA *a fazer a cama e diz:)*

MOÇA: Mimos de grandes senhores,
E suas extremidades,
Me hão de matar de amores,
Porque de meros dulçores
Adoecem.
Então logo lhes parecem
Aos outros, que são mamados;
E os que são mais privados,
Sobre elles estremecem.
Certo (e assi Deos me ajude!)
Que são muito graciosos,
Porque de meros viçosos,
Não podem com a saude.
Mas deixal-os,
Porque elles darão nos vallos,
D'onde mais não se erguerão,
Inda que lhe dem a mão
Os seus privados vassallos.

(Entra hum PORTEIRO *da Cana, e bate primeiro e diz:)*

PORTEIRO: Traz, traz.

MOÇA: Jesu! Quem 'stá ahi?

PORTEIRO: Já vós, mana, ereis mamada:
Para vos levar furtada

Nunca tal ensejo vi.
E vós estaes descuidada!

MOÇA: E meus descuidos que fazem?

PORTEIRO: Vossos descuidos? cadella!
Ah minh'alma! Sois tão bella,
Que esses descuidos me trazem
Dous mil cuidados á vela.
Pois sou vosso ha tantos annos,
Mana, tirae os antolhos,
E vereis meus tristes damnos.

MOÇA: Não tenhaes esses enganos.

PORTEIRO: Nem vós tenhaes esses olhos;
Que de vossos olhos vem
Esta minha pena fera.

MOÇA: De meus olhos? Assim era.

PORTEIRO: Moça, que taes olhos tem,
Nenhuns olhos vêr devera.

MOÇA: E porque?

PORTEIRO: Porque cegaes
A quantos olhos olhaes,
Posto que por vós padecem.
Olhos, que tão bem parecem,
Porque não os castigaes?

MOÇA: Deos dê siso, pois de vós
Tirou o que aos outros deu.

PORTEIRO: Desatae-me lá esses nós
Que mais siso quero eu,
Que não ter siso por vós?

MOÇA: Fallaes d'arte; eu vos prometo
Que a resposta vem á vela.
Isso he olho de panella.
Quanto ha já que sois discreto?

PORTEIRO: Quanto ha já que vós sois bella?

MOÇA: Daes-me logo a entender
Que eu sou feia, a meu vér.

PORTEIRO: É isso porque o entendeis?
MOÇA: Porque? Porque me dizeis
Que só de meu parecer
Vos procede o que sabeis.
PORTEIRO: He verdade.
MOÇA: Pois bem sento
Que o vosso saber he vento.
Fica a cousa declarada,
Meu parecer não ser nada.
PORTEIRO: Olhae aquelle argumento:
Além de bella, avisada!
Oh nem tanto, nem tão pouco!
Vêde vós o que fallaes.
MOÇA: Cego no saber andaes.
PORTEIRO: No siso, mas não tão louco
Como vós, mana, cuidaes.
Ora dizei, duna má:
Que não amaes, quem vos ama?
MOÇA: Ouvistes vós cantar já:
Velho malo, em minha cama?
Ja m'entendereis.
PORTEIRO: Ha, ha.
Senhora, estaes enganada;
Que com huma capa e espada,
E com este capuz fóra...
MOÇA: Ora bem: tirae-o ora,
E fazei huma levada.
PORTEIRO: Não: se me eu hoje alvoróço,
Achar-me heis d'outra feição.

(Aqui tira o capuz:)

Tenho má disposição?
Estas obras são de moço,
Se as mostras de velho são

MOÇA: Tendes mui gentis meneios.
PORTEIRO: Não, senhora; faço extremos.
MOÇA: Passeae ora, veremos
Se tendes tão bons passeios.
PORTEIRO: Tudo, senhora, faremos.
MOÇA: Virae ora a ess'outra mão.
PORTEIRO: Esta disposição vede-a;
Que tenho gentil feição.
MOÇA: Tendes vós mui boa rédea.
Soffreis ancas?
PORTEIRO: Isso não.
MOÇA: Por certo que tendes graça
Em tudo quanto fizerdes.
Fazei mais o que souberdes.
PORTEIRO: Não sei cousa que não faça,
Senhora, por me quererdes.
MOÇA: Tendes vós muito bom ár.
PORTEIRO: Mais que isto faz quem quer bem.
MOÇA: I-vos asinha, que vem
O Principe a se deitar.
PORTEIRO: Nunca huma pessoa tem
Huma hora para fallar!

(Entra o PRINCIPE *com o seu pagem* LEOCADIO, *e diz:)*

PRINCIPE: Seja a morte apercebida,
Porque já o Amor ordena
A dar a meu mal sahida;
Porque o fim da minha vida
O seja da minha pena.
Não tarde, para tomar
Vingança de meu querer,
Pois não póde dizer
Que não tem já que esperar,
Nem com que satisfazer?

Os Physicos vem e vão,
Sem saberem minhas mágoas,
Nem o pulso me acharão;
E se o querem vêr nas ágoas,
As dos olhos lh'o dirão.
Se com sangrias tambem
Procuram vêr-me curado,
O temor de meu cuidado
O mais do sangue me tem
Nas veias todo coalhado.
Quero-me aqui encostar,
Que já o esprito me cae.
Leocadio, vae-me chamar
Os musicos de meu Pae;
Folgarei de ouvir cantar.

(Aqui se deita, como que repousa, e falia dizendo assi:)

Senhora, qual desatino
Me trouxe a tanta tristura?
Foi, senhora, por ventura
A força do meu destino,
Como vossa formosura?
Bem conheço que não posso
Ter tão alto pensamento;
Mas d'isto só me contento,
Que se paga com ser vosso
O mór mal de meu tormento.

(Entram os musicos, e diz Alexandre da Fonseca *hum d'elles:)*

Alexandre: Senhor, de que se acha mal
O Principe, ou que mal sente?
Pagem: Senhor, sei que está doente;

Mas sua doença he tal,
Que entender se não consente.
Os Physicos vem e vão,
Huns e outros a meude,
Sem o poderem dar são.
Quanto mais cura lhe dão,
Então tem menos saude.
O Pae anda em sacrificios
Aos deuses, que lhe dem
A saude que convem;
Dizendo que por seus vicios
O mal a seu filho vem.
Eu suspeito que isso são
Alguns novos amorinhos,
Que terá no coração.

ALEXANDRE: Amores! com quem serão,
Que lhe não dem de focinhos?

PORTEIRO: Senhores, que lhe parece
Da doença de Antiôcho?

ALEXANDRE: Diga-lh'a quem lh'a conhece.

PAGEM: Que toma morrer a trôco
De callar o que padece.

PORTEIRO: Isso he estar emperrado
Na doença; que he peor.
Tem-no os Physicos curado?

ALEXANDRE: Oh! que de mal del amor
No ha, señor, sanador.

PORTEIRO: Fallaes como exprimentado;
Que eu cuido que esta fadiga,
Que o faz com que desespere;
Y por mas tormento quiere
Que se sienta, y no se diga.

ALEXANDRE: Pois, senhor meu, isso asselle,
Porque a pena, que sabeis,
Que eu cuido que está n'elle,

Dar-lhe-ha penas crueis,
Pues no hay quien la consuele.

PORTEIRO: Folgo, porque me entendeis.

PAGEM: Hemo-nos, senhores, de ir,
Porque nos está esperando.

PORTEIRO: Pois eu tambem hei de ir;
Que não me posso espedir
D'onde vejo estar cantando.

PRINCIPE: Cantae, por amor de mi,
Alguma cantiga triste;
Que todo meu mal consiste
Na tristeza em que me vi.

PORTEIRO: Mande-lhe cantar hum Chiste.

ALEXANDRE: Chiste não, que he deshonesto,
E não tem esses extremos:
Outro canto mais modesto;
Porém não sei que diremos.

PAGEM: Gaolcão o dirá presto.

PORTEIRO: Dá licença vossa Alteza
Que diga minha Tenção?

PRINCIPE: Dizei: seja em canto-chão.

PORTEIRO: Pois crêde que he subtileza,
Que os Anjos a comerão.
Digam esta:

Enforquei minha esperança,
E o Amor foi tão madraço,
Que lhe cortou o baraço.

ALEXANDRE: Não me parece essa boa.

PORTEIRO: Haja eu perdão,
Porque não a entenderão.

ALEXANDRE: Entender!

PORTEIRO: Bofé, que he boa:
Não lhe cahis na feição?

ALEXANDRE: Dizei ora outra melhor,
Com que nos atarraqueis.
PORTEIRO: Ora esperae, e ouvireis:
Se a esta não daes louvor,
Quero que me degolleis.

Com vossos olhos Gonçalves,
Senhora, captivo tendes
Este meu coração Mendes.

ALEXANDRE: Essa parece mui taibo,
Porque mostra bom indicio.
PORTEIRO: Vós cuidareis que eu raivo.
ALEXANDRE: Todavia tem mau saibo.
Ora mal lhe corre o officio.
PRINCIPE: Tá, não vá mais por diante
A zombaria, que he má:
Cantae qualquer d'ellas já;
Que esse Porteiro he galante,
Ninguem o contentará.

(Aqui cantam, e em acabando diz o)

PAGEM: Parece que adormeceu.
PORTEIRO: Pois será bom que nos vamos.
ALEXANDRE: Senhor, quer que nos vejamos?
PORTEIRO: Senhor vir-me-ha do céo:
Releva-me que o façamos.

(Entra a RAINHA *com huma sua criada por nome* FROLALTA, *e diz:)*

RAINHA: Frolalta, como ficava
Antiôcho em te tu vindo?
FROLALTA: Ficava-se despedindo

Da vida que então levava,
E assi seus dias cumprindo.

RAINHA: Oh grave caso de amor!
Desesperada affeição!
Oh amor sem redempção,
Que alli te fazes maior
Onde tens menos razão!
No mais alto e fundo pégo
Alli tens maior porfia:
Razão de ti não se fia.
Quem a ti te chamou cego,
Mui bem soube o que dizia.
Por ventura hia chorando?

FROLALTA: Chorando hia e chamando
Ao Amor, Amor cruel;
E em, senhora, se deitando
Lhe cahiu este papel.

RAINHA: Que papel?

FROLALTA: Este, senhora.

RAINHA: Amostra, que quero lel-o.
Agora acabo de crêl-o;
Que ao que mostro por fóra,
Aqui lhe lançou o sello.

(Aqui lê o papel)

Oh estranha pena fera!
Desditosa vida cara!
Oh quem nunca cá viera,
E com seu Pae não casára,
Ou em casando morrêra!

FROLALTA: Ainda que eu pêca são,
Senhora, tudo bem vejo.
Attente, que na eleição

O que lhe pede o desejo
Não consente o coração.

RAINHA: Frolalta, pois que és discreta
Nada te posso encobrir;
Porque, se queres sentir,
A huma mulher discreta
Tudo se ha de descobrir.
O dia que entrei aqui,
Que a Seleuco recebi,
Logo n'esse mesmo dia
No Principe filho vi
Os olhos com que me via.
Este principio soffri lh'o,
Para vêr se se mudava;
Antes mais se accrescentava:
Eu amava-o como filho,
E elle d'outr'arte me amava.
Agora vejo-o no fim
Por se me não declarar.
E pois já que a isso vim,
A morte que o levar,
Me leve tambem a mim.
Porque já que minha sorte
Foi tão crua e desabrida,
Que me não quer dar sahida;
Sejamos juntos na morte,
Pois o não sômos na vida.
Oh quem me mandou casar,
Para vêr tal crueldade!
Ninguem venda a liberdade,
Pois não póde resgatar
Onde não tem a vontade.
Que não ha mór desvario,
Que o forçado casamento
Por alcançar alto assento;

Que, emfim, todo o senhorio
Está no contentamento.
Não sei se o vá vêr agora,
Se será tempo conforme,
Ou se imos a deshora.

FROLALTA: Despois iremos, senhora,
Que agora dizem que dorme.

(Entra o PHYSICO *a tomar-lhe o pulso, e tomando-o diz:)*

PHYSICO: Su madrasta oyó nombrar,
Y el pulso se le alteró:
Esto no entiendo yo,
Porque para le alterar
El corazon le obligó.
Pues que el corazon se altere,
Es porque en un momento
Algun nuevo vencimiento
De aficion terible le hiere,
Que causa tal movimiento.
Pues que aficion cabe así
Con madrasta? Digo yo,
Dos razones hay aqui:
La una dice, que sí,
La otra dice, que no.
Empero yo determino
De exprimentar la verdad,
Y hacer una habilidad,
Que declare es agua, ó vino
Esta su enfermedad.
Porque toda esta mañana
Tengo estudiado su mal,
Sin ver causa efectual

De su dolencia inhumana,
Ni otra de su metal.
Llamar quiero este asnejon ;
Mas aun debe de dormir,
Segun que es dormilon.
Sancho ? ó Sancho ?

SANCHO : Ah señor,

PHYSICO : Ea, aun estás dormiendo ?

SANCHO : Estoyme, señor, vestiendo.

PHYSICO : Pues vellaco y sin sabor,
No me respondes dormiendo ?
Vestios presto, ladron.
Oh qué mozo, y qué ventura !

SANCHO : (Mas qué amo y qué cabron !)
Embíeme acá el ropon,
Que no hallo mi vestidura.

PHYSICO : Que embie el ropon acá ?
Parece que os desmandaes.

SANCHO : Que vaya, señor ? ha, ha.
Que buenos dias hayais.

(Entra o moço embrulhado em huma manta)

PHYSICO : Di como vienes así
Con la manta, y para qué ?

SANCHO : Yo, señor, se lo diré :
Por venir presto vestí
Lo que mas presto me hallé :
Porque viendo que él me llama,
Dormiendo yo sin afan,
Salté presto de la cama,
Que paresco un gavilan,
Hermoso como una dama.

PHYSICO : Mas es tu bovedad tanta,
Que vienes d'esta facion ?

SANCHO: De mi vestido se espanta?
De noche sirve de manta,
Y de dia de ropon.
PHYSICO: Embióme El-Rey á llamar
Otra vez.
SANCHO: Y á mí?
PHYSICO: Y á ti!
SANCHO: Y él qué presta allá sin mí?
PHYSICO: Qué puedes tu aprovechar?
SANCHO: Yo se lo diré de aqui:
Si por la ventura quiere
Para que le dé consejo,
Cuando doliente estuviere;
Digo, coma, si pudiere,
Y beba buen vino anejo;
Porque este es el licor
Que dá fuerza, y es sabroso;
Que segun dicen, señor,
Vinum lætificat cor
Hominis, y le es provechoso.
PHYSICO: Ya sabes la medicina,
Que Avicena nos refiere.
SANCHO: Pues, señor! porque es divina.
Pero El-Rey qué le quiere,
Qué manda, ó qué determina?
PHYSICO: El Principe está doliente.
SANCHO: Oh mesquino! Y qué mal ha?
PHYSICO: Y á ti, necio, que te vá?
SANCHO: O señor, que es mi pariente!
PHYSICO: Gracioso el bovo está.
Y pues díme por tu fé:
Llorarás si se muriere?
SANCHO: No, señor, no lloraré;
Empero, señor, haré
La peor cara que pudiere.

PHYSICO: Ea, bovo, vé corriendo,
Y ensilla la mula ayna.
SANCHO: Véngala ensillar mejor.
PHYSICO: Oh velhaco, y sin sabor!
SANCHO: Yo por cierto no lo entiendo.
Pero una medicina
Le he de pedir, Dios queriendo,
(Porque ando atribulado,
Y no sé parte de mi
Con este nuevo cuidado)
Para un sayo esfarrapado,
Que me dicen hay allí.
PHYSICO: Ora ensilla: y nunca viva,
Pues sufro tus desatinos.
SANCHO: Señor, pasion no reciva:
Ya cavalga Calaínos
A la sombra de una oliva.

(Aqui sahe bolindo com a almofaaa, e acorda o PRINCIPE, *e diz:)*

PRINCIPE: Oh bella vista e humana,
Por quem tanto mal sostenho!
Oh Princeza soberana!
Como? nos braços vos tenho,
Ou este sonho me engana?
Pois como, sonho, tambem
Me queres vir magoar?
E para me atormentar
Mostras-me a sombra do bem
Para assi mais me enganar?
Assi que, com quanto canso,
Já não posso achar atalho,
Pois que o somno quieto e manso,

Que os outros tem por descanso,
Me vem a mi por trabalho.
Pois ha hi tantos enganos
Que condemnam minha sorte;
Não o tenho já por forte,
Se á volta de tantos damnos
Viesse tambem a morte.

(Entra aqui El-Rei *com o* Physico, *e diz:)*

Rei: Andae e vêde se achaes
O rasto d'este segredo,
Que me dizem que alcançaes;
Ainda que tenho medo
Que lhe seja por demaes.

Physico: Plega á Dios que aqueste sea
Para salud y remedio
Desta dolencia tan fea
Yo buscaré todo el medio,
Que presto sano se vea.

(Aqui lhe toma o Physico *o pulso)*

Aflojen, señor, sus ais.
Como se halla en su penar?

Principe: Como me acho perguntaes?
E como se póde achar
Quem sempre se perde mais?

Physico: (La respuesta abre el camino.)
Imagina de contino?

Principe: Não tenho outro mantimento,
Nem outro contentamento,
Senão o em que imagino.

(Aqui entra a RAINHA *e diz:)*

RAINHA: Como se sente, senhor?
Tem a febre mais pequena?
PRINCIPE: Responda-lhe minha pena.
PHYSICO: (Conocido es su dolor.
Ora sea en hora buena,
Tomada está la tristeza
A' las manos.) Qué sintió?
(Usaré de subtileza.)

(Diz contra EL-REI*:)*

Cúmpleme que solo yo
Platique con Vuestra Alteza.
REI: Cheguemos-nos para cá.
RAINHA: Não deve desesperar,
Que em fim, se bem attentar,
Para tudo o tempo dá
Tempo para se curar.
PRINCIPE: Que cura poderá ter
Quem tem a cura, senhora,
No impossivel haver?
RAINHA: Ficae-vos, senhor, embora,
Que vos não sei responder.

(Vai-se a Rainha)

REI: N'este mal, que não comprendo,
Que meio daes de conselho?
PHYSICO: Señor, nada entiendo dello;
Y supuesto que lo entiendo,
Yo quisiera no entendello.

REI: Porque?
PHYSICO: Porque he entendido
Lo mas malo de entender,
Para lo que puede ser,
Porque anda, señor, perdido
De amores por mi muger.
REI: Santo Deos! que! tal amor
Lhe dá doença tão fera!
Que remedio achaes melhor?
PHYSICO: Forçado será que muera,
Porque no muera mi honor.
REI: Pois como! a hum só herdeiro
D'este reino não dareis
Vossa mulher, pois podeis;
Que tudo faz o dinheiro?
Pois este não o engeiteis;
Dae-lh'a, porque eu espero
De vos dar dinheiro e honra,
Quanto eu para elle quero.
PHYSICO: No tira el mucho dinero
La mancha de la deshonra.
REI: Ora bem pouco defeito!
He pequice conhecida,
Quando deixa de ser feito;
Porque com elle daes vida
A quem vos dará proveito.
PHYSICO: Cuan facimente aporfia
Quien en tal nunca se vió!
Del consejo que me dió,
Vuestra Alteza que haria
Si agora fuesse yo!
REI: A mulher que eu tivesse
Dar-lh'a-hia. Oxalá
Que elle a Rainha quizesse!

PHYSICO: Pues déla, si le parece,
Que por ella muerto está.
REI: Que me dizeis?
PHYSICO: La verdad.
REI: Sem dúvida, tal sentistes?
PHYSICO: Sin duda, sin falsedad.
Pues señor, ahora tomad
Los consejos que me distes.
REI: Certamente qu'eu o via
Em tudo quanto fallava.
Como o vistes? porque via?
PHYSICO: Nel pulso, que se alterava
Si la via, ó si la oía.
REI: Que maneira ha de haver?
Que eu certo me maravilho,
Possa mais o amor do filho,
Do que póde o da mulher.
Finalmente hei-lh'a de dar,
Que a ambos conheço o centro.
Quero-o ir alevantar,
E iremos para dentro
N'este caso praticar.

(Diz contra o PRINCIPE *:)*

Levantae-vos, filho, d'hi
O melhor que vós puderdes,
E vinde-vos para aqui;
Porque, emfim, o que quizerdes
Tudo havereis de mi.
PAGEM: Ah senhores, oulá, ou?
PORTEIRO: Viestes em conjunção
A melhor que póde ser:

Haveis aqui de fazer
A tosquia a hum rifão.

PAGEM: Deixae-me, senhor, dizer:
Haveis isto de acabar:

Coração, hi bugiar,
No esteis preso en cadenas,
Que pois o amor vos deu penas,
Que vos lanceis a voar.

PORTEIRO: Por certo que bem coprou.

PAGEM: Ora sabeis o que vai?
Antiocho que casou
Com a mulher de seu Pai,
E o mesmo Pai o ordenou.

PORTEIRO: Isso como?

PAGEM: Não o sei;
Porque dizem que a amava,
E que só por ella andava
Para morrer; e El-Rei
Deu-a a quem à desejava.

PORTEIRO: Se o casa por querer bem
Com a moça a quem elle ama,
Direi eu que a mim me inflamma
O amor mais que a ninguem.

PAGEM: Pois pedi-lhe a nossa dama.

PORTEIRO: Por São Gil, que eil-os cá vem,
Elle pela mão com ella.

(Entra EL-REI, *e* ANTIOCHO *com a* RAINHA, *pela mão, e diz:)*

REI: Que mais ha hi que esperar?
Olhae que estranheza vai!
O muito amor ordenar,

Ir-se o filho namorar
De huma mulher de seu Pai!
Querer bem foi sua dor,
Negar-lh'a será crueldade;
Assi que já foi bondade
Usar eu de tal amor,
E de tal humanidade
Ella deixou de reinar
Como fazia primeiro
Por se com elle casar;
E por amor verdadeiro
Tudo se póde deixar.
Eu que n'ella tinha pôsto
Todo o bem de meu cuidado,
Deixei mais que ella ha deixado;
Que mais se deixa no gôsto,
Que no poderoso estado.
Mas já que tudo isto vemos,
Hajam festas de prazer,
As que melhor possam ser;
Porque em tão grandes extremos,
Extremos se hão de fazer.
Hajam cantos para ouvir,
Jogos, prazeres sem fundo;
Porque, se quereis sentir,
D'este modo entrou o mundó,
E assi ha de sahir.

(Aqui vem os Musicos e cantam, e depois de cantarem, sahem-se todas as figuras, e diz:)

Martim Chinchorro: Ora, senhor, tomemos tambem nosso pandeiro, e vamos festejar os noivos; ou vamos consoar com as figuras, porque me parece que esta he a mór festa que póde ser. Mas espere v. m., ouviremos cantar, e

na volta das figuras nos acolheremos. Moço, accende esse mólho de cavacos, porque faz escuro, não vamos dar comnosco em algum atoleiro, onde nos fique o ruço e as canastras.

Estacio da Fonseca: Não, senhor, mas o meu Pilarte irá com elles com hum par de tições na mão; e perdoem o máo gasalhado. Mas d'aqui em diante sirvam-se d'esta pousada; e não tenham isto por palavras, porque essas e plumas, o vento as leva.

CARTAS

CARTA I

Desejei tanto huma vossa, que cuido que pola muito desejar a não vi; porque este he o mais certo costume da Fortuna, consentir que mais se deseje o que mais presto ha de negar. Mas porque outras náos me não façam tamanha offensa, como he fazerem-me suspeitar que vos não lembro, determinei de vos obrigar agora com esta; na qual pouco mais ou menos vereis o que quero que me escrevaes d'essa terra. Em pago do qual, d'ante mão vos pago com novas d'esta, que não serão más no fundo de huma arca para aviso de alguns aventureiros, que cuidam que *todo o mato he ouregãos*, e não sabem que *cá e lá mais fadas ha*.

Despois que d'essa terra parti, como quem o fazia para o outro mundo, mandei enforcar a quantas esperanças dera de comer até então, com pregão público: *Por falsificadores de moeda.* E desenganei esses pensamentos, que por casa trazia, porque em mim não ficasse pedra sobre pedra. E assi posto em estado, que me não via senão por entre lusco e fusco, as derradeiras palavras que na náo disse, foram as de Scipião Africano: *Ingrata patria, non possidebis ossa mea.* Porque quando cuido, que sem peccado que me obrigasse a tres dias de purgatorio, passei tres mil de más linguas, peores tenções, damnadas vontades, nascidas de

pura inveja, de verem *su amada yedra de si arrancada, y en otro muro asida...* Da qual tambem amizades mais brandas que cera, se accendiam em odios que disparavam lume que me deitava mais pingos na fama, que nos couros de hum leitão. Então ajuntou-se a isto acharem-me sempre na pelle a virtude de Achilles, que não podia ser cortado senão pelas solas dos pés; as quaes de m'as não verem nunca, me fez vêr as de muitos, e não engeitar conversações da mesma impressão, a quem fracos punham máo nome, vingando com a lingua o que não podiam com o braço. Emfim, senhor, eu não sei com que me pague saber tão bem fugir a quantos laços n'essa terra me armavam os acontecimentos, como com me vir para esta, onde vivo mais venerado que os touros de Merceana, e mais quieto que a cella de hum frade Prégador. Da terra vos sei dizer que he mãe de villões ruins, e madrasta de homens honrados. Porque os que se cá lançam a buscar dinheiro, sempre se sustentam sobre agua como bexigas; mas os que sua opinião deita *á las armas Mouriscote*, como maré corpos mortos á praia, sabei que antes que amadureçam, se seccam. Já estes que tomavam esta opinião de *valentes* ás costas, crêde que nunca:

Riberas de Duero arriba
Cavalgaron Zamoranos,
Que roncas de tal soberbia.
Entre si fuesen hablando;

e quando vem ao effeito da obra, salvam-se com dizer que se não podem fazer tamanhas duas cousas, como he, prometter e dar. Informado d'isto veiu a esta terra João Toscano, que, como se achava em algum magusto de rufiões, verdadeiramente que alli era:

Su comer las carnes crudas,
Su beber la viva sangre.

Callisto de Siqueira se veiu cá mais humanamente, porque assi o prometteu em huma tormenta grande em que se viu. Mas hum Manuel Serrão, que, *sicut e nos*, manqueja de hum olho, se tem cá provado arrezoadamente, porque fui tomado por juiz de certas palavras, de que elle fez desdizer a hum soldado, o qual pela postura de sua pessoa era cá tido em boa conta. Se das damas da terra quereis novas, as quaes são obrigatorias a huma carta, como marinheiros á festa de Sam Frei Pero Gonçalves, sabei que as Portuguezas todas cahem de maduras, que não ha cabo que lhe tenha os pontos, se lhe quizerem lançar pedaço. Pois as que a terra dá? além de serem de rala, fazei-me mercê que lhe falleis alguns amores de Petrarcha, ou de Boscão; respondem-vos huma linguagem meada de hervilhaca, que trava na garganta do entendimento, a qual vos lança água na fervura da mór quentura do mundo. Ora julgae, Senhor, o que sentirá hum estomago costumado a resistir ás falsidades de hum rostinho de tauxia de huma dama lisbonense, que chia como pucarinho novo com água, vendo-se agora entre esta carne de salé, que nenhum amor dá de si. Como não chorará las memorias de *in illo tempore!* Por amor de mi, que ás mulheres d'essa terra digaes de minha parte que se querem absolutamente ter alçada com baraço e pregão, que não receiem seis mezes de má vida por esse mar, que eu as espero com procissão e palio, revestido em pontifical, aonde est'outras Senhoras lhe irão entregar as chaves da cidade, e reconhecerão toda a obediencia, a que por sua muita idade são já obrigadas. Por agora não mais, senão que este *Soneto* que aqui vai, que fiz á morte de Dom Antonio de Noronha, vos mando em sinal de quanto d'ella me pezou. Huma *Egloga* fiz sobre a mesma materia, a qual tambem trata alguma cousa da morte do Principe, que me

parece melhor que quantas fiz. Tambem vol-a mandára para a mostrardes lá a Miguel Dias, que pela muita amisade de D. Antonio, folgaria de a vêr; mas a occupação de escrever muitas cartas para o Reino, me não deu lugar. Tambem lá escrevo a Luiz de Lemos em resposta d'outra que vi sua: se lh'a não derem, saiba que he a culpa da viagem, na qual tudo se perde.

Vale.

CARTA II

Esta vai com a candeia na mão morrer nas de v. m.; e se d'ahi passar, seja em cinza; porque não quero que do meu pouco comam muitos. E se todavia quizer meter mãos na escudella, mande-lhe lavar o nome e valha sem cunhos.

La mar en medio y tierras, he dejado
A cuanto bien cuitado yo tenia:
Cuan vano imaginar, cuan claro engaño
Es darme yo á entender que con partirme
De mí se ha de partir un mal tamaño!

Quão mal está no caso quem cuida que a mudança do logar muda a dôr do sentimento! E senão, diga-o *quien dijo que la ausencia causa olvido*. Porque emfim la tierra queda, e o mais a alma acompanha. Ao alvo d'estes cuidados jogam meus pensamentos á barreira, tendo-me já, pelo costume, tão contente de triste, que triste me faria ser contente:

Porque o longo uso dos annos
Se converte em natureza.

Pois

O que he para mór mal,
Tenho eu para mór bem.

Ainda que, para viver no mundo, me debruo d'outro panno, por não parecer coruja entre pardaes, fazendo-me hum para ser outro, sendo outro para ser hum; mas a dôr dissimulada dará seu fruito; que a tristeza no coração, he como a traça no panno.

E por tão triste me tenho,
Que se sentisse alegria,
De triste não viviria.
Porque a tal sorte vim,
Que não vejo bem algum
Em quanto vejo,
Que não nasceu para mim:
E por não sentir nenhum,
Nenhum desejo.

Porque cousas impossiveis, he melhor esquecel-as que desejal-as. E por isso

Só, tristeza, vos queria,
Pois minha ventura quer
Que só ella
Conheça por alegria;
E que se outra quizer,
Morra por ella.

Pouco sabe da tristeza quem (sem remedio para ella) diz ao triste que se alegre. Pois não vê que alheios contentamentos a hum coração descontente, não lhe remediando o que sente, lhe dobram o que padece. Vós, se vem á mão, esperaes de mim palavrinhas joeiradas, enforcadas de bons propositos. Pois desenganae-vos, que desque professei tristeza, nunca mais soube jogar a outro fito. E porque não digaes, que não sou gente fóra do meu bairro, vedes, vai huma *Volta* feita a este *Mote*, que escolhi na manada dos

engeitados; e cuido que não he tão dedo queimado, que não seja dos que El-Rei mandou chamar; o qual falla assi:

Não quero, não quero
Jubão amarello.

Se de negro fôr,
Tão bem me parece,
Quanto me aborrece
Toda alegre côr:
Côr que mostra dôr,
Quero, e não quero.
Jubão amarello.

Parece-vos que se póde dizer mais? Não me respondaes: Quem gabará a noiva? porque assentae, que fui comendo e fazendo, ou assoprando, que não he tão pequena habilidade. E porque vos não pareça, que foi mais acertar, que querêl-o fazer; vêdes, vai outra do mesmo jaez, com tanto que se não vá a pasmar.

Perdigão perdeu a penna,
Não ha mal, que lhe não venha.

Em hum mal outro começa,
Que nunca vem só nenhum:
E o triste que tem hum,
A soffrer outro se offreça;
E só pelo ter conheça,
Que basta hum só que tenha,
Para que outro lhe venha.

Que graça será esperardes de mim propositos em cousa que os não tem para commigo? Pois ainda que queira, não posso o que quero; que hum sentido remontado, de não pôr pé em ramo verde, tudo lhe succede assi; e cada hum

acode ao que lhe mais doe; e mais eu, que o que mais me entristece he ter contentamento, pois fujo d'elle, que minha alma o aborrece, porque lhe lembra que he virtude viver sem elle. Que já sabeis que mágoa he, vêl-o-has e não o paparás. Por fugir d'estes inconvenientes,

Toda a cousa descontente
Contentar-me só convinha
De meu gôsto:
Que o mal, de que sou doente,
Sua mais certa mézinha
He desgôsto.

Já ouvireis dizer: Mouro, o que não pódes haver, dá-o pola tua alma. O mal sem remedio, o mais certo que tem, he fazer da necessidade virtude: quanto mais, se tudo tão pouco dura, como o passado prazer. Porque, emfim, *allegados son iguales los que viven por sus mano*, etc. A este proposito, pouco mais ou menos, se fizeram humas *Voltas* a hum *Mote* de enchemão, que diz por sua arte zombando, mais que não de siso (que toda a galantaria he tiral-a d'onde se não espera), o qual crêde que tem mais que roer do que hum praguento. Por tanto *Recuerde el alma adormida*, e mande escumar o entendimento, que d'outra maneira, *de fuera dormiredes*, *pastorsico*. E o meu senhor diz assi:

Dava-lhe o vento no chapeirão,
Quer lhe dê, quer não.

Bem o póde revolver,
Que o vento não traz mais fruito;
E mais vento he sentir muito
O que, emfim, fim ha de ter.
O melhor, he melhor ser,
Que o vento no chapeirão
Quer lhe dê, quer não.

Huma cousa sabei de mim, que queria antes o bem do mal, que o mal do bem; porque muito mais se sente o por-vir, que o passado; e a morte até matar, mata. Não sei se sereis marca de voar tão alto; porque para tomar a palha a esta materia, são necessarias azas de nebri. Mas vós sois homem de prol, e desculpa-me a conta em que vos tenho. E a que de mi vos sei dar he:

Que esperança me despede,
Tristeza não me fallece,
E tudo o mais me aborrece.
Já que mais não mereceu
Minha estrella,
Só a tristeza conheço,
Pois que para mi nasceu,
E eu para ella.

No mundo não tem boa sorte, senão quem tem por boa a que tem. E d'aqui me vem contentar-me de triste. Mas olhae de que maneira:

Vivo assi ao revés,
Tomando por certa vida
Certa morte,
Com que fólgo em que me pês;
Pois minha sorte he servida
De tal sorte.

Huma cousa sabei, que o mal, inda que ás vezes o vejaes louvar, não ha quem o louve com a bocca, que o não tache com o coração.

Ajuda-me a soffrer
Vida tão sem soffrimento,
E tão sem vida,
Vêr que, emfim, fim hão de ter
Desgosto e contentamento
Sem medida.

Attentae que não são maus confeitos de enforcado para os que estão com o baraço na garganta, cuidar que o bem e o mal, ainda que sejam differentes na vida, são conformes na morte; porque vêmos

Que não ha tão alta sorte,
Nem ventura tão subida,
Ou desastrada,
A quem o assôpro da morte
Não sopre o fogo da vida.
A seu fim todas cousas vão correndo;
Nem ha cousa, que o tempo não consumma,
Nem vida, que de si tanto presuma,
Que se não veja nada, em se vendo.
Que o mais certo que temos,
He não termos nada certo
Cá na terra,
Pois para seus não nascemos;
Se o seu nos dá incerto,
Nada erra.

Quero-vos dar conta de hum *Soneto* sem pernas, que se fez a hum certo recontro que se teve com este destruidor de bons propositos, e não se acabou, porque se teve por mal empregada a obra; cujo teor he o seguinte:

Forçou-me amor hum dia, que jogasse;
Deu as cartas, e az de ouros levantou;
E sem respeitar mão, logo triumphou,
Cuidando que o metal, que me enganasse.
Dizendo, pois triumphou, que triumphasse
A huma sota de ouros, que jogou,
Eu então por burlar quem me burlou,
Tres páos joguei, e disse que ganhasse.

Principes de condição, ainda que o sejam de sangue, são mais enfadonhos que a pobreza; fazem com sua fidalguia,

com que lhe cavemos fidalguias de seus avós, onde não ha trigo tão joeirado, que não tenha alguma hervilhaca. Já sabeis que basta hum Frade ruim, para dar que fallar a hum convento. Duas cousas não se soffrem sem discordia; companhia no amar, mandar villão ruim sobre cousa de seu interesse. Não se póde ter paciencia com quem quer que lhe façam o que não faz. Desagradecimentos de boas obras destruem a vontade para não fazel-as a amigo que tem mais conta com o interesse, que com a amizade: rezae d'elle, que he dos cá nomeados.

Grande trabalho he querer fazer alegre rosto, quando o coração está triste; panno he, que não toma nunca esta tinta; que a lua recebe a claridade do sol, e o rosto do coração. Nada dá quem não dá honra no que dá: não tem que agradecer, quem, no que recebe, a não recebe; porque bem comprado vai o que com ella se compra. Não se dá de graça o que se pede muito. Estae certo, que quem não tem uma vida, tem muitas. Onde a razão se governa pela vontade, ha muito que praguejar, e pouco que louvar. Nenhuma cousa homizia os homens tanto comsigo, como males de que se não guardaram, podendo. Não ha alma sem corpo, que tantos corpos faça sem almas, como este purgatorio a que chamaes honra: onde muitas vezes os homens cuidam que a ganham, ahi a perdem. Onde ha inveja, não ha amizade; nem a póde haver em desigual conversação. Bem mereceu o engano, quem creu mais o que lhe dizem, que o que viu. Agora ou se ha de viver no mundo sem verdade, ou com verdade sem mundo. E para muito pontual, perguntae-lhe d'onde vem: vereis que *algo tiene en el cuerpo, que le duele.* Ora temperae-me lá esta gaita, que nem assi, nem assi achareis meio real de descanso n'esta vida; ella nos trata sómente como alheios de si, e com razão;

Pois sómente nos he dada
Para que ganhemos n'ella

O que sabemos.
Se se gasta mal gastada,
Juntamente com perdel-a
No perdemos.

Emfim, esta minha senhora, sendo a cousa por que mais fazemos, he a mais fraca alfaia de que nos servimos. E se queremos vêr quão breve he,

Ponderemos e vejamos
Que ganhamos em viver
Os que nascemos :
Veremos que não ganhamos,
Senão algum bem fazer,
Se o fazemos.

E por isso respeitando,

Que o por vir tal será,
Enthesouremos ;
Porque ao certo não sabemos
Quando a morte pedirá
Que lhe paguemos.

Nunca vi cousa mais para lembrar, e menos lembrada, que a morte: sendo mais aborrecida que a verdade, tem-se em menos conta que a virtude. Mas com tudo, com seu pensamento, quando lhe vem á vontade, acarreta mil pensamentos vãos; que tudo para com ella he um lume de palhas. Nenhuma cousa me enche tanto as medidas para com estes que vivem na mór bonança, como ella; porque quando lhe menos lembra, então lhe arranca as amarras, dando com os corpos á costa ; e, se vem á mão, com as almas no inferno, que he bem ruim gasalhado.

E pois todos isto temos,
Não nos engane a riqueza,
Por que tanto esmorecemos,
Traz que vamos :
Já que temos por certeza
Que quando mais a queremos,
A deixamos.
Gastamos em alcançal-a
A vida ; e quando queremos
Usar d'ella,
Nos tira a morte lográl-a :
Assi que a Deos perdemos,
E a ella.

Porque já ouvireis dizer : *Ninho feito, pêga morta.* Que me dizeis ao contentamento do mundo, que toda a dura d'elle está emquanto se alcança? Porque acabado de esquecer. E com razão, porque acabado de alcançar, he passado ; e maior saudade deixa, do que he o contentamento que deu. Esperae por me fazer mercê, que lhe quero dar umas palavrinhas de proposito.

Mundo, se te conhecemos,
Porque tanto desejamos
Teus enganos ?
E se assi te queremos,
Mui sem causa nos queixamos
De teus damnos.
Tu não enganas ninguem ;
Pois a quem te desejar,
Vêmos que danas :
Se te querem qual te vem,
Se se querem enganar,
Ninguem enganas.
Vejam-se os bens que tiveram
Os que mais em alcançar-te
Se esmeraram ;
Que huns vivendo, não viveram,

E outros só com deixar-te,
Descansaram.
Se esta tão clara fé
Te põe claros teus enganos,
Desengana :
Sobejamente mal vê,
Quem com tantos desenganos
Se engana.
Mas como tu sempre mores
No engano em que andamos,
E que vêmos,
Não crêmos o que tu podes,
Senão o que desejamos
E queremos.
Nada te póde estimar
Quem bem quizer conhecer-te
E estimar-te ;
Que em te perder ou ganhar,
O mais seguro ganhar-te
He perder te.
E quem em ti determina
Descanço poder achar,
Saiba que erra ;
Que sendo a alma divina,
Não a póde descançar
Nada da terra.
Nascemos para morrer,
Morremos para ter vida,
Em ti morrendo :
O mais certo he merecer
Nós a vida conhecida,
Cá vivendo.
Emfim, mundo, és estalagem,
Em que pousam nossas vidas
De corrida :
De ti levam de passagem
Ser bem ou mal recebidas
Na outra vida.

A' fuera, á fuera Rodrigo, que eu se muito fôr por este caminho, darei em enfadonho de que me parece me não livrará, nem ainda privilegio de cidadão do Porto. E pois me vendo a vós, soffrei-me com meus encargos. E porque não digaes que sou herege de amor, e que lhe não sei orações, vêdes, vae huma: *Di, Juan, de qué murió Blas?* com hum pé á portugueza, e outro á castelhana: e não vos espanteis da libré, que eu em qualquer palmo d'esta materia perco o norte. E os supplicantes dizem assi:

Di, Juan, de qué murió Blas,
Tan niño y tan mal logrado?
Gil, murió de desamado.

Dime, Juan, quien se engañó,
Que com amor se engañase,
Pensando que el bien hallasse,
Adonde el mal cierto halló?
Despues que el engaño vió,
Que hizo desenganado?
Gil, murió de desamado.
Travou com elle pendença,
Em ter razão confiado:
Mas Amor, como he letrado,
Houve contr'elle a sentença:
E co'aquella differença,
Disse entre si o coitado:
Gil morreu de desamado.
Quem tem razão tão cerrada,
Quem não saiba, sendo rudo
E sem respeito
Que sem Deos he tudo nada,
E nada com elle tudo
Sem defeito?
E sendo isto assi tão certo,
Como todos confessamos
E sabemos;

Não troquemos pelo incerto
O em que tão certo estamos,
Pois o vêmos.

A tudo isto podeis responder, que todos morremos do mal de Phaeton, porque *del dicho al hecho, vá gran trecho.* E de saber as cousas a passar por ellas, ha mais differença que de consolar a ser consolado. Mas assi entrou o mundo, e assi ha de sahir: muitos a reprehendel-o, e poucos a emendal-o. E com isto amaino, beijando essas poderosas mãos huma quantrinqua de vezes, cuja vida e reverendissima pessoa nosso senhor, etc.

O seguinte fragmento de uma composição satyrica em prosa e verso, em que Luiz de Camões descreve huns jogos de canas, com que na cidade de Gôa se festejou a successão de Francisco Barreto no governo d'aquelle Estado, appareceu na 2.ª edição das suas Rimas, *com as duas antecedentes cartas, e em seguimento da ultima. O intento do Poeta he mostrar por meio das divisas que tiraram os Justadores, que todos elles eram ou sacerdotes de Baccho, ou parvos, ou homens perdidos.*

..... e hum que bebia excessivamente, tirou por divisa hum morcego; ave em que foi convertida Alcithoe com as irmãs, por desprezarem os sacrificios de Baccho. E como aquelle que se em tal êrro cahisse, não queria ser convertido em tão baixo animal e tão nojoso, dizia a sua letra assi em castelhano:

Si yo desobediciere
A tu deidad santa e pura,
En *al mudes* mí figura.

Alguns praguentos quizeram dizer que esta letra era maliciosa, e que não queria dizer tanto desejar este galante de ser *mudado* em *al*, como que desejava *almudes* d'este licôr. Mas he muito grande falsidade, que sendo a letra assi feita, acaso acertou de sahir aquella palavra, com que molhava as suas quem tirava a divisa. Do que o innocente Autor, despois ficou para se enforcar. Mas outro galante, que de fino bebado já passava os limites do bom e costumado beber, tirou por divisa huma palmeira; árvore que entre os Antigos significava victoria; e ao pé d'ella alguns ramos de vides e de parreiras pizadas; e dizia a letra assi:

Ficae vencidas, sem gloria,
Vós vides e vós parreiras;
Porque os ramos das *palmeiras*
São os que tem a victoria.

Tambem aqui não faltaram praguentos, que quizeram dizer que este devoto, deixando já atraz Portugal, commettia com valeroso animo *Orracas* e *Fullas*, tendo em pouco Caparicas e Seixaes. Mas quem ha quem fuja de más linguas, ou de mal costumadas gargantas?

Outro galante, a quem fazia mal ao estomago beber o vinho *aguado*, tirou por divisa uma peça de chamalote sem *aguas*, que apresentava Baccho; e dizia a letra como por parte do mesmo Baccho:

Sem águas, senhor, levai-o
Se fôr bom,
Que las aguas de Moncaio
Frias son.

Aqui não tiveram praguentos que dizer, por ser opinião de physica, serem melhores os mantimentos simples, que os compostos.

Outro, que no beber lançava a barra inda mais além que

os acima escriptos, tirou por divisa huma salamandra, passeando por cima de humas brazas de fogo; e a letra dizia:

En el fuego vivo yo.

Mas o pintor errando as letras, acertou de pôr: *De fuego la bebo yo.* D'onde os praguentos quizeram adivinhar que este galante bebia *Orraca* de fogo. O demonio foi fazer tal erro, para d'elle sahir tamanho acêrto.

Outro devoto, que desque estava quente, dizia dos companheiros, quaesquer que fossem, o que de cada um sabía, sem respeito, tirou por divisa um demoninhado, lançando olhos em alvo, escumando e apontando com o dedo para hum frasco de vinho; e dizia a letra:

Se fallar desmaiado,
Não m o tachem, porque emfim,
Aquella alma falla em mim.

Sendo atéqui introduzidos os religiosos de Baccho, pediram dous d'outra religião que tambem os deixassem jogar as canas, e que elles tirariam tal divisa, com que se tirasse a limpo sua habilidade; e sendo entrados ambos juntos, por certa conformidade que havia entre ambos, trouxeram pintados nas bandeiras cada um seu par de pombas; e dizia a letra:

Se, como vós, ha hi *par,*
Vós o podereis julgar.

Certo, que atéaqui chegou a malicia dos homens, porque tão subtilmente quizeram interpretar a innocencia d'esta letra, que tomaram a derradeira syllaba da primeira regra, e ajuntaram-n'a com a primeira da derradeira, que vem a dizer *parvos;* e disseram que juntos significavam isso aquelles dous innocentes. Mal peccado! tão errada

anda a maldade humana, que logo tem por parvos aos que sabem pouco!

Outro homem entrou tambem por adherencia nas canas, o qual dizem que tinha partes maravilhosas; porque era tão perfeito em suas cousas, que o seu comer havia de ser o melhor temperado e o mais suave do mundo; e os seus vestidos eram sempre dos mais finos pannos e sitins, que se podessem descobrir; e esta perfeição até nos amores e amizades se lhe estendia, porque com os amigos sempre tinha subtilezas de conversação, e com as amigas hum fingir que queria o que não queria. E, emfim, até no jogar usava d'aquellas manhas todas, as que para ganhar eram necessarias. E tinha mais hum revez da fortuna recebido, que se lhe estendia desde a ponta do nariz até huma orelha. Este senhor tirou por divisa huma camisa toda lavrada de *pontinhos*, lavor antigo; e a letra dizia assi:

Pontos de honrado e sisudo
Sempre na vida quiz ter;
Apontado no viver,
Apontado mais que tudo
Em meu vestir e comer.
Pontos subtis no meu gôsto,
Mais subtis no conversar:
Tanto me vim a *apontar*
Que *apontado* trago o rosto,
E as cartas para jogar.

Muitos outros homens illustres quizeram ser admittidos n'estas festas e canas, e que se fizera memoria d'elles, conforme suas qualidades; mas infinita escritura fôra, segundo todos os homens da India são assinalados; e por isto esses bastem para servirem de amostra do que ha nos mais.

FIM DO 2.º TOMO

INDICE

PAG.

Canções 5
Sextinas 65
Odes 75
Redondilhas 109
Auto de Filodemo 295
Auto dos Amphitriões 373
Auto de El-Rei Seleuco 441
Cartas 477

PQ
9195
A1
1912
v.2

Camões, Luiz de
Obras completas Nova ed.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 04 05 09 023 7